



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

VERÔNICA DE SOUZA SANTOS FLÔR

**“ESTA CLARO QUE ELE ESTANDO NA SALA DE JANTAR NÃO VAE
VER O QUE PRESTA NO QUARTO DE DESPÊJO”:** EDIÇÃO DE
MANUSCRITOS REFERENTES A *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE
UMA FAVELADA*
TOMO 1

Salvador
2023

VERÔNICA DE SOUZA SANTOS FLÔR

**“ESTA CLARO QUE ELE ESTANDO NA SALA DE JANTAR NÃO VAE
VER O QUE PRESTA NO QUARTO DE DESPÊJO”: EDIÇÃO DE
MANUSCRITOS REFERENTES A *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE
UMA FAVELADA*
TOMO 1**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal
da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de
Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Dr. Arivaldo Sacramento Souza

Salvador
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FLÔR, Verônica de Souza Santos

?Esta claro que ele estando na sala de jantar não
vae ver o que presta no quarto de despêjo?: Edição de
manuscritos referentes a Quarto de Despejo: Diário de
uma favelada - Tomo 1 / Verônica de Souza Santos FLÔR. -
- SALVADOR, 2023.
349 f.

Orientador: Arivaldo Sacramento Souza.

Tese (Doutorado - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA E CULTURA) -- Universidade Federal da Bahia,
ILUFBA, 2023.

1. História da Cultura Escrita. 2. Edição sinóptica
de textos. 3. Manuscritos. 4. Carolina Maria de
Jesus. 5. Quarto de Despejo. I. Souza, Arivaldo
Sacramento. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES
ACADÊMICAS



EMITIDO EM 18/09/2023 14:25

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) aluno(a) **VERONICA DE SOUZA SANTOS** foi aprovado(a) na DEFESA de TESE em DOUTORADO EM LÍNGUA E CULTURA/PPGLINC - SALVADOR do Curso de DOUTORADO, no dia 01 de Setembro de 2023 às 09:00, no(a) <https://ufba-br.zoom.us/j/87004973002>, UFBA, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA
(Presidente)

Doutora ROSINES DE JESUS DUARTE
(Externa ao Programa)

Doutora ISABELA SANTOS DE ALMEIDA
(Externa ao Programa)

Doutora ANA RITA SANTIAGO DA SILVA
(Externa à Instituição)

Doutor JORGE AUGUSTO DE JESUS SILVA
(Externo à Instituição)

A sua TESE intitulou-se:

"ESTA CLARO QUE ELE ESTANDO NA SALA DE JANTAR NÃO VAE VER O QUE PRESTA NO QUARTO DE DESPÊJO": EDIÇÃO DE MANUSCRITOS REFERENTES A QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de DOUTORADO, de acordo com o definido na Resolução 01/2015 CAE.

Salvador, 18 de Setembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br CARLOS FELIPE DA CONCEICAO PINTO
Data: 18/09/2023 14:47:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

CARLOS FELIPE DA CONCEICAO PINTO
COORDENADOR(A) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA (PPGLINC)

SIGAA | STI/SUPAC - - | Copyright © 2006-2023 - UFBA

João Victor e Flor de Maria, pelo companheirismo, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência. Para eles e por eles.

Luís Bonfim, pela parceria constante e por segurar a minha mão em todas as minhas escolhas.

A Domingos (*in memoriam*), meu pai, quem sonhou e vibrou com esse grau de doutora e que infelizmente me faltará no abraço que eu tanto desejei neste momento.

A Ana Maria, minha mãe, quem do seu jeito fez o que pode para que essa tese acontecesse.

A Carolina Maria de Jesus (*in memoriam*), por mesmo diante de todas as violências sofridas, nos deixou um rico legado cultural e reflexivo.

AGRADECIMENTOS

Tenho aprendido a agradecer diária e constantemente, vezes em voz alta, sempre silenciosamente. E como não agradecer, especialmente nos últimos sete anos, após absorver os frutos de experiências que me serão inesquecíveis.

Meu único receio, neste momento, é esquecer de pessoas que foram extremamente importantes. Por isso, se algum nome ficar de fora, saiba que não se tratou de ingratidão, mas de uma mente afetada por vivências dolorosas e ainda não recuperada de tantos atravessamentos traumáticos. E, por isso, mais uma vez agradecerei a compreensão por qualquer lapso.

Primeiramente a *Nzambi*, sem ele nada disso teria acontecido e eu não estaria aqui para contar.

A Xangô, de onde vem minha força, minha energia, meu levantar. Xangô, aquele que nunca permitiu enxergar-me sozinha, pois todas as vezes, TODAS, mostrou presença, proteção e respiro. Amável e de maneira protetora, sequer ouviu quando eu, leviana e desesperadamente, disse que ele tinha me abandonado. Sempre amoroso, me realinou e diariamente me ensina muito.

A Oxum, que enxugou todas as minhas lágrimas, que tem me ensinado o *ebó* do autoamor, da conduta. Essa mãe que eu sinto forte e presente ao meu lado. E que me agracia com o cobre e a fertilidade da vida.

A Oxossi, pela fartura, pelas mesas fartas e prósperas, por me proporcionar tanto e estar me ensinando o segredo do silêncio, a lidar com precisão e estratégia diante de uma mente tão acelerada como a minha.

A Laje Grande, tão novo e tão velho. Alguém que silenciosamente sela meu cavalo, domina os galopes e cuida da mata que é a minha jornada. A meu pai Sete Flechas e a Tupinambá, palavras faltam para tanto.

Aos Exus e às Pombogiras, os meus e os de médiuns conhecidos. Quantas verdades, quantos ensinamentos, quantos cuidados. Quem me ensinaram que as risadas são ebós de proteção. Em especial aqui, a Tranca Rua, meu querido 'TR' por tantas conversas, risadas, correrias, aprendizados. Pelo acolhimento SEMPRE! À Zé Pilintra e a Lebara e tantos outros... Que saudade de estar mais perto cuidando e aprendendo com vocês...

Aos marujos, preto-velhos, aos erês e todos os encantados. Cada um de vocês têm especial parcela em tudo até então.

A meu pai de santo, Jorge de Ajagum, pelo cuidado, pelo zelo, por me mostrar que distância não é obstáculo para o cuidado espiritual. Por ser meu amigo e confidente e, em todos os momentos, se fazer presente com seus conselhos, com seu respeito, com sua atenção.

Aos meus familiares, meu pai Domingos (*in memoriam*). Ainda esses dias, eu lembrava de quando eu expliquei para ele o que era o doutorado e nunca poderei esquecer a sua alegria em saber que teria uma doutora (a primeira) na família. À D. Ana, minha mãe, que sempre, à sua maneira, auxiliou-me em todas as circunstâncias, especialmente no cuidado com as crianças para que eu pudesse dedicar um pouco mais aos estudos, quem sempre buscou meios para que eu pudesse dar o máximo de exclusividade aos meus estudos. À minha irmã, Ana Cristina, com quem compartilho muitos episódios da minha trajetória.

Ao meu companheiro nestes quase 13 anos, Luís Bonfim. Parceiro, confidente, amigo, namorado, amante, sócio, com quem compartilho as dores e as delícias de uma união cuja travessia nos fortalece e edifica. Todos os dias aprendo a força de um amor preto e a imponência de constituir ao seu lado uma linda família.

A João Victor e Flor de Maria, minhas maiores produções, meus romances, artigos, ensaios, *slams*, minhas dissertações, teses, ficções, poesias, meus melhores textos, meus afetos.

Ao meu orientador, Arivaldo Sacramento, um dos maiores presentes que Xangô me deu. Mostra intensa de meu Pai Xangô, no selar de sua verdade. Ele ocupou essa posição na minha vida num momento meu tão delicado, mas chegou como a chama viva de Zazi. Uma pessoa cujo pensamento me atravessa de maneira a fazer-me curvar os ouvidos. Meu mais novo mais velho e a quem baterei cabeça sempre! Homem de posicionamento firme, doce e afetuoso, com quem tenho aprendido tanto e todas as palavras são esvaziadas de significado para expressar tamanho agradecimento e tamanha admiração.

Aos meus irmãos e minhas irmãs do *Ile Axe Nzo Ajagun Ye Mataamba*, com quem divido o cotidiano da vida de axé e aprendo sempre.

Às queridas amigas da “Panelona”, grupo do doutorado formado por mim, Sandra Prudencio e Lorena Nascimento. Juntas, dividimos muitos episódios e nos apoiamos em todos eles. À Lorena, um especial carinho, por amenizar as agruras proporcionadas pelo traslado de Porto Seguro para Salvador e pelas conversas mais extensas durante o percurso do Imbuí até a UFBA semanalmente. As conversas se estendem e o afeto nos prova a inconsistência da distância.

A Hildália, um dos presentes que a pesquisa com Carolina M. de Jesus me ofertou, e que segue como uma irmã de alma, assim como, sua família: meu pai Robson e Cauê. Dai é um bálsamo e sabe ser firme e doce e cujas palavras me ensinam e acolhem sempre.

Outros presentes vieram como os colegas da turma de doutorado e, em especial, a Joelma Santos. Nunca me esquecerei aquelas palavras e aquele abraço tão reconfortante naquela fatídica tarde da qualificação. Não deixar minha coroa cair foi a prova da sua realeza, Jô.

A Filipe Cerqueira, um homem de Oxossi e grande amigo, quem proporcionou uma mudança crucial neste episódio do doutorado. Por sua conta, um novo caminho foi traçado e, em meio às injustiças, a justiça prevaleceu.

A D. Rosa, quem me deu muito incentivo e foi a minha confiança no cuidado com meus filhos nos momentos de ausência. E, quando precisava me deslocar para Salvador, cuidava de João com todo zelo. Ela foi uma companheira que me incentivava o tempo inteiro e me dizia que se eu passei aqueles momentos mais duros, chegaria aqui. E cheguei, D. Rosa.

A D. Vera Eunice de Jesus Lima, pela liberação do acesso aos manuscritos de Carolina Maria de Jesus e pela luta empenhada para uma revisão na política de acervos no Brasil e principalmente para que a memória de sua mãe não seja esquecida.

A Audálio Dantas (*in memoriam*), pela liberação do acesso aos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. Dantas, quando vivo, com quem tive a oportunidade de conversar e, mesmo sabendo da minha pesquisa e do interesse de comparar os manuscritos à sua proposta de edição e do que eu poderia encontrar nas supressões, não se furtou da permissão. Ao contrário: disse que eu me surpreenderia bastante.

Às pesquisadoras do Conselho Editorial de Carolina Maria de Jesus, além de D. Vera Eunice Jesus Lima, D. Conceição Evaristo, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda, Amanda Crispim, Raffaella Fernandez, Bruna Cassiano, Selma Raymundo e Ayana Dias.

Ao professor Sergio Barcellos, pelas trocas sobre os manuscritos de Carolina Maria de Jesus, pelo Manual do *Portal Vida por Escrito* e o material cedidos e que foram importantes contribuições na minha pesquisa. E, principalmente, por me colocar em contato com D. Vera Eunice.

A Fernanda Cerqueira e Ivanete da Hora Almeida por serem importantes vozes em minha defesa num momento tão delicado. Mulheres pretas que me defenderam na minha ausência e assim levo para a vida como exemplos de uma rede de apoio tão intensa.

A Letícia Pereira, amiga e parceira, minha escuta, minha professora de yoga, cuidadosa e atenta.

Aos estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Porto Seguro que souberam ser compreensivos, em todas as ocasiões demandadas, quando não estive inteira por conta deste longo projeto.

Aos colegas de grupos de pesquisa por que passei e/ou participo: PROHPOR, FILEN (ambos da UFBA), ELIPOR e GEPROF (ambos do IFBA) e Pensamento Contemporâneo (UFSB).

Aos irmãos e às irmãs do Movimento Hip Hop que aguardam ansiosamente a conclusão desse doutorado para que novos projetos cheguem e a voz da periferia ecoe ainda mais.

A todas aquelas e todos aquelas cuja participação presente, e até mesmo ausente, foram cruciais para que esse episódio se concluísse.

In memoriam a Klebson Oliveira, quem me apresentou Carolina Maria de Jesus através de seus textos.

Agradecer é meu verbo.

A bença a quem é de bença.

Modupé!

Nzambi Ua Kuatesa.

“Não tinha nem ideia de que estava fazendo história. Só estava cansada de me render.”

Rosa Parks

“Todo grande sonho começa com um sonhador. Lembre-se sempre, você tem dentro de você a força, a paciência e a paixão para alcançar as estrelas para mudar o mundo.”

Harriet Tubman

Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro do índio na nossa formação histórica e cultural.

Lélia Gonzalez

RESUMO

A presente tese de doutoramento é uma pesquisa que apresenta uma edição sinóptica dos manuscritos dos cadernos-diários de Carolina Maria de Jesus de referência temporal à obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, isto é, os anos de 1955, 1958 e 1959. O objetivo do estudo foi apresentar uma edição sinóptica dos manuscritos referentes a estes anos e, na sequência, a colação entre o texto dos manuscritos editado e o da edição príncipe, publicada em 1960 e editada pelo jornalista Audálio Dantas e localizar o texto autoral na pauta da história da cultura escrita no Brasil. Antes disso, uma longa revisão teórica foi feita buscando defender a necessidade de uma história cultural das mulheres negras. Foram transcritas e editadas 2569 folhas manuscritas acessadas, tendo em vista que parte do acervo já se perdeu, o que impossibilitou uma comparação integral entre os textos. Em seguida, o texto da obra impressa foi convertido para um editor de texto, com mesmo tamanho e tipo de letra utilizados na transcrição dos manuscritos, a fim de realizar uma contagem mais precisa de palavras e caracteres que determinasse a extensão textual de ambos os suportes. Colocados os testemunhos lado a lado, efetuou-se a atividade de comparação, realizando um levantamento que sinalizava suas divergências e convergências. Estabeleci e separei cinco grupos de variáveis, a saber: pontuação, acréscimos, deslocamento, substituição e supressão, para identificar os lugares de crítica presentes nos *corpora*. Com isso, desenvolvi uma descrição acerca do conjunto textual e do que se evidencia nos manuscritos em contraponto ao projeto editorial de Audálio Dantas, buscando entender qual o projeto editorial se apresentava. Concluí estar diante de uma outra sujeita significativamente diferente daquela apresentada no texto de 1960 que, apesar do volume produzido e da projeção que o impresso ganhou nacional e internacionalmente, teve suas palavras silenciadas pelas ações empreendidas no processo editorial com traços característicos propensos a estereótipos ainda hoje combatidos pela recepção que reconhece a importância da escrita produzida por Carolina Maria de Jesus e outras mãos negras.

Palavras-chave: História da Cultura Escrita; Edição sinóptica de textos; Manuscritos; Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo.

ABSTRACT

This doctoral thesis is a research that presents a synoptic edition of the manuscripts of Carolina Maria de Jesus' notebooks-diaries with a temporal reference to the work *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, that is, the years 1955, 1958 and 1959. The objective of the study was to present a synoptic edition of the manuscripts referring to these years and, subsequently, the collation between the text of the edited manuscripts and that of the *Príncipe* edition, published in 1960 and edited by the journalist Audálio Dantas, and to locate the authorial text in the agenda of the history of written culture in Brazil. Before that, a long theoretical review was carried out seeking to defend the need for a cultural history of black women. 2569 accessed handwritten pages were transcribed and edited, considering that part of the collection has already been lost, which made a full comparison between the texts impossible. Then, the text of the printed work was converted to a text editor, with the same size and font used in the transcription of the manuscripts, in order to carry out a more accurate count of words and characters that would determine the textual extension of both supports. . Having placed the testimonies side by side, the comparison activity was carried out, carrying out a survey that highlighted their divergences and convergences. I established and separated five groups of variables, namely: punctuation, additions, displacement, substitution and suppression, to identify the places of criticism present in the corpora. With this, I developed a description of the textual set and what is evident in the manuscripts in contrast to Audálio Dantas' editorial project, seeking to understand what the editorial project was. I concluded that I was faced with another subject significantly different from that presented in the 1960 text who, despite the volume produced and the projection that the printed material gained nationally and internationally, had her words silenced by the actions undertaken in the editorial process with characteristic features prone to stereotypes even today. combatted by the reception that recognizes the importance of the writing produced by Carolina Maria de Jesus and other black hands.

Keywords: History of Written Culture; Synoptic editing of texts; Manuscripts; Carolina Maria de Jesus; *Quarto de Despejo*.

RESUMEN

Esta tesis doctoral es una investigación que presenta una edición sinóptica de los manuscritos de los cuadernos-diarios de Carolina María de Jesús con referencia temporal a la obra *Quarto de Despejo: diario de una favelada*, es decir, los años 1955, 1958 y 1959. El objetivo del estudio fue presentar una edición sinóptica de los manuscritos referentes a estos años y, posteriormente, el cotejo entre el texto de los manuscritos editados y el de la edición *Príncipe*, publicada en 1960 y editada por el periodista Audálio Dantas, y localizar el texto del autor en la agenda de la historia de la cultura escrita en Brasil. Antes de ello, se realizó una larga revisión teórica buscando defender la necesidad de una historia cultural de las mujeres negras. Se transcribieron y editaron 2.569 páginas manuscritas consultadas, considerando que parte de la colección ya se había perdido, lo que imposibilitaba una comparación completa entre los textos. Luego, el texto de la obra impresa fue convertido a un editor de texto, con el mismo tamaño y tipo de letra utilizado en la transcripción de los manuscritos, con el fin de realizar un conteo más preciso de palabras y caracteres que determinarían la extensión textual de ambos. Colocados los testimonios uno al lado del otro, se procedió a la actividad de comparación, realizando un sondeo que puso de relieve sus divergencias y convergencias. Establecí y separé cinco grupos de variables, a saber: puntuación, adiciones, desplazamiento, sustitución y supresión, para identificar los lugares de crítica presentes en los corpus. Con esto, desarrollé una descripción del conjunto textual y de lo evidente en los manuscritos en contraste con el proyecto editorial de Audálio Dantas, buscando comprender cuál era el proyecto editorial. Concluí que me encontraba ante otro sujeto significativamente distinto al presentado en el texto de 1960 que, a pesar del volumen producido y la proyección que el material impreso cobró a nivel nacional e internacional, tuvo sus palabras silenciadas por las acciones emprendidas en el proceso editorial con característico rasgos proclives a estereotipos aún hoy, combatidos por la recepción que reconoce la importancia de la escritura producida por Carolina María de Jesús y otras manos negras.

Palabras llave: Historia de la Cultura Escrita; Edición sinóptica de textos; manuscritos; Carolina María de Jesús; Sala de Desalojo.

NOTA A QUEM ME LÊ

Antes de mais nada, gostaria de informar a quem me lê que algumas regras da escrita de um texto formal tal como o exigido para uma tese de doutorado serão quebradas neste estudo. A intenção era que o texto fosse escrito totalmente em primeira pessoa do singular, mas por vezes serei flagrada usando outras pessoas verbais e isso não é nenhum desconhecimento de regra ou o que quer que o valha, mas sim a carga emocional investida no ato da produção que, por razões óbvias, me impediram de mudá-las para simplesmente atender um nicho específico. Com todo o respeito a quem me lê, tal escolha jamais impedirá que o texto seja apreciado em seu objetivo primeiro que é a pesquisa que se apresenta.

IMPORTANTE PARA A VERSÃO DISPONÍVEL NO REPOSITÓRIO

No momento de entrega da versão desta tese, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* ainda estava envolvida em questões judiciais envolvendo editoras e herdeiros da escritora Carolina Maria de Jesus. Por esta razão, e tendo em vista os prazos para entrega definitiva da tese para cumprimento de diplomação, optei pela não divulgação da edição sinóptica do texto integral dos manuscritos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Negra e grávida: ainda mais invisível!.....	41
Figura 2	Mãe e filho em Salvador, em foto de 1884.....	46
Figura 3	Negras do Rio de Janeiro.....	46
Figura 4	Maternidade e trabalho.....	47
Figura 5	Histórica capa do periódico do Movimento Negro Unificado.....	51
Figura 6	Harriet Tubman: visions of freedom.....	55
Figura 7	Carta de Esperança Garcia.....	65
Figura 8	As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento de um livro.....	148
Figura 9	Registro de tela acerca do falecimento de Audálio Dantas.....	151
Figura 10	Imagem da primeira folha do caderno 1 (1955) de Carolina M. de Jesus.....	160
Figura 11	Imagem da página constante no Microfilme MS 565-5.....	161
Figura 12	Imagem da página 78-81 constante no Microfilme MS 565-5.....	162
Figura 13	Imagem da página 78-81 constante no Microfilme MS 565-5.....	162
Figura 14	Imagem da página 84-85 constante no Microfilme MS 565-5.....	163
Figura 15	Imagem da página 92-93 constante no Microfilme MS 565-5.....	163
Figura 16	Imagem da primeira página do texto “Favela” - MS 565-5.....	164
Figura 17	Imagem da primeira página do texto “Favela” - MS 565-5.....	164
Figura 18	Imagem da primeira página do primeiro diário - MS 565-5.....	165
Figura 19	Imagem da primeira página do diário 2 - MS 565-5.....	166
Figura 20	Imagem das folhas 1-2 e 1-3 do diário 2 - MS 565-5.....	166
Figura 21	Imagem das folhas 1-72 e 1-73 do diário 2 - MS 565-5.....	167
Figura 22	Imagem das folhas 1-38 e anverso em branco do diário 2 - MS 565-5.....	168
Figura 23	Imagem das primeiras folhas do diário 3 - MS 565-5.....	169
Figura 24	Imagem da folha 2-394 do diário 2 - MS 565-5.....	169
Figura 25	Imagem da capa do diário 3 - MS 565-5.....	170
Figura 26	Imagem do verso da capa e primeira folha do diário 4 - MS 565-5.....	171
Figura 27	Imagem da capa do diário 5 - MS 565-5.....	172
Figura 28	Imagem da capa do diário 6 - MS 565-5.....	173
Figura 29	Imagem da última folha e da folha interna da contracapa do diário 6 - MS 565-5..	173
Figura 30	Capa e contracapa do diário 11.....	175
Figura 31	Imagem da primeira folha do diário 11.....	175
Figura 32	Imagem da capa do diário 20.....	176
Figura 33	Imagem da primeira folha do diário 20.....	177
Figura34a	Imagem da letra da autora.....	182

Figura34b	Imagem da letra da autora.....	182
Figura34c	Imagem da letra da autora.....	182
Figura34d	Imagem da letra da autora.....	182
Figura 35a	Imagem da letra de CMJ.....	183
Figura 35a	Imagem da letra de CMJ.....	183
Figura 36a	Imagem da letra de CMJ.....	184
Figura 36b	Imagem da letra de CMJ.....	184
Figura 36c	Imagem da letra de CMJ.....	184
Figura 37a	Imagem da letra de CMJ.....	184
Figura 37b	Imagem da letra de CMJ.....	184
Figura 38a	Imagem da letra de CMJ.....	185
Figura 39	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto.....	186
Figura 40	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto.....	187
Figura 41	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula.....	187
Figura 42	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula.....	187
Figura 43	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula.....	188
Figura 44	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos.....	188
Figura 45	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos.....	188
Figura 46	Imagem da performance de ddCarolina de Jesus do sinal de dois pontos.....	188
Figura 47	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos.....	189
Figura 48	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação.....	189
Figura 49	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação.....	189
Figura 50	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação.....	189
Figura 51	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação.....	190
Figura 52	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação.....	190
Figura 53	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação.....	190
Figura 54	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação.....	190
Figura 55	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal travessão.....	191
Figura 56	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal traço horizontal baixo.....	191
Figura 57	Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen.....	191
Figura 58	Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen.....	191
Figura 59	Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen.....	191
Figura 60	Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen.....	191
Figura 61	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto e vírgula.....	192
Figura 62	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto e vírgula.....	192
Figura 63	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de aspas.....	192

Figura 64	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de aspas.....	192
Figura 65	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de apóstrofo.....	193
Figura 66	Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de apóstrofo.....	193

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Letras e grafias presentes nos cadernos analisados.....	179
Quadro 2	Localização dos deslocamentos de datas.....	185
Quadro 3	Localização dos deslocamentos de datas.....	253
Quadro 4	Levantamento de datas presentes nos testemunhos.....	285
Quadro 5	Levantamento de personalidades citadas pela escritora nos manuscritos.....	325
Quadro 6	Gêneros textuais mencionados por Carolina Maria de Jesus nos manuscritos.....	332

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Composição dos manuscritos utilizados na pesquisa.....	157
Tabela 2	Dados gerais dos lugares de crítica e conteúdo dos suportes.....	200

SUMÁRIO

TOMO 1

1	“MINHA AVÓ CONTAVA HISTORIAS PARA EU OUVIR. ERA HISTORIAS DE FADA. ME FALAVA DE SUA INFANCIA FELIZ. AGORA QUANDO OS MEUS FILHOS PEDEM PARA EU CONTAR-LHES UMA HISTORIA INICIO ASSIM”: UMA INTRODUÇÃO.....	23
2	“AH! EU NÃO PRESTO! ESTA SE VENDENDO QUE EU NÃO FAÇO O CERVIÇO COMPLETO. ESTA HISTORIA DE MACHUCAR SÓ, E NÃO MATAR LOGO. SO SERVE PARA ARRANJAR INIMIGOS”: PRIMEIROS PASSOS DE UMA CAMINHADA LONGA.....	27
3	“AGORA QUANDO OS MEUS FILHOS PEDEM PARA EU CONTAR-LHES UMA HISTORIA INICIO ASSIM: OUVI UM TEMPO MEUS FILHOS QUE O POVO DO BRASIL ERA FELIZ”: CORPOS (E NÃO APENAS MÃOS) QUE ESCREVEM A HISTÓRIA.....	32
3.1	“DEVEMOS EDUCAR O NOSSO PENSAMENTO PARA O BEM PORQUE NO MUNDO, SO TEM VALÔR AS INTELIGÊNCIAS INOFENSIVAS”: UM POUCO DO PENSAMENTO ACERCA DOS MOVIMENTOS DE MULHERES.....	32
3.2	“QUANDO EU ERA MENINA O MEU SONHO ERA SER HOMEM PARA DEFENDER O BRASIL PORQUE EU LIA A HISTORIA DO BRASIL E FICAVA SABENDO QUE EXISTIA GUERRA. SO LIA OS NOMES MASCULINOS COMO DEFENSÔR DA PATRIA”: ENTRE O LEGÍTIMO E A HISTÓRIA (NÃO-) CONTADA DE MULHERES NEGRAS.....	41
3.3	“EU QUANDO ESTOU DOENTE GOSTO DE MOVER. E A ENFERMIDADE REGRIDE. QUANDO SE FAZ MOVIMENTO”: ESCRITA, LITERATURA E UM NOVO MOVIMENTO.....	62
3.4	“AS OPINIÕES PUBLICAS VARIAM IGUAL AS TEMPERATURAS ATMOSFÉRICA”: UM PERCURSO REFLEXIVO.....	75
3.5	“DICIDI PELA LITERATURA. EMBORA O ESCRITOR DO BRASIL PRECISA SER RICO E EU... LIXEIRA, DE FAVELA, E PRETA COM PRETENSÕES A LITERATURA...”: SOBRE PERIFERIA, MARGEM E LITERATURA.....	88
3.6	“EU CATO PAPEL, FERRO, E NAS HORAS VAGAS ESCREVO”.....	96
3.6.1	“Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo marcar os fatos”	102
3.6.2	“Porque eu <i>so</i> sei falar de livros. E eu sendo livre, posso viver com a <i>concrétisacão</i> do meu ideal, que é a literatura.”	105
4	“ <i>ESCREVI A CARTA SEM ESPERANÇA. PORQUE O POVO DIZ QUE A GAZETA NÃO GOSTA DE NEGRO. MAS MÊSMO ASSIM... ARRISQUEI. QUEM ESTA PERDIDO NÃO ESCOLHE CAMINHO</i> ”: <i>ITINERÁRIO METODOLÓGICO</i>	110

4.1	“APRECIO APÉNAS AS MULHERES FEMINAS. QUE APRÉCIA TUDO QUE RELACIONA COM SEU SEXO”: UMA HISTÓRIA TALHADA EM SEUS PRÓPRIOS ESCRITOS: QUANTAS MULHERES CARREGAM(-SE EM) CAROLINA MARIA DE JESUS?...	110
4.2	“SALVE ELA, A VEDETE DA FAVELA!”.....	114
4.3	“E QUE EU GANHEI UMAS TABUAS E VOU FAZER UM QUARTINHO PARA EU ESCREVER E GUARDAR OS MEUS LIVROS. JA QUE NÃO TENHO INSTANTE GUARDO-OS DENTRO DE UM CAIXOTE”	141
4.4	“NÃO GOSTO DE FICAR NAS ESQUINAS CONVERSANDO, GOSTO DE ESTAR SOSINHA E LENDO. OU ESCREVENDO!”: A PRODUÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	151
4.4.1	“Esta claro que ele estando na sala de jantar não vae ver o que presta no quarto de despêjo”: a obra <i>Quarto de Despejo: diário de uma favelada</i>	154
4.5	“ELA AJUNTA PAPEL PARA MIM. ELA ME FAVOREÇE NO QUE PODE”: O ACESSO AO <i>CORPUS</i>	155
4.6	“O POVO PRECISA DEMOSTRAR ENÉRGIA ESCREVENDO OU FALANDO”: A COMPOSIÇÃO DO <i>CORPORA</i>	156
4.6.1	“O feijão, é o novo rico da atualidade — os compositores”: sobre o conteúdo.....	157
4.6.2	“Estudar tanto para catar papel...”: Aspectos materiais.....	158
4.6.2.1	“Ele disse: que vae publicar o livro. Que eu não dêvo perder a esperança”: <i>Microfilmes e manuscritos digitalizados ainda privados que se encontram na biblioteca nacional</i>	158
4.6.2.2	“E eu prometi levar-lhe um caderno para êle lêr”: <i>caderno digitalizado em formato .PDF disponível no site da Biblioteca Nacional</i>	174
4.6.2.3	“Disse-lhe que vou dêixar de escrever porque encontro dificuldades para comprar cadernos”: <i>Imagens fotográficas das folhas do Caderno disponível no Museu Afro-Brasil</i>	176
4.6.3	“O juiz achou a minha letra legível E leu os versos que eu fiz...”: Aspectos gráficos.....	177
4.6.3.1	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Ponto.....	186
4.6.3.2	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Vírgula.....	187
4.6.3.3	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Dois pontos.....	188
4.6.3.4	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Ponto de interrogação.....	189
4.6.3.5	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Ponto de exclamação.....	190
4.6.3.6	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Traço baixo horizontal, travessão e hífen.....	190
4.6.3.7	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Ponto e vírgula.....	192
4.6.3.8	“Mas. pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”: Aspas.....	192

4.6.3.9	<i>“Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”:</i> <i>Apóstrofo</i>	193
4.7	“AS LETRAS VACILAVAM. PERCIBI QUE ESTAVA NERVOSA.”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....	193
4.7.1	“Que a cultura dos editores do Brasil esta no embrião. Mas um embrião que não dessinvolve-se. Um embrião atrofiado”: As normas de edição.....	195
5	“PROMETERAM QUE EU VOU SAIR NO DIARIO DA NÔITE AMANHÃ. NA EDIÇÃO EXTRA.”: EDIÇÃO SINÓPTICA - COLAÇÃO DE TESTEMUNHOS.....	198
6	“MAS SE OS PRETOS FÔSSE ESCREVER AS TRAPAÇAS QUE OS BRANCOS FAZEM AS INJUSTIÇAS QUE PRATICAM. ESCREVERIAM CENTENAS DE LIVROS QUE FORMARIA A MAIOR BIBLIOTECA DO MUNDO”: CRÍTICA DE VARIANTES.....	200
6.1	“E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: PONTUAÇÃO (P).....	201
6.1.1	“Nunca é tarde para o estudo”: Ponto.....	202
6.1.2	“Nunca é tarde para o estudo”: vírgula.....	206
6.1.3	“Nunca é tarde para o estudo”: ponto de interrogação.....	209
6.1.4	“Nunca é tarde para o estudo”: ponto de exclamação.....	211
6.1.5	“Nunca é tarde para o estudo”: dois pontos.....	214
6.1.6	“Nunca é tarde para o estudo”: travessão.....	216
6.1.7	“Nunca é tarde para o estudo”: ponto e vírgula.....	219
6.1.8	“Nunca é tarde para o estudo”: reticências.....	219
6.1.9	“Nunca é tarde para o estudo”: aspas.....	225
6.2	“E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: ACRÉSCIMOS (A)	230
6.2.1	“Não açêitaram-me por causa da minha linguagem poetica”: itens lexicais.....	230
6.2.1.1	<i>“Eu passei pelos bancos escolares”:</i> <i>verbo</i>	235
6.3	“E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: DESLOCAMENTOS (D)	241
6.3.1	“A ordem que é o simbolo do nosso paiz. Mas eu não sei se o simbolo predomina”:	243
6.3.2	“O meu coração parecia a mola de um trem em movimento”: outros deslocamentos.....	253
6.4	“E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: SUBSTITUIÇÃO (Sb)	262

6.5	“E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: SUPRESSÃO (Sp)	284
7	“A VIDA É IGUAL UM LIVRO. SO DEPÔIS DE TER LIDO É QUE SABEMOS O QUE ENÇERRA. E NÓS QUANDO ESTAMOS NO FIM DA VIDA, É QUE SABEMOS COMO A NOSSA VIDA DECCORREU” ¹ : POR ORA, UMA CONCLUSÃO.....	338
	REFERÊNCIAS.....	344

TOMO 2

EDIÇÃO SINÓPTICA – COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS

¹ Jesus, 1959.

1 “MINHA AVÓ CONTAVA HISTORIAS PARA EU OUVIR. ERA HISTORIAS DE FADA. ME FALAVA DE SUA INFANCIA FELIZ. AGORA QUANDO OS MEUS FILHOS PEDEM PARA EU CONTAR-LHES UMA HISTORIA INICIO ASSIM”²: UMA INTRODUÇÃO

Peço licença a meus mais velhos, meus iguais e meus mais novos. Peço bença a quem é de bença e peço que Orixá cuide e oriente quem desprende tempo e faz a leitura desse texto.

A proposta de pesquisa que aqui apresento reúne inúmeras questões que ratificam a importância da mulher negra para a sociedade. Por vezes, peguei-me confusa com o debate empreendido aqui até entender todo o processo que ele desencadeia, compreendendo que uma mulher negra que sustenta a estrutura social e, por conta disso, ao se movimentar, todas as outras camadas dessa pirâmide social que contemplam as categorias do homem negro e do homem e mulher brancos se movimentam também.

Quem aqui propõe esta via de leitura é a mãe de João Victor e Flor de Maria, quem digo ser minhas maiores e mais importantes produções, uma mulher preta cujo *orí* é guardado por Xangô, Oxum e Oxossi, filha de Domingos Santos (*in memoriam*), um mestre de obras autônomo e Ana Maria Souza, uma técnica de enfermagem, filha de Jorge de *Ajagum*, companheira de Luís Bonfim, trabalhadora da Educação, servidora pública federal.

Esta tese foi escrita, dentre outras circunstâncias, sem afastamento para estudos e durante um período de pandemia de COVID-19. Considero-me uma sobrevivente e vencedora diante da catástrofe que o Brasil experienciou entre os anos de 2020 e 2021 com a perda coletiva diária que totalizou no Brasil cerca de 700 mil mortos e 14,9 milhões no mundo. Associado a isso, sem esquecer a passagem de meu pai, não posso esquecer a lida com a recuperação de adoecimentos mentais e corporais, por conta de questões diversas e diretamente relacionadas à saúde de uma mulher negra.

Confesso que o envolvimento com a pesquisa me fez, por vezes, permitir que a emoção dominasse, sem perder a razão. Isso implicou inconformismo, inquietação, incômodos, mas principalmente a certeza de que a minha leitura é uma gota num oceano textual que é *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que está ainda distante de se encerrar. A minha leitura se situa na localização dialogada de uma mulher preta para com outra mulher preta. Mais escuta do que leitura, porque ainda que eu estive estudando esses manuscritos, vi-me muitas vezes sendo ensinada pelas palavras atemporais ali presentes. Em outras circunstâncias, estas palavras

² (Jesus, 1958)

soavam como conselhos, assertivos e necessários. Ancestrais! Foi assim que eu caminhei nessas centenas de páginas e assim indico que não cheguem ao fim desta minha pesquisa sem por elas passar e experienciar a verve intelectual de Carolina Maria de Jesus. *Sem* atribuições de culpa, quaisquer inadequações neste estudo se devem exclusivamente a mim.

A personagem central da narrativa que vou apresentar aqui, como já antecipei anteriormente seu nome, se chama Carolina Maria de Jesus. Conhecer a sua história envolve um debate sobre a desigualdade social no território brasileiro, o letramento e a alfabetização da classe baixa, periférica e pobre, sobre a história social da escrita de mulheres negras, a política de acervo documental de pessoas escreventes oriundas das classes subalternizadas, bem como o seu lugar social e intelectual.

Em meu projeto de pesquisa que desemboca no texto que segue minha proposta foi o de apresentar uma edição sinóptica das folhas manuscritas por Carolina Maria de Jesus e as quais originaram a sua primeira obra impressa que é *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A edição sinóptica consiste na transcrição, linha a linha, de todas as folhas manuscritas referentes ao espaço temporal mesmo do suporte impresso; ou seja, os registros feitos pela autora em seus cadernos em dias e meses dos anos de 1955, 1958 e 1959 com a identificação de locais que sofreram intervenção no projeto da edição de 1960 proposta pelo jornalista Audálio Dantas. Com isso, eu teço uma colação entre ambos os suportes, o texto transcrito dos manuscritos e o texto da primeira edição impressa apresentada, identificando lugares de crítica.

Esta tese só ganhou a proporção que ganhou quando eu percebi que, para entender as estruturas sociais em seu mecanismo e função, no Brasil e no mundo, é preciso entender essa mola uterina propulsora e originária que é a mulher negra em todas as suas especificidades.

No projeto de doutoramento, proponho apresentar uma edição dos manuscritos que acessei referentes a *Quarto Despejo: diário de uma favelada*, o que totaliza 2.569 folhas, levantando os lugares de crítica de cinco variantes: pontuação, supressão, substituição, deslocamento e acréscimo, trazendo ainda uma breve descrição de elementos encontrados nesta colação. Sabendo do leque de possibilidades que surge da comparação entre os testemunhos, estou convencida de que os resultados que trarei são apenas uma ponta da imensidão de estudos que vão acontecer a partir da publicização do texto.

Para isso, eu precisei contar uma história que perpassa o percurso da pesquisa de tese, numa seção que intitulei de “*Ah! Eu não presto! Esta se vendo que eu não faço o cerviço completo. Esta historia de machucar só, e não matar logo. so serve para arranjar inimigos*”: *Primeiros passos de uma longa caminhada*. Foi a partir daí que consegui estruturar, sedimentar e finalizar esse trabalho. Apesar de uma breve narrativa, por escolhas várias, ali eu consigo,

para além de acalmar o turbilhão de sensações, lidar com as dores e frustrações que tentaram de alguma maneira (mas não conseguiram!) me impedir de chegar ao final desta etapa.

É possível observar que os títulos das seções deste estudo são trechos retirados dos manuscritos que serviram de *corpus* para a pesquisa. Para não possibilitar que o leitor tivesse dúvida quanto ao que vai encontrar naquela seção, trouxe subtítulos para que lhe dessem a dimensão do conteúdo. A minha escolha para os títulos foi uma tentativa de localizar toda a pesquisa nos manuscritos, mostrando com isso, claro, a sua riqueza.

Na sequência das seções, trago a seção *Agora quando os meus filhos pedem para eu contar-lhes uma historia inicio assim: Ouve um tempo meus filhos que o povo do Brasil era feliz: uma história escrita a várias mãos*. Esta seção tem caráter histórico em que trago uma perspectiva que se aprofunda na necessidade de, dentro da história das mulheres, direcionar e insistir teoricamente numa história das mulheres negras, a qual, em razão de todas as complexidades que atravessam este grupo, tem raízes diversas e adversas. Ainda que nessa tessitura eu esteja ciente que as ferramentas formais de opressão atuem para se contrapor à realidade da história de nosso povo, a exemplo da exigência pelos suportes acadêmicos para sua legitimação, não há mais como silenciar ou anular tal urgência. Adianto uma seção extensa que adia a chegada ao ponto central da tese que são os escritos de *Quarto de Despejo*. Porém, como penso, considero necessária porque Carolina Maria de Jesus é, para mim, resultante desse percurso histórico tão vilipendiado.

Na seção III, intitulada *Escrevi a carta sem esperança. porque o povo diz que a gazeta não gosta de negro. Mas mesmo assim... arrisquei. Quem esta perdido não escolhe caminho: itinerário metodológico*, sinto a necessidade de apresentar Carolina Maria de Jesus aos meus olhos, numa descrição biográfica muito breve, resgatando trechos do conjunto de obras da escritora sobre sua própria vida. Em seguida, apresento o meu *corpus* de pesquisa, sua composição e importância. Notifico também o acervo bibliográfico de Carolina Maria de Jesus e como a situação da política de acervo no Brasil no que diz respeito a escritores negros ocasiona problemas estruturais para a conservação da memória neste território. Ao me direcionar para o *corpus*, aponto os métodos que propiciaram a análise do texto a partir de variáveis selecionadas para pensar a colação realizada entre o texto dos manuscritos e a edição apresentada por Audálio Dantas.

Em seguida, apresento um destaque para a edição proposta para os manuscritos que originaram a primeira publicação de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), onde recupero o levantamento scriptográfico da autora.

Na seção, *Mas se os pretos fôsse escrever as trapaças que os brancos fazem As injustiças que praticam. escreveriam centenas de livros que formaria a maior biblioteca do mundo: Descrição das variáveis de análise*, apresento os resultados do levantamento estabelecido a partir da edição. (pontuação (P), deslocamento (D), acréscimo (A), substituição (Sb) e supressão (Sp)) que são observadas sobre o documento que originou o livro *Quarto de Despejo*. Inspirada na proposta de Perpétua (2004), eu ampliei o escopo de análise e trago mais elementos para pensar a transmissão textual em discussão.

Na última seção, *Eu sempre digo: que quem predomino. no Brasil e o branco. Mas, e um predomino tao dessorganizado que sofrem todos em geral. êles prevaleçem da côr branca, e pratica atos negros: sobre a edição de Quarto de Despejo (1960)*, de posse dos resultados encontrados no levantamento, busco apresentar o projeto empreendido por Dantas em 1960 e as consequências da mão editorial para pensar esse capítulo da história da escrita social de uma mulher negra representativa como Carolina Maria Jesus.

Por fim, apresento a seção *A vida é igual um livro. So depôis de ter lido é que sabemos o que ençerra. E nós quando estamos no fim da vida, é que sabemos como a nossa vida deccorreu.— A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. preta é o lugar onde moro: por ora, uma conclusão*, dando por encerrado o percurso que ficou maior do que eu tinha projetado, porém cumprido, e destacando algumas possibilidades de pesquisas futuras, ressaltando a fonte inesgotável que mina desses manuscritos.

Gostaria de ressaltar que os títulos das seções são trechos extraídos dos manuscritos estudados aqui seguidos do que é o objetivo de cada seção para melhor situar o leitor. Nem todas as passagens selecionadas estão presentes em ambos os suportes, isto é, também na impressão, tendo em vista as escolhas editoriais de Audálio Dantas.

É através dos escritos que ficamos conhecendo o passado. O Nero queimou os cristãos. Mataram Sócrates os judeus mataram Cristo Herodes matou os inocentes os portugueses matou Tiradentes. Santos Dumond suicidou-se. E através dos livros que estes fatos chegam aos nossos ouvidos.
(Jesus, 1958)³

2 “AH! EU NÃO PRESTO! ESTA SE VENDENDO QUE EU NÃO FAÇO O SERVIÇO COMPLETO. ESTA HISTORIA DE MACHUCAR SÓ, E NÃO MATAR LOGO. SO SERVE PARA ARRANJAR INIMIGOS”⁴: PRIMEIROS PASSOS DE UMA CAMINHADA LONGA

Começar é sempre difícil. Mas não chegamos a lugar algum sem o primeiro passo. E, para começar esse texto, precisei vencer uma barreira de dias, meses, ANOS. Uma, não. Possivelmente várias! A barreira do “você não sabe escrever”, “você escreve mal”, “você não consegue”, “você não é competente”. A barreira do medo.

Se, por muito tempo, eu acreditei no que me disseram quanto a minha escrita, hoje posso dizer que eu mais acreditei que tudo fosse verdade. E aí precisei começar uma empreitada de vencer a mim mesma. Independente do que me diziam quanto a meu modo de escrita, eu acreditava naquilo e isso se reverberava em insegurança, ansiedade, baixa autoestima. Tudo aquilo que minava minha localização no mundo e contradizia a pessoa que eu almejava construir. Eu precisava vencer a mim mesma. Eu precisava diminuir o volume da voz do outro e seu reflexo em mim e aumentar a minha voz. Como eu poderia convencer meus estudantes de suas competências, se sequer acreditava na minha? Como eu poderia confiar naquilo que eu fazia com respeito e seriedade, se antes eu acreditava que eu era uma fraude. A Psicologia dá um nome para isso: síndrome da impostora. Porém penso que a questão é ainda mais profunda.

Precisei quebrar mitos. Muitos. Eu sabia, lá no meu íntimo, que escrever, ainda que apenas para que somente eu lesse, era o meu lugar de acolhimento. Diários, narrativas, poesias. Ali, ainda que imersa na vergonha do mundo, eu mergulhava nas minhas profundezas. Eu era grande, eu me acolhia. Ali, eu descobria partes de mim e rompia com dores provocadas pelo silenciamento, pela falta de reconhecimento e tudo o que mais que sempre me adoeceu. Foi escrevendo que percebi que minha tese não poderia se iniciar se eu não começasse por uma parte da minha história. Na verdade, o que trago nessa seção é a história dessa tese. Não exatamente um “como tudo começou”, mas os espinhos dessa flor que foi o doutorado em toda

³ Jesus, 1958. Esta passagem foi suprimida na edição impressa proposta por Audálio Dantas.

⁴ Jesus, 1959.

sua essência. Espinhos esses que não apenas machucaram, mas que com os machucados aprendi a retirá-los com cuidado, aprendi a sua importância, aprendi qual a sua funcionalidade nessa rosa branca que, sem dúvidas, abrirá caminhos outros na minha vida. Um capítulo que emoldura esse trabalho e sem ele, a meu ver, não faria sentido a pesquisa de todos esses anos.

Eu que me criticava por falar muito, pela minha prolixidade, hoje tenho exercido o silêncio para me ouvir mais e agir mais. No entanto, tenho usado a escrita para organizar a profusão de sentimentos que existe em mim. E novamente, mais do que atender a um mínimo de coerência textual, eu senti a necessidade de fazer esse caminho, antes de lhes apresentar a pesquisa, porque entendo que ao final o resultado de absorção do conteúdo terá atingido o meu propósito. E, se isso tiver acontecido, eu estarei satisfeita.

No ano que eu tentei a seleção de doutorado, eu estava com meu filho com menos de dois anos de nascido e com a minha filha com três meses. Como, no ano anterior, eu havia estudado muito mais do que naquele, e não tinha sido aprovada, criei poucas expectativas quanto ao sucesso do processo em meu favor. Se, naquele momento, duvidei de mim, a ancestralidade não duvidou e o que eu apliquei nas etapas do certame foram suficientes para alcançar a minha aprovação. Por questões internas ao Programa, a docente que eu tinha indicado não pode me orientar e eu fui reconduzida para outra professora.

Não era tranquila a minha condição de estudante que tinha que cumprir créditos dos componentes curriculares. Eu não tive afastamento para o doutorado, por inúmeras vezes e sem nenhuma justificativa, todas as minhas tentativas foram negadas pela gestão da unidade à época. Estava dando aula nas modalidades integrada ao ensino médio e superior. Nas terça-feiras, dia que antecedia minhas aulas na pós-graduação, eu dava aula até às 22h, chegava em casa, arrumava uma bolsa para mim e minha filha que me acompanhava, enquanto o outro filho ficava com o pai; dormia por algumas poucas horas, pois às quatro da manhã, eu tinha que estar no aeroporto para viajar para Salvador. Por sorte, àquela época ainda tinha passagens aéreas com valores acessíveis e que podiam ser divididas a perder de vista porque eram muitas mensais.

Quando eu desembarcava em Salvador, iniciava uma outra maratona, em que eu me deslocava para a casa de meus pais, deixava minha filha com minha mãe e imediatamente corria para a universidade. Rezava semanalmente para não ser pega em nenhum engarrafamento na avenida Paralela, principal via de acesso nesse traslado, porque o tempo era milimetricamente cronometrado. Nem sempre funcionava, mas Tempo (orixá) contribuiu sempre e, na maior parte das vezes, o planejamento dava certo. Da casa da minha mãe até chegar à universidade, contei também o apoio de uma amiga que ganhei no Doutorado que foi Lorena Nascimento, por ser

vizinha de bairro de minha mãe e ter carro, ela me esperava para me dar carona. Além da economia financeiramente, eu tinha momentos de trocas, confidências, ideias com Lore e isso tornava tudo menos ardoroso.

Entre dar conta de todas as disciplinas obrigatórias para o cumprimento dos créditos, do emprego que me sugava e da vida pessoal que envolvia família, filhos, confesso que o autocuidado ficava em último plano. Fui muito abordada e sugada profissionalmente, o que me levou a depressão silenciosa e que só percebi quando estava no estágio mais crítico e aí não tive outra alternativa que não medicação intensa e terapias. O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) já estava pulsando, mas esse só vim ter diagnóstico comprovado anos depois. Seguia lutando entre a possibilidade de dar conta, de não desistir e de ser essa super mulher que podia ascender academicamente. Durante os meus créditos, lembro ter cochilado na aula de uma professora uma única vez e isso foi lembrado e cobrado no pior momento da minha vida.

Não era fácil escrever submetida a toda essa pressão, mas tinha que fazê-lo. Confesso o erro de ter escrito o material da qualificação praticamente sozinha e, quando apresentado, comparado ao que tinha sido solicitado no projeto de doutoramento, fui ainda assim encaminhada para refeitura por solicitações que não cabiam à proposta, uma vez que foram realizadas cobranças para além da minha proposta no projeto e a ata da atividade, bem como o projeto comprovam a disparidade de tais exigências. Isso gerou um mês após um trabalho insano de refazimento do material. Injustiça? Não sei. Incompreensão é a palavra até hoje que adjetivo o ocorrido para tudo o que foi dito pela professora que à época orientava meu trabalho. Meses após a entrega desse material e aprovação do componente, a professora que orientava meu trabalho decidiu desistir da atividade de orientação. O motivo, segundo ela, dizia respeito ao fato de “pessoas” acharem que ela praticou racismo comigo ao longo do trabalho de orientação. Foi nesse momento que, junto a essa justificativa, ela alegou que o fato de eu morar longe, ter filhos, não estar afastada, com uma carga horária tão exaustiva de aulas e “até ter dormido na sua aula” motivou sua decisão. Chorei muito naquela reunião, com a decisão dela por desistir, mas de imediato senti a faísca de Xangô dizendo que nada estava perdido, pois meu co-orientador, que se tornou orientador naquele momento, pegou na minha mão e nunca mais me largou. Arivaldo abraçou meu trabalho, com todas as minhas especificidades, e me ofereceu caminhar por um processo que não deixava de ser duro, porém de uma maneira afável. Todos os vocábulos existentes não esgotariam a minha gratidão ao professor Arivaldo.

Concomitante a tudo isso, eu vivia a celeuma das dificuldades do acervo de escritores negros no Brasil, desde acessar o acervo até torná-lo possível para a edição a que me propunha.

Sobre isso eu trato na seção *Escrevi a carta sem esperança. porque o povo diz que a gazeta não gosta de negro. mas mesmo assim... arrisquei. quem esta perdido não escolhe caminho: Itinerário metodológico*. Ainda nesse percurso vivi muitas dores, como mais ataques raciais, mais precisamente de auto rejeição, se eu entender que partiram de uma mulher do sul, atualmente residente em Salvador, que se define negra. Eu ainda assumi, ao longo desse percurso, um cargo de confiança na instituição em que trabalho e, por conta, de assédio moral, ações recorrentes e abusivas, o que eu me recusava a ser submetida por uma chefe hierárquica, esta que se denominava uma mulher negra, ela me exonerou do cargo. Naquele momento, eu tinha chegado a uma fase da minha vida de aprendizado a me respeitar, o que eu não fazia e por isso fui muito violentada moralmente ao longo da minha vida. Isso tinha a ver com a minha autoestima, autoconhecimento, autocuidado. Quando eu me iniciei no candomblé e, especialmente após minha obrigação de três anos, muita coisa começou a se alinhar na minha vida e não aceitar mais determinadas práticas contra a minha pessoa era parte disso. A terapia também foi um fator primordial nesse processo. Ambos têm me ajudado a rever, entender e decidir muito de mim. Então, quando aquela ex-chefe disse que eu deveria anular meus filhos, meus estudos para dar conta de demandas, para além do que a minha função exigia, eu não aceitei. E isso ocasionou meu desligamento da função. O que mais me causou decepção foi a falta da rede de apoio diante de uma atitude tão cruel, pois a minha dedicação profissional por um ano sem receber pelo cargo foi simplesmente ignorado por um ego tão vil. Confesso que esse episódio me causou muitos gatilhos àquela época. Muitos. Porém, o fato de hoje conseguir falar isso sem derramar uma lágrima, o que até algum tempo era impossível, é um sinal de cura. Hoje lido com consequências materiais e psicológicas desse episódio de uma maneira menos ressentida e mais desprendida, pois conscientemente entendo agora que nunca foi sobre tudo o que eu ofereci a minha instituição. Tenho aprendido inclusive a lidar com essa relação, que era muito mais emoção do que razão, e que interrompeu muitas ações na minha trajetória. Porém, novamente com ajuda profissional, até o meu emprego teve sua rota recalculada na minha existência.

Ressalto todas essas questões porque o racismo, em suas mais variadas facetas, ganha uma proposta de sofisticação cada vez mais difícil de ser combatido. Para uma mulher negra como eu, candomblecista, periférica, que acessa espaços em que tem de provar o tempo inteiro que é capaz (por mais que eu não queira!), precisa registrar que chegar ao fim de uma etapa como essa nem sempre acontece de forma leve e linear. Aliás, quase nunca! Registrar esses percalços está longe de ser uma tentativa de vitimização, até porque, se os detalhes vierem à tona, ninguém, em nenhuma hipótese, quer esse protagonismo carregado de dor e de incertezas.

Ao contrário, o registro nos coloca em alerta quanto às minúcias de um sistema que não ‘cansa’ de tentar nos eliminar.

Em 15 de julho de 2022, eu perdi meu pai. O meu exemplo, o meu amigo, meu confidente. Somente três vezes desde a sua morte eu consegui chorar: no dia do seu enterro, no aniversário de vida dele, 19 de novembro, e agora enquanto escrevo essa tese. Eu não consegui que meu pai me visse tornar doutora. As circunstâncias não permitiram. Por vezes, me agredi referindo-me como incompetente. E uma voz me dizia: você só venceu todas essas vezes, olhe direito, reveja, respeite seu momento. E assim, ainda que por vezes eu conteste essa voz, tento ouvi-la num exercício nada fácil de realizar, o de autoamor.

Agora, nesse momento que escrevo esse preâmbulo observo que a minha tese estava pronta há muito tempo e que tudo o que será apresentado foi muito mais do que eu havia prometido lá no início e registrado no projeto. Claro que a cobrança excessiva de uma pessoa com TDAH diagnosticada, ansiosa em tratamento, não me permite aceitar que o apresentado é suficiente e foi cumprido. E aí que me encontro com as palavras da minha sujeita de pesquisa e as de tantas mulheres não-brancas majoritariamente com quem de alguma maneira cruzei nesses anos todos, porque elas me acolhem e me dizem que nada precisa ser estanque, suficiente: precisa ser entendido, absorvido, respeitado, devidamente mencionado, reconhecido e levado adiante. É assim que se produz um legado. É assim que lutamos contra uma das principais ferramentas coloniais: o esquecimento, que tenta incansavelmente nos sucumbir. Esqueçamos o nome dos nossos algozes, eles não precisam ser lembrados; suas práticas, sinalizadas, para que saibamos como lidar com elas e combatê-las para que nunca mais sejam repetidas. Lembremos daqueles que nos antecederam e de diferentes formas abriram o caminho para que pudéssemos passar. Honremos isso!

3 “AGORA QUANDO OS MEUS FILHOS PEDEM PARA EU CONTAR-LHES UMA HISTORIA INICIO ASSIM: OUVI UM TEMPO MEUS FILHOS QUE O POVO DO BRASIL ERA FELIZ”⁵: CORPOS (E NÃO APENAS MÃOS) QUE ESCREVEM A HISTÓRIA

Selecionar e estabelecer um título para essa seção foi tão difícil quanto começá-la, quanto desenvolvê-la e, principalmente, quanto terminá-la; e assumir isso, ainda que pareça um “tiro no meu pé”, é proposital quando o objetivo primeiro é refletir sobre a história da escrita de mulheres negras. Todavia, se deixo de lado toda e qualquer forma de julgamento, percebo que tratar da história, seja ela qual for, não é uma tarefa com princípio, meio e fim. Porém, algo que necessita muitas discussões em razão das muitas pontas ainda soltas.

Reservo esta seção para falar da história da cultura escrita de mulheres negras, assunto ainda pouco levantado na literatura específica. A motivação para a construção desse espaço se faz necessária porque Carolina Maria de Jesus e *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* se colocam como importantes na história da leitura, da escrita e do livro no Brasil. Entretanto, localizá-los na História⁶ é ainda uma tarefa complicada pelo fato de faltar material bibliográfico e academicamente legitimado que consubstancie a temática. Com isso, proponho aqui traçar caminhos para pensar a história das mulheres e, mais especificamente das mulheres negras até a sua localização na história da cultura escrita no Brasil que, se não fechar lacunas ainda existentes ao longo do tempo, contribui para enfrentar o tormento do silêncio nos registros em torno dos nossos e das nossas.

3.1 “DEVEMOS IDUCAR O NOSSO PENSAMENTO PARA O BEM PORQUE NO MUNDO, SO TEM VALÔR AS INTELIGÊNCIAS INOFENSIVAS”⁷: UM POUCO DO PENSAMENTO ACERCA DOS MOVIMENTOS DE MULHERES

O texto presente nos manuscritos apresenta Carolina M. de Jesus como uma intelectual escritora que transcende os ditames sociais pré-estabelecidos. Numa proposta histórica, ela antecipou debates que somente décadas posteriores vão ganhar projeção em nossa sociedade. E o que ela faz é, dentre outras práticas, relatar seu cotidiano projetado num coletivo que era a comunidade em que vivia, lincando também ali os comportamentos das pessoas que a

⁵ Jesus, 1958.

⁶ Ao escrever História com “H” maiúsculo refiro à ciência tradicional, acadêmica.

⁷ Jesus, 1958.

circundavam. Neste limiar, ela ponderou questões diretamente concernentes à mulher, especialmente aquela vinda das classes sociais menos abastadas, e seus atravessamentos sócio-econômico-político-culturais. Nesta prática de Carolina de Jesus se confirma um movimento de/por sobre-vivência da mulher num território social ainda desigual e sendo ela ainda essa estrutura de sustentação. Sem nomes e sem defender qualquer bandeira de movimento político de mulheres, Carolina M. de Jesus desenha as demandas do ser-mulher. Ainda: os registros de Carolina de Jesus como postos confirmam a importância da memória e de uma memória sob um olhar desde dentro e a partir de uma indivíduo fundante dessa estrutura social, pois ela faz parte das maiorias minorizadas que muitas vezes têm suas narrativas contadas em terceira pessoa, como se apresento a seguir:

Quando eu cheguei aqui na favela os meninos já havia retornado da escola. Iam vender gibi para arranjar dinheiro e comprar bombinhas. Eu lhe repreendi porque a Dona Maria esta doente Mas êle sorri. indiferente a dôr que deve estar sentindo a Dona Maria. O mundo foi, é, e será sempre assim. Entra-se no mundo chorando. E sae gemendo. E enquanto vive-se, ha de sofrêr dor física, e moraes. Mas o pior sofrimento, é a fome. será que os poderosos não percebem que com os preços exagerados a pobrêsa não pode alimentar-se. com a desnutrição, crêio que, vae surgir uma epidimia de turbeculose geral

Quem sabe que a deficiência alimentar derriva a turbeculose são os médicos. Os archiatros porisso temos dôis médicos politicos. Dr. Adhemar de Barros e Dr. Juscelino Kubsticheque

Em 1890, o povo falava e comentava na Monarquia extinta: Discutiam para saber qual dos homens eram mais eficiente para dirigir a Nação. Se era advogado, médico ou engenheiro. Optaram pelo advogado que conhece lêis.

E nas épocas elêitoraes os advogados tinham mais chance de vencer. perço que a patria evolue mais, o dinheiro não decae, a turba não lamenta quando o poder e confiado a um advogado. O advogado suplanta o médico na adiminis tração do paiz. Um médico não tem conhecimento economico e um paiz dirigido por um médico, esta sugêito a banca rôta. Quando o Brasil foi adiministrado pelos advogados, êles não deixavam os preços dos generos de primeira nessecidade elevar-se. Dizia os custo de vida, tem que ser ao alcance de todos. Dizia: porque sinão, a canalha rica vive-se e a canalha pobre, definha-se.

Eu acho errado êste conceito Dizem que qualquer brasileiro pode dirigir o Brasil.

Para dirigir um paiz precisa um vasto conhecimento geral. conhecer agricultura, que e o essencial economia cambio. puericultura

Não é so visar os altos poderes para preencher a historia viajar e sentar-se ao lado das rainhas. E preciso ver as condicoes deficientes do paiz. Quem promete e não cumpre, tem duas faças.

Não devemos decepcionar as pessôas de bôa-fé. E o povo do Brasil esta decepcionado. E nas das favelas deixamos de crer nas promessas. (Jesus, 1958)

Em entrevista a Claudemira Vieira Gusmão Lopes (2020), o professor Jayro Pereira de Jesus discute o processo de enviesamento perpetrado pelo colonialismo e como o trabalho de descolonização do pensamento requer um exercício muito mais profundo e que envolve um projeto afropedagógico e afrocentrado de cunho ancestral da filosofia como atuante no

comportamento existencial capaz de reontologização fundamentada no ‘nós’, no coletivo. É com base nisso que o professor Jayro Pereira levanta três questões que considero cruciais para pensarmos a história da população negra e seus desdobramentos ainda hoje: “O que eu fui ou o que éramos (África pré-colonial)? O que fizeram de nós (no colonialismo)? O que poderíamos voltar a vir a ser na decolonialidade?” (Lopes, 2020, p. 284)

Esses questionamentos o levam a outra questão e a contestar uma frase engessada na tradição:

Tudo isso me levou a outra questão que me atormentou durante muito tempo: a impressão de que nós negros sobrevivemos na diáspora em meio a uma incompletude civilizatória. Fui buscar respostas na filosofia Ubuntu que não é cartesiana, não “penso logo existo”, “eu penso e logo me lembro dos que me antecederam, dos que estão aqui hoje e dos que haverão de vir e é por isso que eu existo lendo filósofos e teóricos africanos como Mogobe Bernard Ramose, Marcien Towa, Kabengele Munanga, Achille Mbembe. (Lopes, 2020, p. 284)

Sim. Não é possível pensar a história da população negra reverberando a História Tradicional que se pauta dominante e, portanto, europeia, patriarcal, colonizadora. É partindo disso que entendo a necessidade de (re-)constituir uma história que foi contada por muitos séculos na terceira pessoa. O que quero dizer com isso é que as narrativas sobre os africanos e afrodescendentes sempre partiram da ótica brancocêntrica, europeia, negando-lhes toda a sorte de registros, de voz e de perspectiva. É o que o próprio Jayro Pereira, inspirado em Joana Gorjão Henriques, vai chamar de *arrastão ideológico*, ou seja, “uma contaminação de mentalidades de todos os quadrantes e durante séculos, e de tal forma que até hoje se verificam seus efeitos” (Lopes, 2020, p. 287)

Se começar a entender a cultura do povo negro pela devastação, qualquer história é progresso. E é daí a importância de conhecer a trajetória dos nossos descendentes no período pré-colonial, uma vez que os destroços do colonialismo viraram modos de comportamento. É necessário, ao passo que trato do colonialismo, retornar, sempre que possível, e a partir das peças que encontro, ao início (África pré-colonial) como o caminho para pensar como a estrutura aloca o povo negro.

Parto do pressuposto que a mulher negra é o útero da humanidade, é a força motriz do movimento do mundo e sua história ainda é marcada por muitas lacunas e especialmente pela **simplificação** que atua como uma violência epistemológica e fatores direcionados a sua condição evidenciam essa atitude. Ao acessar os estudos sobre a História das Mulheres, percebo já uma significativa produção que comporta o caminhar do movimento de mulheres em perspectiva histórica, mas de um grupo peculiar, uma vez que a situação específica das mulheres

negras escravizadas permanecia incompreendida, ou melhor dizendo, tratada como menor e, por esta questão, muitos elementos nela contidos vistos de maneira irrelevante.

Entretanto, para localizar as mulheres negras, falo inicialmente dessa história de mulheres tão bem demarcada pela História Tradicional. E, ainda que digam que a História de Mulheres se equipara à História vista de baixo, posso dizer que há uma segregação interna em que as mulheres negras sequer são abordadas.

Margareth Rago (1998) lembra que, nos anos de 1980, Michelle Perrot se perguntava se era possível escrever uma história das mulheres. Sua dúvida e indagação, segundo Rago, advinham da interpretação de que colocar em questão o sujeito mulher era privilegiar um sujeito universal, tal como a ciência ocidental fez, desde sua gênese, com a categoria homem.

Desde então, estudos e discussões têm levantado que é possível escrever sobre as mulheres, diferenciando-se do que está posto no método como propõe: sem dúvida alguma, a necessidade de questionar a universalização do sujeito mulher e com as mulheres assumindo a autoria de tal escrita e que esta deve ser feita a partir de problematizações que considerem as relações entre homens e mulheres.

Antes de avançar na pauta sobre a história da história das mulheres, é importante lembrar que a História enquanto ciência, especialmente para os profissionais do século XX:

é o conhecimento do passado obtido por meio de investigação desinteressada e imparcial (o interesse e a parcialidade são a antítese do profissionalismo) e universalmente disponível para quem quer que tenha dominado os procedimentos científicos requeridos. (Scott, 2011, p. 73).

Isto quer dizer que acessar a história compete a quem tem este domínio de posse somente àqueles ditos profissionais e com capacidade de juízo. Este domínio não vai implicar estratégia ou poder, mas educação e treinamento. Quem exerce a função de historiador tem a responsabilidade de ser guardião daquele conhecimento. Essa guarda e esse domínio são a base para a autonomia e para o poder de estabelecer o que é entendido como conhecimento e quem o possui. (Scott, 2011, p. 73) Por outro lado, de início, era evidente a tendenciosidade entre historiadores das mulheres. Não se tratava de uma defesa da distorção dos fatos ou apagamento de informações em favor da “causa” profissional, até porque grande parte destas estudiosas não rejeitavam o saber. Pelo contrário: aceitavam as leis acadêmicas e buscavam estabelecer-se enquanto intelectuais. Munidas de boa linguagem, exatidão, investigação, evidências, elementos necessários para transitar entre seus pares, ganhavam posição dentro do campo da história e concomitantemente buscavam desafiar e contrapor aquelas regras, na tentativa de fragilizar os argumentos para a constituição da disciplina e os métodos e as condições para a

produção do conhecimento (Scott, 2011, p. 76). A partir daí, forjava a sua presença contestando os padrões profissionais e a figura única do homem branco para representar o historiador. Junto a isso, essas estudiosas começam a levantar questões inquietantes sobre as hierarquias, as bases, as hipóteses do fazer histórico.

Por longo tempo, a moderna historiografia ocidental localiza o homem branco como sujeito e a mulher entra como um dilema da diferença. É então nesse contexto que surgem mulheres inseridas em grupos acadêmicos que vão problematizar a produção de conhecimento, entre as décadas de 1930 e 1970, a partir de um viés crítico, produzindo os chamados estudos feministas ou estudos das mulheres.

O lugar das mulheres no processo histórico condiciona-as a rever sua ausência e reivindicar visibilidade que lhes permita também ocupar o lugar de sujeito nas narrativas históricas, ou ao menos tecer reflexões sobre o que aconteceu (ou foi importante) no passado. Solicitar esse tipo de debate implica desconstruir padrões solidificados, sob óticas jamais expressas. Nesse contexto, a história das mulheres investiga signos e significados de fatos estabelecidos e revisa a centralidade do homem na cena histórica em oposição à mulher. Ainda nas palavras de Scott:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da “história”, investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história — o Homem universal. (2011, p. 80)

Essa crítica à historiografia ocidental redireciona o olhar para diversos questionamentos levantados por estudiosas como Rago, Scott dentre outras. A começar por pensar, quais processos levaram a estabelecer como norma as ações dos homens, enquanto que a das mulheres foram subestimadas, subordinadas ou até mesmo menos importantes? Sob qual referencial o homem é o agente histórico primário? Os termos “história” e “historiador” permitem quais tipos de comparação?

O que se certifica é que a história designou à mulher o papel de sujeito histórico adicional. No entanto, a quantidade de informações sobre as mulheres no passado força sua integração na história-padrão. É essa abertura do campo social, permitindo um novo tópico que vai impulsionar o estudo sobre as mulheres. O campo pluraliza objetos de investigação histórica, promovendo grupos sociais como camponeses, professores, escravos e mulheres à condição de sujeitos históricos.

A mulher, antes sujeito adicional, é colocada em locais de trabalho e organização política, fomentando novas instituições (família e cuidados do lar) e cenários dignos de observação e estudo. Nesse momento, a história das mulheres se centra na “cultura das mulheres”, proporcionando uma tradição histórica em que as feministas poderiam recorrer, como possibilidades de atividades das mulheres, ao fazer histórico para evidenciar sua competência.

É desta maneira que, na década de 1960, ativistas estadunidenses requerem uma história que apontem heroínas e que também expliquem a opressão e inspiração para a ação. Atendendo ao chamado da história, as acadêmicas investem sua erudição numa atividade que dialogue a intelectualidade com a política, uma ligação óbvia, porém extremamente complexa.

Alguns anos depois, na segunda metade de 1970, as estudiosas se afastam da política. Seu olhar se volta para documentar todos os aspectos da vida das mulheres no passado. Surgem aí muitos estudos monográficos e muitos artigos, emergindo controvérsias internas. Nos EUA, o ingresso das mulheres nos estabelecimentos de ensino superior possibilita o avanço de diálogos interpretativos e com a manifestação de autoridades intelectuais um novo campo surge, distanciando-se da luta política.

Por fim, na década de 1980, o desvio para a discussão de gênero gera a ruptura definitiva com a política e permite ao campo o seu próprio espaço. Nesse contexto, o gênero é tratado como um termo neutro e a história das mulheres como campo de estudo vai envolver uma evolução da política ao gênero, proporcionando um resgate da história. Esse movimento culmina na emancipação das mulheres, quando afirma a sua natureza e experiência. A constante agora é observar a diferença como problema a ser analisado. O interesse não era apenas a história, mas também no que as agências públicas estavam interessadas naquilo que os estudos históricos lançam sobre a política contemporânea no que diz respeito às mulheres. Isto porque não se trata apenas de algum espaço a elas nas histórias estabelecidas, mas de requerer sua presença para corrigir a história.

A compilação de dados sobre a história das mulheres no passado vai marcar a insistência de que as periodizações não funcionavam. Torna-se evidente que as mulheres influenciavam os acontecimentos e tomavam parte na vida pública, além de ter sua vida privada uma dimensão pública política. As atividades domésticas, bem como aquelas realizadas fora do ambiente domiciliar, começam a ser analisadas de maneira a considerar operadores que revelam as particularidades do sujeito mulher. Esses mesmos operadores tornaram explícita a necessidade de revisar o sujeito histórico enquanto universal e o argumento de que toda a história estava sendo contada é totalmente desfeito.

Nos Estados Unidos, extraído tanto das gramáticas quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados a homens e mulheres, as feministas vão utilizar o gênero como um termo para teorizar a questão da diferença social enfatizando as suas conotações sociais em contraste com as conotações físicas do sexo. Ele é definido como relativo aos contextos social e cultural e assim é possível pensá-lo em termos de diferentes sistemas de gêneros e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como a mudança. (Scott, 2011)

Resumidamente, é percebido que o gênero é usado para analisar as diferenças entre os sexos, posteriormente as diferenças dentro da diferença. Neste último caso, surge um debate sobre articular o gênero como categoria de análise.

Os sistemas ou estruturas de gênero presumem uma oposição fixa entre homens e mulheres e identidades separadas para os sexos que operam em todas as esferas da vida social. Trata-se aí de uma ampliação da História das Mulheres, cuidando dos relacionamentos e sobre como o gênero é percebido, quais processos envolvem as instituições geradas dessa análise e como as diferenças de raça, classe, etnia e sexualidade produzem algum efeito nas experiências históricas. Ao mesmo tempo, um conjunto de problemas se segue ao reconhecimento das diferenças entre as mulheres. Scott (2011) lista esses questionamentos e assim tem: havendo tantas diferenças, o que poderia ser o campo comum para pensar uma ação coletiva coerente? Qual o elo conceitual para a história das mulheres ou para os cursos de estudo das mulheres, entre o que parece ser uma proliferação infinita de diferentes histórias (de mulheres)? Os dois problemas estão ligados: será que há uma identidade comum para as mulheres? Será que há uma história delas que possa ser escrita?

É necessário remodelar os termos antes de alocá-los. Citada por Scott, Denise Riley afirma que a categoria, a identidade e a experiência das mulheres são instáveis porque são historicamente variáveis e ainda traz outros questionamentos necessários: Quais os campos para mobilização política? Como escrever uma história coerente de mulheres sem uma ideia determinada e compartilhada que são as mulheres? (Scott, 2011, p. 94) A política, a seu ver, é pensada e organizada com categorias instáveis, mas, como fazer isso, é algo que ainda demanda discussão.

As introyecções vêm da reflexão delas mesmas, ou seja, das experiências de mulheres, das contradições que sentem entre as diferentes maneiras em que foram representadas até para elas mesmas, as injustiças suportadas nas diversas situações. A boa teoria encara mulheres e sua experiência gera questões.

Até aqui todo esse olhar se volta para o grupo de mulheres brancas! Ainda que Scott mencione outros grupos dentro do grupo das mulheres, essa história que retorna do diálogo com a política ainda silencia grupos vistos como ainda mais subalternizados, entre eles o de mulheres negras. Todo o aporte, como podem ver, centraliza o debate para a branquitude e é a partir dessa perspectiva que concordo com a filósofa Angela Davis que afirma que, em meio a toda a atividade intelectual existente, a situação específica das mulheres negras escravizadas ainda permanece incompreendida. Dou um salto para retornar posteriormente, já pensando nas estudiosas negras, Collins (2019) aponta que mulheres afro-americanas, indígenas e asiáticas-americanas denunciam os feminismos ocidentais de racismo e preocupação excessiva com mulheres brancas de classe média. Mais ainda, muitas pesquisadoras feministas brancas são resistentes a mulheres negras como colegas de profissão. Isso se reverbera no apagamento histórico das ideias de mulheres negras que influenciou as teorias feministas. Omitir é um padrão de supressão, nas palavras de Collins (2019), que aponta elementos que usam o padrão branco como referência para tratar a ideia de existência das mulheres. E ela completa:

A ausência das ideias feministas negras nesses e em outros estudos colocou-as em uma posição muito mais frágil para desafiar a hegemonia da produção acadêmica dominante produzida em nome de todas as mulheres.

Outro padrão de supressão consiste em defender no discurso a necessidade de diversidade, mas mudar pouco a prática. Atualmente, nos Estados Unidos, há mulheres brancas com grande competência em pesquisas sobre uma série de questões que reconhecem a diversidade como necessária, mas omitem as mulheres de cor de seu trabalho. Essas mulheres alegam que, por não serem negras, não são qualificadas para compreender ou mesmo falar sobre “as experiências das mulheres negras”. Outras abrem espaço para algumas vozes negras garantidas, “escolhidas a dedo”, para não serem acusadas de racismo. Esses dois exemplos refletem a relutância de muitas feministas brancas estadunidenses em alterar os paradigmas que norteiam seu trabalho. (Collins, 2019, p. 37)

Essas justificativas são, a meu ver, estratégias para perpetuar o silenciamento exercido pelas mulheres brancas, não apenas nos Estados Unidos, mas em várias outras partes do mundo, inclusive no Brasil. A inserção de mulheres intelectuais, sob a ótica academicista, ganha contornos muito recentes e toda a narrativa contada até aqui diz respeito a uma porção intelectual tradicional que se pauta como iniciada na América do Norte já nos séculos XIX e XX.

Carolina Maria de Jesus é um exemplo pontual para tratar disso. Primeiro porque se trata de alguém que foge ao padrão academicista. Apesar da diversidade de gêneros que escreveu, sempre teve sua escrita criticada em razão da sua pouca escolarização formal. Não foi por muito tempo categorizada como intelectual porque, além da questão escolar, não tinha nenhum texto

de ordem ensaística ou não-literária. No entanto, é importante lembrar que Carolina M. de Jesus teve sua narrativa, por muito tempo, contada em terceira pessoa, a partir de um texto editado por um indivíduo que carregava todas as características opostas a ela: homem, branco, de classe média alta, com alto nível de escolarização e de significativa influência social. E, quando a recepção reverbera essa versão da sua história, pode também reforçar estereótipos. Todavia, quando acessamos fontes históricas mais próximas de suas autorias vamos encontrar elementos importantes para a re-constituição de narrativas, para o fechamento de lacunas. E é nesse contexto que *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, numa leitura a partir dos manuscritos, se faz potencialmente denso: não é possível simplificar a força do registro pessoal de sua autora. Isto porque há ali um conjunto informacional que debate a sociedade como um todo, em caráter historiográfico, complexo e sob uma perspectiva ainda inédita, com a verbalização de uma partícipe de um grupo que teve o silenciamento, a ocultação da verdade e a dissimulação como ferramentas para a perpetuação da igualdade e dos direitos à pessoa.

Eu hei de orientar o povo para deçepar o pescoso da vaidosa democracia ou demagogia
O Brasil e predominado pelo branco rico e o dinheiro envaideçe e a pobrêsa esclareçe
porque e repugnante ver um semelhante comer um pedaço de carne que acha no lixo
junto com os papeis iguénicos.

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu
lia a historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. so lia os nomes masculinos
como defensôr da patria. (Jesus, 1958)

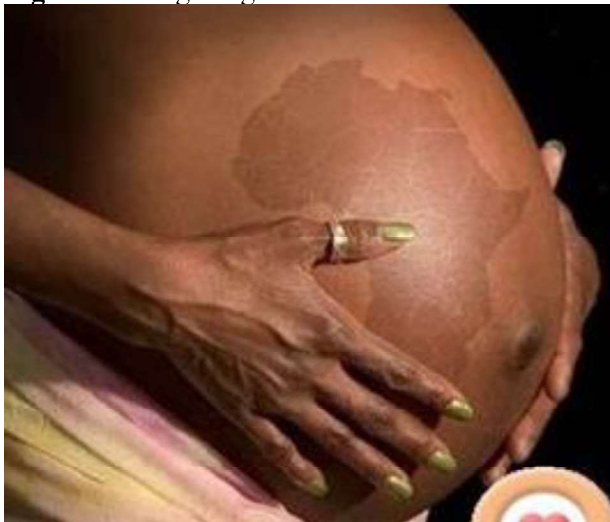
Ainda que muitas imagens de controle postas sobre Carolina M. de Jesus a tenham silenciado da história deste país, essas imagens não podem mais resistir ao conteúdo presente naquele texto marcado por sua letra e pensamento. Antes disso, até chegarmos a seu texto, volto à linha histórica para continuar o meu raciocínio sobre as mulheres no contexto histórico-social.

3.2 “QUANDO EU ERA MENINA O MEU SONHO ERA SER HOMEM PARA DEFENDER O BRASIL PORQUE EU LIA A HISTORIA DO BRASIL E FICAVA SABENDO QUE EXISTIA GUERRA. SO LIA OS NOMES MASCULINOS COMO DEFENSÔR DA PATRIA”⁸: ENTRE O LEGÍTIMO E A HISTÓRIA (NÃO-) CONTADA DE MULHERES NEGRAS

Conforme fiz questão de apresentar, o resumo mostrado na subseção anterior não traz nenhum dado envolvendo as mulheres negras e essa percepção corrobora afirmações de muitos estudiosos e estudiosas quando expressam que, em meio a toda a atividade intelectual emergente, a situação específica das mulheres negras escravizadas ainda é uma carência no Brasil e no mundo.

Os estudos sobre o período escravagista trazem esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres em busca de emancipação. Deste lugar de observação, olho ainda mais remotamente e penso no comportamento das sociedades de onde as escravizadas foram arrancadas e entendo como se dava a organização pré-colonial dos povos africanos. Por isso, um reexame da história das mulheres negras durante esse período é pontualmente urgente.

Figura 1 – Negra e grávida: ainda mais invisível!



Fonte: Centro Pastoral Afro Pe. Heitor - CENPAH, 2013 (<https://cenpah.wordpress.com/>)

Pensando que tal período centraliza a força de trabalho e que as mulheres negras historicamente trabalha(va)m mais fora de casa do que as brancas, deve-se considerar que as mulheres negras na condição de escravizadas tinham todos os demais aspectos de sua vida ofuscados pelo trabalho compulsório. Nesse contexto, o povo negro era definido unicamente

⁸ Jesus, 1958.

como propriedade no sistema escravista. A mulher escravizada era integralmente uma trabalhadora para seu proprietário, e apenas ocasionalmente mãe e dona de casa (Davis, 2016).

O que Angela Davis apresenta como narrativa histórica em território estadunidense não difere em grande escala do que ocorre no território brasileiro durante o período. No entanto, sem expectativa de vitimização, as consequências para o Brasil são ainda mais agressivas, se for pautado especificamente que, ao contrário de lá, aqui existe uma maioria minorizada anulada e violentada pela estrutura dominante que coloca, mulheres e homens negros, como sujeitos desidentificados (Santos, 2020) e com perspectiva de emancipação ainda no plano da utopia. Parto da ideia de que negros alcançaram em 1888 legalmente a liberdade, mas não a cidadania, dentre outras questões, pelo fato de uma lei tão ressequida não apontar caminhos para a construção de políticas de cidadania pelas quais o povo negro luta até hoje.

Para a filósofa brasileira, Sueli Carneiro, o que é possível considerar história ou reminiscências do período colonial:

permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres. (Carneiro, 2019, p. 313)

Se por um lado, há uma força ideológica que localiza a feminilidade branca do século XIX deferindo o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa dedicadas a seus maridos; por outro lado, as mulheres negras eram praticamente vistas como anomalias. Em outras palavras, essas mulheres escravizadas dispunham de benefícios duvidosos no limite dessa feminilidade. Assim sendo, o que se tinha era uma típica trabalhadora doméstica (cozinheira, arrumadeira ou *mammy*) na casa grande. Ali, eram incumbidas do cuidado das crianças de seus proprietários, provendo-lhes todo o cuidado de saúde, higiene e alimentação, quando não realizando outras tarefas da casa. Muitas escravas trabalhavam na lavoura. Historicamente, nesse ambiente, elas eram obrigadas a inserir suas crianças, colocando-as no chão perto de seus olhos, quando não havia a possibilidade de deixá-las com crianças maiores ou idosos que já não mais exerciam a força de trabalho por conta da idade ou de enfermidades adquiridas em razão dessa. Penso que esta é uma situação que não mudou, convertida e significada nos índices de trabalho infantil os quais ainda são muito altos em lavouras e cultivos que subsistem grandes empresas. Sem falar de que essas negras mulheres eram ainda as que geravam a mão-de-obra que sustentava a economia ou as geradoras da própria economia,

levando em consideração o escravo como forte moeda econômica de determinada época histórica.

Tal como revela Sueli Carneiro (2019), quando é ressaltado o mito de fragilidade feminina não inserem nesses grupos as mulheres negras, pelo fato de elas sofrerem opressão idêntica aos homens (Davis, 2016). No entanto, considere que, mesmo partindo do pressuposto de que os homens são os alvos diretos e principais do genocídio, por conta de estar centrado neles o fenômeno de perpetuação da espécie (Welsing, 2004), essas mulheres experimentavam o sofrimento de maneira diferente porque, além dos maus tratos que só poderiam ser imputados a elas, tinha ainda o abuso sexual (Davis, 2016)⁹.

Inicialmente, as mulheres não eram alvos de exploração, uma vez que o valor de mercado se centrava nos homens. Com a escassez de trabalhadores e o baixo número de mulheres negras, os latifundiários incentivam, persuadem e coagem imigrantes brancas a se relacionar com homens negros com o objetivo de gerar novos trabalhadores. Em 1664, é aprovada a primeira lei contra a mestiçagem, buscando reduzir as relações sexuais entre mulheres brancas e homens negros escravizados. hooks¹⁰ traz no preâmbulo do seu texto acerca do documento:

Que qualquer que seja a mulher nascida livre a se casar com qualquer escravo, a partir e depois da data da presente assembleia, deve servir aos senhores desse escravo durante a vida do seu marido; e que todas as crias dessa mulher nascida livre, assim casada, sejam escravizadas, assim como seus pais foram. (hooks, 2019, p. 38)

A lei é revogada, após a sociedade sentir-se chocada com o destino das mulheres brancas e uma nova lei declarava que os frutos desses relacionamentos interraciais seriam livres. Por outro lado, a mulher negra é vista por outro ângulo. A postura dos proprietários é de que poderiam lucrar com as escravizadas. Diferente do ocorrido com as mulheres brancas, os filhos de negras escravizadas eram legalmente escravizados, independente da raça de seu parceiro, em razão disso, propriedade do dono da mulher escravizada. Isso fortalece o valor de mercado das mulheres negras e quanto maior o valor econômico, mais eram roubadas e submetidas à escravidão. Ainda que descendentes de reinados africanos eram igualmente alvos dos latifundiários; e, tamanha a sujeição das mulheres negras, que estudiosos brancos sobre a

⁹ Não estou aqui reivindicando quem sofria/sofre mais violência, se homens ou mulheres negras, até porque entendo que há situações em que um se sobrepõe em relação ao outro a depender do contexto de opressão. Todavia se sabe que violência nunca foi privilégio.

¹⁰ Sobre o nome de bell hooks ser empregado em letra minúscula: tal atitude surge a partir de uma postura da própria autora que criou esse nome em homenagem à sua avó. Ela o emprega em letra minúscula como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa. O presente estudo respeita a escolha da autora nesta e nas demais seções.

cultura africana dos séculos XVIII e XIX se horrorizavam com o contexto, no qual eram utilizadas como atrativo para capturar mais e mais escravos.

A relação dos latifundiários com as mulheres era pautada na conveniência: quando era lucrativo explorá-las tal como os homens, eram vistas como desprovidas de gênero, todavia quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, eram reduzidas à condição de exclusivamente fêmeas. Enquanto mulheres, eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coação sexual, desde açoitamentos, mutilações e estupros. Esta era uma forma intensiva de domínio econômico, desde o proprietário ao feitor. (Davis, 2016) Não muito diferente, os dados no Mapa da Violência 2019 colocam as mulheres negras ainda hoje como alvos principais de violência, alcançando 66% do total de assassinatos no território brasileiro. Dentro dos limites do sexo feminino, enquanto o grupo das não-negras aumentou 1,6% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios das negras cresceu 29,9%¹¹.

O trabalho desempenhado pelas mulheres exploradas ocorria não apenas no trabalho doméstico, como também nas lavouras, chegando a ocupar $\frac{1}{3}$ da carga humana transportada para o “Novo Mundo”.

No momento de transporte, essas mulheres não eram consideradas ameaças e elas não ofereciam resistência. Se, com os homens negros, os comerciantes temiam possíveis rebeliões mantendo-os acorrentados, com as mulheres exerciam total poder, sendo violentos e explorando-as sem qualquer receio de retaliação. Nos navios, elas eram alvos constantes de abuso físico e sexual e de torturas. As manifestações de violência contra os escravizados eram as mais cruéis e dolorosas: chicotadas, açoites, marcas de ferro quente e outras torturas, pelos motivos mais banais. A nudez feminina, por sua vez, era uma razão da vulnerabilidade feminina: elas ficavam sem roupa nos navios.

Os abusos infligidos às escravas facilitavam a exploração econômica de forma cruel do seu trabalho. Segundo Davis (2016), as exigências dessa exploração levaram os proprietários de mão-de-obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto por interesse de repressão. Do mesmo modo que as mulheres negras não eram vistas como mulheres, no sentido estrito da palavra, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros, já que todos eram igualmente submetidos à autoridade do feitor. Se isso ocorresse, uma ruptura na estrutura de comando verticalizada estaria ameaçada. Assim como as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não eram vistas como o sexo frágil ou donas de

¹¹ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, **Atlas da Violência**, 2019.

casa, os homens negros não podiam almejar a função de chefes de família, menos ainda de provedores, pois tanto eles quanto mulheres e crianças eram igualmente provedores.

O estupro era uma arma de dominação, de repressão, cujo principal objetivo subentendido era aniquilar o desejo das escravas de resistir e também desmoralizar seus companheiros. Apesar de não estar explícito em registros oficiais, o estupro era socialmente aceitável. Alguns estudiosos vão tratar disso, lembrando-o tanto na ditadura militar quanto em guerras como a do Vietnã. Naquela como método de tortura física e psicológica, como política de Estado; nessa, ao encorajar jovens soldados a estuprar vietnamitas, forjou-se uma arma de terrorismo político de massa. As mulheres eram revistadas com o pênis, ou seja, eles utilizavam para penetrá-las e, sob o artifício da certeza de que não tinham nada escondido em lugar nenhum do corpo. Um estupro executado como busca. Elas eram notabilizadas por sua contribuição heroica à luta de libertação de seu povo, a retaliação militar destinada era o estupro.

Assim como o estupro era uma forma de agressão ao povo vietnamita, os proprietários usavam do mesmo recurso para com as mulheres negras, toda vez que lembrassem da própria força ou pensassem em resistir, e assim os violentos abusos sexuais fariam com que elas lembrassem da sua condição de fêmea (Davis, 2016, p. 37) O que ressalto aqui é que essa prática foi minimizada na literatura tradicional sobre a escravidão e ainda hoje não tratam a alta incidência de violência e coerção sexual como uma demanda urgente. Utilizam-se do termo “miscigenação” para mitigar a exploração sexual e até mesmo dizer que eram as mulheres negras que provocavam a atenção dos homens brancos. O que mudou de lá pra cá? A justificativa da roupa inadequada? O fato de estar num horário avançado da noite na rua? Trago essa questão em tempo presente para ressaltar em que medida os interesses estatais, acadêmicos, científicos e demais esferas fomentadoras de mudança contribuíram para tal. Isto porque, ao falar de um grupo específico marcado pela violência, as ferramentas de negação da violência e suas implicações, ao invés de reduzir danos e apresentar eficiências, sofisticam-se.

Os proprietários usavam um sistema de cálculo: as crianças equivaliam a $\frac{1}{4}$ da força de trabalho, já as mulheres eram uma força de trabalho completo, a menos que fossem reprodutoras ou amas de leite e nesses casos sua força de trabalho era incompleta. Os proprietários buscavam garantir que as escravas parissem tantas vezes quanto fosse biologicamente possível. Mas não as isentavam do trabalho na lavoura, em que trabalhavam grávidas ou com crianças de colo. Muitas eram obrigadas a deixar seus filhos no chão da colheita perto da área em que trabalhavam, outras se recusavam a deixá-los sozinhos e trabalhavam com eles presos às costas. É nesse contexto que uma espécie de mochila de pano é criada, conforme ilustrações 2, 3 e 4.

Figura 2 - Mãe e filho em Salvador, em foto de 1884



Fotógrafo: João Goston, IMS Coleção Pedro Correa do Lago
(<https://revistapesquisa.fapesp.br/modos-de-libertacao-e-sobrevivencia/>)

Figura 3 – Negras do Rio de Janeiro



Fonte: Johann Moritz Rugendas (<http://historialuso.an.gov.br/index.php>)

Figura 4 – Maternidade e trabalho



Fonte: Núcleo Bem Nascer (<https://www.nucleobemnascer.com>)

Como já dito anteriormente, em algumas fazendas, ocorria de as mulheres deixarem seus bebês aos cuidados de crianças pequenas ou de escravas anciãs, fisicamente incapazes de realizar o trabalho pesado. Como se não bastasse, essas mães impossibilitadas de amamentar ao longo do dia, tinha de suportar a dor causada pelo inchaço das mamas. Questionamo-nos o que mudou hoje? É importante refletir quem pode hoje ficar em casa e acompanhar exclusivamente seus bebês, ao menos nos seis meses iniciais referente ao aleitamento materno, em condições especiais e condignas de suporte.

Enquanto em suas comunidades, as grávidas tinham uma rede de apoio e cuidados, quando sequestradas de suas origens, eram obrigadas a realizar o trabalho agrícola como estavam sujeitas às chicotadas que trabalhadoras e trabalhadores normalmente recebiam se deixassem de cumprir a cota diária ou se protestassem com insolência contra o tratamento recebido. Aquelas mulheres em período de amamentação sofriam com suas mamas cheias de leite, enquanto as crianças não estavam por perto. Isso as impedia de acompanhar o ritmo dos outros e elas eram duramente espancadas, a ponto de escorrer sangue misturado ao leite que saía de suas mamas. A bordo dos navios, passavam por todo tipo de flagelo que era tanto fisicamente prejudicial, quanto desmoralizante psicologicamente. Eram espremidas em cubículos, com seus corpos expostos a temperaturas extremas. Acompanhadas de suas crianças, eram ridicularizadas e humilhadas, a ponto de ver seus filhos serem violentados assim como estes assistiam o sofrimento de sua mãe. Os navios serviram de localizador para a destituição de qualquer tipo de sentimento. Ali, mulheres eram submetidas às diversas violências, a ter seus filhos mortos, a tê-los de jogar ao mar e não chorar por isso. Mais ainda: eram sexualmente abusadas e não tinha qualquer tipo de defesa. Os homens, por sua vez, por questão de sobrevivência, tiveram de aprender o desamor. Se o amor e a paixão motivam a defesa e,

naquele contexto, a defesa poderia ocasionar seu fim, eles não tinham outra alternativa: era amar ou viver.

Com as tentativas de industrialização, o trabalho escravo complementava o trabalho livre e a competição era evidente. Como as mulheres e as crianças eram solicitadas da mesma maneira que os homens, os industriais não escondiam os motivos que os levavam a empregar as mulheres. O custo da exploração e manutenção destas era menor, em contrapartida eram muito mais lucrativas do que os homens, fossem eles livres ou escravos. Esta é outra questão que, com o passar do tempo, em nada mudou: o mercado não absorver as mulheres negras ou, quando o fazem, condicionam-nas ao grupo com remuneração mais baixa. Estas mulheres que trabalham tal como seus companheiros, de maneira masculina, foram profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Embora abaladas e destruídas, a maioria sobreviveu e nesse processo adquiriu características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX.

Com Carneiro (2019), posso listar condições que, ao pensar essa ideologia feminina, não vejo incorporadas a esse pensamento as mulheres negras. Brillantemente, a intelectual feminista Sueli Carneiro questiona que, quando se refere aos mitos da fragilidade feminina, da rainha do lar, da mulher como subproduto do homem, não se trata da mulher de pele preta a quem localizo nesse debate. Tal como posto até o momento, é possível entender que o olhar dispensado para nós, mulheres negras, é de um ser desprovido de humanidade, de sentimento, cujo gênero só nos é atribuído para desferir violência e anulação.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? [...] Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? [...] Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde em sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários de saúde pública, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde. (Carneiro, 2019, p. 314-315)

No mais, a exploração nos coisificou e, quando feministas brancas exigiram que ganhássemos as ruas e fôssemos trabalhar, a exigência não se fez coerente. Nunca vistas como heroínas ou inspiração para o imaginário brasileiro, porque a estética social vigente ainda coloca a “boa aparência” como sendo aquela branca, de traços europeizados e cabelos alisados. Mulheres negras foram violadas, humilhadas, anuladas como parte do projeto de colonização. Fizeram das nossas, instrumentos do abuso justificados desde o mito da democracia racial e o

falacioso conceito de miscigenação tão equivocadamente e violentamente tratado como louvável. Demoramos para chegar às páginas literárias e quando chegamos ocupamo-nas como vilãs e detratadoras das narrativas literárias. E isso se arrasta, no contexto editorial, pela perpetuação de obras culturais produzidas pelos brancos. Obviamente que esta é apenas uma consequência das políticas de opressão que proibiram por muito tempo o acesso à escolarização formal, o direito ao voto, a inclusão de cargos públicos, tratamentos imparciais na esfera jurídica criminal e tantos outros fatores (Collins, 2019); uma avalanche de negações que, quando liberadas, parte delas, a exemplo do acesso às escolas, estava imersa num projeto de sucateamento, fazendo com que “a educação de qualidade para mulheres negras fosse sempre exceção, e não regra”.

Localizar as mulheres negras em espaços socialmente legitimados ainda é uma luta constante que começa como reconhecer como feminina. A ideologia da feminilidade se populariza com o avançar das tentativas do momento que antecede a Guerra Civil que vai, nos Estados Unidos, estabelecer um sistema fabril. Nesse contexto, as revistas femininas e de romance ganham popularidade e as mulheres brancas passam a ser vistas como partícipes de uma esfera superada do trabalho produtivo. É quando as economias doméstica e pública, ocasionadas pelo capitalismo industrial, institui a inferioridade dessas mulheres com mais força do que nunca e as mulheres brancas se tornam sinônimo de mães e donas de casa, instaurando a perspectiva de inferioridade. Todavia, não era possível pensar o mesmo critério para as mulheres negras, por conta dos arranjos econômicos escravocratas (Davis, 2016). Uma vez que se estabelecesse essa condição entre os escravos, o padrão de dominação estaria fortemente abalado.

Recentemente, muito tem sido dito sobre o modo como os proprietários de escravizados definiam a família negra. Esta conceituada como matrilocal (Davis, 2016), em que os registros de nascimento omitiam o nome do pai, contendo apenas o nome da mãe da criança. Além de pensarmos que muitas dessas crianças eram frutos das violências sofridas pelas mulheres negras por parte de feitores e proprietários, há ainda que pensar sobre a relação de reprodução entre escravos com o fim exclusivo de multiplicação, não podendo permitir entre eles uma relação sentimental em que possibilitasse a formação de um nicho familiar. Se esses homens eram também violentamente submetidos, como já dito, a ver suas mulheres sendo violentadas e sucumbidas, eram também ensinados a não amar, pois sequer “tinha alma”, para que não pudessem rebelar-se contra o sistema que os oprimia.

Davis (2016) condiciona a valorização da capacidade reprodutiva das escravizadas à abolição do tráfico internacional de mão-de-obra escrava. Quando essa começa a ameaçar a expansão da jovem e crescente indústria de algodão, a classe proprietária de escravos se sente

forçada a contar com a reprodução natural como método mais seguro para repor e ampliar a população de escravos domésticos. Com isso, as mulheres negras passam a ser cada vez mais avaliadas de acordo com sua fertilidade (ou ausência dela), pois quanto mais parideira, mais cobiçada. No entanto, isso não lhe dava condições mais respeitáveis e dignas de existência. Estas mulheres não eram vistas como mães, mas como instrumentos afiançadores da ampliação da força de trabalho escravizada. Eram meras “reprodutoras” e calculadas com precisão a partir da sua competência/habilidade para/de se multiplicar. A maternidade lhe era negada, pois suas crianças podiam ser vendidas e enviadas para muito longe, tal como animais que eram separados de suas genitoras.

Permita-me fazer um adendo para falar dessa questão sobre o amor, buscando refletir porque este nos foi historicamente privado. Concordo com hooks (2010), quando diz que “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor”. Nossos ancestrais não saíram do período escravagista preparados para tal intenção e ação e, como aponta hooks, não é nenhuma surpresa, já que

seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor (hooks, 2010, p.2)

Ao longo do período de crueldade e violência que foi o escravagista, nossas ancestrais sabiam da impossibilidade de receber amor, por mais que assim o desejasse, mas delas nunca foram tiradas o direito a amar, especialmente seus filhos de quem brutalmente eram separadas. Esse tratamento bestial dado pelo homem branco e pelos feitores é possivelmente uma variável para pensar as relações familiares entre o povo negro. Muitos dos nossos homens seguem esse padrão hierárquico, criando espaços domésticos conflituosos nos quais os levavam a espancarem mulheres e adultos baterem em crianças, como estratégia de controle e dominação (hooks, 2010, p. 2). Daí compreendermos que a abolição não deu aos negros imediatamente a habilidade para viver o amor livremente. No contexto escravagista, reprimir emoções significava muitas vezes uma tática de sobrevivência. Um clássico depoimento é o do abolicionista Frederick Douglass que atribui a insensibilidade à morte de sua mãe à impossibilidade de ter convivido com ela¹². Ainda hoje a ideia de esconder sentimentos é atribuída a personalidades fortes. Ainda temos o racismo e a supremacia branca ancorados à nossa realidade e, nas palavras do intelectual Jayro Pereira dos Santos, “Estamos sempre

¹² Outro exemplo literário dessa reverberação da violência do período escravista no seio familiar, pode ser visto na obra *A terceira vida de Grange Copeland*, de Alice Walker.

sobrevivendo em meio as arapucas do colonialismo. Somos preto por fora, mas a nossa subjetividade, a nossa interioridade é branca e ocidental” (Lopes, 2020, p. 287) e apenas muito recentemente estamos aprendendo o amor preto como ato político e de resistência, mas ainda não o entendemos como uma travessia, na qual sua construção se dá para crescimento de si e do outro, e não como delineado pelos contos da Disney.

Isso nos faz lembrar como desde a infância é preciso aprender a “engolir o choro” para não ter uma punição ainda mais dura, a crescer sobre o ensinamento de que “o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida” (hooks, 2010, p. 4). Isso se reverbera nas relações fraturadas entre homens e mulheres, mães e filhas, irmãs. Vivemos no território do outro e não no nosso próprio, no qual a crítica vem primeiro que a aceitação. Ainda hooks (2010, p. 9): “A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior.” E como não lembrar do histórico poema de Lande Onawale “Reaja à violência racial: beije sua preta em praça pública”.

Figura 5 - Histórica capa do periódico do Movimento Negro Unificado



Fonte: Portal Medium (<https://medium.com>)

Precisamos caminhar para um processo de ressignificação, no qual o alcance desse amor envolve muitas etapas. Primeiro, ter a coragem de olhar-se no espelho; sem metaforizar, mas entendendo o conceito em torno do ato de mirar-se, e ver-se refletida no *abèbè* uma imagem com a qual não sabemos lidar (Fernandes, 2020). Nós, mulheres negras, não estamos preparadas para encarar essa imagem sem que seja sob o espectro da crítica, e o que se faz necessário é abrir mão da censura e da culpa que impossibilitam uma imagem que precisa ser compreendida

e amada. Em seguida, entender que o processo de amar envolve responder às suas questões, uma a uma, e entender o que é necessário fazer com o que vê refletido, sem repulsas, mas com acolhimentos.

No fim das contas, sem ainda termos chegado ao início pelo enredo ainda nublado que impede a publicização de nossas histórias, é preciso compreender a tecnologia potencializadora do amor que ainda não descobrimos, enquanto ato revolucionário. Se entendemos o caminho para esse amor enquanto travessia, seremos capazes de intervir nas táticas desoladoras de sucumbência do nosso povo: o genocídio, a violência doméstica, as péssimas políticas de saúde etc.

Se maternidade é um tema que vem sendo discutido com total veemência entre nós no sentido de reconstituir as fraturas que os tempos ainda não curaram, a paternidade segue uma necessidade igual. O povo negro é um grupo com forte impacto no reconhecimento nominal do pai em seus registros de nascimento. Para esse quesito, pensemos inicialmente no princípio do *partus sequitur ventrem*, no qual a criança herdava a condição escravizada de sua mãe, já mencionado aqui. Além de se tratar de uma imposição dos proprietários, eles, que eram os genitores de muitas destas crianças, poderiam ser o ponto para pensar o relacionamento entre escravizados da época. Muitos estudos de cunho histórico e sociológico sobre a família negra no período da escravidão propõem que a recusa do senhor em reconhecer a paternidade entre seus escravos ocasiona um arranjo familiar de base patriarcal constituído pela própria população escravizada. Esses estudos (Davis, 2016) vão concluir ainda que a origem da opressão era muito mais profunda do que a discriminação racial que produziu desemprego, habitação de má qualidade, educação tardia e inadequada e atendimento de saúde precário: a gama de patologias resultava da ausência da autoridade masculina entre o povo negro. Não repensar esse poder nas mãos do homem negro enfatizava a relação exclusiva entre mãe e criança e uma relação bastante fragilizada para com o homem. Todavia, Davis (2016) vai trazer estudos de terceiros, como Herbert Gutman, revelando que houve, sim, tentativas, ainda que poucas, para a construção de um ambiente familiar mais humanizado. Isso se expressava em escolhas desses escravizados em:

manter o cônjuge por muitos anos, dar ou não à criança o nome o sobrenome do pai, assumir como esposa uma mulher com filhos de pais desconhecidos, dar a crianças recém-nascidas o nome de um pai, uma tia ou um tio, um avô ou uma avó e dissolver um casamento incompatível. (Gutman, ano, p. 357-358 *apud* Davis, 2016, p. 28).

Todas essas práticas permitiam aos escravizados serem vistos como pessoas civis e não como “selvagens”, tal como comumente eram interpretados àquela época; e, se interpretados como “meninos”, refletiam a sua incapacidade por exercer funções paternas.

Uma forte estratégia de desolação da vida social de escravos era não lhes permitir a construção de uma vida doméstica, visto que era nesses espaços que eles de fato poderiam experienciar-se como seres humanos. Eles podiam destacar nessa forma de vida a igualdade sexual sem imposição hierárquica, entendendo que igualmente eram necessários para a subsistência da família. Dado que defendiam seus companheiros das tentativas do sistema de depreciá-los, as mulheres negras entendiam que a diminuição dos seus eram também direcionada a elas. Do mesmo modo, que a criação de seus filhos, crescidos e fortes, só se daria mediante a presença e exemplo de um igual.

Talvez as mulheres negras pudessem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão. Assim como o esforço que desprendiam para executar o trabalho pesado, elas acreditavam piamente em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo. Há estudos que registram que elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, em busca de liberdade.

Em seus estudos, Silva (2014, 2015) vai analisar que as escravizadas no Brasil buscavam a liberdade usando meios jurídicos. No seu levantamento, ela identificou que mais da metade dos processos para a compra de alforria envolvia mulheres. Para isso, escravizados solicitavam uma audiência com um juiz local para que fosse estabelecido o valor a ser pago. A maneira para conseguir o dinheiro variava, desde o trabalho como babá, ama de leite, arrumadeira até lavar roupa ‘de ganho’ e arrumadeira. Também vendiam alimentos nas ruas, sejam feitos por elas mesmas, sejam cultivados em pequenas roças. Por vezes, valiam-se também das inimizades entre os proprietários e fugiam de uma propriedade para outra.

As mulheres dividiam afazeres, viviam essa ideia de igualdade de maneira combativa, defendiam suas famílias e participavam de movimentos e rebeliões. Tudo isso marcava que elas não aceitavam passivamente sua condição de escravizada e a condição de passabilidade era uma exceção, não regra.

Frederick Douglass é um dos que apontam muitos relatos sobre a violência sofrida por essas mulheres. Muito recentemente, esses depoimentos chegam a nós porque sabemos que a branquitude não está interessada em confirmar essas violências e a tão intensa crueldade dos seus antepassados, visto que o objetivo é desaparecer com a informação, e não reafirmar a vileza com que lidavam com a vida daqueles que eles sequer consideravam gente.

É necessário questionar a quem interessa denunciar o lado atroz desse grupo branco. Não havia compaixão pelos constantes e terríveis açoitamentos. A ideia de pertencer a famílias brancas vistas como cristãs e caridosas era uma contradição quando colocado à prova o sentimento de não-piedade. Se eu trazer como exemplo os casos verídicos de invasão, denominados pela versão histórica supremacista branca como colonização, o processo de tomada de povos, corpos e apropriação desses se deveu se não pela espada, pela cruz. Seja como for, o resultado foi a dizimação, diáspora forçada e a obrigação à perda da identidade dos sequestrados.

Aptheker *apud* Davis (2016, p. 33) traz o relato de escravizadas e entendia o fato de estas apressarem as conspirações de escravos:

Virgínia, 1812: “ela disse que, para ela, não era cedo demais para que se revoltassem, já que preferiria estar no inferno a estar onde estava”. Mississipi, 1835: “ela pediu a Deus que tudo tivesse acabado e enterrado, porque estava cansada de servir a *gente branca* [...]”.

Pode-se compreender melhor agora uma pessoa como Margareth Garner, escrava fugitiva que, quando capturada perto de Cincinnati, matou a própria filha e tentou se matar. Ela se comprazia porque a menina estava morta – “assim ela nunca saberá o que uma mulher sofre como escrava” – e implorava para ser julgada por assassinato. “Irei cantando para a forca em vez de voltar para a escravidão.”

Estes episódios me lembram a passagem do filme *Pantera Negra*, quando o personagem de Erik Killmonger, interpretado pelo ator Michael B. Jordan, ao final do filme diz ao príncipe T’Challa: “*Jogue-me no oceano com meus antepassados que pularam dos navios, porque sabiam que a morte era melhor do que a escravidão.*” Um filme que lembra o contexto de representatividade marcado em toda a sua esfera, principalmente na profundidade histórico-discursiva, alcançada por poucos.

Resistir à escravidão nos traz nomes de muitas mulheres, dentro e fora do Brasil. Lá, é impossível não falar de Harriet Tubman¹³, por sua extraordinária condução a centenas de pessoas pelas rotas da *Underground Railroad*¹⁴. Ela foi também a única mulher nos EUA a liderar tropas em uma batalha.

¹³ Em 2019 foi lançado o filme *Harriet* que conta a história dessa mulher tão importante na luta do povo negro. Uma pessoa aguerrida que expressou de maneira peculiar o espírito da força e perseverança conquistada por tantas mulheres do seu povo.

¹⁴ Davis (2016) define esta como um conjunto de rotas secretas e pontos de parada clandestinos que escravas e escravos usavam para conseguir chegar ao Canadá ou ao México, contando com a ajuda de abolicionistas. Mais sobre a ferrovia encontramos na obra *The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade*, de Colson Whitehead e no próprio filme *Harriet*.

Figura 6 – Harriet Tubman: visions of freedom



Fonte: RTRO / Alamy Stock Photo (<https://www.alamy.com>) – Portal KPBS¹⁵

Aqui no Brasil, cito nomes como Dandara dos Palmares, Anastácia, Luiza Mahín, Tereza de Benguela, Aqualtune, Maria Felipa de Oliveira, Acotirene, Adelina Charuteira, Rainha Tereza do Quariterê, Mariana Crioula, Esperança Garcia, Mariana Crioula, Eva Maria de Bonsucesso, Maria Aranha, Na Agontimé, Tia Simoa, Zacimba Gaba. Em sua maioria, as biografias dessas mulheres ainda permanecem sem dados suficientes para compreensão da sua história e, conseqüentemente, do povo negro brasileiro.

A escritora Ana Maria Gonçalves, em suas pesquisas, vai buscar informações acerca de Luisa Mahín e se depara com a falta de informação a respeito. É da necessidade de suprir essa lacuna que surge o aclamado texto literário, *Um defeito de cor*. Ler e escrever de maneira clandestina era também uma forma de resistência que envolvia demandas mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens; na mesma condição, transmitir esse conhecimento aos demais. Mas voltaremos mais tarde a essa questão.

Quero reforçar aqui a opressão que as mulheres negras sofriam igualmente aos homens no interior da comunidade escravizada e resistiam com o mesmo ardor. Poderia ser dito aqui que a elas os castigos eram particularmente mais brutais e ultrapassaram em intensidade aqueles impostos aos homens, pois as violências ocorriam nas mais diferentes esferas. Mulheres brancas romantizavam a experiência da mulher negra, em vez de discutir o impacto negativo da opressão. Nesse contexto, o debate em torno de resistência e superação é constantemente confundido e superficializado pelos estudiosos da temática. E, quando levadas ao extremo,

¹⁵ PORTAL KPBS, 2022.

estudiosas brancas se justificaram sob o véu da ideia de não serem capazes e/ou qualificadas para falar da, ou mesmo compreender a experiência das mulheres negras, por não o serem. Não é possível conceber que ser forte seja o mesmo que se superar. E essa estratégia de romantização se expandiu na cultura como um todo: a mulher negra forte é um estereótipo que se torna marca de orgulho para a mulher negra. Por outro lado, tenho visto, nos últimos meses, uma tentativa de romper com esse mito de força, entendendo o quanto isto negligenciou e corrompeu ainda mais a saúde mental dessas mulheres.

A história demarca que, diferente das mulheres brancas, às mulheres negras foi exigido um comportamento benevolente, harmônico, condescendente com as dificuldades. Chegamos à condição de não perceber, já nos finais do século XIX e início dos XX, que sexismo é também um elemento de opressão: atua independentemente do racismo e simultâneo a ele para nos oprimir (hooks, 2018)

Os constantes traumas causados ocorrem desde o sequestro dos colonizadores e a retirada violenta e abrupta do continente africano. Antes disso, o povo preto tinha uma história de glória e coletividade anterior ao episódio de usurpação de identidade, de terra, de sentido de mundo. Um capítulo apagado na história narrada e disseminada pela branquitude, como uma estratégia circunscrita e bem-sucedida para nos persuadir sobre qualquer justificativa em relação à colonização e suas consequências.

O estupro era desmoralizante e desumano para as mulheres, mais até do que a exploração racista seja no campo, seja no ambiente doméstico. Sob essa visão, o sexismo poupou massivamente homens negros, mas não as mulheres negras, por proteger a sexualidade deles. Por outro, legitimava socialmente a exploração das mulheres escravizadas, que tinham de estar atentas constantemente e sob o medo de serem assediadas ou vitimizadas. Há aí uma lacuna acadêmica no que diz respeito à masculinização das mulheres negras, esta deveria ser mais estudada em comparação à emasculação dos homens negros (hooks, 2019).

Muitas vezes, era na adolescência das meninas que começavam os assédios e também o momento mais comum. Elas eram subornadas com presentes ou açoitadas e passavam fome até se submeter à vontade deles. Meninas negras sabiam pouco sobre seu corpo e nada sobre educação sexual. Isso porque poucos pais a sinalizavam sob o risco iminente de estupro ou a instruíam sobre como se defender.

A tentativa de suborno às mulheres negras era constante como preparo a futuras propostas sexuais e a colocá-las na posição de prostitutas, pois, somente assim, eximiam-se da responsabilidade de seus atos. Elas não tinham escolha: ou eram submissas passivas de homens brancos e negros, a exemplo dos capatazes, por livre vontade ou eram violentadas e punidas,

especialmente se colocassem resistência, o que incitava a avidez dos proprietários para demarcar poder. Enquanto escravizadas, elas estavam desprotegidas tanto pela lei, quanto pela opinião pública. Uma vez que eram propriedade de seus senhores, a ele era permitido não ter qualquer escrúpulo, vergonha, ou, principalmente, consideração aos sentimentos de marido, pai ou mãe. Explorá-las sexualmente era visto como direito e privilégio e, por esta razão, não era um mero caso de satisfação do desejo sexual dos homens, era um método terrorista institucionalizado para reprimir e depreciar as mulheres negras.

Este é mais um assunto emblemático tratado pela produção acadêmica escrita. Se por um lado, abolicionistas brancos utilizaram como estratégia para derrubar os argumentos a favor da escravidão; por outro, para várias mulheres brancas, a única força motivadora por trás de seus esforços era pelo desejo de encerrar o contato sexual entre homens brancos e mulheres negras escravizadas. Essas mulheres brancas pouco se preocupavam com a difícil situação das mulheres negras: estavam mais preocupadas em “salvar a alma” dos homens brancos da depravação moral perante Deus. As denúncias das brancas escravocratas eram justificadas apenas por se sentirem ofendidas com a barbaridade masculina branca, viam-se humilhadas e desonradas diante do que entendiam adultério, quando, na verdade, se tratava de estupros. Tinha, por fim, ainda, as mulheres brancas que decidiram denunciar, mas, por conta da convenção social, fizeram-no de maneira pouco explícita, o que retrata uma certa cumplicidade, pois não teriam apenas exposto homens brancos que engravidavam mulheres negras, mas também atos sádicos, misóginos de crueldade e brutalidade, passando de sedução a estupros, assassinatos orgíacos e necrofilia (hooks, 2019, p. 56-57). A partir desses dados, percebemos que a história normaliza a brutalidade branco-machista como desejo sexual normal satisfeito com a mulher negra escravizada submissa.

O tratamento brutal, resultante de um ódio por vezes recôndito à mulher e ao seu corpo, deu-se como consequência de comportamentos misóginos que prevaleciam na sociedade colonial. Por conta do fundamentalismo cristão, a mulher é representada como a origem do pecado, da lascívia, da luxúria, tendo sido ela quem trouxe o pecado ao mundo e, como tal, os homens são “vítimas da sua devassidão”. Desta forma, a única maneira de remi-la da culpa seria pela intervenção de um ser mais poderoso. Essa condição, conforme ensinamentos, fez com que os homens se tornassem juízes e vigilantes da virtude feminina, com a intenção de controlar o comportamento sexual das mulheres brancas.

No século XIX, as mulheres brancas já não eram mais retratadas como sedutoras sexuais. Os homens começaram a elevar suas virtudes, tornando-as aos olhos da sociedade seres puros, nobres, que os elevavam sentimentalmente. Eram vistas como deusas, puras, inocentes, desde

que desprovidas da sexualidade tão repudiada. Se assim o fosse, eram dignas de amor e respeito. Os adjetivos de pura e casta lhes eram atribuídos se suprimissem os impulsos sexuais naturais.

Ao passo que as mulheres brancas eram idealizadas, as mulheres negras eram assediadas e alvos das piores brutalidades, sancionadas pelo ódio colonizador e pelos ensinamentos religiosos. O triste era que, com o propósito de não ofender a plateia, quem criticava os horrores da escravidão, os abolicionistas escondiam a prática do estupro e, por esta razão, se concentravam no tema da prostituição. A consequência disso era o desvio da atenção da investida sexual para lançar sobre as mulheres negras a ideia de que elas eram devassas por natureza.

A ideia de resistência das mulheres escravizadas era “resolvida” muitas vezes a bordo dos navios, locais em que homens e mulheres negros eram transformados em “escravos dóceis” nas colônias americanas. O subterfúgio era eliminar o espírito que os colonizadores enxergavam nos africanos como arrogante, orgulhoso e independente e tornar conveniente ao que eles entendiam como adequado a um escravo subserviente. Esse preparo para o mercado escravagista consistia na retirada da integridade, na flagelação da dignidade humana, eliminando nome, status, dispersando grupos para que a língua comum a eles não existisse e nenhum resquício de língua africana fosse possível. Quando necessário, instaurava mais pânico, assassinando escravizados com requintes de crueldade para atemorizar a plateia presente. Os motivos eram os mais fúteis: açoitavam aqueles homens e mulheres, por cantar uma música triste, por exemplo.

Se pensarmos que tal atitude era um sucesso frente à ideia de repressão da consciência de liberdade e de adoção de uma identidade escravizada, observamos que os traumas se estabeleceram no imaginário do povo negro que levaram homens e mulheres pretas a perderem parcial e, por vezes, totalmente o sentido de mundo, promovendo práticas distantes da nossa ontologia e que nos prejudicam enquanto povo (Urasse, 2019).

Com a licença do raciocínio, insisto em questionar o que mudou com o avançar do tempo. Uma investida na amnésia do povo preto, imputando-lhes uma subordinação ocidental, a ponto de submetê-lo totalmente e na tentativa de aceitar a condição de subjugação como a mais adequada e coerente.

A experiência no navio teve forte impacto psicológico e só sobreviviam aqueles com uma intensa gana de viver, apesar da opressão a que eram submetidos. O desembarque, que parecia uma alegria para quem estava nas terras e achava que era pela felicidade de chegar a um lugar cristão, nada mais era que uma expressão de que nada poderia ser pior do que o sofrimento a bordo.

Ainda hoje a literatura sobre o tema relativiza o sofrimento e diz que este foi pior para os homens do que para as mulheres e, sob um viés sexista, vai considerar como um impacto mais cruel o fato de terem arrancado dos homens a sua masculinidade e o desmembramento de qualquer estrutura familiar, mas não deixamos de pontuar que, de ordem geral, os impactos foram dolorosos para as mulheres também, sob o ponto de vista da sexualidade, vilipendiadas, destituídas de sua condição de mulheres, ou lembradas da maneira mais traumática, o quanto eram desprotegidas e solitárias. Mais uma vez, não se trata de uma disputa por qual grupo foi mais violentado, mas sim de que ambos ainda hoje sofrem as consequências do vilipêndio colonial. A sociedade entendia ainda a subjugação dessas mulheres como necessária para o conceito do homem negro. Uma ideia bastante contraditória, marcada pela perda do *status* social que tinham na África, mas não pela perda da masculinidade explorada no comércio, imbricada de virilidade, força, vigor e proeza física.

As consequências disso se estendem até hoje com as altas taxas de violências e abandono imputados às mulheres e aos homens negros. Uma sociedade que não beneficia em nenhuma condição as pessoas de cor. Ao contrário, não perdoa a ascensão do povo preto e em todos os aspectos confluem para a sua extinção, objetiva e subjetivamente.

A sociedade ocidental, pautada nos efeitos do eurocentrismo, racializa o conhecimento e, como tal, toda uma trajetória de registros, sem querer ignorar o papel de estudiosas, especialmente as feministas ocidentais, mas questionando a sua identidade social, seus interesses e suas preocupações, condiciona o pensamento de maneira a tratar nosso povo como uma variável de análise. A história, a cultura, o pensamento do povo negro não só foram roubados, como recontados sob uma ótica marcada pelo olhar adverso da subjetividade da supremacia brancocêntrica.

Os fatos, tal como aconteceram, não eram registrados marcando o flagelo que sofreram os escravizados, nem mesmo por quem dizia ser “aliado” na luta pela abolição. Esse registro enviesado ocultou as torturas em prol de resguardar os detratores. E assim a história seguiu com narrativas não tão verdadeiras. Para benefício de quem? Aliás, não penso essa como a pergunta mais importante, mas sim: Qual(is) a(s) consequência(s) dessa narrativa?

É nesse contexto que a produção textual das mulheres negras se faz relevante, pois expõe muitos aspectos não presentes nas revisões bibliográficas, nos conceitos dominantes e nas pesquisas históricas. Antes de chegarmos a uma narrativa literária ficcional que evidencia uma mulher negra com rosto, corpo e um sentir mulher com características próprias, percebemos as investidas de mulheres negras em revelar um passado bastante doloroso por outras alternativas. Porém, uma literatura excluída dos espaços de estudos, quase sempre sob a justificativa de que

quem só pode falar sobre isso são as mulheres negras ou de que se trata de uma literatura difícil de entender ou ainda que outrem não se interessa por ser diferente demais (Lorde, 2019)

Aí novamente trago Carolina Maria de Jesus. Aquela que consegue, a partir de sua escrita contar sua história, mas também contar a história de um Brasil que sofre com as desigualdades. Num traço nem sempre linear de raciocínio, a intelectual promove ao leitor um movimento frenético entre seu cotidiano, sua correria por dinheiro para sustentar a sua família, e os constantes questionamentos e as críticas tão aprofundadas acerca de seus contextos social, econômico, político e cultural. Nunca será apenas sobre si, mas sobre a sua vivência e a daqueles que a cercam como assoalho para a situação por que passa o país. Carolina de Jesus apresenta, ao longo da segunda metade da década de 50, uma descrição muito pouco confortável da realidade da maioria populacional deste país exatamente pelo fato de ela ser ainda tão atual.

No entanto, a própria Audre Lorde atribui a dificuldade das mulheres brancas em ler as obras das mulheres negras à:

relutância em ver as mulheres negras como mulheres e diferentes de si mesmas. Para examinar a literatura de mulheres negras, é realmente necessário que sejamos vistas como pessoas completas em nossa verdadeira complexidade – como indivíduos, como mulheres, como seres humanos – e não como um desses estereótipos problemáticos mas familiares existentes nesta sociedade no lugar de imagens genuínas de mulheres negras. (Lorde, 2019, 242-43).

Diante do fato de termos, enquanto mulheres negras, que enfrentar os obstáculos impostos pelas mulheres brancas e também superar a mentalidade delas para as quais negavam o conceito de feminilidade, como já dito anteriormente, uma vez que enxergavam pureza e brancura, e que não contemplavam as mulheres negras e relegando a estas o mais baixo patamar. Quando as brancas foram às ruas lutar pela ruptura da imagem de mulheres dóceis, frágeis e reivindicavam espaço no mercado de trabalho, a razão da luta era estranha às mulheres negras que nunca puderam saborear esse sentimento, uma vez que a subalternidade e o flagelo lhes tinham oferecido o mais amargo do ser mulher. Para além disso, a reivindicação das mulheres era agora por um discurso de afirmação e que rompia com a passividade da voz. Mais do que marginalizadas, as mulheres africanas, e leia-se aqui tanto as deslocadas quanto as nascidas em solo brasileiro, tratadas como objeto, não eram ouvidas, e excluídas das esferas de poder. Não tinham rosto, não tinham voz. E sempre vistas como o outro do outro, sequer como a possibilidade de um sujeito com voz passiva, aquele que sofre a ação, porque quando se sofre a ação é possível se sensibilizar com o fato, muito menos com voz ativa. Essas mulheres não podiam falar, pois sempre lhes foi imposta uma máscara do silêncio e falar era-lhes negado.

Havia sempre quem pudesse falar por ela e que as impediam o direito ao discurso, instaurando uma violência epistêmico-discursiva.

Para a (disciplina de) História elas deveriam se contentar em ser objeto de investigação. E o espaço dado para falar delas sob o olhar do dominante era mais do que suficiente para dizer que houve uma passagem pelas vielas da História.

Mas essas mulheres, ainda que tratadas como abjetas, ignoradas pela lei e pela opinião pública, utilizadas como instrumentos propulsores da força de trabalho, foram fortes e precisavam sê-lo, não apenas porque era a única forma de sobrevivência. Questiono essa reivindicação de fragilidade para mulheres africanas, quando penso se essa exigência não condicionava o discurso da classe dominante. As comunidades africanas, muitas delas, matriarcais, só se sustentam com mulheres fortes e ser fortes não significa que não podemos chorar, cansar, descansar! É isso que nos faz o ventre do universo, gestoras da humanidade. Nas palavras de Urase (2019, p. 308), “mulheres cientes, astutas, atentas, sacerdotisas, à semelhança dos exemplos de mulheres africanas às quais comumente nos referimos”. E ainda utilizando-me da reflexão da autora, entendo que a trajetória feminina africana é uma alternativa para reconstrução de nossa comunidade, de nosso povo e nos alicerça, enquanto indivíduos, para buscarmos a resposta às seguintes perguntas: “A mulher que construí se parece com as nossas ancestrais ou me afasta delas? As coisas que sei, cultivo, valorizo espelha as minhas ancestrais ou uma ocidental em pele preta?!” (Urase, 2019, p. 308)

Assim, permito-me questionar as meninas negras vestidas de princesas da Disney. Estamos contando uma nova história (a nossa) ou estamos contando a história de uma outra pessoa (branca). A construção da história do povo negro está diretamente relacionada com a nossa capacidade em desvelar o mais profundo da dor, publicizando segredos, revelando comportamentos sociais, econômicos, políticos e culturais. Algo próximo aos versos da letra de *A vida é desafio*, de Racionais MCs: “Que o caminho da cura pode ser a doença, que o caminho do perdão às vezes é a sentença”. O perdão de um crime que não foi praticado por nós.

3.3 “EU QUANDO ESTOU DOENTE GOSTO DE MOVER. E A ENFERMIDADE REGRIDE. QUANDO SE FAZ MOVIMENTO”¹⁶: ESCRITA, LITERATURA E UM NOVO MOVIMENTO

Ainda são poucas as pistas que nos levam a entender como de fato as mulheres negras acessaram a leitura e a escrita. Os registros nos apontam dados cada vez mais remotos acerca dos personagens da nossa história. E, ao reivindicar o protagonismo em torno de nossas próprias narrativas, não devemos fazê-lo querendo-o exclusivamente feminino. Se nos separar enquanto povo fazia parte do projeto colonizador de tormento e desumanização, devemos lembrar que a nossa história, anterior ao colonialismo, era de parceria e as bem sucedidas experiências são resultados desta. E pensar parceria implica o eu-coletivo, conforme nos aponta Audre Lorde:

Somos africanas e sabemos, pela narrativa do nosso sangue, da ternura com a qual nossas ancestrais se abraçavam. É essa conexão que buscamos. Temos as histórias das mulheres negras que curaram as feridas umas das outras, criaram os filhos umas das outras, lutaram as batalhas umas das outras, araram a terra umas das outras e facilitaram as passagens umas das outras à vida e à morte. Sabemos das possibilidades de apoio e conexão pelas quais ansiamos e com as quais tantas vezes sonhamos. Temos uma crescente literatura de mulheres negras que evoca, com riqueza, essas possibilidades e conexões. Mas as conexões entre mulheres negras não se estabelecem de maneira automática em função das nossas semelhanças, e as possibilidades de comunicação genuína entre nós não são fáceis de concretizar. (Lorde, 2019, p. 192)

É disso que surge a necessidade de buscar novas alternativas para revolucionar, para denunciar os incômodos, os maus tratos. As mulheres negras entendem que sua produção textual precisa também acontecer, a partir de suas próprias mãos, a partir de sua sub/objetividade, já que não estão presentes nas definições e nas pesquisas dos grupos dominantes, já que sua dor, sua luta e seus anseios são romantizados e até mesmo minimizados. É preciso percorrer um outro caminho e proporcionar uma narrativa revelando o âmago da História nunca até então confessada, diferente do padrão, e, junto a isso, teremos seres humanos com rosto, corpo e sentido de mundo, o que sempre foi negado. Por fim, é necessário dizer que não se trata apenas de falar de dor, mas é necessário futurar as feridas que destruíram muitos dos nossos ancestrais, que devastaram muitas das nossas comunidades e retiraram deles o direito a uma vida digna a tal ponto que hoje ainda lutamos por uma reparação histórica ainda inaceitável à crença de significativa parcela daqueles que se consideram não-negros e/ou brancos.

¹⁶ Jesus, 1958.

Complemento essa reflexão, trazendo aqui o questionamento que Conceição Evaristo faz lá em *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita*: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?” (Evaristo, 2007) E a escritora mesma nos dá indícios de resposta no seu texto:

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

E é exatamente isso. É da anulação, da passividade obrigada, orquestrada nas linhas da História que ela entende a necessidade feminina negra de se inserir, de não mais vestir a máscara do silêncio.

Os registros hoje já conseguem mostrar que mulheres como Rosa Egipcíaca da Vera Cruz e Esperança Garcia investiram contra a colonialidade e forjaram suas trajetórias trazendo a escrita como esteio. A primeira, Rosa Egipcíaca, nasceu em Costa da Mina em 1719 e morreu em 1778. Nas palavras de seu historiador Luiz Mott (1993) é certamente:

a mulher negra africana do século XVIII, tanto em África como na diáspora afro-americana e no Brasil, sobre quem se dispõe mais detalhes documentais sobre sua vida, sonhos, escritos e paixão. É a primeira afro-brasileira a ter escrito um livro, do qual restaram algumas páginas manuscritas. (MOTT, 1993, s/p)¹⁷.

Segundo Mott (1993), Rosa sofreu o que muitas meninas africanas de sua idade sofreram nas mãos de seus senhores: foi violada ainda nova, antes dos 14 anos. Como tantas mulheres escravizadas, Rosa vai viver da venda de seu corpo e de favores sexuais. Chegou a ser “a única escrava negra num plantel de 77 escravos machos!”, conforme afirma Mott, que complementa que ela “confessou, perante o Comissário do Santo Ofício do Rio de Janeiro, (que) passou 15 anos ‘a se desonestar vivendo como meretriz.’

¹⁷ MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil. Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/artigos/rosa-egipcica-uma-santa-africana-no-brasil/> Acesso em: 30 Set. 2022

Diante de todas as privações como prostituta escravizada negra, quando completou 30 anos, foi atacada por uma enfermidade muito séria que a fez mudar de vida, levando-a a vender seus bens e doar tudo aos pobres. Passa a viver como uma beata e aprende a ler e a escrever motivada por inspiração espiritual. Em texto de Oliveira e Lobo (2012), eles apontam que a africana se dedica com afínco incomum, porque, conforme seu biógrafo:

Ela se dá conta de que se aprender a ler terá a chave dos mistérios divinos, poderá mergulhar na própria fonte da revelação católica e por conta própria aprender orações, ladainhas e dogmas [a] que até então só tinha acesso *ex auditu*, através do ouvido, quer nos sermões dominicais, quer nos conselhos particulares que lhe davam os sacerdotes. Rosa cumprirá a determinação da “Divina Pombinha”: aprenderá a ler e a escrever. (Mott, 1993, p. 80 *apud* Oliveira e Lobo, 2012, p. 636)

Oliveira e Lobo (2012), amparados à biografia construída por Luiz Mott, vão evidenciar em seu texto que Rosa não conseguiu aprender a ler e mal sabia escrever, sem problemas, caracterizando-a, com base em Marquilhas (2000), como possuidora de mãos inábeis. Independente disso, Rosa escreveu muito, todavia pouco de seus escritos chegou aos dias atuais, pois grande parte de sua produção foi destruída às vésperas de sua detenção no Tribunal da Santa Inquisição. Quem bem encerra sobre Rosa Egipcíaca é Rosely Santos Guimarães (2003, p. 161) que a define como aquela que “aprendeu a ler e a escrever na língua do dominador e teve a coragem de se colocar como o sujeito de um discurso que busca mudanças na cultura vigente”.

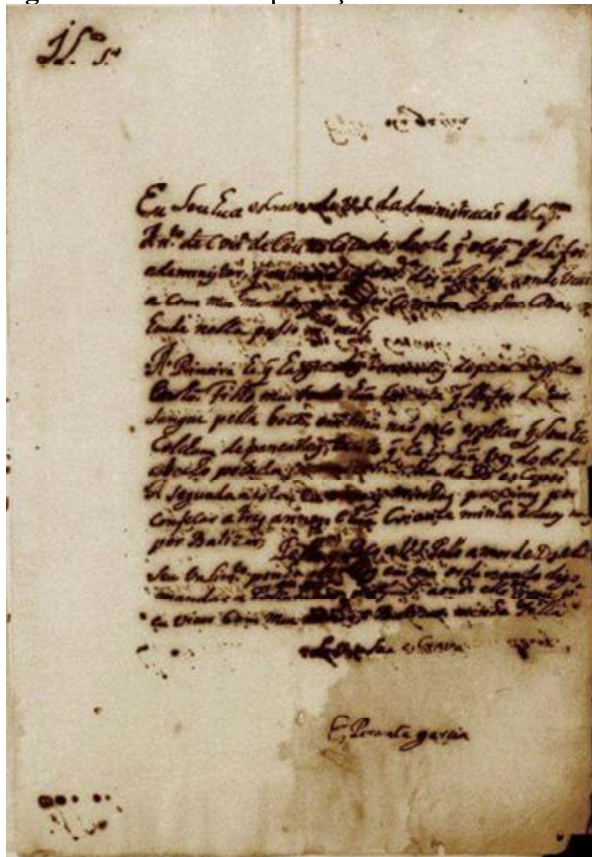
A outra mulher que citei é Esperança Garcia. Ela nasceu em fazenda de propriedade de padres jesuítas, na qual hoje se localiza o município de Nazaré do Piauí. A importância de trazê-la aqui é a carta produzida por ela, considerada a primeira petição escrita por uma mulher, ressaltada-se negra, na história do Piauí, tornando-a uma precursora da advocacia no estado. O documento entra ainda para a história da literatura brasileira e a data de seu envio, 6 de setembro, é comemorada como o Dia Estadual da Consciência Negra.

Tal como outros nomes negros na história, não há registros sobre como Esperança Garcia aprendeu a ler e a escrever. No entanto, é importante resgatar aqui a carta escrita por uma mulher negra aos 19 anos, escravizada, que denunciou e testemunhou por escrito muitos episódios de violência numa fazenda a 300 km de onde hoje está a capital, Teresina. A seguir, o conteúdo da missiva:

Eu sou hua escrava de V. Sa. administração de Capam. Anto Vieira de Couto, cazada. Desde que o Capam. lá foi adeministrar, q. me tirou da fazenda dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira de sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. ha grandes trovoadas de pancadas em hum filho nem sendo uhã criança q. lhe fez estrair sangue pella boca, em mim não poço explicar q. sou hu

colcham de pancadas, tanto q. cahy huã vez do sobrado abaccho peiada, por mezericordia de Ds. esCapei.
 A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por batizar.
 Pello q. Peço a V.S. pello amor de Ds. e do seu Valimto. ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Procurador que mande p. a fazda. aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e batizar minha filha q.
 De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia

Figura 7 – Carta de Esperança Garcia



Fonte: Fotografia: Paulo Gutemberg – PORTAL Esperança Garcia (<https://esperancagarcia.org/a-carta/>)

A partir da reportagem do jornalista Joca Oeiras, na qual encontro o conteúdo da Carta, temos a notícia de que o documento foi encontrado também pelo professor e antropólogo Luiz Mott. A carta, conforme, este inscreve à entrevista dada do “Portal do Sertão” é possivelmente a segunda carta mais antiga manuscrita e assinada por uma escravizada negra. O documento, para além de qualquer circunscrição, vai demonstrar também que, em meados do século XVIII, havia mulheres alfabetizadas e politizadas, reivindicando direitos e denunciando desmandos de senhores e feitores.

Esta carta é o exemplo primeiro, talvez, de um escravizado que vai se utilizar do recurso gráfico para denunciar a violência sofrida. Além dela, possivelmente, haveria outros escravizados alfabetizados; no entanto, por falta de provas materiais, como a Carta de Esperança, a comprovação é frágil. Além disso, a correspondência elimina um estereótipo que

ainda assombra a população negra: o da submissão natural. Aquele, vindo desde a época da escravidão, e que, como já falamos anteriormente, foi mostrada a maneira aterrorizante como se dava essa subserviência. Esse estereótipo de convivência pacífica, marcado pelo discurso colonial e fortemente reforçado pelos “aliados” brancos, é desmantelado diante do exemplo da carta de Esperança Garcia.

Ao analisar o conteúdo, é possível observar um texto de uma mulher que se insubordina a tudo aquilo que o período colonizador retirou dela e de seus semelhantes e que requer sua identidade, que se auto reconhece, se posiciona enquanto escravizada, mãe e mulher casada, o direito de retornar à fazenda em que estavam seu marido e seus filhos. A carta segue em denúncias ao feitor e ao procurador das fazendas, mostrando a sua consciência e capacidade de resistir à agressão dos escravagistas. Souza (2015) associa o aprendizado com as letras de Garcia aos padres jesuítas ou a pessoas ligadas a eles, de quem fora escrava. E assim, como vim destacando ao início dessa seção, o autor aponta indícios motivadores da violência em análise do documento:

Na Carta, em análise, Esperança Garcia reivindica ainda o direito de cultuar os ritos da religião do branco, já assimilada por ela e as colegas escravas, mas essa religiosidade é também tomada como máscara, autodefesa, dissimulação, uma Negaça* da escrava delatora, que se utiliza, estrategicamente, de pretextos para agravar o delito, o crime praticado por espancamento ou a culpa do administrador da Inspeção de Nazaré, que habitualmente agredia Esperança e os filhos desta. Os motivos do ódio e da violência não são revelados no relato escrito pela escrava. Não se trata de uma afirmação categórica, mas seria compreensível supor que essas agressões impiedosas tenham sido motivadas ou agravadas pelo desejo sexual recalçado do agressor. A crônica da escravidão é repleta de fatos dessa natureza, da consumação ou tentativa de estupros do senhor contra as escravas. Esperança era casada. Teria a escrava se negado a realizar o desejo luxurioso do administrador das fazendas da Coroa Real? Na época da escravidão, alguns tipos de agressões eram silenciados pela vítima, principalmente as que feriam a moral da escrava. Assim, nos casos de atentado ao pudor da mulher negra e escrava, esta, certamente, preferia o silêncio a tornar público o constrangimento, causado pela tentativa frustrada ou pela consumação de um estupro, ou outro tipo de violência que constrangia o cativo. (Souza, 2015, p. 6).

O conjunto de signos interposto nessa missiva me faz lembrar Grada Kilomba, quando ela inicia seu livro *Memórias da Plantação* com o poema de Jacob Sam-La Rose: *Por que escrevo? Porque eu tenho de Porque minha voz, em todos os seus dialetos, tem sido calada por muito tempo*. Poema este que, nas palavras de Kilomba, marca a ideia de resistência, “sobre uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa *história escondida*.” (2019, p. 27).

A escrita para as mulheres negras é uma obrigação moral e traz a crença de que a história pode ser “interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária”

(hooks, 2019). É uma escrita que nos faz sentirmos enquanto pessoas pretas, subjetivar o ser preto. E aí me refiro à condição política, o que é muito mais profundo. São textos, independentes do gênero, e mencionarei outros mais adiante, que nos fazem refletir profundamente.

A falta de referência fez por muito tempo com que fossem produzidas ações de cunho superficial, que atendem aos pressupostos do branco colonizador. A partir do momento em que é recuperado o sentido de retorno ancestral, exatamente pensando na reconstrução de nossas comunidades, de nossa subjetividade, percebe-se que o contexto ocidental delineado desloca o sujeito negro em todas as esferas. Quando, no caso de Carolina de Jesus, por muito tempo, a única fonte acessada era a obra impressa, uma ação sofisticada se construía a partir da dissimulação editorial que desenhava um outro personagem aquém daquele presente no texto manuscrito. Ainda que inconscientemente, a recepção reforçou essa ocultação desprezando lacunas que poderiam contribuir para violências à intelectualidade de sua autora, o que mostro na edição proposta nas seções que seguem.

Como bem afirmou, Marimba Ani, “nossa cultura é nosso sistema imunológico” e é sobre a cultura que a subjetividade da comunidade preta é construída, uma vez que aquela define nosso lugar de enunciação, nosso sentido de mundo. A partir daí, temos que pensar tudo o que nos forma e nos registra, de maneira a romper com o discurso hegemônico que sustenta e impõe constantemente uma subjetividade anti preta, nos moldando para uma realidade ocidental. Ainda que exista consciência e ela seja negra, no nosso íntimo ainda operamos sob uma outra concepção, performando uma subjetividade que nos separa enquanto povo, dissemina o ódio entre nós, anseia amores, valores e outros princípios subjacentes à branquitude, que nunca nos contemplam. Nessa mesma linha, observo que as narrativas feitas sobre nós não descrevem aquilo que somos, o que vivemos, o que sofremos. E, quando partem de uma composição literária e cultural de autores afastados da nossa realidade, apresenta uma versão ainda que ficcional, porque, como vejo, os documentos oficiais são ainda mais escassos, posso esperar uma imagem estereotipada, tendenciosa e ilegítima. A seleção feita pela classe dominante manipuladora opta por destruir as diversas possibilidades que compuseram nossos enredos.

A escrita feminina negra se inscreve na historiografia cultural e literária brasileira e tardiamente é reconhecida pela sociedade. Como dito acima, o tráfico negreiro, oficialmente iniciou-se em 1550, ainda que já existissem africanos trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar brasileira (Gonzalez, 2018) e, já no final do século XVI, os escravizados constituíam a maioria da população da nova colônia portuguesa. González, apoiada em W.E. B. Du Bois (1971), afirmava já em 1979 que o fenômeno não era novo.

o declínio da população em geral e o suprimento de mão de obra em particular a, foi especialmente sentido nas províncias de Sul que foram largamente desse povoado. Isso resultou no estabelecimento de um novo sistema industrial. As áreas rurais foram convertidas em extensas propriedades sustentadas por grandes contingentes de escravos negros recentemente trazidos da África a população do Algarve logo se tornou quase completamente negra; e já metade do século 16 os negros superavam numericamente os brancos na própria Lisboa como os casamentos interraciais ocorreram desde o início dentro de poucos anos o sangue etíope difundiu-se pela oração na circle notavelmente pronunciado no sul entre as classes baixas. (Gonzalez, 2018, p. 35).

Interessante dizer aqui que, nesse texto de 1979, Lélia González vai fazer menção aos "casamentos interraciais" a respeito da questão desses casamentos nada mais serem do que o resultado da violência das mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravizados etc.). Esse fato vai originar, na década de 1930, com a teoria proposta por Gilberto Freyre, a criação do mito (falso, diga-se!) de democracia racial¹⁸.

Gilberto Freyre, importante historiador e sociólogo, poderia dizer aqui um grande intelectual e excelente escritor e, como tal, aliciante nas suas ideias, conseguiu ao longo dos tempos convencer a muitos que a miscigenação foi necessária. Em parte, observa-se que ele não negou a escravidão, mas negou o racismo e sua inexistência em terras brasileiras. O processo de miscigenação foi muito mal interpretado, uma vez que Freyre panfletou em prol do apagamento do racismo entre os brasileiros. Em suas reflexões, o sociólogo elevou a imagem dos portugueses, colocando-os como não racistas, defendeu ainda uma miscigenação legalizada e uma harmonia racial entre os grupos. No entanto, com essa ideia, Freyre omite que a miscigenação tenha se dado às custas da violência sexual das mulheres negras. Por fim, ele ainda nega que o período da escravidão ocasionou impactos na construção e manutenção da desigualdade sofrida pela população negra brasileira até os dias atuais.

Teorias como a de Freyre vão contribuir para criação de estereótipos da imagem do negro, os quais se arrastam até hoje e é um emblema entre nós. Ele contribuiu para afirmar que a história do povo brasileiro carrega um modelo de pacificidade para tudo que envolve conflito e tensão. (Gonzalez, 2018). Está se falando aqui da difusão a respeito da imagem do negro como passivo, infantil, intelectualmente incapaz, que aceitou a escravidão tranquilamente. No entanto, a história não contada é outra. A população negra sempre buscou formas de resistência contra a situação indigna a que foi submetida e ainda estamos distantes de apreender a

¹⁸ Refiro-me a mito da democracia racial pelo fato de ter ocorrido uma deturpação acerca do entendimento da realidade brasileira sobre suas relações raciais. O mito da democracia racial surgiu por meio especialmente de intelectuais e políticos que defendiam uma ideia de igualdade entre as diferentes, camuflando elementos que contribuem até hoje para a desigualdades e a negação de direitos, além da dizimação legalizada de corpos negros e indígenas. Digo legalizada porque ferramentas legais e políticas perpetuam o genocídio de maiorias minorizadas e assim permanecerá enquanto políticas públicas de proteção a estas vidas não forem implementadas.

quantidade de informações que a história oficial deixou de expor nos livros didáticos. Os motivos já apontamos aqui.

Embasada em outra grande historiadora e ainda pouco mencionada pela Academia, Maria Beatriz Nascimento, Gonzalez narra que em 1559 já se tinha notícias da formação dos primeiros quilombos; estes como contraponto para a questão da resistência organizada do povo negro contra a exacerbada exploração a que era submetido. Outro elemento importante não tratado nos livros de história é que a primeira ideia de estado livre de todo o continente americano aconteceu no Brasil colônia com a República Negra de Palmares que, por um século (1595-1695), existiu na antiga capitania de Pernambuco (Gonzalez, 2018).

Pensar o quanto da história oficial não foi para os livros didáticos e tomar conhecimento desses fatos são importantes para entendermos o papel dos quilombolas na história social deste país. Lélia Gonzalez faz uma boa análise desse contexto. Conforme ela nos apresenta, Palmares foi uma tentativa, a primeira, no sentido de criação de uma sociedade democrática e igualitária que, do ponto de vista político e socioeconômico, realizou um grande avanço. No quilombo de Palmares, existia uma verdadeira harmonia racial pela diversidade lá existente: negros, indígenas, mestiços e brancos. Todos viviam do trabalho que executavam e tudo que conseguiam era distribuído entre eles. Nas palavras de Lélia Gonzalez, Palmares era sim o berço da nacionalidade. Ali, falava-se o pretoguês e o catolicismo, inexistindo os padres, sua religião. Outro aspecto de resistência se deu por meio de movimentos armados, iniciados pela Revolta dos Malês, em 1835. Esse movimento teve um importante nome que foi o de Luísa Mahin, que participou da tomada de poder e ainda da luta armada contra os brancos. Luísa Mahin se envolveu sentimentalmente com um homem branco que logo a abandonou. Dessa relação nasceu um dos grandes nomes do movimento abolicionista brasileiro, Luiz Gama.

Vários outros movimentos de libertação nacional tiveram participação negra, tanto no período colonial quanto no Império e desses é possível citar a Revolta dos Alfaiates, a Confederação do Equador, a Sabinada, a Balaiada e tantos outros. De tudo, ressalte-se que os negros nunca tiveram o mínimo de reconhecimento pelos brancos na importante contribuição dada. (Gonzalez, 2018)

A partir da leitura de Freitas (1977), Gonzalez (2018) menciona a divisão da categoria de escravizados: os produtivos e os improdutivos. Aos primeiros, também chamados de *escravos de eito*, trabalhavam para subsidiar economicamente o regime. Aos outros era destinada a prestação de serviços. Nesse grupo, inseriam-se os feitores, criados, negros de ganho, dentre outros. Na análise desse estudioso, os movimentos partiam dos negros produtivos, pois os

outros absorveram a ideologia e valores brancos, a ponto de denunciarem as revoltas tramadas para prevenir a classe dominante.

Cirurgicamente, Gonzalez olha para a mulher negra nesse contexto. Ainda que considere o homem negro como elemento predominante entre a população escrava, ela reconhece, assim como Davis e hooks, que o sistema não poupou a mulher negra também categorizada nos dois grupos apontados por Freitas. No entanto, Gonzalez (2018) atribui à mulher negra submissa e alienada aos valores brancos a característica de exceção, pois essa mulher doava aos homens de seu círculo (marido, filhos e irmãos de cativo) toda a força moral necessária. Aponta que um exemplo histórico está numa mulher que antecipou a eclosão da Revolta dos Malês, levando os homens de luta a se lançarem no movimento antes do previsto. Influenciada pelas ideias do seu senhor, esta mulher denunciou as reuniões secretas para planejamento das reuniões e o fez exatamente por acreditar que seu marido, já liberto, não precisava lutar pelo que já possuía: a liberdade. Foi nesse movimento que Luísa Mahin teve sua participação descoberta e foi enviada de volta a seu país de origem, na África. Todavia, ela deixou aqui seu filho, Luiz Gama, que deu continuidade à luta.

Como já dito aqui, não ficaram para nós registros que pudessem trazer mais dados biográficos de figuras como a mãe de Luís Gama e é nisso que consiste a minha defesa do trabalho literário. Se alguma ferramenta consegue hoje contribuir para essa reconstituição, essa ferramenta é a literatura, tal como fez Ana M. Gonçalves em um *Defeito de Cor*.

Uma das suas características, da literatura, que é a recomposição da realidade, é muito bem desenvolvida pelos textos (não-)ficcionais escritos pelas mãos de homens e mulheres negras. Se olho para o passado, é possível examinar que uma história baseada em versões enviesadas serviu de inspiração para histórias literárias também enviesadas. Isso vai possibilitar a estratificação de uma literatura que nega a existência de pessoas negras no papel de protagonistas, que não reconhece a contribuição das mãos negras para a constituição da sociedade brasileira.

Se posso pensar em pioneirismo, fantasticamente Lélia Gonzalez nos dá indícios de que o cerne da cultura brasileira é a mulher negra. Isto porque, por um lado, as mulheres negras escravas do eito estimulavam os companheiros para a fuga ou a revolta, por dividir com os homens o trabalho pesado, a subjugação ao sol escaldante ao lado dele na plantação, a alimentação de má qualidade e até mesmo as difíceis decisões; entre estas, o suicídio, e quando grávidas, negar aos filhos o direito à vida para impedi-los de sofrer as dores vividas por elas. Ainda tinham as mucamas que pensavam que os homens adquiriam liberdade, o que na verdade ocorria era uma liberdade forçada, visto que muito cedo os senhores consideravam esses

escravos improdutivos. E essa liberdade adquirida resultava em morrer de fome, torná-los inválidos precocemente, a negação da cidadania. (Souza; Sacramento, 2020).

Enquanto mucamas também, cabia-lhes a tarefa de cuidar da casa grande: lavar, passar, cozinhar, todos os afazeres domésticos e ainda cuidar integralmente dos rebentos das sinhás. Além disso, apoiar moralmente seus parentes que chegavam exauridos da labuta diária, com fome e cansaço. Quase sempre, cuidar dos pequenos brancos significava amamentá-los, negando aos seus próprios filhos o direito ao leite materno; sem contar as investidas sexuais dos senhores que essas mulheres sofriam, submetendo-as à situação de iniciar sexualmente os parentes de seus senhores brancos e também por ser alvo dos ciúmes das sinhás, que não economizam nas atrocidades como alternativa de vingança. Ao desferir-lhes toda a sorte de rancor, Grada Kilomba (2019) nos lembra os resultados dessa vingança a partir da emblemática imagem da escrava Anastácia amordaçada por uma máscara de ferro que lhe imputava um silêncio doloroso e traumático.

Ainda por conta da posição de mucama, a mulher negra dá origem ao termo “*Mãe Preta*”. Estamos falando daquela mulher que cuida integralmente das crianças brancas, desde o seu nascimento. Ela vai cuidar, amamentar e, muitas vezes, se responsabilizar pela formação da estrutura psíquica dessas crianças. Elas lhe contam as mais diversas histórias do imaginário brasileiro e africano, a exemplo da mula sem cabeça e lhes apresenta figuras como Zumbi dos Palmares. Tanto a “mãe preta” quanto o “pai João”, outra figura estereotipada do negro, vão compor e marcar a ideologia oficial como exemplos de negros dóceis e submissos, uma imagem que camufla a realidade vivida com tanta dor e humilhação. Por outro lado, observo que essa mulher vai marcar uma função materna, no lugar da sinhá, uma vez que as crianças passam mais tempo com as escravas e adquire a partir delas conhecimento e desfrutam da sua sabedoria. Gonzalez (2018) ainda se pauta na teoria lacaniana, ao interpretar que essas mulheres, a partir da linguagem como fator de humanização e de inserção cultural da criança, são o centro formador da cultura brasileira. Esse olhar da filósofa me chama atenção de que o estudo desse tema tem especial relevância para a compreensão da realidade cultural brasileira e muitos estudiosos ainda hoje sequer entenderam isso.

Os estudos pioneiros de Lélia Gonzalez (2018, 2020) nos permitem entender que a questão que muitas feministas negras vão atribuir à interseccionalidade é algo muito mais profundo. É ela possivelmente quem inaugura a observação da tripla e, até mesmo, múltipla opressão sofrida pela mulher negra. Inicialmente podemos pensar em raça, classe e gênero, mas a depender de outros qualificadores, essa opressão pode ser ainda mais severa. E é importante atrelar a formação econômica a esse raciocínio, já que, como bem aborda Lélia Gonzalez

(2018), o lugar da mulher negra a leva a sofrer seriamente quando estamos falando do seu lugar na força de trabalho. Ao acompanhar as publicações do censo, especialmente desde a década de 1950, a autora que cunha o termo *amefricanidade* vai constatar a “intenção de escamotear as informações a respeito da chamada população de “cor” de nosso país, assim como a miséria e o desamparo em que a mesma se encontra” (Gonzalez, 2019, p. 43). Ela atrela isso ao interesse de aparentar a existência da tal harmonia racial no Brasil.

Com o avanço industrial, a intensificação da desvalorização da mulher negra no setor é ainda mais crescente. Percebe-se que a régua de acessibilidade aos empregos é marcada para a mulher negra, uma vez que não se encaixam no quesito da exigida “boa aparência”, diminuindo ainda mais a possibilidade de ocupar cargos considerados relevantes. Se possuem uma escolaridade mais alta, os critérios são ainda mais exigentes, e conseqüentemente a rejeição de candidatas de cor.

O reforço das múltiplas discriminações coloca a mulher negra nos mais baixos níveis de opressão. Ela recorre, pela falta de espaço nos cargos mais legitimados, à prestação de serviços desvalorizados. Muitas mulheres negras estão ainda hoje ocupando o lugar da empregada doméstica de famílias de classe média e alta. Naquele espaço é demarcada a subordinação, a desigualdade. Muitas vezes, esta mulher se divide em duas ou mais jornadas de trabalho, servindo de sustentáculo de uma estrutura que não se movimenta para a sua ascensão. Se não atuantes do serviço doméstico, Gonzalez (2018) lembra que essa mulher negra vai ocupar o papel da mulata, tipo exportação, não percebendo elas que fazem o jogo hegemônico da exploração, submetendo seus corpos ao fetiche dos turistas, especialmente europeus, e da burguesia brancos. Essa função vai ser camuflada por uma expressão popular potente de significados: o carnaval com suas escolas de samba. Esta mulher, que serve aos apreços da exploração de seus corpos, reforça o estereótipo trazido por Lélia Gonzalez e ratificado na tese de doutorado de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) de que “preta pra cozinhar/mulata para fornicar / e branca para casar”.

Se os homens lutam para manter-se vivos, as mulheres negras lutam para existir. Negadas em todos os espaços, por ter sua luta silenciada, tratada como emocional, revanchista, as mulheres negras têm como inimigos toda a sociedade que insiste em silenciar sua luta e censurar suas reivindicações, inclusive pelas mulheres brancas. Daí minha posição de que o termo sororidade não cabe às mulheres negras, pelo simples fato de não terem sua dor reconhecida pelas brancas, ao contrário, diminuída e menosprezada, tal como já nomeou Piedade (2017) com o termo Doridade. Sobreviver e resistir é uma constante para o grupo feminino negro que

está nessas terras por sua própria conta e que luta pelo seu povo, já que diante do exposto nada tem a perder.

Diante de todo o relato, pensando a História Tradicional e a chamada História vista de baixo, a micro-História ou qualquer outra definição que o valha, defendo a existência de uma História das Mulheres Negras como um ramo que busque, para além de uma narrativa, uma descrição, em sua completude, da existência das mulheres no curso da história do mundo, para além de definições e/ou inserções em movimentos políticos. Seja feminismo, mulherismo, negrismo ou qualquer outro movimento, as mulheres negras constituíram uma história incutida na formação de seu povo. Após a diáspora forçada para sustentar economias em todo mundo, todos os atravessamentos violentos por que passaram, bem como seu modo de sobre-viver, precisam ser re-constituídos para que seja explicado e solucionado o que hoje ainda impede a essas sujeitas uma condição de bem-viver. Junto a isso, vem o entendimento sobre toda a sua cultura, incluindo a escrita. Para tanto, em meio a essa História da Cultura, ramos diversos vão surgir: escrita, leitura, religiosidade e tantos outros. Nessa perspectiva, é que desejo desenvolver um projeto de pesquisa propondo contribuições para pensar essa História das Mulheres Negras enquanto ramo científico, muito mais do que um componente curricular. Porém, cabendo aos interesses do estudo que aqui apresento, retomo uma reflexão já sinalizada anteriormente acerca da leitura e escrita dessas mulheres.

Como se sabe, os estudos africanos têm suplantado barreiras para o entendimento das subjetividades e objetividades do povo negro no mundo. Para isso, vêm criando possibilidades que vão desde a ruptura do discurso que o coloca na posição de objeto até a construção de proposições teóricas que aprofundem e localizem a realidade dessa população desde o pós-abolição, condição divergente em diversos países do mundo e tendo o Brasil como o último a sair do contexto “legal” de escravidão.

Não podemos deixar de mencionar que a simplificação do tratamento historicamente desumanizado serviu como uma ferramenta de violência epistemológica para olhar para as pessoas de cor, especificamente no Brasil. Por esta razão é que aqui ainda entendo que a afrocentricidade, ou mais precisamente, a afroperspectividade são princípios necessários para rever o olhar sobre a negritude e suas nuances. Tudo isso para chegar ao objetivo final da seção que é o de situarmos a escrita de mulheres negras no Brasil do século XX, quando e onde localizamos Carolina Maria de Jesus, a autora cujos escritos são o meu foco de observação neste estudo.

É necessário partir do pressuposto que a escrita realizada por mãos de mulheres negras traz em seu bojo uma carga de subjetividades que intensificam a propriedade política do sujeito

mulher negra, dentro do grupo de mulheres. Por esta razão, não é possível tratar essa prática manual com um teor universalista com o qual a Academia historicamente sustenta no que se refere ao valor do texto escrito.

Embora a tradição não tenha relacionado as mulheres negras no passado como sujeitas escreventes e dominadoras da tarefa do registro, este não deixou de ser feito, seja sob quais sejam os pontos de vista. Assim, parto do sentido afro referenciado para destacar que a pauta da mulher negra demarca atravessamentos-símbolos de uma agenda singular. Este grupo, localizado à margem, vai se caracterizar, no aspecto literário ao menos, tendo a escrevivência como um de seus operadores metodológico-analíticos. Por fim, resalto que conceitos como afrocentricidade, margem, literatura negro-brasileira e escrevivência serão alicerces para minha reflexão. Todos eles marcados na escrita de Carolina Maria de Jesus que não se furta de historicizar a partir de suas leituras o seu ponto de vista perante a condição degradante que enfrenta.

No meu tempo de menina as lêituras eram sadios. Instrutivas, falava de fadas anjos e flôres. As de hoje falam em guerra. Até as propagandas falam em guerra guerra aos preços altos guerra aos tubarões guerra aos políticos ineficientes Ouve-se isto nas campanhas elêitoraes. O que eu sei dizer é que quando eu era menina a maioria era analfabeta. Mas havia ordem. e tabela nos preços. Os comerciantes tinham mêdo dos fiscaes. E por falar em fiscaes, que fim levou os fiscaes?

Hoje a maioria é alfabetisada e que dessordem! para mim que conheci este paiz bem organizado, e ve-lo assim, tenho a impressão que o Brasil, virou de pernas para o ar. Ou então lhe amputaram uma perna e êle esta andando de mulêta. Ó então eu dêvo dizer: Brasil! Brasil! Eu, não te entendo mais. Tem pessôas que me diz que o Brasil esta rico. outros me diz que o Brasil esta devendo muito ao estrangeiro que um dia abre falência.

E quando o Brasil falir qual sera o outro paiz que irá dar nome ao Brasil So se o Brasil fazer igual aos turcos que quando abre falência muda de nome. No meu tempo de menina o Brasil era pobre, e não tinha favela.

Hoje é rico. E tem favela. para min as condições atuaes do Brasil, é igual uma carta enigmatica, indecifravel.

com a falta de ordem no paiz derrivou a insolidariedade a insensibilidade, o amôr propio. O que me faz revoltar aqui na favela. é a indolência das mães companhia filhos As crianças são matriculadas na escola Municipal. Alguns faltam dias, e dias. E eu as interrogo, porque não fostes a escola?

— perdi a hora.

Mas, quando eles sabem que vão ganhar uniformes. apareçem nas escola antes da hora e implantão no portão. (JESUS, 1958)

Enfrentando a fome e os altos preços dos itens de subsistência, vivendo da atividade de coletora de materiais recicláveis, Carolina de Jesus encontra condições para fornecer um projeto intelectual que comporta tudo isso de que aqui falamos nos manuscritos da década de 1950, colocando-se como uma sujeita central para o funcionamento da nação, ela é a representação

de uma margem. Contudo, a margem que sustenta uma sociedade e desmorona toda a estrutura sem a sua existência. Carolina Maria de Jesus aponta caminhos para a mudança dessa tal ordem nacional e que horizontalize as condições de existência dos brasileiros, mas também sabe até que ponto a classe dominante está disposta a ceder para a equidade aconteça.

3.4 “AS OPINIÕES PUBLICAS VARIAM IGUAL AS TEMPERATURAS ATMOSFÉRICA”¹⁹: UM PERCURSO REFLEXIVO

Por muito tempo, os estudos sobre a África tiveram uma perspectiva de terceira pessoa. Sem autonomia, silenciadas, sendo contada sob o olhar de quem, por assim dizer, estava no centro do entendimento, no domínio epistemológico. Em outras palavras, muito do que se estudou sobre o continente africano era pensado sob a ótica do eurocentrismo. Com isso, muitas visões apresentadas, principalmente ao longo do Iluminismo, contribuíram para o olhar reducionista sobre indígenas e africanos. Nesse contexto, diferenças culturais ainda são postas como marcas de inferioridade e os povos africanos, tratados como incompletos, deficientes e que, para serem vistos como seres humanos, precisavam se adequar ao *modus operandi* europeu. (Asante, 2009, p. 113)

De diversas maneiras tem sido espalhada a internalização desse discurso de supremacia europeia, branca. E foi com base nisso que a Europa forjou a sua identidade se pautando como referência a ser seguida e como a mais civilizada, enquanto a África e os africanos como seu reflexo negativo. Ainda que a abolição tenha dado aos africanos a liberdade física, a condição de cidadania ainda é uma utopia, uma vez que há a negação do enraizamento ideológico dessa supremacia neles inculcido, impedindo o próprio bem-viver.

Molefi Kete Asante (2009), precursor do conceito de Afrocentricidade, aponta alguns argumentos usados com frequência para negar não apenas a supremacia branca, mas também o racismo, no Brasil e em outros lugares:

[...] os argumentos [...] incluem: 1) aceitação implícita da brancura como norma ideal; 2) negação da raça como categoria socialmente relevante; 3) negação da raça como realidade física e louvação da mistura racial; 4) negação da existência de uma realidade cultural africana e louvação da mistura cultural; 5) corte espacial (“não aqui”); 6) corte temporal (“não mais”). (ASANTE, 2009, p. 113)

O autor atribui como consequência de tal negação a impossibilidade de resistir a essa supremacia e, como resultado disso, indivíduos que “perdem de vista a sua história e depreciam

¹⁹ Jesus, 1959.

sua cultura enquanto valorizam, acima de tudo, uma cultura estrangeira.” (Asante, 2009, p. 113).

Uma das grandes estratégias para a conversão intelectual dessa ideia se dissimula no manto da “educação formal”, uma ferramenta dominada pela branquitude. Não se trata de uma atividade acadêmica simplória, uma vez que as teorias, os conceitos, as ideias, por mais neutros/as que sejam (se é que, em alguma instância, podem assim ser caracterizados/as) apresentam alguma origem histórica e cultural específica. E, se observar o sistema de ensino e de aprendizagem no Brasil, pode-se perceber que a proposta pedagógica adotada em muitas escolas ainda privilegia uma forma de ensino contada sob a ótica de grandes reis, gerais, de componentes do alto clero, sempre privilegiando uns em detrimento de outros, sempre justificando toda a sorte de barbárie e exploração contra oprimidos, sempre lançando luz sobre a produção literária de um determinado grupo e ofuscando outros. Não apenas ofuscando, mas silenciando, apagando e, até mesmo, desaparecendo com essa produção. Em suma, é necessário fazer uma reflexão sobre a questão racial na educação e a ausência desse debate, já que o silêncio se dá pelo fato de considerar o racismo estranho à Educação.

Por muito tempo, eu acreditei que a Educação, como a que aí está, é um antídoto para o racismo, por seu papel, em tese, transformador, revolucionário, emancipador. Porém, sem a Educação ele não se reproduziria, já que faz parte de todos os processos e projetos educacionais. No campo educacional, ele é tratado como uma questão moral e é preciso que seja entendido por todos como mais do que isso: é político, econômico, tecnológico. Ora, se o problema do Brasil é a desigualdade, a Educação camufla isso, como um sistema de reprodução de condições subjetivas e objetivas, a partir dos aparelhos ideológicos do Estado: escola, instituições setoriais, academias universitárias etc. Esses espaços são lugares de luta pela hegemonia, de conflito permanente. A Educação, a escola servem para civilizar, é o local em que civilização e cultura andam juntas. A Educação por longo tempo serviu, e ainda serve, para mostrar às pessoas que existe uma ordem no mundo e ali apontam coisas como a existência da desigualdade ser resultante daqueles que não conseguiram chegar a um determinado grau evolutivo.

Diante desse raciocínio, o propósito e a forma de educação constituem-se como prioridade no paradigma afrocêntrico em razão do seu potencial que se localiza de fato como libertador (Mazama, 2009). A autora chama atenção para os trabalhos de Shujaa e Hilliard, dois intelectuais afrocentrados da área crítica da Educação, em que o primeiro, Shujaa (1995), estabelece uma diferenciação entre Educação e escolaridade. Apesar de os autores se referirem aos africanos nos Estados Unidos, o pensamento cabe perfeitamente ao Brasil:

[...] Mwalimu Shujaa (1995) afirma que a educação é um imperativo cultural para os africanos nos Estados Unidos. Enquanto o principal propósito da escolaridade é o controle social, juntamente com a reprodução da hegemonia do segmento populacional dominante euro-norte-americano sobre a sociedade, a educação assegura a transmissão à geração seguinte de valores e atitudes que reflitam a cultura de determinado grupo. (Mazama, 2009, p. 125-126)

E digo referir-se ao Brasil porque as escolas públicas daqui, de frequência majoritariamente negra, não estão ofertando educação, tal como Mazama se refere aos Estados Unidos, ao seu público, e este não deve esperar por isso, uma vez que o ensino é carregado de um discurso negativo e debilitante de seu povo. Por isso que autores de diversas esferas entendem que as reformas educacionais não melhoram em nada a realidade educacional, por não questionar o sistema opressor, todavia apenas seu mecanismo operacional (Shujaa (1991) *apud* Mazama (2009)). Ainda na linha de pensamento do intelectual apontado por Mazama, a Educação, tal como executada no Brasil, apenas instrui debilmente os indivíduos que por ela passam, mas é incapaz de contribuir eficazmente com a comunidade negra, por aderir à ideologia europeia de ordem individualista, materialista e racista.

O autor atribui às famílias a responsabilidade da educação das crianças e dos jovens, a começar pela avaliação do conteúdo a ser acessado e depois pela construção de caminhos que possibilitem a transmissão desse conhecimento (Mazama, 2009). Nessa linha, ficamos com a reflexão de como a estrutura aí interfere, pois os pais destas crianças e destes adolescentes são justamente aqueles que não tiveram esse acesso, que não desfrutaram de um outro olhar que não o do processo de escolarização tradicional e, por esta via, culturalmente excludente. Por isso que o próprio Shujaa, de acordo Mazama, defende a criação das escolas afrocêntricas como instrumentos capazes de condicionar uma educação que reorienta os estudantes negros, permitindo o conhecimento de si mesmos, dos caminhos que reforçam a opressão e, assim, possam trabalhar para o seu desaparecimento.

Com a Educação sendo uma das ferramentas de perpetuação da ideologia eurocêntrica, assim surge a Afrocentricidade, como um paradigma para desafiar o eurocentrismo, que carrega em si o desprezo por esse espelho negativo pelos africanos, retirando sua identidade, invisibilizando-os até, como já mencionamos, para si mesmos. Para estudiosos afrocentrados, como Mazama (2009), Asante, idealizador do paradigma, transforma a relevância epistemológica em um princípio científico operacional.

Asante (2009) define a afrocentricidade como um processo de recentralização do povo africano, criando uma nova realidade e uma nova perspectiva na mente dessas pessoas, retirando esse aspecto de vitimização ou dependência e injetando-lhes a possibilidade de

agenciamento. Em outras palavras, é a conscientização sobre a agência dos povos africanos (2009).

É importante entender inicialmente o conceito trazido por Molefi Kete Asante de agente e agência:

Um *agente*, em nossos termos, é um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses. Já a *agência* é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. [...] Quando consideramos questões de lugar, situação, contexto e ocasião que envolvam participantes africanos, é importante observar o conceito de agência em oposição ao de *desagência*. Dizemos que se encontra desagência em qualquer situação na qual o africano seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo. (2009, p. 95)

Asante entende que, em qualquer condição, seja ela forte ou fraca, a agência deve existir. Se não existe é declarada a condição de marginalidade. Não apenas no sentido de viver à margem, mas de destruição de tudo o que lhe é relacionado, da sua personalidade. Daí a busca por alternativas que o faça escapar a essa extinção que ocorre em todos os planos e situações, sejam elas sociais, culturais, econômicas, políticas etc. O conceito de marginalidade a que Asante vai se referir tem um significado de privação, de aniquilação. No entanto, hooks (2019d) contribui para que seja alargado o seu sentido.

Muitas vezes, referimo-nos à margem como uma dinâmica de organização social, como locus social, como geografia, e falar dela é falar especificamente de relações de poder. É necessário, quando se está à margem, olhar para a dinâmica da sociedade de dentro para fora e fora para dentro. A margem constitui o todo, mas não constitui o centro.

hooks (2019c; 2019d) faz um percurso didático para que tal conceito seja entendido. Para a autora, o olhar para a perspectiva negra nos desloca para fora do lugar comum e isso requer pressão contra limites opressivos, pois é necessário confrontar a realidade de escolha e localização (hooks, 2019c).

Nesse movimento referido, ela nos questiona:

Dentro dos domínios complexos e sempre mutáveis das relações de poder, será que nos posicionamos do lado da mentalidade colonizadora? Ou será que continuamos ao lado da resistência política, junto aos oprimidos, prontos para contribuir com nossos modos de ver e teorizar, de fazer cultura, para esse esforço revolucionário que busca criar espaço onde quer que haja acesso ilimitado ao prazer ao e poder de saber, onde quer que a transformação seja possível? (hooks, 2019c, p. 281)

Com tais questionamentos, hooks (2019c) me chama atenção para a investigação dos silêncios, para falar sobre esses espaços e localização, e também para entender a linguagem

como um lugar de luta. E aí surge uma nova questão: falamos com oprimidos e opressores da mesma maneira?

Lembrando-nos que a voz dos oprimidos é uma voz ferida que contém dor, uma fala de sofrimento, muitas vezes um som que ninguém quer ouvir, a autora convida o leitor ao exercício de incluir vozes, criando um espaço de abertura radical, no qual é permitido recuperar tudo aquilo que somos em forma de linguagem. Falar das ausências, das lacunas deixadas é uma forma de transmitir ao leitor algo que foi esquecido ou que permanece ali numa estrutura profunda (hooks, 2019c). Em suas próprias palavras: “Nossa luta também é uma luta da memória contra o esquecimento” (2019c, p. 284).

Acredito, assim como ela, que rememorar diz respeito à necessidade de criar espaços nos quais seja possível resgatar e recuperar o passado, espólios de dor, sofrimento e triunfo que possam transformar a realidade e vai denominar isso de politização da memória. Essa análise é importante porque a intelectual ressalta a necessidade de distinguir nostalgia, aquele anseio de que algo seja como antes, o que ela considera inútil, da lembrança que funciona para iluminar e transformar o presente ((2019c), coadunando com o pensamento de Asante de que não é uma romantização do passado, como aponta Paul Gilroy (2012).

Quem duramente critica a análise do autor de *Atlântico Negro* é Mark Christian (2009). Em seu texto, *Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade*, Christian resume a produção de Gilroy, tanto *Atlântico Negro* quanto *Contra a raça* como uma tentativa de negar qualquer noção de solidariedade negra e consciência coletiva. Nas palavras de Christian (2009), Gilroy sustenta que as várias formas do nacionalismo negro, surgidas da diáspora africana, apresentam elementos semelhantes ao nazifacismo, como os estilos organizacionais do garveísmo e da nação do Islã, mas que não questiona a solidariedade de outros povos nem problematiza outras identidades coletivas. Christian atribui a não-crítica aos europeus como uma entidade coletiva e sem o estigma do essencialismo ao fato de Gilroy estar em meio aos europeus e, como tal, num espaço geográfico e cultural legítimo que não demanda análise crítica. (Christian, 2009)

De acordo com o autor, Gilroy não compreende o significado das demonstrações de solidariedade entre os povos oprimidos, desejando que os negros esqueçam o pensamento, a organização e a solidariedade raciais, mas não critica “o fato de os europeus terem inventado o conceito de “raça” e o utilizado como categoria política e cultural contra os negros e em defesa da supremacia branca.” (Christian, 2009). E vai além: afirma que Gilroy não entende a proposta afrocêntrica de compreender a solidariedade negra para contribuir na neutralização da discriminação racializada. Desta maneira, nas palavras de Cristian, Gilroy nos conduz a um

caminho de dissolução da luta negra (Christian, 2009), uma vez que não enxerga que são as relações de poder que determinam a raça.

Se, para Christian, Gilroy dá atenção à união dos povos num contexto racializado, ele acredita que o autor de *Atlântico Negro* deveria considerar o racismo branco que originou a necessidade desse tipo de solidariedade. Por fim, ele caracteriza a tentativa de Gilroy como simplista, automática e ilusória, pelo fato declarado de o autor, a partir de suas afirmações, demonstrar estar totalmente desligado da luta dos povos africanos. (Christian, 2009)

Existe entre as comunidades da diáspora africana uma experiência comum de deslocamento, exploração, discriminação e resistência que as liga. É nesse sentido que o pensamento de Christian se aproxima do de hooks: quando ele entende que ser membro da diáspora africana é vivenciar de alguma forma a marginalidade social e psicológica na interação social. Há quem mascare essa abordagem e, com isso, a pressão para que o silenciamento de nossas vozes aconteça, seja para cooptá-la ou para enfraquecê-la (hooks, 2019c). Há aqueles que combatem a existência marginalizada “centrando” o que é ser originalmente africano nos limites da cultura eurocêntrica (Christian, 2009). Em ambas as formas, na maioria dos casos, conforme aponta hooks, estamos sujeitos a todas as formas pós-modernas de morte, por insistir em permanecer e ficar sozinho e isolado nesses espaços (hooks, 2019c). Quem vive bem (e são poucos ainda) inventa o que ela chama de espaços de abertura radical. E é dessa maneira que, sob sua ótica, a margem deve ser vista. hooks lista um conjunto de ações para essa prática de abertura radical, alternativa de sobrevivência:

Nosso viver depende da capacidade de conceituar alternativas, muitas vezes improvisadas. Teorizar sobre essa experiência esteticamente, criticamente, faz parte de um conjunto de ações para uma prática cultural radical.

Para mim, esse espaço de abertura radical é uma margem – um abismo profundo. Ocupar esse lugar é difícil, mas necessário. Não é um lugar “seguro”. A pessoa fica sempre em risco. Uma comunidade de resistência se faz necessária. (hooks, 2019c, p. 287-8)

Daí que ela nos convida a entender que estar na margem é participar do todo, mas fora daquele corpo entendido como principal. Significa que estamos num lugar em que vemos que, do outro lado, há privilégios dos quais não usufruímos, mas que somos a base de sustentação da manutenção deles. Somos obrigados a entrar nesses locais e voltar para eles, mas não viver neles, pois nosso lugar é a margem. E deste lugar temos uma visão dupla: da margem para o centro e do centro para a margem e assim compreendemos ambos. Do ponto de vista amplo, sobreviver implica saber separar os dois; do ponto de vista restrito, é necessário que reconheçamos que somos parte vital e necessária do todo (hooks, 2019c, p. 289).

É com esse olhar que ela constrói um lastro analítico desafiador, especialmente, em *E não sou eu uma mulher?* (2018) e *Teoria Feminista: da margem ao centro* (2019). Neste último, seu investimento é explorar a teoria feminista, sob aspectos teóricos e práticos, propondo novas direções. Em sua visão, o feminismo precisa se tornar um movimento político de massa para que cause algum efeito revolucionário e transformador na sociedade. Por isso, é importante entender que a margem não é somente um espaço de privação, mas de possibilidades radicais e de resistência. Ora, se se pode entender a marginalidade como lugar central em que se produz um discurso contra-hegemônico e que transcende as palavras e alcança os hábitos da existência de vida, é possível também que se faça dela um espaço para alimentar essa perspectiva radical, da qual se vê, cria, imagina alternativas, novos mundos e não se conforma com o estabelecido (hooks, 2019c).

Aí reitero que não se trata de romantização, pois tudo vem da experiência vivida. Mesmo que estejamos enquanto grupo condicionadas a mudar de vida e sair concretamente das margens, é importante que se mantenha acesa a chama da resistência, incluindo as lembranças das feridas, a origem das cicatrizes, como forma de descolonizar, ou como terminologicamente prefiro, contra-colonizar²⁰ o pensamento. Se trato a marginalidade apenas como negativa, posso ser facilmente dominada.

É interessante o exemplo dado pela autora (hooks, 2019c) acerca do pedido de sua mãe para que ela tivesse cuidado quanto ao conhecimento absorvido na universidade, em que ela diz que não era preciso amar os brancos. Esse pedido está diretamente relacionado com a ilusão ocasionada a partir do conhecimento eurocêntrico apresentado nos estabelecimentos de ensino, como até mesmo a ideia de discurso do “outro” constantemente defendido pelos brancos o qual esconde lacunas, ausências, podendo até apagar a nossa história. Agindo assim, muitos estudiosos da outridade (Morrison, 2019) agem como interessados na escuta, mas não na voz. Não querem a voz protagonista, querem que lhes contem a nossa história, para depois falar por nós, considerando-se melhores do que nós. E essa contação acontecerá de maneira diferente, de maneira apropriada, permanecendo no lugar que sempre nos foi negado, o de autoridade; permanecendo colonizador, sujeito falante e no centro da nossa fala (hooks, 2019c). Essas forças, que não querem ouvir nossas vozes, querem que falemos apenas do lugar do flagelo, dos desejos não-realizados, da dor. É necessário que falem conosco e junto a nós.

²⁰ O termo descolonial, a meu ver, teve seu significado esvaziado quando novamente a supremacia branca tomou o como objeto de investigação. De todo modo, entendo que, mesmo trazendo análises de viés decolonial, tal grupo não o produz.

Como já dito aqui, o silêncio temerário e a passibilidade da margem como negativa são plataformas para a dominação colonial que, dentre outras coisas, carrega em si o poder da alienação. Por isso, Asante desenha o projeto afrocêntrico, constituindo-o de:

1) interesse pela localização psicológica; 2) compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 3) defesa dos elementos culturais africanos; 4) compromisso com o refinamento léxico; 5) compromisso com uma nova narrativa da história da África. (Asante, 2009, p. 96)

A partir dos itens dessa lista, é possível entender a não-romantização da ideia de passado, sob a ótica afrocêntrica, pois se entende a localização como psicológica, cultural, histórica ou individual ocupada pelo indivíduo em um dado momento da história. O afrocentrista, conforme Asante, coloca o africano dentro e no centro de sua própria história (Asante, 2009): é importante saber de onde ele fala para a construção do pensamento.

Apoiada na Afrocentricidade, na perspectiva ameríndia e no Quilombismo²¹, a afroperspectividade é definida por Renato Nogueira (2015) como:

uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas, sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios. O que denominamos de Filosofia afroperspectivista é uma maneira de abordar as questões que passa por três referências: 1ª) Afrocentricidade; 2ª) Perspectivismo ameríndio; 3ª) Quilombismo. (Nogueira, 2015, s/p)

Entende-se, ressalte-se, por africanos aqueles nascidos e situados no continente africano e aqueles que de lá se deslocaram, os diaspóricos. Entender a posição de sujeito do indivíduo de cor é situar o que ele diz, pensa e faz. Desta forma, é possível proteger os valores culturais de nossos ancestrais que foram desprezados numa atitude historicamente violenta. Por meio da linguagem, temos uma alternativa, para evitar a negação dos africanos como agentes de sua própria história.

Recobro aqui o raciocínio acerca da simplificação como uma ferramenta de violência epistemológica. A redução, em toda a sua esfera, leva a apagamento de fatos, a manutenção de privilégios, à subalternização dos povos, condicionando-os a menores, inferiores.

A Europa conseguiu enraizar sua cultura como universal de tal maneira que ela se torna exemplo de padrão para o resto do mundo e para ser civilizado ou humano é necessário parecer

²¹ Nogueira se refere a proposta de Quilombismo de Abdias do Nascimento que o defende como um sistema econômico. Para Nascimento, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema, as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. (Nascimento, 2002)

com os europeus. O afrocentrista/afroperspectivista entende que a cultura europeia é apenas mais uma cultura, não deve ser colocada acima, melhor que ou à frente das outras, mas ao lado das demais. Um dos seus desafios é romper com a noção de universalismo europeu e o outro é o multiculturalismo numa nação heterogênea, o qual implica nisto: um espaço para todas as culturas. Sobre isso, Asante (2009) questiona:

Se dissermos que “multicultural” se refere simplesmente a “muitas culturas”, teremos um bom ponto de partida para uma discussão sobre a sociedade. Se “muitas culturas” deve ser o referente, por que então, numa sociedade heterogênea, temos a promoção da hegemonia de uma monocultura? O maior perigo de uma nação heterogênea é a falta de abertura às multiculturas existentes em seu interior. O afrocentrista sustenta que a cultura europeia deve ser vista como estando lado a lado, e não acima, das outras culturas da sociedade. A liga que mantém unida a sociedade não pode ser a aceitação forçada da hegemonia, mas antes a aceitação discutida de valores, ícones, símbolos e instituições similares que têm sido empregados no melhor interesse de todas as pessoas. (Asante, 2009, p. 108)

Como reforça Mazama (2009), a afrocentricidade surge em resposta à supremacia branca, uma resposta ao encarceramento mental gerado a partir de visões que direcionam à pormenorização do olhar sobre outros grupos, como os indígenas e os africanos. Ainda hoje, as diferenças culturais são entendidas como marcas de inferioridade. Daí o alicerce dos estudos afro-americanos como o “estudo sistemático e crítico dos aspectos multidimensionais do pensamento e da prática dos negros em seu desenrolar atual e histórico” (Karenga, 1993, p. 21 *apud* Mazama, 2009, p. 119).

Por isso que um outro olhar para a ideia de margem é necessário. Dela emergem percepções sobre como os pressupostos teóricos de correntes como o feminismo negro e o mulherismo africano, por exemplo, servem como sustentáculos para o propósito afroperspectivado, especialmente pela condição do olhar para o coletivo.

De um lado, o feminismo, uma corrente que nunca foi protagonizada por mulheres que mais sofrem opressão sexista, subjugadas em todos os contextos, sem perspectiva de mudança e silenciadas pelas circunstâncias sociais, atravessadas a partir de raça, gênero/sexo e classe. Por muito tempo, as feministas brancas anularam essas mulheres, recusaram-se a combater a hierarquia de raça e impediram a visualização da relação entre raça e classe social. Não é possível aceitar um pensamento que elenca que todas as mulheres são igualmente oprimidas, como se não houvesse experiências distintas e que a opressão do sexismo não variasse conforme alguns critérios.

O feminismo negro critica essa corrente do passado que apresenta uma visão apolítica imposta pelo sexismo, que falha ao ver o homem como o grande inimigo. A corrente, defendida

por mulheres como bell hooks, Patrícia H. Collins, nos Estados Unidos, e, no Brasil, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, luta por acabar com a opressão sexista, desenvolvendo uma consciência política, já discutida a partir de suas experiências diárias. Trata-se, pois, de um método analítico que requer a investigação de todos os aspectos da realidade política da mulher. Assim sendo, devem entender que raça e opressão de classe, como questões feministas, estão no mesmo patamar de relevância que o sexismo. (hooks, 2019d)

O feminismo negro tece uma crítica às mulheres que tiraram o foco do desenvolvimento e espaços centrados na mulher e enfatizaram a identidade, a quem enxerga a corrente como um estilo de vida. Quem assim o vê desconhece as realidades sociais e econômicas enfrentadas pelas mulheres negras e pobres. (hooks, 2019d). Estamos falando de um feminismo como compromisso político que se contrapõe ao feminismo como mera identidade individual e estilo de vida. As seguidoras deste se intitulam feministas e estão meramente preocupadas em acabar com a exploração e a opressão, mas não apelam para as experiências comunitárias, para um engajamento real em que extinguir a opressão signifique lutar, ação nada segura nem tampouco prazerosa, como afirma hooks (2019c).

Existe uma forte crítica da autora quanto a escolher dizer-se defensora do feminismo, ao invés de se dizer feminista. Isto porque, ao dizer-se feminista, geralmente signifique uma conexão com noções pré-concebidas de identidade, papel e comportamento. Diferentemente de assumir-se defensora do feminismo que remete ao questionamento do que seja a corrente.

Quando digo “defendo o feminismo”, a resposta que geralmente é “o que é o feminismo?”. A frase “defendo o feminismo” não implica o tipo de absolutismo sugerido pela afirmação “sou feminista”. Ela não nos engaja naquela mentalidade dualista que constitui um componente ideológico central de todos os sistemas de dominação da sociedade ocidental. Implica antes que uma opção foi feita, que o compromisso com o feminismo é um ato de vontade. Não sugere a ideia de que, uma vez firmado o compromisso com o feminismo, desaparece qualquer possibilidade de apoio a outros movimentos políticos. (hooks, 2019c, p. 63)

Reforçando e utilizando a mirada de hooks, Collins (2016) traz a marginalidade como um estímulo à criatividade. Em seu texto, *aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, ela faz um percurso de localização das mulheres negras sugerindo três temas chaves que caracterizam a literatura multidisciplinar sobre o tema, explicando sua significância e potencialidade. Em resumo, os temas são: o significado de autodefinição e autoavaliação, a natureza interligada da opressão e a importância da cultura de mulheres afro-americanas.

É importante que as mulheres negras busquem sua autodefinição, autoavaliação e centralizem a análise em si mesmas, por serem necessárias a sua sobrevivência. Isto porque

reforçar o próprio ponto de vista diante de um modo do “outro” estereotipado, objetificado, é uma maneira de resistir aos sistemas de dominação. É necessário nesse contexto ressaltar que historicamente o papel ocupado por elas é de um extremo oposto ao dos homens brancos, ocasionando-lhes a desvalorização, a negação das subjetividades enquanto indivíduo oprimido. Lembre-se aí do ato de silenciamento e invisibilização. Nos mais diversos contextos, as mulheres negras tiveram sua presença ignorada, como estratégia de aniquilação da própria existência. Uma outra razão diz respeito à importância em permitir que mulheres afro-americanas rejeitem a opressão psicológica internalizada. É um forte ataque constante e diariamente à autoestima dessas mulheres causado pelo controle das imagens. (Collins, 2016)

No aspecto da natureza interligada da opressão, feministas negras entendem que nenhum aspecto minimiza o caráter de subordinação. Por isso, buscam entender os elos entre os sistemas de raça, gênero e classe, desenvolvendo interpretações teóricas da interação entre eles. Por outro motivo, têm uma visão humanista no pensamento negro, enxergando a simultaneidade das opressões entre os diferentes grupos oprimidos além delas e, assim, não elaboram soluções apenas para o grupo de mulheres negras, e sim baseadas em toda a solidariedade humana (Idem, 2016).

Sobre a importância da cultura das mulheres negras, a autora entende que as mulheres afro-americanas criam e transmitem autodefinições e autoavaliações essenciais para lidar com as opressões simultâneas que vivem. Sob sua ótica, a cultura dessas mulheres não é homogênea: existem aí construções sociais que juntas formam a sua cultura. A redefinição dessa cultura tem alertado para questões inexploradas como a ideia de irmandade, um conceito que se materializa de maneira diversa a depender do contexto, todavia muito importante em seu meio. Essa ideia de irmandade, sob o olhar de muitas estudiosas e citada em Collins (2016), tinha benefícios tangíveis, psicológicos e políticos. Outro aspecto dessa cultura é o sentido de maternidade compartilhada por mulheres negras e seus filhos biológicos, seus filhos em famílias estendidas e com os filhos da comunidade negra. Nesse contexto, os trabalhos em nome dos próprios filhos se estendem para um trabalho em nome dos filhos da comunidade. Por fim, uma outra dimensão da cultura das mulheres negras é o papel da expressão criativa em moldar e sustentar as autodefinições e autoavaliações de mulheres negras. Não se trata apenas de registrar as conquistas das mulheres negras e produção de suas diferentes artes, mas compreender porque a criação é tão importante na cultura delas. A partir dessas investigações, é possível explicar que a necessidade da criatividade de mulheres negras, ainda que em um escopo limitado, contribui para a resistência à objetificação e afirmação das subjetividades como seres plenamente humanos. (Collins, 2016)

No aporte do Mulherismo Africana²² que foi o outro paradigma citado anteriormente, enxergamos o aspecto cultural das mulheres negras como um elo de ligação entre as visões empreendidas por ele e o feminismo negro.

O Mulherismo Africana é um termo cunhado e definido por Clenora Hudson-Weems, em 1987, após quase dois anos debatendo publicamente a importância da auto nomeação para mulheres Africana.

Em livro traduzido e lançado no Brasil intitulado *Mulherismo Africana: recuperando a nós mesmas*, a autora traz uma explicação detalhada sobre suas escolhas frente ao paradigma.

Por que o termo “Mulherismo Africana”? Ao concluir que o termo “Mulherismo Preto” não era exatamente a terminologia que incluiria o amplo significado desejado para este conceito, eu decidi que “Mulherismo Africana” era uma evolução natural da nomeação, era a terminologia ideal por duas razões básicas da cunhagem, Africana, identifica e faz referência a sua raça, estabelecendo sua identidade cultural, relacionando-se diretamente com sua ancestralidade e pertencimento cultural - a África. A outra parte do termo, o Mulherismo, relembra o poderoso discurso improvisado de Sojourner Truth “E não sou eu mulher”, em que ela batalha contra a opressão em sua vida como uma mulher Africana, refutando a ideia aceita em torno da feminilidade. Sem dúvida, ela é o outro lado da moeda, a co-parceira na luta pelo seu povo, aquela que, ao contrário da mulher branca, não recebeu privilégios especiais na sociedade americana. [...] O mulherismo Africana não deve ser confundido com o “mulherismo” de Alice Walker [...]. Segundo Walker, uma mulherista é ‘uma feminista negra ou feminista de cor... que ama outras mulheres, sexualmente e/ou não sexualmente, aprecia e prefere a cultura das mulheres... [e quem] às vezes ama homens individualmente, sexualmente e/ou não. Comprometidos com a sobrevivência e integridade de pessoas inteiras, homens e mulheres... Mulherista é feminista como a púrpura e a lavanda. (xi, xii)’. (Hudson-Weems, 2020, p. 42-43).

Hudson-Weems reforça que o Mulherismo Africana é uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de descendência Africana. Está fundamentada na cultura e se centra especificamente nas experiências, lutas, necessidades e desejos únicos das mulheres Africanas. Sob a perspectiva da autora, o povo Africana deve eliminar primeiro as influências racistas em suas vidas. Diferentemente do feminismo, ela enxerga o sexismo como um problema secundário em relação à raça, classe e preconceitos econômicos. (Hudson-Weems, 2020). Ainda nesse escopo, pensa que a coletividade é o passo para pensar a emancipação e sobrevivência: “Em resumo, a recuperação da mulher Africana através da identificação de nossa própria luta coletiva e da atuação dela é um passo fundamental para a harmonia e sobrevivência humana”. (Hudson-Weems, 2020, p. 51).

²² É importante deixar explicado aqui que os nossos estudos não confiam a nenhum paradigma como o mais completo ou importante. Pela limitação do espaço não falaremos de outras correntes. Escolheu-se o feminismo negro e o mulherismo africana apenas para exemplificar e tratar que o debate permite que verifiquemos todos esses paradigmas como complementares ou, se não, como formas diferentes de observação sobre o mesmo elemento.

As características básicas deste paradigma remontam à África e à antiguidade, pois, nas palavras de sua idealizadora, a própria prática “representa uma continuidade do rico legado da mulher Africana na antiguidade, continuando seu papel de portadora de cultura em casa, na África, berço da civilização”, e depois levando-a para as diásporas Africana, através do povo Africana-Melaninado, no Caribe, nos Estados Unidos e assim por diante” (Hudson-Weems, 2020, p. 73). Sobre isso, é importante mencionar duas questões: i) o discurso de Truth nos permite interpretar que essa mulher Africana, para além de berço da civilização, é geradora da mão-de-obra que movimenta o mundo; ii) tudo a ela relacionado parte da possibilidade de reconhecimento, mas também de invisibilização da sua condição primeira de co-criadora.

As características do Mulherismo Africana são: automeação e autodenominação, centralidade na família, harmonia com os homens na luta, papéis flexíveis para todos/as, irmandade genuína entre as mulheres, força, compatibilidade masculina, respeito e reconhecimento, totalidade e autenticidade, espiritualidade, respeito aos mais velhos, adaptável, ambição, maternal e nutridora. Em resumo, estamos falando de princípios que movimentam a coletividade e contra-argumentam princípios ocidentais de existência. Princípios que, conforme esse e outros paradigmas, aniquilam a existência negra. A ideia da coletividade mantém viva cada um dos indivíduos Africana, o nome e a definição de ser sujeito permitem que o racismo não nos dê o nome que quiser, conforme aponta Lélia Gonzalez (2018): “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles”.

Nessa perspectiva da coletividade, redefine-se o conceito de maternidade/maternagem. O ato de gestar não tem apenas uma função biológica. Somos maternas e praticamos a maternagem no momento em que gestamos mentes, indivíduos, personas para que seus corpos-territórios ocupem todos os lugares legítimos de acesso, para que suas mentes elaborem soluções para forjar possibilidades positivas, para desviar e eliminar as reconfigurações atualizadas de navios negreiros e escravização. A partir da escuta de nossos mais velhos, voltamos nosso olhar para o passado aprendendo com suas experiências, mas reeditando novos caminhos que nos tirem do jugo da subordinação, percebendo que a hierarquia sexual nos destrói, pois, num contexto empreendido pela supremacia branca, apenas um grupo domina: não equiparação. Conhecer nossas histórias, trazê-las à tona, contá-las, disseminá-las é uma estratégia pungente de recuperar a autoestima estilhaçada pela exploração e flagelo. É isso que nutrirá nossas existências numa perspectiva de afirmação do bem-viver. Por esta razão, a escolha do paradigma não é aqui o mais importante. Trazê-los e tratar um pouco a seu respeito serve-nos como mostra de que, seja quais forem eles, seu objetivo é situar teórica e

politicamente a pessoa de cor no debate sócio-econômico-político-cultural e devolver um espaço negado ao longo de pelo menos quatro séculos.

3.5 “DICIDI PELA LITERATURA. EMBORA O ESCRITOR DO BRASIL PRECISA SER RICO E EU... LIXEIRA, DE FAVELA, E PRETA COM PRETENSÕES A LITERATURA...”: SOBRE PERIFERIA, MARGEM E LITERATURA

Já trouxe aqui o conceito de margem desenvolvido pela literatura multidisciplinar. Em toda a esfera epistemológica, a margem deve ser tratada como uma relação, é uma dinâmica de organização social. Como já apontado, não se trata de um *locus* social, não é geografia. É uma possibilidade de desenvolvimento do modo de olhar. Como metáfora, é uma alternativa para entendermos as relações de poder; e, a partir dela, observar, descrever e entender as dinâmicas sociais existentes, tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro. Por isso, a margem constitui o todo, mas não constitui o centro. E entendemos que a visibilidade é historicamente dada a quem ocupa a posição central.

Isto porque quem ocupou esta posição central a exerceu com o papel de herói, redentor; e, a partir de suas “conquistas”, qualquer feito, por mais agressivo, violento que fosse, tinha uma justificativa plausível para eles. Nesse contexto, o aparato documental para contar a história tradicional simplificou, ocultou e, até mesmo, destruiu qualquer episódio que ultrajasse a imagem dos indivíduos conquistadores, isto é, da supremacia branca. Sequestros, saqueamentos, exploração, abusos e toda sorte de violências eram justificáveis em nome da fé, da paz, da “descoberta” de novas terras. Infelizmente, em razão da dominação branco-europeia, a história teve, por muito tempo, apenas uma versão: a do grupo dominante.

Nessa narrativa dos fatos históricos, a voz foi atribuída como direito inato apenas àqueles que eram vistos como seus interlocutores oficiais. Qualquer descrição, narração, explicação dada para esses episódios deveriam ser contados pela instituição europeia universalizada sempre. Aqueles que não estivessem caracterizadamente próximos deste grupo tinham sua narrativa sempre em terceira pessoa. Isso condenou muitos grupos a um espaço de objetificação nas páginas da História e o motivo para tal relacionava-se sempre na condição de inferiorização que lhes era atribuída.

Quando falamos em margem e a questão do direito à voz, há dois pontos que me interessam e que cabem como exemplos para tratarmos aqui: as favelas e a literatura. De alguma maneira, ambas vão se entrecruzar mais adiante.

É fato que na literatura multidisciplinar, as favelas, comunidades, periferias, quaisquer que sejam os sinônimos dados, é uma reedição das senzalas, assim atribuída em razão da precariedade e como um problema urbano, especificamente no Brasil.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, doravante IBGE, as favelas, palafitas, entre outros, os aglomerados subnormais são

formas de ocupação irregular de terrenos públicos ou privados, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas que apresentam restrições à ocupação. As populações dessas comunidades vivem sob condições socioeconômicas, de saneamento e de moradias precárias²³. (IBGE, 2020).

Em 2019, de acordo o último Censo Demográfico, havia 5.127.747 milhões de domicílios ocupados em 13.151 aglomerados subnormais no país. Essas comunidades se distribuem entre 734 municípios, em todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. Nove anos antes, em 2010, havia 3.224.529 domicílios em 6.329 aglomerados subnormais, em 323 cidades.

Segundo o IBGE, ainda que a proliferação de ocupações irregulares esteja associada às grandes capitais, o levantamento mostra que as comunidades periféricas estão localizadas em maior proporção em cidades pequenas e capitais das regiões Norte e Nordeste do país. Belém e Manaus, por exemplo, tem mais de 50% dos domicílios ocupados em ocupações irregulares (55,5% e 53,3%, respectivamente), seguidos de Salvador, com 41,8% das habitações em comunidades carentes. Já as grandes capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, as mais populosas do país, a proporção não passa dos 20%. Entretanto, a quantidade de imóveis é a maior entre todas as outras capitais. Ainda conforme os dados do IBGE, o Rio de Janeiro tem 453.571 domicílios em aglomerados subnormais e São Paulo, 529.921. Lembrando que São Paulo tem quase o dobro populacional do Rio de Janeiro.

O IBGE destaca que os dados não se encerram aí por conta de o levantamento não dimensionar totalmente a vulnerabilidade do país. Há bairros pobres que não foram classificados como aglomerados subnormais, por conta de seus moradores possuírem a terra ou por terem serviços de água e saneamento. O que os dados apontam é uma mostra dos vulneráveis entre os mais vulneráveis.

O que quero salientar é que a população urbana vivendo nesses aglomerados precários cresce assustadoramente com o passar dos anos. Estudiosos como Queiroz Filho (2011) ressaltam que a quantidade de documentos históricos acerca do processo de favelização é reduzida. Sabe-se que o crescimento das favelas no Brasil está diretamente relacionado com o

²³ EBC, 2020.

processo de urbanização, decorrente da industrialização vigente nas décadas de 1950 a 1970. Todavia, anteriormente a esse período, as favelas já existiam.

O próprio Queiroz Filho (2011), tomando como base os estudos de outros pesquisadores, remonta o surgimento das habitações urbanas precárias ao início da colonização portuguesa. As favelas estariam aí associadas ao contexto histórico da cidade fluminense, no século XIX. Nesse período, as habitações populares eram conhecidas como cortiços, estalagens ou casas de cômodos (Vaz, 2008 *apud* Queiroz Filho, 2011). Esses lugares comportavam uma quantidade significativa de moradores e a eles foram associadas insalubridade, propagação de epidemias, promiscuidade e violência. O crescimento quantitativo era resultante da crise urbana decorrente do crescimento demográfico e do *déficit* habitacional.

Pereira (2014), ao descrever o conceito de favela, nos lembra ainda de como o teor médico-higienista lhe atribui o caráter de um “‘cancro’ a ser extirpado do tecido social”. E assim, discorre o olhar que a sociedade lança sobre esses espaços segregados:

Seus moradores, quando não invisibilizados, foram considerados “invasores” e o próprio termo “favelado” é utilizado, em diversas situações cotidianas, como xingamento. A desumanização do morador de favela, associada à degradação do espaço e das condições de habitação, devido ao abandono dos poderes públicos, tornou-se prática naturalizada. (Pereira, 2014, p. 35).

Pereira (2014) descreve ainda que, além dessa associação à ideia de pobreza, outras representações eram possíveis. Por um lado, a ideia de chaga social, sendo um local de carência, assim como também um lugar de violência e do surgimento e expansão do narcotráfico; por outro lado, uma ideia de possível exaltação do lugar e de seus habitantes, tratando-os como míticos e exóticos. No entanto, observamos a tardia e lenta intervenção do poder público para com as mudanças necessárias. Quando estas acontecem, muitas vezes são provenientes de uma força emanada dos próprios moradores por meio de austeras reivindicações.

A literatura brasileira começa a abordar a favela no século XIX e depois com maior profusão a partir da década de 1980. Antes lembremos que, nos primeiros quatro séculos pós-1500, a escrita brasileira se ancorava à portuguesa. Dessa forma, a crítica seguia os pressupostos do diapasão escrito luso, o que era parâmetro para análise das obras.

No início do século XIX, além da crítica às mudanças da sociedade industrial, os escritores buscavam o refúgio na vida próxima à natureza e a exaltação dos sentimentos amorosos. Houve aí a tentativa de alguns autores românticos de atacar a sociedade com obras nas quais o drama e a opressão das camadas populares eram marcados. No entanto, logo na segunda metade, as correntes contestadoras foram tragadas pelo Parnasianismo, que retornou

às temáticas clássicas, opondo-se à poesia romântica, valorizando características como a formalidade. Seus escritores faziam uso de um rebuscamento linguístico, vocabulário culto e descrições com riquezas de detalhes. Em razão da sua postura sem qualquer engajamento social, foram rotulados especialmente por pré-modernistas e os primeiros modernistas como defensores de uma literatura alienada, uma vez que problemas sociais estavam bem distantes de suas produções. O Simbolismo, por seqüência, carrega uma linguagem abstrata e meditativa, em diálogo com o misticismo e a religiosidade. Entre seus temas, a ideia de mistério da morte e dos sonhos empregando um teor metafísico dava o tom às obras do movimento.

Quando tratados nos textos daquele século, é possível observar que os descendentes de escravizados eram analisados sob uma ótica de preconceito e comiseração (Cutí, 2010, p. 16). Os negros e seus descendentes são objetificados pelo sistema escravagista. A literatura intensifica essa percepção:

A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade.

No período pós-Abolição, fica evidenciada a discriminação antinegra pela ausência de projeto oficial de integração da massa ex-escravizada que sai do campo e emigra para a área urbana, ou lá continua, enfrentando situações semelhantes ao regime que se extinguiu formalmente. Tal discriminação acompanhada de forte repressão policial, se não se oficializa, naturaliza-se. O silêncio em face da supremacia branca e suas práticas sutis e violentas de rejeição social antinegra vai, aos poucos, sedimentando na cultura o viés comportamental do brasileiro não-negro ou daquele que se julga como tal, e, inclusive, dos próprios negros. Discriminar, portanto, é também uma forma de os mestiços de diversas origens negarem-se como “negros”, mesmo que seus vínculos estejam presentes em sua ascendência, no teor de melanina da pele ou nas suas características faciais. (Cutí, 2010, p. 16-17)

Ainda que abordados nos textos desde o século XIX, tal como explica Cutí (2010), a visão desses escritores compactua com o olhar europeu, tentando silenciar questões referentes à população negra. Isso implicava concordar com a existência de uma superioridade branca, dando crédito ao processo escravagista e, como já dito anteriormente, legitimando todas as formas de violência e dominação; tudo isso para que se estabeleçam e justifiquem os mecanismos de controle e intervenção. As imagens de controle (Collins, 2019) alocadas nos textos ficcionais e não-ficcionais vão se emaranhar pelas diferentes áreas do conhecimento: Filosofia, Antropologia, Sociologia etc.

A partir da segunda metade do século XX, com o período modernista, a ideia de nacionalidade é retomada com enfoque em personagens menos visibilizados, como indígenas e a população pobre. No entanto, não observo um destaque para a discussão de seus conflitos, apenas um interesse no comportamento folclorizado pelo olhar de quem escreve. Nessa prática

de interesse enviesado, é possível observar o “racismo à brasileira”, este como uma ação perfeita e cada vez mais sofisticada, no qual existe o crime, mas não existe o criminoso.

Com base nos exemplos de Nelson Rodrigues²⁴ (artigo publicado na imprensa brasileira em 1957) e Luiz Gama²⁵ (poema pertencente ao livro *Trovas burlescas de getulino*), Cuti (2010) estabelece uma comparação sobre como os escritores direcionam o seu olhar para o negro. No primeiro caso, o negro é objeto de autocrítica, não dirigindo a palavra nem tendo a ele a palavra é dirigida. Cuti (2010) descreve:

[...] o autor criou assim uma desidentidade com a prática, transformando o “branco” em um ente abstrato e singular. [...] Outra percepção possível é que o autor, mesmo denunciando o racismo à brasileira, tenha usado um de seus recursos: a negação de si mesmo, ou seja, há o racismo, mas não se identifica o racista. No Brasil, o racista acaba sendo concebido como um ente sem consistência concreta, um fantasma que, vez ou outra, resolve atacar os negros. Há, pois, no final do trecho citado, um artifício de linguagem e um artifício de ideologia. (Cuti, 2010, p. 20-21).

Por outro lado, o texto de Luiz Gama aponta um sujeito discursivo que inclui o autor. No entanto revela no texto, o branco como o outro e concomitantemente o negro se define como tal. Nos versos, vê-se como o sagrado é utilizado para praticar atrocidades e como este foi instrumento da prática de violência: “Nos versos de Luiz Gama não há o recuo da abstração, como no final do texto de Nelson Rodrigues. A identidade negra é mantida até o final”. (Cuti, 2010, p. 22).

Cuti (2010) menciona a referência ao racismo em ambos os textos, uma pela autocrítica e o outro pela crítica, nos quais o leitor é convocado para uma particular reflexão e tem seu perfil determinado: “um branco (ou não negro) e o outro negro (ou não branco)” (Cuti, 2010, p. 22). O autor nos lembra ainda da contraditória curiosidade da deferência de Rodrigues a jogadores negros, escrevendo inúmeras crônicas a Pelé e Garrincha, ícones do futebol na segunda metade do século passado. Este mesmo autor que aciona o termo “complexo de viralatas”, está embasado no conflito de identidade nacional. Se, para o branco é tão complexo o reconhecimento internacional a partir de indivíduos negros; por outro lado, o preconceito racial e de gênero são pré-requisitos para avaliação pré-conceituosa de alguém. (Cuti, 2010). E a estratégia que o autor negro-brasileiro utiliza para romper com o preconceito em voga na produção de autoria branca é tornar “o preconceito e a discriminação racial temas de suas obras,

²⁴ Trecho destacado: “Não *caçamos* pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas *fazemos* o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós o *tratamos* com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em *nós* dia e noite. Acho o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo.” (Cuti, 2010, p. 19)

²⁵ Poema: Desculpa, meu amigo/ Eu nada te posso dar/ na terra que rege o branco/ nos privam té de pensar/ Ao peso do cativoiro/ Perdemos razão e tino,/ sofrendo barbaridades/ Em nome do Ser Divino!! (Cuti, 2010, p. 19)

apontando contradições e consequências.” (Cuti, 2010, p. 25). Isso, na visão do autor, dá ênfase ao que diferencia os discursos: o lugar de onde se fala.

A reflexão do poeta e teórico Cuti nos convida ao processo de escrita desse autor negro. Inicialmente, é importante lembrarmos que esse ato de escrever não ocorre tão individualmente. Quem experiencia a prática de escrever concorda com Cuti (2010) que o leitor é idealizado na mente do autor e, mesmo que a prática se dê de maneira solitária, a comunicação é no mínimo em dupla, isto é, do autor com o leitor. Entendo que esse primeiro leitor é o próprio autor. Aquele indivíduo que é seu próprio ouvinte; que descansa, após a produção, afastando-se das armadilhas que lhe contaminam o próprio texto e que retorna a ele em busca de uma possível primeira aprovação. Esse leitor, antes mesmo de buscar a aprovação do público que possa alcançar, criva a própria produção com seus critérios particulares de passabilidade/aceitabilidade. Daí a questionar até onde agrada mais ou menos é uma outra história. Mas é esse leitor de base autoral seu próprio e primeiro júri.

Vencida a decisão desse júri, o/a escritor/a negro/a tem agora pela frente o desafio da recepção. Esta que, por muito tempo, foi concebida exclusivamente pela supremacia branca dominante na sociedade. E o receio para com a censura leva as/os autoras/es a um comportamento na escrita que agrada ao público, a fim de não afetar o sucesso do trabalho. Por isso, tem aí exemplos de escrita que mascaram as subjetividades das/os sujeitas/os negras/os, seja com os estereótipos a elas/es atribuídos que muito já se discute, seja explorando a dor e o sofrimento desse grupo. A concordar com Cuti (2010), é o surgimento de leitores e crítica, em conformidade com o escritor, que rompe com esse temor e propicia um acesso a uma outra literatura que coloca a pessoa negra no centro da produção. Haverá diferenças na produção literária de negros e brancos que abordem as relações raciais e as quais serão demarcadas pelas subjetividades de quem escreve.

No período romântico começa a haver interesse para uma literatura que se afaste da metrópole colonizadora. Nesse período, a ideia de herói, o olhar para a geografia brasileira, para as realidades locais serão motivadores de uma vasta produção ficcional e de poesia. Sobre a população negra, por muito tempo, a autoria de igual adjetivo ainda é desconhecida do público. Autoras/es negras/os que produziram literatura sobre as relações inter-raciais demora(ra)m a chegar por razões que já são conhecidas. Um exemplo é Maria Firmina dos Reis, autora ainda pouco trabalhada nas escolas hoje para exemplificar o romantismo brasileiro. Em contrapartida, a autoria branca tem seu espaço garantido, a exemplo de Castro Alves, conhecido inclusive por sua veia abolicionista e o aposto de “poeta dos escravos”; todavia ressalte-se o lugar de onde

ele produz, marcando a sua subjetividade e o distanciamento para com o sujeito, por muito tempo tratado como objeto, sobre o qual escreve.

Já no século XX com os estudos sobre o negro iniciado no Brasil e a força das teorias racistas do período, o extermínio da população negra é um fato natural. Primeiro com a ideia de miscigenação camuflando o processo violento e devastador desde a invasão e se infiltrando no imaginário e depois na questão da miserabilidade inculcada na estrutura racial fruto também de um processo escravagista que ainda não se encerrou. Teorias essas que entendem o negro precisam desaparecer para o bem da humanidade e o caminho, se não pela morte, se dê pelo embranquecimento. A literatura contribui para reforçar essa ideia e aí tem casos inúmeros, como *O Mulato*, de Aluísio Azevedo e *Bom Crioulo*, de Adolpho Caminha, como exemplos do extermínio e *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro e *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello, como exemplos de clareamento dos descendentes (Cutí, 2010, p. 35). Outros casos mais invasivos como as obras de Monteiro Lobato²⁶ vão sugerir a esterilização da raça negra (nos Estados Unidos).

Sem nenhuma surpresa, encontrar um exercício direto da tentativa de extinção da população negra em obras de autores como Monteiro Lobato se dá pela simpatia que este tinha para com defensores da ideia eugenista. Além dos muitos diálogos com médicos e sanitaristas, Lobato foi um grande interessado da criação da Klu Klux Klan²⁷. Em uma carta do escritor enviada a Arthur Neiva, com data de 10 de abril de 1928, e publicada na revista *Bravo*, em maio de 2011, e reproduzida por muitos meios de comunicação do país, o autor de *Sítio do Picapau Amarelo* repudia a existência da formação do Brasil. A seguir, um trecho:

Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil’. Um dia se fará justiça ao Klux Klan [...] que mantem o negro no seu lugar. (Geledés, 2021)

E segue: “estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca — mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva”²⁸.

Trabalhos como os de Regina Dalcastagné (2012; 2017) vão representar o espaço dedicado às pessoas de cor na produção literária nacional, especificamente nos romances

²⁶ Exemplos destas obras são *Sítio do Pica Pau Amarelo* e, especialmente, *O presidente negro*.

²⁷ Grupo supremacista estadunidense que surgiu entre os anos de 1865 e 1866, muito forte no sul dos EUA e perseguia pessoas negras e defensoras dos direitos dos negros.

²⁸ Geledés, 2021.

brasileiros contemporâneos. As incitações feitas pelos autores brancos e/ou defensores dessas propostas vão sugerir uma condição de afro-brasilidade, na qual seria cada vez mais imperceptível a presença negra, pois a origem africana era apontada com valor inferior, desumana. É daí que a aceitação da população ‘morena’ se fortalece e junto a ela o falso mito da democracia racial, tentando instalar na mentalidade nacional também a inexistência do racismo e da desigualdade racial.

Cuti (2010) vai nomear a literatura brasileira produzida por pessoas negras de literatura negro-brasileira e aponta argumentos para discordar de outras possibilidades de nomenclatura. Uma delas é o termo “afro” em que ele assim caracteriza:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. (Cuti, 2010, p. 35)

Assim como “afro-brasileiro”, o autor vai discordar também do termo “afrodescendente” por ambos remeterem à África e assim promoverem à literatura brasileira uma ideia de suplemento da literatura africana. Uma interessante justificativa se deve ao fato de a questão racial no continente africano não ser tratada da mesma maneira que no território brasileiro, sequer ser mencionado. Além disso, está-se falando de um continente vasto, com particularidades literárias diversas, as quais vistas de fora sofrem também com a rotulação e têm sua identidade negada. Observo ainda hoje uma literatura que atravessou o oceano, com alguma dificuldade, mas que não é apresentada por sua identidade territorial/local: qualquer obra vinda de lá que aqui chega é tratada como pertencente a um território, negando as particularidades de cada nação. Isso sem falar nos escritores africanos brancos que ganham notoriedade antes mesmo do conhecimento do país a que pertencem. Há um *delay* entre a publicação e a tradução/chegada (não necessariamente nessa ordem) de muitas obras de autores negros africanos no Brasil.

Cuti (2010) chama atenção para a cor da pele desses escritores, lembrando que o termo “afro” abarca também os não-negros (mestiços e brancos) e, desta forma, o racismo não vai atingir a essas pessoas, bem como a herança africana “não está no corpo”, não marcando, por isso, “a experiência da discriminação racial”.

Por fim, além da cor, há ainda a questão da escrita. O autor entende que seja “o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca” (CUTI, 2010, p. 38) o ponto central dessas narrativas. Assim, “afro-brasileiro” se refere aos

estudos relativos aos traços da cultura africana, mas não necessariamente exige a presença do indivíduo de pele escura, remetendo a um continente com mais de 50 países e os quais nem todos são maioria de pele escura. Por esta razão, utilizo da definição de “negro-brasileira” dada por Cuti (2010) para caracterizar a produção textual deixada por Carolina Maria de Jesus, pelos motivos que o autor define e assim listei:

1. a autora fala e escreve na sua língua materna, o Português;
2. o termo “negro” precisa estar anexado ao nome “brasileiro” para distanciar-se daquelas correntes racistas do século XIX que se recusavam a reconhecer o negro a partir da ideia de miscigenação;
3. os traços fenotípicos da autoria negra rasura a estética eurocêntrica, não apenas do ponto de vista fenotípico, mas também outros elementos como a textura capilar e o vestuário, perpassando as produções culturais;
4. a escolha pela palavra “negro” marca um projeto ideológico de caráter interno e coletivo, repudiando qualquer ideia de inferioridade;
5. a literatura negro-brasileira nasce na e da população negra formada fora da África e de sua experiência em solo brasileiro: uma singularidade, ao mesmo tempo, negra e brasileira.

Em resumo, a literatura negro-brasileira, tal como Cuti a descreve não descende de um *corpus* na literatura africana, não provêm de nenhum livro, romance ou nenhuma ficção, trazidos por escravizados/as que pudessem ser referência de continuidade da literatura. Trata-se de uma literatura escrita que surge de outros escritos, mas que carrega, em suas particularidades, os traços da cultura oral, nossa gênese literária. É, pois, uma literatura que restitui aquilo que a alienação pungente causada pela classe hegemônica subtraiu.

3.6 “EU CATO PAPEL, FERRO, E NAS HORAS VAGAS ESCREVO”²⁹

Pensando o *corpus* utilizado para a realização do estudo aqui proposto, afunilo o olhar que estou dando para a literatura negro-brasileira, com base em Cuti, caracterizando-a de **literatura escrita por mãos de mulheres negras**.

Esse tipo de literatura está contido na literatura negro-brasileira e carrega características peculiares. Antes de entrar nessa reflexão, é importante ressaltar que escolhi não utilizar o termo

²⁹ Jesus, 1958.

“afro-feminina”, cunhado por Ana Rita Santiago da Silva (2010). Apesar de a autora trazer uma boa definição para o termo, como sendo:

A literatura afro-feminina, semelhante ao processo histórico de consolidação da literatura negra, se destaca não só com um tom de protesto e de denúncia, mas, sobretudo, por reescrever, cantar e ficcionalizar mundos, dramas, sonhos, experiências pessoais e socioculturais que lembram as memórias literárias de antepassadas/os e recriam novas palavras e escritas femininas negras. É constante, na produção literária de autoria feminina negra, o desenho de vozes e personagens negras sedutoras, não pelos seus aspectos físicos, mas pela sua força, coragem e decisão pela conquista da emancipação feminina negra individual e coletiva. Aparecem, ainda, em seus textos, figuras femininas negras, ávidas pela afirmação de si, ou simplesmente pelo desejo de tornar-se, de estarem cientes de seus dramas, como o racismo, a solidão e o sexismo, ou tão somente pelo sonho de permanecerem no mundo (e em seus mundos) como senhoras de si e de suas vontades.

A literatura afro-feminina, neste ínterim, pode ser considerada como um processo contínuo de (re) invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros. Há nela um “retorno” dinâmico ao passado, ou seja, há um relato de memórias ressignificadas, aliado a cenas de histórias, sonhos, vivências e resistências, no passado e no presente, vislumbrando cenas e agendas que gerem sonhos e conquistas no futuro.

Assim, pelo projeto literário afro-feminino, desenham-se discursos em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, forjam uma escrita em que (re) inventam sentidos, para si e para outros/as, e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. A escrita, desse modo, desponta como uma ação transgressora, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se insinuam outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se mulher, do vivido e do porvir. (Santiago, 2010, p. 100)

O termo “afro-feminina” se mostra insipiente a partir da terminologia “afro” que já mencionei anteriormente. Vejo, inclusive, uma contradição no uso pela própria autora, uma vez que ela também concorda com tal imprudência terminológica, a partir de “afro-brasileira”. No entanto, ela não se furta de manter tal prefixo na sua escolha do termo. Da mesma forma, há também um embaraço com o termo “feminina”, em razão de todo o contexto histórico que negou às mulheres negras, desde sempre, o direito a esse feminino. Essas mulheres sequer eram reconhecidas como tais, por serem animalizadas e destituídas da condição de ser mulher.

Nessa condição, lembro do histórico discurso de Sojourner Truth (2020) que chamava atenção em um congresso no qual a sua presença não fora bem recebida com o célebre questionamento: “E não sou eu uma mulher?”.

Sojourner Truth, que significava “Verdade Peregrina”, nasceu entre os anos de 1797 e 1800. Seu nome originalmente era Isabella Van Wagener e era filha de escravos de um coronel no condado de Ulster, Nova York. O coronel era descendente de colonos holandeses naquele estado. A escolha do novo nome tinha uma razão: “Truth” porque ela queria se dedicar a ministrar palestras e sermões a quem quisesse ouvir e “Sojourner” porque caminharia por onde

a sua caminhada a conduzisse. Ela queria transmitir aos demais que, mais do que uma sobrevivente, era uma prova viva de esperança. (Truth, 2020).

Truth não aprendeu a ler e a escrever. Quem pôs sua biografia no papel foi a sua vizinha Oliver Gilbert. Após a publicação do seu livro, em 1850, passou a ser convidada com maior frequência para palestrar e assim pode ter uma casa para morar. Ela passou a liderar movimentos a favor de escravizados recém-libertos e a se reunir com presidentes americanos como Lincoln e Grant. (Truth, 2020)

No ano seguinte, 1851, ela participa como ouvinte da Convenção dos Direitos da Mulher em Ohio. Foi nesse evento que ela pediu a palavra para rebater alguns religiosos conservadores que advogavam sobre a ‘inferioridade’ da mulher. O discurso de improviso, intitulado *Ain't I a Woman?* foi curto, todavia intenso e instigou movimentos pelo direito da mulher e combate ao racismo. A autora bell hooks (2019) utiliza o título em uma de suas mais importantes obras, dissecando o olhar histórico sobre a mulher negra.

Sojourner é uma das 100 pessoas norte-americanas mais relevantes e a primeira afrodescendente a ter um busto no Congresso, em Washington. Ainda hoje, ao ler o texto, o sentimento de atemporalidade prevalece por meio de palavras que inspiram os movimentos de luta contra a opressão racista, sexista e classista. (Truth, 2020, p. 20-21).

Conforme a tradução recém-lançada no Brasil, o discurso chega por meio do registro de duas pessoas na plateia. São elas: Marius Robinson, que era secretário da Convenção, e imprimiu o registro no mesmo ano, num periódico voltado para a causa negra, o *Anti-Slavery Bugle*; porém, o texto que se consagra é o da presidente da convenção, ativista de direitos femininos Frances Dana Barker Gage, publicado doze anos depois.

Apesar de algumas inconsistências na versão de Gage, como a quantidade de filhos e a sua língua natal como sendo o holandês, o texto é contextualizado e explica passagens desconhecidas do texto de Robinson, como a analogia dos corpos. Por fim, ressalto que o título do discurso só aparece na versão de Gage. (Truth, 2020). Para fins de conhecimento, replico aqui as versões supracitadas, junto com as introduções de seus transcritores, tal como foram publicadas.

Versão registrada por Marius Robinson, em 1851

Um dos discursos mais originais e interessantes da convenção foi o de Sojourner Truth, uma escrava alforriada. É impossível transferir para o papel ou reproduzir adequadamente a impressão e o efeito causados na plateia. Só podem apreciá-lo os que o viram e sua forma poderosa, sua alma entregue, seus gestos vibrantes, e os que a ouviram em seu tom forte e sincero. Ela se aproximou da plataforma, dirigiu-se à presidente com uma grande simplicidade: "posso dizer umas poucas palavras?". Ao receber uma resposta afirmativa, prosseguiu:

Quero falar algumas palavras a respeito dessa questão. Sou [pelos] direitos das mulheres. Tenho tantos músculos quanto qualquer homem e posso fazer tanto trabalho quanto qualquer homem. Já arei e ceifei, e debilhei e cortei e capinei, e algum homem pode fazer mais do que isso? Já ouvi muito falar que os sexos são iguais. Posso carregar tanto peso quanto qualquer homem, e comer o tanto quanto, se eu conseguir comida. Sou tão forte quanto qualquer homem que haja. E, sobre o intelecto, tudo o que posso dizer é que, se a mulher tem um copo e o homem tem uma jarra, porque é que ela não pode encher o seu copo? Não precisam ter medo de nos dar nossos direitos, com receio de que a gente vá pegar demais — porque não conseguimos pegar mais que o que cabe em nosso copo. Os pobres dos homens parecem estar confusos e não sabem o que fazer. Por que isso, meus filhos, se vocês têm o direito das mulheres, deem a elas e vocês vão se sentir melhor. Vocês têm os seus direitos, e elas não vão causar tantos problemas. Eu não sei ler, mas sei ouvir. Ouvir a Bíblia e aprendi que Eva fez com que o homem pecasse. Bem, se foi a mulher que desarrumou o mundo, deem a ela a chance de consertá-lo de volta. A senhora falou a respeito de Jesus, sobre como Ele nunca tratou com desprezo ou afastou as mulheres, e ela tem razão. Quando Lázaro morreu, Maria e Marta vieram até Ele, com fé e amor, e lhe imploraram para que ressuscitasse seu irmão. E Jesus chorou e o Lázaro ergueu-se. E como foi que Jesus veio a esse mundo? Por meio de Deus que o criou e da mulher que o teve. Homens, onde está sua participação? Mas as mulheres estão chegando, louvado seja Deus, e alguns poucos homens estão chegando com elas. Porém o homem está ficando em um aperto, está entre a cruz e a caldeirinha. (Truth, 2020, p. 24-25)³⁰.

Versão registrada por Frances Gage, em 1863:

As líderes do movimento tremeram ao ver a alta e esquelética mulher negra vestida de cinza e usando turbante branco, encimado por uma rústica boina, marchando deliberadamente igreja adentro, caminhando pelo corredor com ares de rainha e sentando-se aos degraus do púlpito. Um zunzum de desaprovação foi ouvido em todo o recinto, e pôde-se ouvir "vai falar de abolição", "direitos das mulheres e niggers", "eu te falei", "vai lá, negra!"... E mais de uma vez, tremendo de medo, vieram me dizer, insistentemente: "não deixe que ela faça um discurso, senhora Gage. Isso vai nos arruinar. Todos os jornais vão misturar nossa causa com abolição e os niggers, e vamos acabar denunciadas." Minha única resposta foi, "vamos ver o que vai acontecer".

O segundo dia de trabalho já tinha esquentado. Ministros metodistas, batistas, episcopais, presbiterianos e universalistas vieram para ouvir e discutir as resoluções apresentadas. Um deles afirmou direitos e privilégios superiores para o homem, com base no "intelecto superior"; outro, por conta da "masculinidade de Cristo. Se Deus desejasse a igualdade das mulheres, Ele teria dado alguma indicação de sua vontade no nascimento, vida e morte do Salvador". Outro nos deu uma visão teológica do "pecado da nossa primeira mãe".

Havia muito poucas mulheres naqueles dias que ousavam "falar em reuniões" e os augustos mestres pareciam estar levando a melhor sobre nós, enquanto os garotos nas galerias e os que assombravam os bancos estavam se divertindo com o que lhes parecia a descompostura dos "determinados".

Algumas de nossas amigas mais sensíveis estavam a ponto de perder a dignidade, e o ambiente parecia as vésperas de uma tempestade. Foi quando, lentamente, de seu assento no canto, ergueu-se Sojourner Truth, que até então mal havia erguido a cabeça. "Não deixe que ela faça discurso!", meia dúzia veio falar ao meu ouvido. Ela moveu-se lentamente, com solenidade, para frente, pôs sua velha boina a seus pés e voltou seus grandes e eloquentes olhos para mim. Ouviu-se um chiado de desaprovação, vindo de cima e de baixo. Levantei-me e anunciei: "Sojourner Truth", e implorei que a plateia ficasse em silêncio por um momento.

³⁰ Foi mantida a formatação do itálico conforme a fonte de onde foi extraída a citação.

O tumulto amainou-se de vez, e todos os olhos estavam fixados naquela forma quase amazona, com quase um metro e oitenta, a cabeça ereta e os olhos perfurando o ar como em um sonho. Com sua primeira palavra veio um profundo silêncio. Ela falava em tons graves e ainda que não falasse alto alcançava todos os ouvidos do recinto e para além das pessoas amontoadas nas portas e janelas.

Bem, filhos, onde há muita confusão deve haver alguma coisa fora da ordem. Eu acho que aquela mistura de *niggers* do Sul com as mulheres do norte, todos falando sobre direitos, os homens brancos vão ficar em apuros logo. Mas sobre o que todos aqui estão falando?

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e que têm que ser erguidas para passarem sobre poças e terem os melhores assentos em qualquer lugar. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama e nem me deu o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! [*E ela ergueu o punho para revelar sua tremenda força muscular*] Tenho arado e plantado e ceifado, e nenhum homem pode me superar! E eu não sou uma mulher? Eu posso trabalhar tanto e comer tanto quanto homem — quando consigo comida — e também aguentar o chicote! E eu não sou uma mulher? Eu carreguei treze filhos, e vi a maioria ser vendida ser vendida como escravo, e quando chorei minha tristeza de mãe, só tinha Jesus para me ouvir! E eu não sou uma mulher?

Então eles ficam falando sobre essa coisa na cabeça; como é que chamam mesmo? [*“Intelecto”, sussurrou alguém por perto*] É isso, meu bem. O que isso tem a ver com os direitos das mulheres ou dos negros? Se meu copo só comporta meio galão, e o seu comporta um galão, não seria maldade sua não deixar eu encher minha meia-medida? [*Ela apontou seu indicador e lançou um olhar penetrante para o ministro que havia apresentado o tal argumento. Os aplausos foram longos e ruidosos*]

Aquele homenzinho de preto ali, ele disse que as mulheres não podem ter tantos direitos quantos homens, “porque Cristo não era uma mulher!”. De onde vem o seu Cristo? [*Um trovão não teria paralisado a plateia tanto quanto aquela voz maravilhosa, profunda, enquanto ela ali se erguia, com os braços estendidos e o olhar de fogo*] De onde vem o seu Cristo? Vem de Deus e de uma mulher! Homens não têm nada a ver com Ele.

[*Voltando-se agora para outro dos que faziam objeção aos direitos das mulheres, ela passou a defender a mãe Eva. Não consegui acompanhá-la. Foi certo, arguto e solene. Cada frase provocava aplausos ensurdecedores.*] Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o suficiente para virar sozinha o mundo de cabeça para baixo, estas mulheres juntas [*e contemplou a plateia*] devem ser capazes de trazê-lo de volta, e colocá-lo na posição certa novamente! E agora elas estão pedindo para fazer isso, é melhor os homens deixarem. [*Um longo e celebratório aplauso foi a resposta.*] Obrigada por me ouvirem. Agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.

Em meio ao trovoar de aplausos, ela voltou a seu canto, deixando mais de uma entre nós com lágrimas a correr e o coração batendo de gratidão. Ela havia nos tomado em seus braços fortes e nos carregado com segurança sobre o atoleiro de dificuldades, mudando a maré a nosso favor. Nunca em minha vida vi nada parecido com o impacto mágico que persistiu no espírito da multidão naquele dia, e que transformou vairs e zombarias de uma plateia excitada em sons de respeito e admiração. Centenas correram para apertar suas mãos e congratular a gloriosa velha mãe, e para desejar que Deus a ajudasse em sua missão de “dar testemunho sobre a maldade desse povo”. (TRUTH, 2020, p. 26-29)³¹.

O teor do discurso de Sojourner Truth é contundente para pensar o silenciamento das mulheres negras nas sociedades ocidentais e como essas mulheres são atravessadas pelas mais violentas formas de opressão. De lá para cá, muitas mulheres no mundo inteiro vão fortalecer a denúncia acerca das violências que se intensificam.

³¹ Foi mantida a formatação do itálico conforme a fonte de onde foi extraída a citação.

Sueli Carneiro (2019) traz muito bem fundamentada essa questão em *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* com argumentos precisos sobre o não reconhecimento da opressão sofrida pela mulher negra por parte do discurso social. Trata-se de uma histórica estrutura que não vê nessa mulher negra a fragilidade feminina, uma vez que nunca recebeu qualquer tipo de proteção pela sociedade patriarcal. Ao contrário: sempre teve sua vida posta em risco e até hoje convive diariamente com o pânico de ser mulher neste país em que os índices de feminicídio e outras violências crescem absurdamente. Essas mulheres também nunca foram reverenciadas, sequer tratadas com algum reconhecimento positivo na sociedade brasileira: ainda ocupam em maioria o subemprego ou profissões de pouca ou nenhuma valorização. (Carneiro, 2019)

Desprezadas em todas as esferas, consideradas indignas de uma vida de boa qualidade, com saúde, educação e cultura, a estas mulheres é negado qualquer mínimo privilégio que contribua para a manutenção de sua vida. Nesse contexto, combater, cada vez mais, sofisticadas e atualizadas artimanhas eugênicas para a redução da população é um desafio para os movimentos negros. A população negra é tratada como descartável, tendo, de um lado, o olhar sobre as mulheres negras como alvo da esterilização maciça e das biotecnologias, em particular a engenharia genética, com as possibilidades oferecidas dessas práticas eugênicas; de outro, tem o homem negro como alvo direto do genocídio, tendo sua vida ceifada pelas estratégias do Estado: a violência policial, o sistema de enfrentamento ao tráfico de entorpecentes, o extermínio de crianças, a ausência de políticas sociais, dentre outras (Carneiro, 2019). Esse homem negro é enxergado como o indivíduo que precisa desaparecer, o suspeito “merecedor de ser alvejado com 80 tiros” porque ele perpetua a espécie, tendo a capacidade de reprodução em massa que gera desconforto a uma sociedade que só o enxerga do ponto de vista servil e descartável (Welsing, 2004).

Desse histórico de ataques à sua integridade física e moral, da voz de mulheres negras ecoada a partir da cultura oral que, no período escravagista, vai contar histórias para as crianças brancas, seus futuros senhores e exploradores. Essa mesma voz também passa de geração a geração de homens e mulheres negras ensinamentos de sobrevivência e luta, a ler a vida e as pessoas, guarda no corpo e busca na memória o próprio pertencimento. Narra para se sentir inserido no universo, um ser que não sucumbe, mas entende cada ato vivido como seu íntimo memorialístico. Essa experiência é sua pauta narrativa vital. A escrita vem depois. E não há uma escrita tal como a vivenciada pela tradição escrita branca hegemônica. Essa escrita vai apontar peculiaridades que inauguram um outro aspecto da literatura brasileira, especificamente

a literatura negro-brasileira. Quem encontra o nome técnico adequado é D. Maria da Conceição Evaristo de Brito, a renomada escritora Conceição Evaristo.

A autora que nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946, é uma importante autora brasileira. Escreveu as obras *Olhos D'água*, *Becos da Memória*, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, *Poemas de recordação e outros movimentos*, *Ponciá Vicêncio*, *Histórias de leves enganos e parecenças* e *Canção para ninar menino grande*. A professora Conceição Evaristo demorou muito a ser reconhecida pelo mercado editorial, uma vez que escrevia desde a década de 1990, tendo estreado seus textos nos *Cadernos Negros*³². Como acontece com muitas mulheres negras, ela ganhou sucesso no exterior, antes mesmo da acolhida da crítica brasileira. Mestre e doutora em literatura, D. Conceição constrói um pressuposto teórico, ao qual intitula de *Escrevivência* e que adequadamente sistematiza uma escrita peculiar às mãos negras que se predispõem a uma escrita marcadamente específica.

3.6.1 “Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo marcar os fatos”³³

Foi possivelmente a aula inaugural do semestre letivo da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), o momento em que presencio argutamente a estrutura reflexiva de Conceição Evaristo sobre a *escrevivência*.

A aula ocorreu em formato remoto no mês de setembro do ano de 2020 e foi transmitida pela plataforma *Youtube*, em decorrência da pandemia do Covid-19. Numa aula que durou mais de duas horas e que contou com uma explanação bastante rica em torno da definição de *escrevivência*, além de muitos questionamentos respondidos pela escritora e professora num diálogo bastante produtivo.

Conceição Evaristo remonta ao *Seminário Mulher e Literatura*, realizado no Rio de Janeiro como sendo a primeira vez em que mencionou a *escrevivência*, numa mesa com outras mulheres negras, a exemplo de Mãe Beata, Lia Vieira e Miriam Alves.

A ideia do termo permite a leitura dos textos pensando numa autoria que, ao escrever, inscreve-se pela memória da pele; uma inscrição que passa pela visualização de si e pela experiência enquanto sujeito negro. É uma alternativa para a afirmação de uma identidade negra.

Desde os anos 80, com ações desenvolvidas pelos movimentos negros, vejo intensificada a denúncia da falsidade do mito da democracia racial. Vejo também a *escrevivência* de um

³² Os *Cadernos Negros* é uma publicação da Quilombhoje que apresenta autores negros contistas e poetas.

³³ Jesus, 1958.

corpo negro realizada não apenas pela sua apresentação física em si, mas pela experiência histórica que atravessa suas vivências.

É possível conceber até certo ponto, e muitos ainda confundem, como a escrita de si, mas vai além, uma vez que a genealogia do termo cruza diálogos com africanos e seus descendentes no Brasil, em especial as mulheres. Desde um processo histórico muito particular, a definição nasce de uma situação particularizada. Observe-se aí as mulheres negras escravizadas e sua influência dentro da casa grande. Influência esta de mestras professoras dentro dos lares senhoriais; todavia, apesar de inscritas em diversas instâncias, não eram donas de si, já que tinham sua voz dominada pelos senhores, mas uma existência-experiência que burlava o imaginário daqueles infantes e que era representada em nome de um coletivo.

A escrevivência é, nesse sentido, coletiva, ainda que se marque a partir de um eu individualizado, não se esgota naquele único ser. Vejo na(s) personagem(ns) retratada(s) o exercício de memória que guarda muitos outros. Perco-me nas lembranças de quantos indivíduos estão guardados no sujeito ficcionalizado. Se a escrevivência se limitasse ao vivido unicamente, um autor teria milhares de personalidades. Por esta razão, tal instrumento teórico é o convite a pensar as inúmeras histórias construídas nas realidades silenciadas pelas opressões. Essa escrevivência está presente num *corpus* da escrita de homens e mulheres negras que pelejam com a autoria hegemônica. Nas palavras de Evaristo, “uma autoridade falocêntrica e notadamente branca, criando imagens de uma auto apresentação de um corpo que não é apenas descrito, mas, antes de tudo, vivido”.

Este corpo negligenciado, subtraído é o mesmo corpo vivido na escrita. Não é possível que essa autoridade hegemônica alcance o sentido da escrevivência, visto que ele ocupa o extremo oposto na narrativa: o algoz que extingue esse corpo e o impede de escrever a sua experiência. Está muito além da deslegitimação marcada pela simplificação da dor alheia, está na negação do direito de emitir sua mensagem.

Utilizando o exemplo de D. Conceição, não podemos tratar a escrevivência como escrita de si. Um exemplo desta é o livro *A cor da ternura*, de Geni Guimarães³⁴, em que a autora consegue ainda extrapolar para o pessoal. Em *A cor da ternura*, são incansáveis as passagens em que a narrativa da personagem se cruza com a de quem a lê, demarcando a coletividade. Se, na obra de Guimarães, é possível haver uma confluência entre o narrador de primeira pessoa e

³⁴ Escritora natural do município de São Manuel, São Paulo. Em 8 de setembro de 2023 completará 76 anos. É autora também de *Terceiro Filho* e *Da Flor do Afeto*. O contato com a poesia negra deu a seu trabalho um forte teor identitário. Guimarães acredita que o “ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo na sociedade e pode, com isso, motivar mudanças” (GUIMARÃES, 2018, p. 92)

o autor biográfico, em meio a circunstâncias por vezes ficcionais; na escrevivência, nada é ficção³⁵, sendo possível esbarrar-se em histórias experienciadas cotidianamente. Do mesmo modo, não podemos tratar a escrevivência como uma ego história. Neste caso, o historiador se propõe a contar sua própria história, age como o sujeito histórico, a exemplo de Beatriz Nascimento no documentário *Ori*³⁶.

Com isso, entendemos que o corpo enunciador de quem narra, de quem registra a sua escrevivência não se separa do *corpus narrado*, pois é esse mesmo corpo enunciador quem pleiteia o direito de criar e contar a história. Todos os processos pelos quais a/o sujeita/o é atravessada/o constituem a materialidade do texto, (de)marcando o eu, as subjetividades e são estas que fazem com que seja criado tudo o que é necessário ao texto, inclusive o vocabulário que se deseja. Natural percebermos na escrevivência da autora de *Ponciá Vicêncio* uma angústia coletiva que testemunha opressões, mas que também aponta esperanças de novos tempos.

Olhos D'água é um outro bom exemplo disso: por toda a obra testemunhamos as dores mais diversas de indivíduos que não nos são desconhecidos. Desde Ana Davenga, Maria e Di Lixão, atravessados pelas violentas desventuras (o pleonasma é proposital!) até Ayoluwa e sua mãe Bamidele, porta-vozes de uma tão sonhada esperança do nosso povo.

Essa literatura escreviente atua como testemunho e ficção e rasura a ideia tradicional de cânone, por conter marcas identitárias de uma história vilipendiada pela ideia de supremacia. É de fundamental relevância a adoção da prática escreviente na escrita, uma vez que a genealogia do pensamento jamais se apaga e sabemos que fomos submetidos a uma obrigação epistemológica fora do nosso conhecimento científico, daquilo que pensamos e fazemos, com bibliografia contraditória porque a sujeição branca define o conhecimento entendido como legítimo e usurpa e/ou apaga o que quer descredibilizar.

O processo colonizatório fez com que herdássemos uma memória esfacelada ou até que a perdêssemos, seja pela Bíblia, seja pela espada. Reconstruir essa memória incita o inconsciente coletivo resguardado: o vestígio está ali; e assim é tratado porque não temos um arrimo para retornar. A devastação impede esse retorno, porém a ficção nos permite reconstituir.

³⁵ Na epígrafe de *Insubmissas Lágrimas*, Evaristo (2016) traz “Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor”; no entanto, isso não descaracteriza o a definição de escrevivência. Ao contrário, reafirma-a sob a ferramenta da oralidade que não apresenta elementos narrativos desconexos ou infundados, mas pautados numa realidade existente e circunstanciada.

³⁶ Neste documentário, podemos ver os passos de Beatriz Nascimento num filme que não se limita a narrar apenas a sua história, mas a de um coletivo no qual ela esteve inserida. Essa coletividade atua como força histórica a partir da narração empreendida.

Ao entender que a voz do narrador atua como cúmplice porque não olha à distância, não julga, cumpliciza-se com o que é narrado, posso tratar a escrevivência como um operador analítico para pensar uma outra história da literatura brasileira.

3.6.2 “Porque eu *so* sei falar de livros. E eu sendo livre, posso viver com a *concrétisacão* do meu ideal, que é a literatura.”³⁷

Mais adiante, tratarei da importância que a literatura tem para Carolina de Jesus, mas é possível antecipar que se trata de uma possibilidade de dar sentido ao mundo. A passagem que utilizei como título é uma mostra de como Carolina M. de Jesus entende sua vida. Ao falar em ser livre, ela entende liberdade como a oportunidade em não sofrer diariamente, como ocorre, com o custo de vida e isso ser de fato um aprisionado e até obstáculo para o que ela entende fazer de melhor, que é a literatura.

Por muito tempo, a partir da ideia de cânone, as muitas ficções impulsionaram trânsitos para universos distantes da realidade experienciada. Assim sendo, um espaço de privilégio é destinado para quem detém o poder. Quem ousa refletir, estudar, pensar e romper com o subjugo da estereotipagem posiciona-se como um sujeito de resistência, porque, por longos séculos, esteve paralisado pelo medo, tal como o poema de José Alberto presente nos *Cadernos Negros* de número 5:

Quem Cala Não Consente

Quem calou
Não consentiu
Teve é medo

O silêncio não responde
E sim diz
À medida que se age
A quietude é que fala
Mas num questionamento
A voz é que é o unguento

Quem calou
Não consentiu
Teve é medo

Indecisão é grande
Bem como um labirinto

³⁷ Jesus, 1958

Olha-se de todos os lados
 E não vê saída
 O medo vem, se apodera
 O medo vem e a voz não fala

Quem calou
 Não consentiu
 Teve é medo (Alberto, 1982)³⁸

Até aqui, foi possível ter uma noção de que esse sentimento silenciou as expressões do povo, até ousar arriscar a expansão da voz para além do pensamento. Não se trata de uma estética física. Isto porque foi incutido na mentalidade da população negra a baixa autoestima e assim a impossibilidade de ser belo, de se apaixonar por si mesmo, em quaisquer que fossem as circunstâncias. O auto ódio é uma ferramenta sofisticada e eficaz para a aniquilação dos corpos pretos e o sistema colonizador/colonizante ainda faz uso massivo disso.

A partir da memória esfacelada, antes mesmo da recuperação desta beleza negada, vilanizada, o sujeito que produz essa escrita propõe-se a um empreendimento bastante sofisticado. É o que neste momento estou chamando de **escrita de reconstituição afirmativa**³⁹.

Essa escrita que possivelmente nasce na literatura pela permissão dada para o direito a ficcionalizar, é produzida por mãos negras que planeiam a reconstituição da memória destroçada pelo processo de subjugação, uma memória reconstituída e que vai se lançar enquanto material estético. E como isso se dá? Essas mãos negras que escrevem não têm um ponto de origem como referência, porém têm em si a guarda de que seus antepassados não surgiram do destroço. A construção da ficcionalização é uma forma de teorizar a partir dos episódios experienciados. Pensar este tipo de escrita é preencher as lacunas que a história da escrita deixou na narrativa do conhecimento.

Nossos antepassados tinham a cultura oral. Porém, as sociedades ocidentais se constroem a partir do registro escrito e, concomitante a isso, constituem sofisticadas estratégias de abreviação da vida dos nossos mais velhos. O memoricídio é um projeto para a classe dominante, uma vez que desarticula a legitimidade da oralidade enquanto testemunho. No entanto, fica o questionamento: por que o oral é menos importante, se, anterior ao escrito, passamos por ele? Tanto o oral quanto o escrito é no fim um testemunho humano e vale o que vale o homem. (Bá, 2013)

³⁸ Cadernos Negros, 1982.

³⁹ Esta é uma proposta em desenvolvimento e a noção tem previsão de publicação em 2024.

O sentido dado à palavra oral na tradição africana é culturalmente inversa ao sentido dado nas sociedades ocidentais, uma vez que lá aquele que falta com a palavra mata a sua pessoa civil, religiosa e oculta. Em resumo, ao mentir é preferível aos africanos que morram para si e para os seus. Daí a seriedade com que a oralidade é tratada.

A transmissão de saberes entre os africanos, assim, é passada de geração a geração sem perder as informações importantes e necessárias para a significação da sua existência. Não escrever significava ter uma memória mais desenvolvida, para que os dados fossem contados de maneira mais próxima ao que se cria ter sido. Contar história é uma cultura africana e a sua autenticidade se centra na contação longa, não resumida. Entretanto, com o poder colonial, era parte do projeto remover as tradições autóctones tanto quanto possível para implantar suas próprias concepções. O memoricídio não foi à toa: fez parte do fenômeno de aculturação a partir do que mais tarde vai desembocar na educação moderna.

A ideia de uma escrita de (re)constituição afirmativa se dá porque os sujeitos que a executam partem do vestígio para reproduzir os fatos e pensar suas motivações. É também afirmativa porque não se trata de uma estratégia de vitimização, mas de compreensão da ocorrência para que, mais do que a denúncia, reivindique-se o direito ao lugar negado. Nesse contexto de elucidação, não apenas o direito à voz, mas a compreender os papéis de cada agente na narrativa; todavia, ao narrar, as responsabilidades são evidenciadas. É necessário entender as circunstâncias que motivaram a situação de desigualdades vigentes entre os grupos sociais.

Portanto, não podemos entender que a escrita de reconstrução afirmativa seja apenas dor. Sob a ótica psicológica, é preciso entender as causas do destroço. Não aquelas contadas pela história tradicional, pois estas já sabemos. É preciso entender as circunstâncias do projeto violento que se alonga e sofisticava com o passar dos tempos. É preciso entender a motivação do sentimento de ameaça que grupos negros, indígenas e outros causam à supremacia branca. Enquanto grupo social dominante que se apodera dos espaços e imagens de controle, por muito tempo, o silêncio foi uma obrigatoriedade para quem acreditou na concepção da incapacidade de falar. Rasurar a tinta da história tradicional é apresentar uma leitura inédita. Escrever é uma forma de sangrar, nas palavras de Conceição Evaristo (2022). E o sangue que se derrama diariamente no projeto genocida mundial contra a população negra não pode apenas sujar a roupa de quem tomba, precisa escorrer dos olhos de quem o provoca. Essa escrita que aponta outras versões e dá o protagonismo a quem nunca foi humanizado, desnudando percursos e ações. Escolher um caminho que dista do estabelecido pela tradição é uma ação arriscada, porém necessária.

Quando a escrita encontrar a genealogia silenciada, e reconstituir a história não contada, estaremos prontas/os para ficcionalizar esperança e progresso. Enquanto isso nos amparamos nos vestígios, nas vivas vozes sobreviventes, outros exemplos de intelectuais, desconfortamos a tradição que gozou com a nossa dor, roubou nosso direito de ser e estar no mundo e teme ser revelada.

A proposta que aqui brevemente faço e que ganhará contornos descritivo-analíticos mais aprofundados em pesquisa futura parte justamente de exemplos literários tidos como ficcionais, como é o caso de *Um defeito de cor* (2017), de Ana Maria Gonçalves, que se centra na trajetória possível de Luísa Mahin, personificada em Kehinde; e também em *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo e *Crime do Cais do Valongo* (2018), de Eliana Alves Cruz. Narrativas com forte esteio histórico que se seguem dissecando, comportando e tecendo a composição crítico-literária, não apenas de passados, mas também de presentes e futuros, como outras histórias contadas pela própria Conceição Evaristo, mas também Fátima Trinchão, Miriam Alves, Virgínia Ferrão, Elisandra Souza, Jenyffer Nascimento, Jarid Arraes, Alzira Rufino etc.

Essa literatura que escava os recônditos atos dos algozes revela também momentos históricos e como os corpos negros os vivenciam. Lembro-me aqui do premiado romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, que, para além de reconstituir e contestar criticamente o quarto de empregada de Eunice, pequeníssimo e de parca luz, é um elemento para impulsionar um outro futuro possível e de retorno ancestral para a personagem Mabel. Ali onde ela via elementos para se rebelar e não aceitar um legado geracional imposto pela desigual estrutura social brasileira. Nesse romance, Cruz expõe um presente social ao qual não mais estamos dispostos a concordar, trazendo também um momento bastante emblemático para o Brasil, o qual foi a Pandemia da COVID-19. Muito mais que o registro do confinamento causado pela Pandemia que parou boa parte do mundo, a autora costurou um pano de fundo do que especialmente foi esse momento para as pessoas negras.

E não se trata apenas nessa proposta de apresentar uma escrita que reconstitui a partir da prosa. Quando inicialmente chamei de literatura de reconstituição, repensei e, neste momento, defendo o termo “Escrita” por considerar que muitos outros gêneros podem compor esse movimento. Já tendo citado o poema de José Alberto, outros textos de mesmo gênero vão denunciar, revelar, acalantar nosso sentimento de retorno e realinhamento e por que não lembrar de *Vozes Mulheres* (Evaristo, 2017), novamente de Evaristo, ou ainda de *Um dia bonito para chover* (2017), da poeta baiana Livia Natália? Histórias de um povo que também se cruzam com histórias individuais que falam de dor e de amor, sem ordem definida, escapando à alternativa de um bel prazer que qualquer outra literatura, que se pudesse dizer despreziosa,

jamais daria conta. Também aí os diários, os bilhetes aparentemente modestos, as cartas, as notas que guardam histórias e que gritam silêncios. Na minha proposta, disseco a estrutura dessa escrita trazendo pontuações que caracterizam um projeto estético vigente desde os mais remotos tempos e que está para além de somente contar histórias.

Por fim, verifico nas seções que seguem como a escrita de Carolina Maria de Jesus, a partir dos relatos dos diários entre os anos de 1955 e 1960, tem esse caráter de reconstrução afirmativa, a partir de elementos que denunciam as privações sofridas na favela e vislumbram a pertença a um mundo que tenta anulá-la, bem como a seus pares.

4 “ESCREVI A CARTA SEM ESPERANÇA. PORQUE O POVO DIZ QUE A GAZETA NÃO GOSTA DE NEGRO. MAS MÊSMO ASSIM... ARRISQUEI. QUEM ESTA PERDIDO NÃO ESCOLHE CAMINHO”: ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Mas eu sou fôrte! Não deixo nada imprecionar-me profundamente. Não me habato.
(Carolina Maria de Jesus)⁴⁰

Nesta seção, eu apresento, como o título indica, um itinerário da pesquisa proposta. Inicio trazendo, a partir de recortes da obra acessada de Carolina Maria de Jesus, trechos biográficos que contribuem para a compreensão desse seu lugar de escritora e intelectual. Em seguida, apresento de maneira sucinta a produção bibliográfica de Carolina de Jesus, detendo-me a *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* que, apesar de ter sido a primeira obra, ficará propositalmente por último por se tratar do *corpus* desta pesquisa. Além disso, é importante apresentar dados acerca das entidades que guardam o acervo de Carolina M. de Jesus. Em seguida, descrevo o documento editado e incluo quadros com dados de elementos referentes ao acervo disperso e quadros com exemplos de grafias e sinais de pontuação importantes para caracterizar a escrita de Carolina Maria de Jesus presentes em seu manuscrito.

4.1 “APRECIO APÉNAS AS MULHERES FEMINAS. QUE APRÉCIA TUDO QUE RELACIONA COM SEU SEXO”⁴¹: UMA HISTÓRIA TALHADA EM SEUS PRÓPRIOS ESCRITOS: QUANTAS MULHERES CARREGAM(-SE EM) CAROLINA MARIA DE JESUS?

De tudo o que tenho lido ao longo desses anos sobre Carolina Maria de Jesus, a uma conclusão pude chegar: quando penso construir um percurso biográfico sobre a escritora, é possível perceber que as peças dessa história nunca se completam e que essa mulher surge, ressurge, se reinventa e sempre nos brinda com um novo detalhe referente a sua história.

No entanto, começar uma pesquisa sobre Carolina Maria de Jesus demanda retornar à sua história, uma vez que ainda hoje, 109 anos do seu nascimento, 46 anos da sua morte, apresentada nos mais diversos espaços, conhecida internacionalmente, ela, por mais contraditório que possa ser, é desconhecida de uma parcela significativa da sociedade brasileira. E isso inclui as universidades e estabelecimentos de saber e ensino que, mesmo timidamente,

⁴⁰ Jesus, 1958.

⁴¹ Jesus, 1955.

têm se aberto para estudos de gênero, raça e classe e das maiorias minorizadas. É muito comum, ao comparecer a eventos dos mais diversos para falar de Carolina de Jesus, identificar fisionomias estranhas a sua produção e biografia.

Hoje é uma crescente a fortuna crítica da autora e nela há *flashes* biográficos que reconstituem sua trajetória, mas também a estereotipam, desqualificando sua importância para o cenário editorial, literário e social. Ao me tornar uma leitora intensa dessa fortuna, percebo uma similaridade entre os textos quando tratam do contexto pessoal de Carolina de Jesus: mãe ‘solteira’ de três filhos, catadora de lixo, mineira, baixa escolaridade etc.

É preocupante ratificar de tal maneira essas características, uma vez que, como dito, assim sendo, estas podem levar a um reforço de que o espaço de produção bibliográfica deva ter nome, cor e berço (origem social). Por muito tempo e ainda hoje, Carolina de Jesus, como apresentarei nas seções a seguir, ainda seja vista como a favelada semialfabetizada que escreveu um livro. Isto quando assim identificada! Porque há quem atribua a seu editor, e não a ela, a autoria da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

Importantes textos biográficos trouxeram dados importantes para pensarmos a trajetória dessa mulher que venceu barreiras para alcançar um ideal de vida: escrever, ter seu nome na capa de um livro e ser publicada por uma editora. Selecionamos algumas que considero relevantes.

A primeira delas, *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*, foi escrita por Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado. É uma obra da editora C/ Arte, publicada no ano de 2007 e tem 136 páginas. O título é extraído de trechos escritos da própria autora presente em datas do mês de Maio de 1958. São eles⁴²:

Quem não conhece a fome ha de dizer: quem escreve isto, e louco. Mas quem passa fome ha de dizer: muito bem Carolina! (Jesus, 1958)

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bêbo pinga. Eu sou sosinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no alcool Os meus filhos não mais ira respêitar-me E quem bebe não observa horario. E os meus filhos estão na escola precisa almoçar quando retorna. Escrevendo isto estou cometendo uma toliçe. Eu não tenho que dar satisfações a ninguem: para concluir. Eu não bêbo porque não gosto, e acabou-se Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. Se você achar que estou agindo açertadamente peço-te para dizer: _ Muito bem Carolina! (Jesus, 1958)

⁴² Para as citações extraídas diretamente dos manuscritos, utilizaremos, em alguns casos, o formato de citação diretas fora do texto, ainda que elas apontem menos de 4 linhas, conforme aponta ABNT.

São nove capítulos, à exceção da Introdução e das Referências que vão relatar desde Sacramento – Minas Gerais, cidade natal da escritora, até a ‘redescoberta’ de Carolina M. de Jesus nos anos 2000 com estudos a seu respeito. É um trabalho de cunho investigativo que tenta detalhar ao máximo o percurso, os dissabores e um pouco das pequenas grandes conquistas de Carolina de Jesus.

A outra obra de valor biográfico foi publicado mais recentemente, em 2017, de autoria de Tom Farias, pela editora Malê. Com uma quantidade maior de páginas, 402, *Carolina: uma biografia* está dividida em três partes: as duas primeiras com 10 capítulos cada e a última com 11 capítulos. Tom Farias se debruça num percurso que vai desde o nascimento de Bitita, apelido de Carolina de Jesus na infância, até os momentos finais de sua vida. Neste trajeto, falar de família, de sua curta passagem, mas de fundamental importância, pela escola, dos castigos e da peregrinação, suas andanças até chegar em São Paulo, na favela do Canindé, a repercussão de seu primeiro livro dentro e fora do país, até voltar ao anonimato e a morte inesperada. Porém, apesar de elementos significativos como as certidões de nascimento de Carolina M. de Jesus (uma com o ano trocado para 1915 e a outra com o ano atestado de 1914), a certidão de óbito do avô de Carolina de Jesus, Benedicto José da Silva, e à época, até então desconhecida, a foto de José Carlos, adulto, irmão mais novo da autora, a única filha viva de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus Lima, não reconhece o conteúdo informativo apresentado por Farias.

Ao longo desse trajeto, uma outra obra, não detidamente biográfica, também foi bastante significativa para aproximar-me dessa mulher tão cheia de significados. Em 1994, Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy lançam pela editora da UFRJ *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Com edição esgotada, em 2015, a editora Bertolucci lança uma segunda edição de 280 páginas, com alguns acréscimos, o que vai diferenciá-la da primeira. Na **nota do editor**, logo nas primeiras páginas, Carlos Alberto Cerchi a descreve:

Procuramos valorizá-la ao estilo de outros livros da nossa editora, com títulos na abertura dos capítulos e ilustrações em traços do artista João Pinheiro e fotografias inseridas na Parte V, acrescida para contextualizar a obra e seus autores, com destaque para o professor José Carlos Sebe Bom Meihy que manifestou despojado interesse em oferecer ao cenário editorial este livro. (...) Este livro lumiar, que desperta sentimentos atávicos de admiração pela literatura do nosso país, precisaria de um capítulo sobre a importância de Sacramento na personalidade ímpar de Carolina Maria de Jesus. Aí já não seria a segunda edição de um livro que nasceu de uma proposta inovadora e do propósito de oferecer aos leitores o acesso a um livro esgotado e que se encontra com o valor majorado na coleção de obras raras disponíveis na internet. (Cerchi, 2015, p. 10)

A proposta de Levine e Sebe Bom Meihy é composta de quatro seções que seguem a apresentação. A primeira seção traz *uma história para Carolina* construída a partir de

depoimentos jornalísticos, artigos em geral e dados estatísticos. Na segunda seção, há uma série de depoimentos colhidos e editados por Sebe Bom Meihy; entre eles, o de Vera Eunice e José Carlos, filhos de Carolina de Jesus; Audálio Dantas, Maria Puerta e Martha Theresinha Godinho. Estas duas últimas com especial presença nos diários de Carolina de Jesus. A terceira parte contém dois inéditos de Carolina de Jesus que são *Minha Vida* (correspondente à versão original de *Um Brasil para brasileiros* e *O Sócrates Africano*, referente ao avô de Carolina de Jesus. A apresentação dos ‘originais’⁴³, nas palavras dos autores, têm a pretensão de “dar uma prova do estilo de Carolina” (Levine e Meihy, 2015, p. 14). É graças a Vera Eunice quem “carinhosamente datilografou e guardou” (Idem, 2015, p. 15), além da confiança dada, que os autores vão acessar os textos inéditos. A quarta parte encerra o projeto com os relatos de experiência dos dois organizadores da obra.

Óbvio que estas três obras citadas anteriormente não se encerram como exclusivas para tratar da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, até porque no cenário editorial outras produções vêm ganhando visibilidade em formatos diversos a fim de ampliar o conhecimento sobre a escritora, a exemplo de cordéis e histórias em quadrinhos. (Arraes, 2016; Barbosa e Pinheiro, 2018).

Além disso, ao passo que os inéditos de Carolina Maria de Jesus vêm a público, junto a eles, passagens até então desconhecidas da sua vida também são reveladas. Assim como Farias (2017), compartilho do pensar que esgotar o conhecimento em torno de Carolina de Jesus e sua obra é uma tarefa quase que impossível, pelo simples fato de ela não permitir:

Ela está sempre nos desafiando a buscar por ela em lugares e situações cada vez mais misteriosos e intrincados. Em determinados pontos, parece que ela faz de propósito ao baralhar a própria história para que a tomemos como um enigma que verdadeiramente é. (Farias, 2017, p. 8)

E esse discurso não tem nada de romântico. O que percebo, e apresento nas próximas seções, é o descortinar de uma mulher determinada a viver pelo seu ideal de vida, de uma sagacidade incondicional e que transpassou barreiras que insistiam em tratar dela como um ‘fruto estranho’ da favela. Alguém que, felizmente, não se encerra nas suas obras mais íntimas e conhecidas, como *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita*. O que esse mercado editorial deixou para trás na edição de sua primeira obra, lá em 1960, tem muito a informar sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, que viveu os extremos da sociedade

⁴³ O termo ‘original’ é bastante discutido na Filologia e Crítica Textual. Daí pensarmos no cuidado para o uso do termo em relação à atividade de cotejo entre o texto manuscrito e a sua transmissão a fim de entendermos as interferências.

brasileira, tanto da falta de um pedaço de pão para comer, contestando cotidianamente os altos custos de vida, à fartura de carne e a dispensa cheia. O pouco acesso à escolarização, ao letrado mundo cultural que não a privou de protagonizar seus (dis)sabores ao longo de todo aquele tempo.

A fortuna crítica ainda não trouxe um relato autobiográfico integral, a partir dos escritos deixados por Carolina M. de Jesus. Sei que muito se perdeu e muito ainda tem para ser revelado daquilo que ela produziu. Porém, diante de suas escritas, busco trazer aqui elementos citados pela autora que remontam à sua trajetória e também alguns relatos de seus dois filhos mais novos.

Lacunas ainda existem muitas, mas o caminho para a reconstituição dos passos vindos de longe de Carolina começa com o resgate de tudo o que ainda não vivemos por meio das palavras registradas por ela nos cadernos encontrados e reutilizados ao longo do percurso que fazia cotidianamente, em meio ao material reciclável coletado para sustentar sua família.

Em pedido de Carolina de Jesus a sua filha, Vera Eunice, de que não a deixasse morrer (Vasconcelos, 2020) e pelo reconhecimento ao legado deixado pela escritora, entendo como vital iniciar este estudo com este percurso da autora, ainda que breve, por ela mesma. Carolina de Jesus enfrentou o silenciamento que muitas mulheres negras ainda hoje sofrem, enfrentou os diversos racismos, escreveu, denunciou... Ela não morreu há 46 anos. Carolina Maria de Jesus vive ainda hoje em textos de maneira intensa, atemporal e verdadeira.

4.2 “SALVE ELA, A VEDETE DA FAVELA!”⁴⁴

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais.

Sacramento é uma cidade do triângulo mineiro que viveu um período cruel da escravidão, com homens e mulheres negros tendo um labor diário desumano, sob o duro látego, mesmo sob sol forte ou chuva torrencial. Em toda sua extensão, via-se negros e negras analfabetos tanto o pai quanto a mãe, em casas de chão batido, telhado de palha ou de capim e barro socado. (Farias, 2017)

A data de seu nascimento, por muito tempo considerada duvidosa, é assinalada como 14 de março de 1914. Tom Farias (2017) traz, em páginas iniciais da biografia de Carolina de Jesus, dados informacionais acerca de seu registro:

⁴⁴ Jesus, 1961. Verso da música *Vedete da favela*, presente no álbum gravado por Carolina Maria de Jesus.

Certifico que, às fls 99 do livro A 12, sob o nº de Ordem 203, foi lavrado o assento de nascimento de Carolina Maria de Jesus, do sexo feminino, nascida no dia quatorze (14) de março de mil novecentos e quatorze (1914), filha de João Cândido e de Dona Maria Carolina de Jesus” transcrita a 18 de agosto de 1934, a pedido da própria Carolina, para efeito de trabalho e viagens, não consta nomes dos avós paternos ou maternos, apenas do declarante, Benedicto Camargo, um dos seus tios. (Farias, 2017, p. 15)

Ainda sobre estes dados, Farias (2017) descreve que o registro civil de nascimento de Carolina de Jesus está localizado no Estado de Minas Gerais, Comarca de Sacramento, Município de Sacramento, Distrito de Sacramento, tendo como escritã do Registro civil Iracy Batista de Almeida Calil. Já na certidão de Batismo, transcrita do original em 23 de novembro de 1995, registra o seu batizado em 23 de abril de 1916, tendo como padrinhos Francisco José dos Santos, provavelmente tio de Cota, irmão do seu pai, e Maria das Dores, ou Siá Maruca, segunda esposa do avô de Carolina de Jesus onde diz, erroneamente, que esta nasceu no dia 06 de outubro de 1915. A certidão é da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento. (Farias, 2017, p. 15-16) Ainda assim, alguns artigos de jornais e revistas mencionam 1913 como o ano de seu nascimento.

No capítulo *A morte do avô*, presente no Diário de Bitita, ela menciona que sua mãe lhe disse que no dia da morte de Benedito José, isto é, em 27 de agosto de 1927, Carolina de Jesus tinha 6 anos. A informação gera uma série de dúvidas em Carolina de Jesus, como pode ser visto a seguir:

No dia 27 de agosto de 1927 o vovô faleceu. Minha mãe disse-me que eu estava com seis anos. Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914. (Jesus, 2014, p. 123)

No entanto, ela atribui ao analfabetismo a informação que insinuava equivocada de sua mãe: “Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro.” (Jesus, 2014, p. 123)

Nada estranho no que se refere a precisar registros civis no Brasil, uma vez que a inscrição de nascimentos só é regularizada no ano de 1916, pelo Código Civil e deve ter demorado ainda algum tempo mais para chegar na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais (Castro; Machado, 2007, p. 13).

O que é possível demarcar disso é que, mesmo diante dessa imprecisão, Carolina Maria de Jesus traz dados seus em seus escritos que assinalam aproximação com o ano de 1914, como a data de seu nascimento: “Em 1922 eu tinha 8 anos a minha mãe comprava pão de três em três dias. E quando nos iam comêr parecia algodão”. (Jesus, 1958).

E ainda aponta mais dados pessoais: “Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processo. O meu registro geral é 845.936.” (Jesus, 1955)

Em sua genealogia, como já expresse anteriormente, Carolina de Jesus é filha de Maria Carolina de Jesus, conhecida como Dona Cota, natural de uma cidade por nome Desemboque que fica próxima a Sacramento, e de João Cândido Veloso; este natural de Araxá, filho de Joana Veloso. O pai de Carolina M. de Jesus, um homem negro, gostava de cantorias e versos improvisados, um ‘poeta boêmio’, mas isso não o impedia de ser um conquistador de mulheres, por meio da viola e da conversa.

Os pais de Carolina M. de Jesus se conheceram num desses bailes noturnos, mas a escritora não faz referência a ele em seus escritos, apenas à mãe, e com saudade:

O que eu ganho não dá para eu viver. Eu lembro com saudades de minha mãe. Que ganhava 40 cruzeiros e por mês e nos tínhamos de para comêr. Eu fui uma menina feliz. Eu tinha boneca panelinhas caminha para eu brincar Eu comia tudo que eu desejava (Jesus, 1958)

Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas olhar os meus filhos, eu pensei na minha mãe. Os meus filhos durmiram sujos Eu fiquei na cama pensando nos filhos com medo dêles ir brincar nas margens do rio. Depôis do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. por estar exausta. E preciso alguém para erguê-la agêitar-lhe no lêito. Agasalhar-lhe para ela readquirir as enérgias Depôis do parto eu fiquei numa posição incomoda. ate quando Deus deu-me fôrcas para agêitar-me. (Jesus, 1958)

Apenas no primeiro capítulo do seu livro de memórias, *Diário de Bitita*, publicado postumamente, Carolina M. de Jesus vem a falar de seu pai.

Diário de Bitita é possivelmente o que temos de maior conteúdo informacional sobre a infância de Carolina M. de Jesus. E tem uma história peculiar. Na metade da década de 1970, mais precisamente, em 1975, duas jornalistas vindas de Paris, uma brasileira, Clélia Pisa e, outra, francesa, Maryvonne Lapouge, entrevistaram Carolina M. de Jesus para uma coletânea com mulheres brasileiras de diferentes atividades. As entrevistas deram origem a um livro: *Brasileiras. Voix, écrits du Brésil*. Carolina M. de Jesus era a única mulher negra entre as 27 brasileiras registradas na obra. Dentre elas: Clarice Lispector, Rosemaire Muraro, Heloisa Buarque de Holanda, Marilena Chauí, Nélide Piñon, Norma Bengel e Odete Lara. À época, Carolina M. de Jesus já havia caído no esquecimento do público e da mídia, e teve sua esperança reacendida, entregando às jornalistas dois cadernos manuscritos, com relatos de sua infância e algumas poesias. Ela já morava no sítio em Parelheiros, quando melhor falaremos mais adiante.

Ao retornar a Paris, as jornalistas fizeram o trabalho de editoração do manuscrito, fazendo a seleção dos textos, cortes e tradução. Assim publicaram *Journal de Bitita*. A obra saiu pela

Coleção *Témoignages*, da editora *Métailié*, com prefácio de Clélia Pisa, em 1982. Com a confiança depositada por Carolina M. de Jesus nas duas jornalistas, estas se sentiram “moralmente responsáveis, porque era uma coisa da confiança dela”. Quatro anos depois, em 1986, a editora Nova Fronteira publica uma tradução do texto em francês, *Diário de Bitita*. (Castro e Machado, 2007)

Ainda que o título seja *Diário*, esta obra são memórias da infância da escritora. Ao passo que vemos nos diários, a exemplos de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, um curtíssimo espaço entre o acontecimento e o relato, o *Diário de Bitita* traz os relatos reelaborados pelo amadurecimento da idade das experiências da infância. No entanto, apesar das passagens fantasiosas, da idealização de si, é possível ter uma noção do que foi a infância de Carolina M. de Jesus com os relatos dolorosos e a revolta pela injustiça e pelos preconceitos sofridos.

Em *Diário de Bitita*, alguns integrantes da família de Bitita vão surgir, além de seu avô e sua mãe, pessoas de forte influência e importância em sua vida.

A família de Carolina M. de Jesus morava num bairro pobre de Sacramento, ao final da rua Zagaia, hoje chamada de rua Eurípedes Barsanulfo. Sua mãe Maria Carolina era casada com Osório Pereira. Dessa união, nasceu Jerônimo Pereira, meio-irmão de Carolina M. de Jesus e quem esta via como o preferido de sua mãe. Carolina M. de Jesus era filha de Cota com outro homem, João Cândido Veloso, como já citado anteriormente. Cota tentou abortar Carolina M. de Jesus, por saber que era um escândalo ter um filho fora do casamento. Logo após o nascimento da menina, o marido, Osório, abandonou a casa. Bitita, como fora apelidada, chorava dia e noite, sem parar, o que desesperava a família. Carolina M. de Jesus nunca conheceu o pai, mas acreditava ter herdado dele a inspiração poética. (Castro e Machado, 2007).

Benedito, avô de Carolina Maria de Jesus, foi para ela uma pessoa de grande importância. Alguém que Carolina M. de Jesus tinha grande admiração e respeito. Sobre ele, Carolina M. de Jesus escreve um texto – *O Sócrates Africano* – relatando o respeito que impunha, os valores que defendia, a retidão de caráter e a sua integridade moral. Um homem que nunca foi preso e isso significava muito numa época que a arbitrariedade policial era intensa e cruel sobre a população negra em Sacramento. Carolina M. de Jesus idealizava seu avô que lhe representava a figura paterna, narra ainda a fase final de sua vida e a tristeza de perdê-lo.

O Sócrates Africano é publicado primeiramente como um dos textos inéditos da segunda edição de uma publicação organizada por Roberto M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy, intitulada *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Posteriormente, em *Meu Sonho é Escrever...*, uma coletânea de textos de Carolina M. de Jesus, organizado por Raffaella Fernandez (2018), o texto sobre Benedito é republicado.

Possivelmente, Benedito José seja filho de Maria Abadia, citada por Carolina M. de Jesus em *Diário de Bitita*. A referida menção não deixa claro que ela seja mãe dele, mas ocorre num contexto em que está tratando de seu avô, no capítulo *Os negros*:

... Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiram. Para mim, aquelas cenas eram semelhantes aos gatos correndo dos cães.
Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala.
A minha bisavó Maria Abadia dizia:
— Os brancos de agora já estão ficando melhor para os pretos. Agora, eles atiram para amedrontá-los, antigamente atiravam para matá-los.
E os pretos sorriam dizendo:
— O Benedito agora virou lebre, quando viu os policiais.
Quando os pretos falavam: — Nós agora estamos em liberdade. — Eu pensava: “Mas que liberdade é essa se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro, e branco para o branco!” (Jesus, 2014, p. 59)

Benedito José teve oito filhos. Ao longo do *Diário de Bitita*, há algumas informações sobre eles. Carolina M. de Jesus dedica o capítulo *A família* de seu livro de memórias para falar deles. Eram quatro filhos homens: José Benedito, o mais velho, o qual teve sete filhos. Joaquim, o segundo, agressivo e violento, mas muito trabalhador, obrigava o irmão de Carolina M. de Jesus, Jerônimo, a trabalhar com ele, só respeitava o pai. Sobre esse tio, Carolina M. de Jesus conta um fato:

Um dia, ouvi minha mãe contando que o meu tio Joaquim estava tomando água numa torneira pública — o chafariz — quando o filho de Juca Barão chegou e disse-lhe:
— Sai daí negro sujo! Quem deve beber água primeiro sou eu, que sou branco —, e empurrou o meu tio, que ficou nervoso e retirou uma faquinha de arco de barril que ele fez e deu um golpe na nuca do filho do Juca Barão, que caiu no solo sem vida. (Jesus, 2014, p. 64-65)

Carolina M. de Jesus conta ainda que esse tio não foi preso por ser menor de idade, mas o avô sofreu xingamentos por seu filho. Era um homem sisudo, que não sorria. Carolina M. de Jesus disse nunca ter visto seus dentes.

Tinha ainda mais dois homens que eram: João Benedito, que teve meningite e, por esta razão, teve o cérebro atrofiado na infância e com isso tinha problemas cognitivos, e o filho caçula que se chamava Antônio. Este era mais alegre. Ela conta que uma vez ele foi tirar uma fotografia e o retrato saiu preto. O tio xingou, alegou que tudo que era feito aos negros era com pouco-caso. Discutiu com o fotógrafo, João Bianchi, que justificou que se ele era preto não tinha como o retrato sair branco, o que sob muitos incômodos fez com que Antônio pagasse pela foto.

As quatro filhas de Benedito José eram: Maria Carolina, mãe de Carolina; Claudimira, empregada na casa de sírios; Ana e Maria Verônica. A tia Ana, apelidada por ‘a Donda’, morreu com barriga d’água. Casou com Cândido Nunes e teve um filho, de nome Adão Nunes. Carolina M. de Jesus conta que a tia fora infeliz no casamento, pois o marido era inimigo do trabalho. Um homem que se agradava em sentar e falar e que gostava de contar histórias maravilhosas. Segundo ela, se soubesse ler seria um grande escritor.

Tia Claudimira era uma mulher muito bonita, mas de tanto recusar os homens e colocar defeitos em todos, morreu solteira. Seu calvário, segundo a sobrinha, foi ter morrido sem conhecer as carícias masculinas. Sobre Maria Verônica, não há relatos.

Além desses, outras figuras da família surgem no *Diário de Bitita*. A Siá Maruca, uma mulher preta calma, casada com Benedito José. Aos olhos de Carolina M. de Jesus, eles formavam um casal elegante. Era uma mulher temente ao marido, a qual, sob qualquer mínima repreensão do cônjuge, chorava, curvava a cabeça e pedia desculpas. Enfurecia Carolina M. de Jesus o discurso de siá Maruca de que a mulher devia obedecer ao homem.

Havia ainda o tio Manoel Grosso, por causa de sua voz bastante grave. Tinha também oito filhos: quatro homens e quatro mulheres. Eram conhecidos como os Grossos.

A Rosa ficou louca quando foi seduzida por um homem que se recusou a casar com ela. A tia Jerônima, tia de Cota, era mulher muito pobre. Carolina M. de Jesus dizia ter dó dela por só ter uma panela. Era uma mulher que rezava pedindo a Deus para ajudar-lhe a conservar aquela panela. A mulher não tinha o que vestir. As camas eram forquilhas enterradas no solo, o colchão de saco de estopa e as cobertas também. Carolina M. de Jesus associava a situação à “reprise do presépio de Belém”. (Jesus, 2014, p. 69)

A tia Ana Marcelina era uma mulata clara, irmã da avó materna de Carolina M. de Jesus e não gostava de pretos. E mesmo que não gostasse dos pretos, seu filho Mindu assim era. O nome de Mindu era Octaviano. Era um preto bonito e era marceneiro.

Era uma mulher que Carolina M. de Jesus tinha pouco acesso. Por ser mulata, havia como divisão de família o preconceito da cor. Era uma mulher que vestia roupas finas iguais às dos brancos. Gostava de viver como os ricos, morava numa casa confortável, tinha cortinas em todas as portas e janelas, tinha tapetes em casa, a cama tinha acortinados, comia à mesa. Suas filhas gostavam de dançar, mas não eram convidadas para os bailes dos brancos e não queriam ir aos bailes dos pretos. Os sobrinhos pretos não entravam na casa dela, pois, nas palavras de Carolina M. de Jesus, negro não entra na casa de mulato. (Jesus, 2014, p. 70)

A mãe de Carolina M. de Jesus, Maria Carolina, conta que seu casamento não havia sido por amor, mas por negócio. Osório Pereira, seu marido, casou-se com ela para sair da tutela, mas era um homem irresponsável que não se interessava pelo trabalho. (Jesus, 2014, p. 71)

Ele sempre deixava a família à míngua e, por diversas vezes, Cota era socorrida pelo pai quem lhe emprestava dinheiro. Com o tempo, eles foram se desinteressando um do outro e a mãe de Carolina M. de Jesus era uma mulher semi livre, trabalhava para que não faltasse o sustento em casa, mesmo com o falatório do povo que defendia que mulher só poderia trabalhar em casa. Diante de tamanha liberdade, Cota dançava e passava a noite com os amigos.

Foi nesses bailes que ela conheceu o pai de Carolina M. de Jesus, conhecido como o poeta boêmio. Apenas no livro de memórias, publicado postumamente, Carolina M. de Jesus vem a falar de seu pai:

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! — E o vovô responder-lhe: — O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe. Várias vezes pensei em interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô. Ouvia as velhas dizer que as crianças têm que obedecer aos pais e respeitá-los. Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. (Jesus, 2014, p. 14)

Até então, Cota teve apenas um filho com Osório, quem Carolina M. de Jesus acredita que tenha herdado o sobrenome Pereira de algum português porque o marido de sua mãe era mulato. Com a gravidez de Cota, o falatório dos vizinhos surgiu. Diziam eles que a criança que nasceria, era filha do poeta boêmio. Ao nascer, Carolina M. de Jesus, por se assemelhar demais a seu pai, confirma os boatos, o que serve de justificativa para Osório abandonar Cota.

Osório era um homem irresponsável que não sustentava a família, mas exigia fidelidade. Confirmou que seu casamento se deveu apenas para sair da tutela e que não tinha idade para sustentar uma família. O marido de Cota foi morar com uma mulher branca de 52 anos e com idade de ser sua avó.

Cota ficou com dois filhos para manter. Disse a Carolina M. de Jesus que tentou abortá-la tomando muitos remédios, mas não conseguiu, até que desistiu e resolveu criá-la. As tentativas de aborto não foram razões para Carolina M. de Jesus ter revolta ou tristeza com a mãe. Ao contrário, amava-a muito e com saudades lembrava dela:

O que eu ganho não dá para eu viver. Eu lembro com saudades de minha mãe. Que ganhava 40 cruzeiros e por mês e nos tínhamos de para comêr. Eu fui uma menina feliz. Eu tinha boneca panelinhas caminha para eu brincar Eu comia tudo que eu desêjava (Jesus, 1958)

Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas olhar os meus filhos, eu pensei na minha mãe. Os meus filhos durmiram sujos Eu fiquei na cama pensando nos filhos com mêdo dêles ir brincar nas margens do rio. Depôis do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. por estar exausta. E preciso alguém para erguê-la agêitar-lhe no lêito. Agasalhar-lhe para ela readquirir as enérgias Depôis do parto eu fiquei numa posição incomoda. ate quando Deus deu-me fôrcas para agêitar-me. (Jesus, 1958)

Carolina M. de Jesus chorava muito quando bebê. Sua mãe saía para trabalhar e ela deixava a criança com siá Maruca, que ficava revoltada porque, com tanto choro, era impedida de cuidar de seus afazeres, que era lavar 12 peças a trezentos réis (Jesus, 2014, p. 73). Como a senhora era muito tímida e boa e tinha receio de reclamar com Cota para não desgostar Benedito, aceitava dizendo que a “missão de um homem é aceitar os netos legítimos, ou ilegítimos, e tolerar as falhas dos filhos.” (Idem).

Siá Maruca, um dia, deu pinga para Carolina M. de Jesus beber. A garota adormeceu e não chorou. Quando Cota chegou do trabalho, estranhou o silêncio e verificou que a menina estava inconsciente. A mulher levou a filha ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo, que confirmou que a menina tinha bebido álcool e adormecido. Cota queixou-se que a menina chorava o tempo inteiro. Carolina M. de Jesus descreve a resposta do médico:

Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que até aos vinte e um anos eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu. Deu-me uns remédios para vomitar o álcool e disse com voz enérgica:

— Você... nunca há de beber. O álcool é péssimo promotor. Porque hei de auxiliá-la sempre. (Jesus, 2014, p. 73-4)

Carolina M. de Jesus acreditava que a mãe tinha preferência pelo irmão em vez dela. Por vezes, dizia ser o fato de o irmão ser mulato e ela retinta. Por vezes, pelo fato de ele ser filho legítimo e ela bastarda. Jerônimo trabalhava com o tio Joaquim que era o mais bravo da família. Agressivo, Carolina M. de Jesus dizia que as pessoas ou obedeciam ao tio ou desapareciam da cidade. Até Cota, quem criou o irmão após a morte da mãe, tinha medo dele.

Todos os filhos de Benedito José não sabiam ler. Exerciam trabalhos bastante rudimentares. Carolina M. de Jesus vai desde criança entender a importância da leitura e da

escrita para a emancipação do homem. O seu avô carregava o desgosto pelo fato de os filhos não terem aprendidos a ler:

Não foi por relaxo de minha parte. É que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender.
E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho.
(Jesus, 2014, p. 60)

Carolina M. de Jesus marca em seu diário como o analfabetismo impactava seus familiares. Em uma passagem sobre o tio Joaquim, ela vai dizer:

Eu olhava o rosto do meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorria, nunca vi os seus dentes. Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar as suas qualidades intelectuais. (Jesus, 2014, p. 68)

E por toda a extensão de seus textos, Carolina M. de Jesus vai se referir à leitura, à escrita, ao livro com especial importância para o ser humano: “Não sei dormir sem ler. gosto de manusear um livro. O livro, é a melhor invenção do homem.” (Jesus, 1955).

E mais: “Não dêixo o João sair Ele passa o dia lendo. Eu vendo uma pessoa com um livro na mão acho que esta bem acomp-anhado.” (Jesus, 1958).

Dentre as inúmeras vezes que aparece o termo fazendo referências aos livros em seus relatos do *Quarto de Despejo*, ela menciona seu ideal: “Mas os homens aborrece de mim. porque eu so sei falar de livros. E eu sendo livre, posso vivem com a concrétisa-cão do meu ideal, que é a literatura.” (Jesus, 1958)

Sacramento era uma cidade povoada por muitos negros, mas o incômodo de Carolina M. de Jesus se dava pela desigualdade, por perceber que os negros viviam em condições infinitamente inferiores às dos brancos. Ela entendia que a falta de instrução interferia muito no desenvolvimento da população negra.

Carolina M. de Jesus começa a ver as crianças indo para as escolas. As ruas ficavam vazias e ela não tinha com quem brincar. Inicialmente, ao ver os colegas, dizendo que iam estudar, pois queriam “ganhar cem nas lições”, achou que eles se referiam a dinheiro; implorou à mãe para ir para a escola, mas Cota já havia explicado que ela tinha que completar sete anos.

Sacramento era uma cidade em que predominavam as religiões católica e espírita. Os católicos eram maioria. Os espíritas minoria. Havia discriminações: horários para pretos e pobres assistir à missa eram diferentes dos horários das ricas e casadas; assim como as mocinhas que iam noutra horário com os namorados.

O colégio Alan Kardec era um colégio espírita. Foi fundado por Eurípedes Barsanulfo. O professor era o Hamilton Milon era irmão do fundador. A escola funcionava em dois turnos: pela manhã o quarto ano; no segundo período, o primeiro, segundo e terceiro ano.

A escola inicialmente causou muito temor a Carolina M. de Jesus. Ela tinha medo dos quadros com os esqueletos, sofria com os colegas chamando-a de ‘negra feia’. Ela foi à escola por conta de sua mãe não querer causar desgosto a uma senhora branca por nome Maria Leite.

Dona Maria Leite muito insistiu para que Cota colocasse Carolina M. de Jesus no colégio. Maria Leite visitava Sacramento duas vezes ao ano para assistir à sessão espírita em comemoração à data de nascimento do marido, Eurípedes Barsanulfo. Era uma mulher que dava roupas para as crianças pobres. Tanto as roupas quanto os livros eram novos para estimular as crianças e deixá-las vaidosas. Assim, se as crianças ricas iam com roupas novas, as pobres também. Ela só auxiliava os pretos e defendia que, desta maneira, estes seguiriam o caminho correto e da decência:

— Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis, e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão. (Jesus, 2014, p. 126)

Com o intuito de não desgostar Dona Maria Leite, Cota matriculou Carolina M. de Jesus na escola. Na época, a garota ainda mamava. Foi um primeiro dia de tormento para Carolina M. de Jesus que, ao sentir falta da mama, chorava sem parar. Carolina M. de Jesus ouviu gargalhadas de censura dos colegas por afirmar que ainda mamava e sua professora, Lonita Solvina, convenceu-a de que ela não teria mais tempo disponível para tal, uma vez que o mais importante agora era aprender a ler e escrever. Naquele primeiro dia, Carolina M. de Jesus relata ainda que ouviu seu nome completo pela primeira vez, e não gostou e revelou à professora não gostar do que ouvira. Após algumas reguadas nas pernas dadas por sua professora, ela parou de chorar e, ao chegar em casa, teve nojo de mamar: “Compreendi que eu ainda mamava porque era ingênua, e a escola esclareceu-me um pouco.” (Jesus, 2014, p. 127)

Por algum tempo, ir à escola para Carolina M. de Jesus foi um suplício, pois ela não se interessava pelos estudos, mas a professora era paciente e carinhosa. Para a menina, era difícil aprender a ler. Carolina M. de Jesus via-se preguiçosa, mas não deixava de ser incentivada por sua professora. Esta usou de todos os artifícios para que a menina aprendesse, até desenho no quadro de um homem, a quem ela chamava de inspetor com um tridente na mão espetando a

moça. A imagem impressionou tanto a garota que, em casa, à noite, tinha pesadelos. Isso mudou o pensamento de Carolina M. de Jesus:

Decidi estudar com assiduidade, compreendendo que devemos até agradecer quando alguém quer nos ensinar. Compreendi que estava sendo indelicada com a Dona Lonita, cansando-lhe a paciência. O desenho ficou no quadro por três meses. Depois percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior. (Jesus, 2014, p. 128)

Foi uma felicidade muito grande para Carolina M. de Jesus quando esta se deu conta que já sabia ler. Questionava-se acerca do que lia. Foi para casa apressada e procurou por livros, mas lá não havia nenhum. Como ela mesma adjetivou: “Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito” (Jesus, 2014, p. 129). Uma vizinha emprestou-lhe *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. De tanto ouvir falar na escravidão, entendeu que deveria ler tudo o que mencionasse o que foi a escravidão. Fez uma análise do livro, teve dó da escrava. Entendeu que “naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão” (Jesus, 2014, p. 129)

Essa passagem se mostra interessante porque ela se percebe observando as consequências da escravidão:

... uma pessoa culta prevê as consequências de seus atos. Os brancos retirando os negros da África não previam que iam criar o racismo no mundo, que é problema e dilema. Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. Passei a ser uma das primeiras da classe. (Jesus, 2014, p. 129)

Infelizmente, Carolina M. de Jesus estudou apenas dois anos letivos. Um dia apareceu um homem na cidade o qual procurava uma mulher para viver com ele numa fazenda. Chamava-se José Romualdo. Carolina M. de Jesus, junto com a mãe e o padrasto, foi viver na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba. Uma propriedade de um senhor de nome Olímpio Rodrigues de Araújo.

Carolina M. de Jesus chorou muito porque faltavam apenas dois anos para ela receber o diploma. Enquanto sua mãe encaixotava os utensílios, ela encaixotava os livros que era a única coisa a qual venerava. O descontentamento da moça era muito grande. Ela tinha medo de passar fome e sua mãe a encorajava dizendo que o único período de sua vida em que ela (a mãe) foi feliz foi quando era pequena, nascida e criada na roça, o que lhe causava muita saudade.

Aos poucos Carolina M. de Jesus foi se acostumando à vida no campo. O silêncio, a calmaria, o apoio dos vizinhos. No hábito diário da plantação, ela foi aprendendo a importância do trabalho com a terra. A fartura como resposta que a terra dava ao que era plantado:

Como é bom ter terras para plantar! Eu já estava compreendendo o valor da terra que sabe recompensar o esforço do homem. E o ventre da terra é fecundo. A terra é feminina, é a mãe da humanidade. Eu estava habituando-me naquele mundo verde. (Jesus, 2014, p. 133)

Observar o retorno do trabalho dado pela terra era um incentivo a Carolina M. de Jesus para ser a primeira a deixar a cama para ir à lavoura. Os lucros com a terra os mantinham numa vida razoável. No entanto, certa vez, a mulher do fazendeiro, sob promessas vãs, solicitou que Carolina M. de Jesus fosse fazer os serviços domésticos em sua casa. Acreditando que seria recompensada, Carolina M. de Jesus trabalhou por seis meses. A mulher, de nome Maria Cândida, fez promessas como a compra de vestidos novos, remédios para Carolina M. de Jesus ficar branca e para escorrer o seu cabelo. Nenhuma das promessas foi cumprida. A mentira serviu para Carolina M. de Jesus desejar permanecer como nasceu. Carolina M. de Jesus não mais foi à casa de Maria Cândida nem ela a chamou para ir. Após quatro anos trabalhando na fazenda, o fazendeiro os expulsou de lá. O padrasto de Carolina M. de Jesus tentou um acordo, mas o fazendeiro se recusou alegando que a família ganhava muito dinheiro, o que não era verdade. De acordo com o relato de Carolina M. de Jesus, foi tudo por pura ganância. Em troca de uns porcos e aves, a família retornou a Sacramento levada por um motorista.

Desde esse episódio foram idas e vindas da moça a Sacramento. Sua mãe não gostava da ideia, acreditava que sempre que Carolina M. de Jesus aparecia trazia problemas. Além disso, Carolina M. de Jesus tinha problemas de saúde, feridas nas pernas, de difícil cicatrização.

A série de humilhações e enganos, por sua condição social e, principalmente, por sua cor, não tinha fim. No entanto, todas as privações a levavam a querer apenas melhorar e se aprimorar no que se propunha a fazer: Carolina M. de Jesus, mesmo, por diversas vezes, tendo pensado em dar cabo de sua vida, era determinada. Aprendeu a lavar, passar e cozinhar, foi acusada injustamente de roubo, sendo presa e agredida pela polícia.

Outro episódio que envolve a prisão de Carolina M. de Jesus se deu por ela estar sentada na rua, lendo possivelmente um dicionário e as pessoas associarem aquilo a algum crime grave, pois era uma possível ameaça aquela garota estar ali lendo. A cadeia onde Carolina M. de Jesus de Jesus ficou presa é onde hoje se encontra o acervo da autora, em condições precárias de

conservação e que pesquisadores denunciam veementemente uma ação das autoridades para que esse material tão rico não continue a se perder.

Com a enfermidade nas pernas se agravando, Carolina M. de Jesus chegou à Santa Casa. Viviam um período de revolução política. A população havia votado em Júlio Prestes e aguardava a posse, mas estava também se manifestando em favor de Getúlio Vargas. O efeito da política era evidente nas grandes cidades, mas muito pouco nas pequenas.

Carolina M. de Jesus vivia uma grande dificuldade para sobreviver e sarar das feridas. Chegou a pensar em dar cabo da própria vida. Pediu esmolas, foi ainda mais humilhada. Passou dias em Ribeirão, voltou a Sacramento, vivia como uma andarilha. Tentou emprego em muitos lugares. Quando conseguia, era enganada. Os patrões não pagavam o combinado, mas a exploravam continuamente.

Mesmo diante de tudo isso, buscava aprimorar sua cultura, sua leitura, seu conhecimento. Lia muito. As oportunidades dadas e todas perdidas se centravam na ignorância das pessoas. Como aconteceu certa vez com um senhor por nome Emílio Bruxelas. Este senhor comprou um cofre e colocou tudo o que considerava de valor. Carolina M. de Jesus, muito esperta, memorizou o segredo do cofre. Emílio anotou-o num papel, mas, após algum tempo, perdeu o papel. Um amigo de Emílio disse-lhe que possivelmente Carolina M. de Jesus, por conta de sua inteligência, soubesse o segredo e assim o patrão fez. Questionou-a e ela falou ingenuamente o segredo tal como lembrava. Emílio conseguiu abrir o cofre e, certo do risco que Carolina M. de Jesus poderia ocasionar, demitiu-a. Expulsou-a, sob chuva forte e sem pestanejar.

Carolina M. de Jesus ainda passou por algumas casas de família, sofreu novas humilhações, até que teve uma boa oportunidade de trabalho na Santa Casa. Antes, não conseguia cozinhar bem, não sabia matar e tratar aves, a ponto de servir aos patrões a moela da galinha sem abrir e limpar. Mas, esforçou-se por se tornar uma boa cozinheira. Conseguiu agradar na Santa Casa. Fazia de cada dificuldade um aprendizado, até porque além do bom salário, havia a oferta de comida farta e boas condições de vida. Aprendeu a cozinhar muitos pratos, venceu algumas dificuldades e nunca na vida pegou algo de quem quer que fosse. Ela condenava a prática do roubo e atribuía a honestidade e a ética a seu avô:

Eu sentia como um general que havia vencido uma batalha renhida, e agora estava recebendo as condecorações. Não mais tinha medo do mundo, nem da vida. Compreendi que uma pessoa relaxada, desorganizada, indolente, não consegue vencer na vida. Dependia de mim adotar as belas qualidades. E fiquei analisando os fatos. Os maus têm que desligar-se da maldade, para encaixar-se neste mundo. Os desonestos, acatar a honestidade. Porque os desonestos são os tipos que não têm consciência, visam apenas o seu bem-estar. Os fortes devem orientar e esclarecer os incientes, os ignorantes. Eu não tive ninguém para guiar-me nesta vida. O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô:

— Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidade de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nos depositam confiança. Quando você entrar numa casa, deixe boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão comprando suas passagens para visitar o inferno.

Eu não tenho tendência cleptomaniaca, então eu ainda vou ser feliz. Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Eu entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra. (Jesus, 2014, p. 200)

Mas Carolina M. de Jesus não se acostumou a viver na Santa Casa, apesar do melhor salário da cidade. Abandonou o emprego, alegava estar sentindo falta das diversões, uma vez que na Santa Casa tinha o monitoramento das freiras. Voltou à vida de enganos por parte dos patrões. Não demorou a se arrepender da insensatez de ter abandonado o bom emprego. Logo ela foi indicada para trabalhar com uma professora que procurava uma criada para ir a São Paulo. Surgia para ela um fio de esperança, local que ela ouvia as pessoas falar apenas positivamente e onde ela planejava comprar sua casa e viver com tranquilidade. Mas não foi exatamente o que aconteceu. São Paulo reservada muitas coisas a Carolina M. de Jesus, mas não tão boas assim...

Lá ela também trabalhou em algumas casas. Chegou a São Paulo nos fins dos anos 30. Carolina M. de Jesus era uma pessoa, como todas as outras, que carregava seus complexos, suas instabilidades. Era uma mulher calma, mas também inquieta, explosiva, nervosa. Ao mesmo tempo que recatada, era também petulante, atrevida, arrogante, vaidosa. Alegre e profundamente triste. Assim como pendia para o lado da ordem estabelecida, era também capaz de questionar e desafiar as autoridades. (Castro; Machado, 2007, p. 27). Com este temperamento, logo perdeu o emprego na casa dos patrões com quem viajara. Reconheceu-se uma empregada ruim, mas foi eternamente grata por ter chegado a São Paulo com o auxílio deles.

Nos tempos seguintes, morou em albergue noturno, fez amizades com colegas do local e também da sopa da Sinagoga da Rua Casemiro de Abreu e do pão da Igreja da Imaculada Conceição.

Novamente encontrou emprego de doméstica, mas não se via limpando a sujeira deixada pelos patrões. Gostava de passear à noite, namorar, dançar, cantar, declamar. Preferia os namorados brancos e estrangeiros. Fugia do emprego e dormia fora dias seguidos. E, por vezes, sequenciadas, desempregada, estava ela lá novamente no albergue, na fila da sopa e do pão. (Idem, 2007)

Carolina M. de Jesus morou em cortiço e conheceu a rotina daquele ambiente. Relata isso em um romance que escreveu intitulado *Felizarda*, publicado no ano de 1963, com o título

Pedaços da Fome, do qual falaremos um pouco mais adiante. Vivia, apesar das condições degradantes, na luta diária para conseguir pagar o aluguel. Era ameaçada constantemente, seja pela falta do pagamento, seja pela ameaça de desaparecimento, pois o espaço era insalubre, foco de muitos males, além de alvo de críticas na imprensa. Um local de contradições:

Os vizinhos eram curiosos e irritantes, especialmente as mulheres bisbilhoteiras. Havia discórdias e brigas no quintal. A rádio-patrolha intervinha, alguns brigões dormiam na prisão, mas as mulheres com filhos tinham o direito de voltar para casa. Era também um lugar imaginário de solidariedade, de compadrio, de mães e avós substitutas. (Castro; Machado, 2007, p. 28)

De acordo com as biógrafas, Carolina M. de Jesus dá mostras de ter morado num cortiço, assim como um terço dos habitantes de São Paulo na década de 1930. (Castro; Machado, 2007, p. 28). Em sua segunda obra publicada, *Casa de Alvenaria*, ela conta em registro do dia 07 de maio de 1960 que foi entrevistada pelo repórter Heitor Augusto e fala do título dado a seu primeiro livro, ressaltando ainda as condições de moradia e a que eram sujeitados:

Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos. (Jesus, 1961, p. 17)

Em reportagem à Folha da Noite, jornal de circulação da época, no ano de 1958, Audálio Dantas conta que Carolina M. de Jesus ainda morou “num cubículo sórdido da antiga favela dos baixos do viaduto Santa Efigênia” e dormiu em pórticos dos grandes prédios. Mas nada a desanimava a seguir, nada a cansava. Carolina M. de Jesus tinha uma figura bonita, era esbelta, alta, de cor retinta e andar desenvolto. Perambulava pelo centro, vivenciou algumas construções e admirava outras, a saber: o edifício Martinelli, massa enorme, rosa, evidente, acompanhou o final da construção do novo viaduto do Chá, viu erguer a sede do grupo industrial Matarazzo. (Castro; Machado, 2007, p. 28)

Trabalhou para muitas famílias ricas de advogados, médicos, juízes, políticos e dentistas. Foi faxineira de hotel, vendedora de cerveja, cozinheira, passadeira, arrumadeira, lavadeira. Quando aparecia um circo, o que ela gostava demais, apresentava-se como artista, cantora, declamadora, dançarina, malabarista e o que mais surgisse.

A primeira gravidez de Carolina M. de Jesus aconteceu no ano de 1948. Mais precisamente na data de 29 de setembro. Para a filha que se chamaria Maria Carolina, ela fez um poema que virá a público somente no ano de 2019, no livro póstumo *Cliris*.

Minha filha

A minha filha morreu!
Deixou-me só e aflita.
Peço, diga-me se és feliz
Aí no céu, onde habita.
Eu vi a minha filha expirar
Quase morri de paixão.
Este golpe veio abalar
Para sempre meu coração.

Minha filha era tão bela!
Quantas saudades deixou.
Eu gostava tanto dela,
A morte intrusa a levou.
Resta-me apenas a saudade
Da minha filha: minha boneca.
Morreu na maternidade
Na rua Frei Caneca.

Ela morreu, eu me lembro,
Dia 29 de setembro.
A mãe nunca esquece
O filho que fenece. (Jesus, 2019, p. 37)

O poema acima, destacado de uma obra organizada pela pesquisadora Raffaella Fernandez, nos traz alguns dados informacionais a respeito da filha de Carolina M. de Jesus e isso se estende a outros poemas, cujo estilo de sua escrita versam nesse caminho de história cultural que conjugam a oralidade e a marca ancestral de, a partir de versos curtos, contar a história, de alguém, de algum lugar, de um povo...

Além de Maria Carolina, Carolina M. de Jesus deu luz à outras três crianças: João José, José Carlos e Vera Eunice. Filhos de diferentes pais, todos estrangeiros e brancos. Carolina M. de Jesus tinha aversão a homens provenientes da Bahia e pretos. Carolina M. de Jesus dizia, segundo Vera, que se ela tivesse uma filha chamaria Vera Eunice, mas como a primeira filha morreu, ela deu o nome de Carolina. O pai da menina era um americano chamado Wallace.

Carolina M. de Jesus contava aos filhos como era o pai de cada um. Ela dizia quem eram, o que faziam, de onde eram. Vera conta que sua maior lembrança a respeito disso era a nacionalidade de cada um: Estados Unidos, Itália, Portugal e Espanha (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 78). E ainda fala um pouco de cada pai de seus filhos:

O maior amor que minha mãe teve foi o português, pai do Zé Carlos. Ah! esse português... Quando ela contava, suspirava fundo. Já o pai do João era dado a beber. Bêbado. Bebia além da conta, e ela, que nunca foi chegada a álcool, tratou de despachá-lo. Acho que ele nem soube que tinha tido um filho. Fui a última a nascer. Meu pai era um espanhol bem de vida, dono de uma fábrica de balanças e de uma empresa de pintura. Minha mãe já morava na favela do Canindé

quando o conheceu. Depois de passar o dia catando as coisas na rua, ela ia até a empresa dele ver se tinha uns papelões usados e “fazer negócio”. Papelão vem, papelão vai, e acabou nascendo o “papelão” aqui... (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 78)

Carolina M. de Jesus gostava de namorar. Saía à noite, durante a semana, e chegava tarde. A gravidez foi um obstáculo para a sua permanência nos empregos. Os patrões preferiam mulheres sem filhos, sozinhas, pois quanto menos despesa tivesse, melhor! Mas Carolina M. de Jesus não aceitava em nenhuma hipótese. Se os patrões se incomodassem com suas atitudes, ela saía de um emprego, tratava de arranjar outro. Só que com as crianças, tudo era mais complicado. Um, dois filhos e nem ‘bicos’ Carolina M. de Jesus conseguia mais. Foi então que ela foi para a favela.

Vera Eunice vai nascer na favela do Canindé. De acordo com o relato da filha, Carolina M. de Jesus dizia que, apesar de ter sido a que menos lá viveu, era a mais ambientada à favela dos três. Os dois meninos nasceram em hospital. Vera nasceu no barraco, pelas mãos de dona Maria Parteira.

Numa passagem dos manuscritos, Carolina M. de Jesus fala do nascimento de Vera, da relação com os filhos e a saudade de sua mãe. Um dentre os muitos ciclos de nostalgia que marcam a sua escrita:

Mas os filhos pensam nas mães quando elas ritiram para a sua casa eterna_ a campa. Quando eles se vê sosinhas suas roupas sujas. Quando não tem quem lhes faça um chá Quando estão sem dinheiro. As mães sempre arranjam qualquer coisas para os filhos comêr É nestas circunstancias que os filhos pensam nas mães. Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas olhar os meus filhos, eu pensei na minha mãe. Os meus filhos durmiram sujos Eu fiquei na cama pensando nos filhos com mêdo dêles ir brincar nas margens do rio. Depôis do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. por estar exausta. E preciso alguem para erguê-la agêitar-lhe no lêito. Agasalhar-lhe para ela readquirir as enérgias Depôis do parto eu fiquei numa posição incomoda. ate quando Deus deu-me fôrças para agêitar-me. Eu pensava: quem sabe se eu rissidisse no Butantan as cobras haviam de auxiliar-me. Havia de demonstrar solidariedade. A solidariedade impera onde existe cultura. O analfabeto é a classe mais egoista que existe no mundo. *Quasdo* presta um favôr fica jantancioso por ter prestado um favôr. Ele não. compreende que esta sugeito as lêis da Naturêza que hoje dôe o meu dente. Amanhã, doe o teu. Eu acho que os filhos devem dar valôr as mães enquanto vivem Que prazer para uma mãe quando ela ouvem e ela tambem pode dizer: O meu filho é bom! O teu filho é bom. A mãe fica contente Os meninos mais preguicosos da favela são os meus. (Jesus, 1958)

Carolina M. de Jesus relata em seus manuscritos a data de óbito de sua mãe: “A minha mãe morreu dia 22 Fevereiro 1941 (Jesus, 1958) e como ela a incentivava a não se deixar iludir pelos homens. Esta passagem vai ser marcada justamente quando ela estava envolvida em um caso conjugal abusivo e a lembrança de sua mãe é inevitável. Sempre que ela se via não

reconhecida pelos filhos, ou que falava das mulheres, a quem ela não costumava se referir com admiração, era a mãe dela quem era citada em seus manuscritos.

Os escritos de *Quarto de Despejo* começam com a data de aniversário de Vera Eunice: 15 de julho.

João José morreu logo após sua mãe, com vinte e poucos anos. Foi na casa de José Carlos em que Carolina M. de Jesus iniciou a crise de insuficiência respiratória e morreu a caminho do hospital. José Carlos e Vera Eunice vão mais tarde depor em obras conhecidas sobre a vida da mãe.

Vera é a única viva dos filhos. Ela foi até os últimos dias de Carolina M. de Jesus, sendo sua fiel companheira. Graças a ela, muitos dos manuscritos de Carolina M. de Jesus ficaram para posteridade, pois ela os datilografou. Além disso, atendeu desejos não alcançados da mãe. Estudou o ensino médio completo, fez graduação, tornou-se professora.

Até hoje Vera vai a muitos eventos para falar de Carolina M. de Jesus. Esta foi para a filha seu maior exemplo de admiração. Vera agradece a sua mãe tudo o que tem por ter sido ela a pessoa quem lhe ajudou, levando, não só ela, mas seus irmãos à escola, dando assistência, a não ter voltado para a favela. Vera hoje, dentre suas muitas atividades, compõe o conselho editorial da editora Companhia das Letras, cujo projeto é a publicação de todas as obras de Carolina de Jesus. A filha, orgulhosa, diz que sua história de vida inteira está ligada à de sua mãe. (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 73)

Em seu depoimento para o livro *Cinderela Negra*, já mencionado anteriormente, Vera relembra as dificuldades vividas pela família, especialmente por conta da violência e da fome. Ela, filha de um dono de fábrica, homem rico, mas que este nunca se importou em dar a menor ajuda à filha.

É através de Vera que pouco vamos saber sobre seu avô, pai de Carolina M. de Jesus:

O pai dela? Pelo que eu ouvi foi um boêmio, um daqueles in-cu-rá-veis! Mas a gente escutava falar tanto dele. Até onde sei, era do tipo que vivia pelas ruas, cantarolando, tocando violão e fazendo versos. Ela era preto. PRETO. Escuro até não poder mais, quase azul como se diz por aí, e muito alto também. Nossa veia artística pode ter vindo dele. Passava a noite inteira pelas ruas, andando de boteco em boteco, bebendo e procurando moças para fazer serenata. Bebia até o sol raiar, não trabalhava, ficava “fazendo arte”. Aliás, foi assim que ele conheceu minha avó Maria Carolina: “fazendo arte”! (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 74)

E fala também de sua avó materna, não esquecendo da reação causada na população pela atitude de ter tido uma filha, fruto de um relacionamento extraconjugal:

Minha avó para complicar ainda mais a história, era casada com outro. Imagine isso naquela época! Tanto “fizeram arte” que acabou nascendo uma “obraprima”: Carolina, minha mãe. Tudo aconteceu nas primeiras décadas deste século. Se hoje em dia essas “transas” ainda não foram bem aceitas, que pensar daquela época, não? Era um problema do tamanho de um bonde. Minha avó e minha mãe tiveram que pagar por isso, principalmente minha mãe. Meu “avô” continuou na boemia, farreando, mas minha avó Maria Carolina ficou marcada, e o pessoal lá no interior, gente mais conservadora, nunca esqueceu desta história. Minha avó ficou marcada como se fosse com ferro quente... (Idem, 2015, p. 74)

Vera ainda vai lembrar a dificuldade vivida pela mãe desde a infância. Dificuldades que a fizeram, além das críticas e dos ataques a partir do que a avó fez, largar a escola e trabalhar arduamente para sobreviver. Carolina M. de Jesus e a mãe faziam de tudo. Os empregos que encontravam eram os piores que existiam, em condição de subalternidade e escravidão. Vera compara a vida da sua mãe à sua e relata ter ido trabalhar somente quando tinha 16, 17 anos, porque sua mãe não queria permitir que eles passassem pelo que ela passou.

A caçula de Carolina M. de Jesus recorda ainda que as boas lembranças de sua mãe eram a mãe e o avô materno de Carolina M. de Jesus, quem esteve próximo dela na infância. Ele, conhecido como o ‘Sócrates Africano’, era um homem muito sábio e inteligente, quem, apesar da cor, era respeitado até pelos mais ricos e poderosos da região. Possivelmente, a seu ver, tenha vindo dele o gosto e aprendizado de Carolina M. de Jesus por contar histórias e, assim, enveredar-se pelos livros.

Todavia, o comportamento peculiar de Carolina M. de Jesus, conforme relata Vera, fez com que ela fosse impedida até de entrar na igreja. A solidão e a rejeição das pessoas na cidade a fizeram ir embora de Sacramento e, antes de chegar onde queria, passou por vários lugares, até que, por fim, chegou a São Paulo.

Foram meses de muitas dificuldades para Carolina M. de Jesus, mas que ela driblou com a dedicação que tinha e por não recusar nenhum trabalho. Além disso, tinha a característica que a diferenciava dos demais por saber conversar com as pessoas e pela cultura que carregava.

Carolina M. de Jesus trabalhou nas casas mais finas e elegantes de São Paulo. Foi empregada de médico, advogado, político..., cada um mais importante que outro. Por muito tempo, trabalhou na casa de um médico cardiologista famoso, Dr. Zerbini, de quem ela muito menciona em seus manuscritos. Este médico fez o primeiro transplante de coração no Brasil e tinha um apreço muito grande por Carolina M. de Jesus. Eles foram amigos da vida inteira e no dia do lançamento do livro *Quarto de Despejo*, muitos ex-patrões dela estavam presentes e ele estava lá como convidado especial.

Carolina M. de Jesus era uma mãe dedicada. Fazia o que podia para que os filhos não ficassem sem comer, mas ainda assim havia ao menos um dia na semana que eles iam dormir

com fome. Ela também se esforçava para que os meninos passassem a maior parte do tempo fora da favela. Escola, parque, cinema. As sobras de dinheiro ela lhes dava para mantê-los distante daquele lugar. Os meninos só voltavam à noite para dormir. Sequer brincar nas ruas da favela, Carolina M. de Jesus permitia aos filhos. O espaço deles era apenas a parte interna do barraco.

É então no final dos anos 50 que Audálio Dantas e Carolina M. de Jesus se encontram. Muitos vão dizer que ele a descobriu, mas diante de todas as tentativas de Carolina M. de Jesus, questiono-me se não foi ela quem se permitiu ser descoberta pelo jornalista.

A favela do Canindé, pano de fundo e cenário principal de *Quarto de Despejo*, foi criada, assim como muitas outras favelas de São Paulo, pelo ex-governador Adhemar de Barros, político que muito aparece nos escritos do diário e quem Carolina M. de Jesus muito devota, dedicando-lhe até poemas. Conta-se que, a pedido dele, o prefeito de São Paulo, Abraão Ribeiro, mandou recolher todas as pessoas de rua que não tivessem casa para morar por conta do presidente de Portugal que estava para visitar a cidade, e os políticos queriam causar boa impressão. Diante disso, ele determinou uma “faxina” na cidade: limpou tudo, arrumou as praças, tapou buracos e ordenou à polícia que retirasse as pessoas em situação de rua também. Os policiais retiravam estas pessoas das ruas e despejavam literalmente em terrenos vazios. Caso algum deles fosse encontrado nas ruas, o destino era a delegacia e a situação assim piorava com os maus tratos, agressões etc. Essa circunstância ocasionou a criação da favela do Canindé, local em que as pessoas começaram a construir barracos, juntando madeira de caixotes, papelão, latas velhas e dando a proporção às favelas que hoje temos. José Carlos lembrou em depoimento que, para o prefeito e sua atitude, Carolina M. de Jesus dedicou alguns versos, “agradecendo-o”:

“Admiro o Sr. Abraão Ribeiro.
Pôs o povo misturado
Como porcos no chiqueiro” (Sebe Bom Meihy, 2015, p.107-8)

Nunca parou de chegar gente e se via barracos amontoados de gente que escolhia o lugar menos pior e construíam “um canto”. O *Quarto de Despejo*, título do livro mais famoso de Carolina M. de Jesus, ganhou esse nome por ser o lugar onde se jogavam as coisas que ninguém queria. E a favela do Canindé, nas palavras de Vera Eunice, era isso: “um espaço para depósito de tudo que não prestava mais.”

Carolina M. de Jesus tinha uma forte aversão àquela favela. Apesar de testemunhar as diversas situações que ocorriam ali, ela não tinha nenhum grau de intimidade com quem quer que fosse.

Audálio Dantas já estava há três dias na favela do Canindé. Tinha ido à inauguração de um parquinho na favela, mas uns homens, que gostavam de confusão, resolveram invadir os brinquedos e vandalizar, destruindo-os, antes mesmo de as crianças brincar. Carolina M. de Jesus chamou a polícia, mas houve quem chamasse também a imprensa. E ali, sob as ameaças daquela mulher de pele retinta, alta e voz firme, de *“Vou pôr vocês no meu livro, vocês vão ver só!”*, Audálio teve sua atenção tomada. Pediu que Carolina M. de Jesus o levasse para ver o tal livro e ela o levou até seu barraco onde ela tinha alguns livros e cadernos catados nos lixos da cidade e cujas folhas limpas eram reaproveitadas. Os escritos estavam presentes também em alguns papelões, outros em papel amassado. Eram gêneros diversos, mas só o diário interessou ao jornalista que levou alguns cadernos consigo. Voltou posteriormente informando a Carolina M. de Jesus que um jornal iria ajudar a publicar o diário. Mas apenas os diários! Nenhum dos outros gêneros.

Audálio solicitou a Carolina M. de Jesus que continuasse escrevendo, contando o que acontecia na favela e que ele se encarregava de providenciar uma editora, o que aguçou Carolina M. de Jesus, pois era o que ela mais queria: publicar um livro e ter seu nome na capa. Ainda que Carolina M. de Jesus escrevesse dia e noite, saísse pela rua com seu caderno embaixo do braço, sob risos daqueles que achavam absurda a possibilidade de ela ser escritora, Audálio afirma em entrevista dada a Raffaella Fernandez, que nunca tivera pensado na possibilidade de comprar cadernos, lápis e caneta para Carolina M. de Jesus. Todos os suportes em que ela escrevia, reforço, eram achados no lixo! Ou ainda comprados com os recursos exclusivamente da própria escritora.

Carolina M. de Jesus confiava absolutamente em Audálio. Na edição da obra, Audálio realizou cortes que serão tratados mais adiante, mas, nas palavras de Vera, ele cumpriu a promessa feita que era a publicação. O “repórter”, como Carolina M. de Jesus e todos se referiam a Audálio, era apenas elogios por parte da escritora. Um homem, a seu ver, justo, direito, trabalhador, inteligente e que a ajudava muito. No dia do lançamento, recepcionou os convidados e apresentou à mãe de Vera os seus conhecidos.

Carolina M. de Jesus vendeu 10 mil exemplares nos três primeiros dias e 90 mil passados 6 meses.

As 182 páginas de Quarto de Despejo foram traduzidas para 14 línguas em mais de 40 países, incluindo então a União Soviética e o Japão.

De acordo com Sebe Bom Meihy, que se baseou em cópias xerografadas do contrato com a editora cuja data exata não está clara, obtidas graças à ajuda de Cláudio Lacerda e Nelida Piñon, a Francisco Alves lhe garantia 10% da venda de cada livro, com um adicional de 5% a Dantas (2015, p. 30 e 31) Com esse valor, no quarto mês de lançamento do livro, ela se mudava com os filhos levando uma mesa, duas camas, 3 colchões, além de uma estante velha e 6 painéis (2015, p. 31)

A publicação de *Quarto de Despejo* fez a vida da família Jesus mudar abrupta e completamente. O incômodo dos vizinhos era geral: eles não suportavam a ideia de ver Carolina M. de Jesus ascender e ser cogitada nos lugares mais finos e elegantes da cidade. Com toda a pompa da publicação e da obra, Audálio ‘esqueceu’ de retirá-los da favela. E os vizinhos de Carolina M. de Jesus juntaram dinheiro para comprar o livro, para ver se o nome de alguém estava escrito. Vera Eunice relata que eles não sabiam ler direito, então cogitavam a partir do nome escrito no texto para achar que era alguma acusação, que Carolina M. de Jesus havia delatado alguém. (SEBE BOM MEIHY, 2015, p. 85).

Com a situação insustentável, Carolina M. de Jesus contou a um amigo, quem sempre visitava, sobre a relação que se estabeleceu com os vizinhos após a publicação da obra e, sem acreditar no que ocorria, ele ofereceu a casa dos fundos de sua mansão que estava desocupada. Saiu dali sob predadas e xingamentos, incluindo um “puta preta”, pois os vizinhos bradavam que ela havia enriquecido às custas de escrever sobre os favelados então tinha que dividir o dinheiro com eles.

Uma pessoa, gerente de supermercado, se comove com a história e leva a família para morar em Osasco, numa casinha nos fundos de sua propriedade. No entanto, por Osasco ser longe de São Paulo, Carolina M. de Jesus buscou outra alternativa logo, já que se encontrava em condições menos precárias.

Por conta da natureza do contrato da editora, Carolina M. de Jesus dividia os lucros com Dantas. Mas, porque não ela não possuía os documentos de identificação, não tinha como possuir conta em banco em seu próprio nome. Dantas se dispôs a fazê-lo e esta relação de dependência gerava ainda constrangimentos. Com as primeiras sobras, ela iniciou o pagamento de uma casa de alvenaria, um dos maiores objetivos de vida de Carolina M. de Jesus, num bairro popular, Santana, na Rua Bento Pereira, 562. Na época o preço da casa era algo em torno de Cr\$ 1.550.000,00, o equivalente a uma casa almejada pela classe média urbana de São Paulo.

Ainda que referida, aos olhos da imprensa, de maneira vil, como um “barraco”, era para a família, saída da favela, um palácio: tinha uma “sala modesta, cozinha com fogão a gás,

armários embutidos e um pequeno jardim, luz elétrica e água corrente” (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 32).

Ao se mudar, Carolina M. de Jesus e os filhos não esperavam que a casa comprada ainda estivesse habitada pelos antigos moradores, que não tinham para onde ir. Isso a levou a compartilhar tudo dentro da casa com os inquilinos.

Nesta casa, Carolina M. de Jesus recebeu inúmeras visitas, de gente de todo canto do país. As pessoas iam até ela pedir dinheiro, matar a curiosidade, jornalistas e fotógrafos invadiam a sua privacidade.

Passados alguns meses, tudo mudou. Carolina M. de Jesus e os filhos não se sentiam participantes daquele lugar. Os vizinhos não gostavam dela, curiosos viviam espiando sua vida, a polícia era constantemente chamada para apartar brigas de bêbados e andarilhos que paravam na frente de sua casa para vê-los. O incômodo era geral e o preconceito era latente. Os meninos não faziam viagens longas com a mãe e Vera, por causa da escola e estavam acostumados a brincar na rua, jogar bola, empinar pipa e fazer coisas que os outros meninos daquela vizinhança não faziam; além de suas mães não os querer perto dos filhos de Carolina M. de Jesus.

Foram três anos morando em Santana, período em que Carolina M. de Jesus escreveu seu segundo livro intitulado *Casa de Alvenaria*. Um livro que vai relatar a dificuldade de adaptação da família ali, os problemas que surgiram entre Carolina M. de Jesus e Audálio, o que ela achava daquelas pessoas ricas. Obviamente, que o texto vai trazer muitos incômodos, pois o que Carolina M. de Jesus queria dizer, ela não guardava, além de determinados comportamentos por parte dos ricos com os quais ela não concordava. Um caso que sua filha relata foi o fato de Carolina M. de Jesus sempre solicitar, quando ia aos restaurantes com pessoas importantes, que juntassem as sobras e embrulhassem para viagem. As pessoas se assustavam e não gostavam disso. Mas a atitude dela era perfeitamente compreensível: só quem passou fome sabia o que era desperdiçar comida. E aquelas pessoas ricas faziam isso: compravam pratos diversos e jogavam os restos fora. Carolina M. de Jesus era mulher de colocar até mendigos dentro de casa, quem quer que fosse, caso ela visse passando dificuldade. Isso gerou a ira dos vizinhos e a exploração da imprensa em cima de polêmicas.

Chegou um momento em que a casa da família Jesus era uma casa de atenção a pessoas em situação de rua. Carolina M. de Jesus não tinha paz. Eram muitos pedintes brigando nas imediações da casa, a polícia era chamada constantemente. Audálio não aceitava esse comportamento de Carolina M. de Jesus, pois ela gastava mais dinheiro com as pessoas na rua do que com ela mesma e os filhos.

Segundo Vera Eunice, houve arrependimento por parte de Carolina M. de Jesus em escrever seu primeiro livro. Ela se sentia como se tivesse sendo explorada:

Minha mãe foi se arrependendo de ter escrito *Quarto de despejo*. Viver foi ficando complicado demais, sem tranquilidade, privacidade, respeito. Parecia que cada um queria tirar uma lasca da Carolina: os jornais, os políticos. Queriam se aproveitar dela e depois jogá-la de volta na miséria. Até hoje sinto receio de dar entrevista: e se for algum aproveitador? Não fazia diferença, minha mãe acreditava nas pessoas. Ela era ingênua e ia na conversa de qualquer um. (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 88)

Vera conta ainda que a publicação de *Quarto* permitiu à família realizar todos os desejos, dentre eles o de Carolina M. de Jesus participar do carnaval, que era algo que ela adorava, com belas fantasias para o desfile. Além disso, a escritora tinha o sonho de cantar no rádio e ser atriz. Apesar de não ter conseguido cantar, ela gravou um disco de samba, possível de ouvir nas redes sociais atuais.

O disco é composto de canções cujas letras foi a própria Carolina M. de Jesus quem compôs. Ela contava as histórias do livro. Vera Eunice atribui a esse episódio do disco o estopim para a ruptura da relação dela com o Audálio, pois ele vislumbrava um outro caminho para ela. Carolina M. de Jesus tentou ainda ser atriz e encenar a si mesma nos palcos. Não conseguiu. A atriz que a representou foi Ruth de Souza, atriz profissional, morta no ano de 2019, que tinha o tipo físico assemelhado ao de Carolina M. de Jesus. Só que a personalidade da mãe de João José, José Carlos e Vera Eunice era tão intensa que no dia que a peça estreou Carolina M. de Jesus causou um grande escândalo gritando que tudo estava errado na peça.

Carolina M. de Jesus ficou famosa: apareceu no rádio e na televisão. Vendeu muitos exemplares de seu primeiro livro. Bom Meihy (2015) afirma que ela tenha vendido mais de 310 mil exemplares nos Estados Unidos e, de acordo com o contrato original, Carolina M. de Jesus deveria ter recebido mais de US\$ 150.000,00, mas nada confirma que ela tenha recebido parte relevante desta quantia.

Os artigos jornalísticos apresentam variações no que se refere aos lucros recebidos pela venda de *Quarto de Despejo*. Uma dessas versões aponta que antes de completar um ano de sua publicação, a obra já teria rendido a Carolina M. de Jesus cerca de Cr\$ 6.000.000,00. Jornais outros vão declarar que, no mesmo período, o livro que já estava em sua oitava edição teria gerado Cr\$ 2.050.000,00 em royalties para Carolina M. de Jesus. As informações também apontam que houve proibições, por conta de contrato, de receber pelas traduções, pois os direitos seriam da editora representante à época da Editora Francisco Alves, muito poderosa no cenário editorial. Além disso, do total (ela contava com apenas 10% do custo) que ela deveria

receber, ela tinha que dar ainda 30% a Audálio Dantas. Contudo, foi esse dinheiro que contribuiu para a casa de tijolos dos seus sonhos.

Vera alerta em depoimentos sobre a vida de sua mãe que esta havia sido muito enganada. Ela acredita que Carolina M. de Jesus e a família não receberam todo o dinheiro referente ao livro. Vera vai dizer que apenas o dinheiro dos Estados Unidos chegou às suas mãos, mas que devido a toda a tramitação, e possíveis explorações, nem tem como ter certeza de que a quantia recebida estava realmente correta.

No ano de 1967, com apenas seis anos da publicação de *Quarto*, Carolina M. de Jesus se mudou para uma região pobre de São Paulo: a chegada ao sítio envolve essas possíveis explorações. No entanto, ela ainda aspirou a fama novamente, conseguiu acumular algum dinheiro e, em 1969, tinha o suficiente para se mudar de Santana para Parelheiros, para uma chácara, em área residencial próxima a casas mais pomposas, só que na parte baixa, mais pobre, onde os impostos eram menores.

O que Parelheiros vai lhe trazer é a lembrança da vida tranquila do passado rural e o contato com a natureza, além da almejada tranquilidade. Em Parelheiros, havia escolas públicas as quais eram possibilitadas aos filhos irem de ônibus. Além disso, eles ajudavam na manutenção da casa. João José já trabalhava numa fábrica de tecidos, José Carlos estava matriculado no primeiro ano do ensino médio e Vera Eunice era também estudante e a boa companheira da mãe.

A casa foi construída em um terreno de cerca de 7.500 metros quadrados, com blocos de cimento, numa área sem asfalto: quando o tempo estava ensolarado era poeira e o chão seco, quando chovia tudo ficava enlameado. Desde sua saída para Parelheiros, ela deixou de ter o dinheiro dos direitos autorais.

A filha caçula de Carolina M. de Jesus vai revelar que sua mãe novamente ouviu vozes e teve um pressentimento de que estavam falando dela e querendo “lhe passar a perna”. Na ocasião, Carolina M. de Jesus tinha recebido uma proposta para a filmagem do livro por uma produtora italiana. Recebeu uma primeira quantia pela produção e entre seus desejos estava o de que seus filhos deveriam ser personagens no longa-metragem. Ela tratou de reservar o dinheiro para as despesas da viagem dos meninos. Eles iam conhecer a Itália. Ela então foi à revista *O Cruzeiro* e teve o tal pressentimento. Ao chegar lá, sem que a vissem, constatou numa reunião em que decidiam a porcentagem de cada um pelo filme e definiram que ela já tinha recebido muito. A justificativa, segundo Vera, era a de que ela acabaria gastando à toa, jogando fora, desperdiçando (Sebe Bom Meihy, 2015).

Carolina M. de Jesus não entrou na sala, não pediu satisfações, nada! Cancelou a viagem, pegou o dinheiro do banco e comprou o sítio. Foi embora de Santana. Por meses, ela ficou incomunicável. Ninguém sabia do paradeiro da família. No início foi tudo muito difícil. A mudança abrupta gerou uma cisão na família Jesus tão unida. Os meninos não sabiam lidar com aquele breu de Parelheiros. A relação com o filho mais velho era de todas a mais difícil. Apesar da independência, pois os três já estavam adolescentes, a diferença entre João e a mãe era abissal. E ele não aceitava muitas das decisões dela, ficando momentos sem se falar.

Eles voltaram a uma vida de dificuldades. Quando a fome apertava, Carolina M. de Jesus se embrenhava nos matos e passava às vezes uma semana ou mais por lá, mas sempre voltava com algo para os filhos comer. É numa dessas situações que ela é flagrada catando papel nas ruas. A imagem é publicada em diversos jornais no Brasil e no mundo. Um fato que vai causar estranhamento a muitos, dada a complexidade do que foi apresentado no livro, dada a figura de Carolina M. de Jesus, dado a tudo que ela tinha atingido a partir de seus paradoxos.

Carolina M. de Jesus voltou a depender dos catados de recicláveis pelas ruas e, de tempos em tempos, contava com a venda de frutas e verduras na feira. Além de criar galinhas e porcos. É verdade que se tratava de uma vida muito melhor do que aquela da época do Canindé, mas muito aquém para quem vendeu muitos livros dentro e fora do país. Ela amava o sítio. Vez ou outra, quando descobriram onde ela estava morando, apareciam curiosos querendo falar com ela, mas, se fosse a imprensa especialmente, ela se trancava em casa e não falava com ninguém.

A vida continuou com seus apertos para a família Jesus, mas com muito trabalho árduo de João e Vera, Carolina M. de Jesus trabalhava menos. José Carlos nunca gostou muito de trabalhar e vivia de ‘bicos’. Vera, aos poucos, foi arrumando o sítio e deixando-o um lugar agradável. Carolina M. de Jesus não perdeu o interesse pela leitura e a escrita. E, no período de escola de Vera, ela ia buscar a filha na escola à noite e as duas voltavam falando dos assuntos aprendidos por Vera durante o dia. Carolina M. de Jesus aprendia tudo e muito rápido. Em pouco tempo, ela estudou tanto, por conta própria ou com a filha, que melhorou na sua linguagem, em comparação aos primeiros livros publicados. A caçula revela ter ouvido da própria mãe que esta tinha vergonha de seu primeiro livro, de tantos erros gramaticais que lá existiam, no seu maior sucesso.

Com nostalgia, Vera lembra das dores da vivência no Canindé, da difícil perda de sua mãe e quatro meses depois de seu irmão mais velho.

Antes disso, surgiram alguns sinais de que a vida podia voltar a sorrir para ela, com convites para uma nova filmagem, reedição e autógrafos de *Quarto* pela cidade. Vera conta que, na época, Carolina M. de Jesus não tinha uma roupa. Carolina M. de Jesus recebeu

adiantado e disse à filha que ia pagar a casa da moça que estava em construção. Vera pediu que ela usasse o dinheiro para comprar roupas para se mostrar apresentável, mas para a sua decepção, Carolina M. de Jesus simplesmente pegou o dinheiro e entregou a José Carlos para que construísse uma para ele. Depois ficou sem dinheiro. Triste, ainda assim, Vera pegou as roupas do casamento e deu a ela para viajar. Ela vestiu a roupa e no retorno, visitou a casa nova de Zé Carlos e deu o vestido à nora. Vera, muito brava, fez a mãe desfazer o ato e aquele foi o último momento em que se viram. (Sebe Bom Meihy, 2015, p. 98)

Carolina M. de Jesus morreu no dia 13 de fevereiro de 1977, de crise respiratória. Era um forte verão e ela tinha ido a casa de seu filho José Carlos. Com 62 anos, já se mostrava fragilizada e com aparência de uma idade ainda mais avançada. Com dificuldades respiratórias, ela parecia pressentir a morte. Teria tido sérias discussões com o filho. Sentiu piorar o quadro de insuficiência respiratória e morreu a caminho do hospital. No entanto, Vera conta que a mãe estava muito bem no dia anterior e sequer sabia que ela sofria de insuficiência respiratória. O irmão mais velho de Vera se desorientou. Apesar de não se falarem, a caçula acreditava que a mãe e seu irmão mais velho tinham uma ligação de almas. Vera ainda pediu autópsia do corpo pelas diversas dúvidas que carregava e de tão súbita que tinha sido sua morte, mas, por ser apenas o irmão mais velho quem podia requerer, acabou não insistindo.

Os filhos sequer tinham dinheiro para o enterro e apelaram à imprensa para ajudá-los. Foi com os dividendos de vizinhos e de uma querida amiga próxima, de nome Mariazinha, que eles conseguiram fazer o funeral. No dia do enterro, o padre queixou-se da ausência de flores e, momentos subsequentes, os vizinhos providenciaram plantas para enfeitar o túmulo. Audálio Dantas alegou à época ter arcado com os custos do enterro, mas os filhos refutaram a informação (Sebe Bom Meihy, 2015).

Carolina M. de Jesus se preocupava demais com seus filhos e essa relação de afetividade era fortemente marcada na época da favela. Ambos, Vera e José Carlos, recordam com saudade disso. José, especialmente, reforça que, em Santana, a distância entre mãe e os filhos homens aconteceu, porque com as viagens sequenciadas por causa do livro, Carolina M. de Jesus deixava os meninos em casa e levava apenas Vera. Foi uma grande perda. Na favela, ninguém tocava nos meninos. Carolina M. de Jesus chegou a ser atacada por uma prostituta para defender o filho mais velho. Ficou três meses no hospital se recuperando e nesse período as crianças tiveram que se cuidar e se proteger sozinhos, até que uma conhecida os levou embora para segurança dos três até o retorno da mãe. Carolina M. de Jesus, em seu diário, faz referências breves ao episódio:

Eu ja fui agredida aqui na favela. Em 1954. Dia 5 de Maio pela bohemia Ivone Horacio Ela ia expandir o meu filho João José que estava com 5 anos Ela e a tal Maria da Penha. Eu acho o analfabeto violento igual / ao Leão Quando eu vi elas perseguindo, o meu filho intervi. Uma segurou-me e a Ivone deu-me as cinco canivetas. A Ivone não compareceu na delegacia para prestar declarações porque a minha comadre Dona Martha Theresinha godinho do serviço social arranhou um emprego para a Ivone. E ela passou dois anos oculta. Agora é que ela retornou-se a favela. (Jesus, 1958)

Carolina M. de Jesus foi uma mulher que proporcionou uma educação cuidadosa e regrada aos filhos, tentando passar-lhes especialmente valores morais e éticos. E procurava agir, de igual maneira, para ser sempre exemplo. Foram meninos que, apesar de se assemelharem, no quesito pobreza, aos demais do Canindé, distanciavam-se destes no cuidado materno. Carolina M. de Jesus vivia apenas para eles e por eles, elencando agruras e aprendizados num processo de maternidade negra que fazia a diferença entre as mulheres, em sua maioria, negras na mesma condição.

4.3 “E QUE EU GANHEI UMAS TABUAS E VOU FAZER UM QUARTINHO PARA EU ESCREVER E GUARDAR OS MEUS LIVROS. JA QUE NÃO TENHO INSTANTE GUARDO-OS DENTRO DE UM CAIXOTE”⁴⁵

Nesta seção, falo brevemente das instituições custodeadoras da obra de Carolina M. de Jesus, considerando a necessidade de um olhar atento para a política de acervos de escritores negros no Brasil.

Carolina de Jesus ganha visibilidade verdadeiramente no ano de seu centenário, em 2014, quando torna-se pública a notícia de centenas de folhas inéditas manuscritas pela autora da favela do Canindé.

No entanto, mesmo que, nas últimas décadas, Carolina tenha ganhado algum espaço entre os estudos acadêmicos, a sua obra ainda é, em grande parte, desconhecida. O que se observa ainda hoje, a partir da produção bibliográfica de terceiros, referente à autora e sua obra, é que as pesquisas surgem a partir da análise da obra impressa editada e publicada, e não dos manuscritos originários.

O acervo bibliográfico de Carolina de Jesus é bastante extenso. Barcellos (2015), junto com sua equipe, apresenta ao público o *Guia do Acervo de Carolina Maria de Jesus* em que reúne, em caráter informacional, tudo o que se tinha conhecimento até à época sobre a autora. Um grande desafio diante do impasse que é a situação dos arquivos e sua organização no Brasil.

⁴⁵ Jesus, 1958

Uma mostra disso pode ser vista na reportagem do Programa *Profissão Repórter*⁴⁶, exibido pela Rede Globo. Abaixo transcrevemos o áudio do vídeo⁴⁷:

Vinheta do programa

VERA EUNICE: 15 de julho de 1955. Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela, mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Eu achei um par de sapatos no lixo. Lavei e remendei para ela calçar.

REPÓRTER NARRANDO: Vera é a filha que ganhou os sapatos do lixo. Sua mãe é Carolina de Jesus, uma das precursoras da literatura de periferia... Voltamos com Vera para a favela em que morou com a mãe e que é o cenário do livro mais conhecido de Carolina de Jesus: Quarto de Despejo.

REPÓRTER: Bom... Isso aqui é o que sobrou da antiga favela do Canindé. A gente vai agora tentar falar com alguma moradora da época.

MORADORA: Carolina 'não sei o quê' de Jesus, né?

REPÓRTER MASCULINO: Carolina Maria de Jesus. Essa é a filha dela: Vera Eunice!

REPÓRTER: A senhora sofreu bastante aqui com as condições aqui da favela do Canindé? Com a fome, com as enchentes, como é que foi?

MORADORA: Sofri muito... Nossa Senhora do céu! Agora não tem muito mais aquele sofrimento das enchentes, né? Mas antigamente... antigamente... uma vez 'nós ficou' com a roupa do corpo. Até a roupa que estava no varal a água levou... varal com roupa e tudo. E o que 'nós comeu' esse dia foi melancia.

VERA: Qualquer dia desse eu venho tomar um café aí!

MORADORA: Pode vir o barracão é aqui no fundo, tá?

REPÓRTER NARRANDO: O livro que conta histórias como esta foi traduzido para 16 línguas e virou referência da arte produzida na periferia ainda nos anos sessenta. .

REPÓRTER: Você tem fotos dela também?

VERA: Sacramento!

REPÓRTER: Em Sacramento...

REPÓRTER NARRANDO: Sacramento é a cidade natal de Carolina de Jesus e é pra lá que nós vamos com Vera.

VERA: Hoje Sacramento... Hoje eles reverenciam muito ela. Quando a minha mãe faleceu. No momento, eu pedi ali na hora e coloquei na minha casa numa caixa e fiquei pensando: "Onde eu poderia entregar aquele acervo? Pensei: Na cidade em que ela nasceu.

REPÓRTER NARRANDO: Vera veio acompanhada da filha. O arquivo da cidade fica na antiga prisão onde Carolina ficou presa.

REPÓRTER: Antigamente essa aqui era uma prisão, né?

VERA: E tudo isso porque... só por um motivo: por que ela lia! Eles alegavam que ela estava lendo o livro de São Cipriano, que ela lia... E aí eles falavam que ela era bruxa. Mas aí a mentalidade daquela época, como eles falava... hoje, lógico, a cabeça deles é diferente e hoje a gente sente... Tanto é que eles não querem que o acervo saia, né? Eles querem que o acervo continue aqui, então mas é... mas nas condições que o acervo está não pode deixar... Porque você viu as condições... Ah lá... (Vera aponta a umidade na parede) Aqui é lá no sítio também... a última foto.

⁴⁶ Profissão Repórter é um programa jornalístico semanal brasileiro, produzido e apresentado pela Rede Globo, que, na época do episódio, foi ao ar nas noites de quarta-feira. Originalmente foi criado como um quadro do programa Fantástico, tornando-se um programa fixo na emissora em 2008. Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo quanto na sua finalização. Iniciado em 1995 como um quadro do Fantástico, retornou em 2006 e teve três edições especiais nas noites de quinta-feira em 2007. Estas edições foram ao ar nos dias 30 de agosto de 2007, 18 de outubro de 2007 e 13 de dezembro de 2007. A reportagem data de 17 de setembro de 2018 e está disponível no aplicativo Globo Play, através do link www.globoplay.com/

⁴⁷ A transcrição foi feita de maneira corrente, com o único objetivo de ter uma noção do conteúdo do vídeo. Paramaiore detalhes, é importante acessar o vídeo com a reportagem do programa.

REPÓRTER NARRANDO: A família reclama também que muitos itens do acervo estão guardados, fora do alcance do público.

REPÓRTER: Ah é, a Vera? Podemos ver esse quadro?

VERA: É novo esse aqui, trouxe pra eles...

SECRETÁRIO DE CULTURA CARLOS CERCHI: Boa!

VERA E FILHA MARISA: Boa!

SECRETÁRIO DE CULTURA: Fez boa viagem?

REPÓRTER NARRANDO: Como o acervo foi doado para a cidade, Vera agora tenta convencer o Secretário de Cultura a enviá-lo a instituições no Rio de Janeiro.

VERA: Como Sacramento não tem aquela parte de climatização...

SECRETÁRIO DE CULTURA: Mas no Arquivo Nacional também não tem.

FILHA DE VERA: Tá errado também

SECRETÁRIO DE CULTURA: Não sei se está certo ou se está errado. Sei que nós não estamos na Suíça, estamos no Brasil, né? Então... o acervo tá bem cuidado e está sendo produtivo. Ele produziu uma escola com o nome da sua avó, produziu a primeira exposição em Brasília. Foi nós que levamos. Isso eu falo olhando pra você e está sendo gravado aqui e pra quem quiser ouvir. Tá certo? Agora nós estamos cuidando. Nós estamos fazendo um acervo produtivo. Se vocês quiserem tirar é outra coisa. Não é falando que o acervo tá mal cuidado, que o acervo tá isso ou aquilo. Uma vontade de vocês, da família, tem todo direito. Nós fizemos uma exposição nacional em Brasília...

FILHA DE VERA: Levando o acervo que ninguém...

SECRETÁRIO DE CULTURA: Não é um acervo, levando um caderno...

FILHA DE VERA: Um caderno é um acervo...

SECRETÁRIO DE CULTURA: Oh, Marisa...

FILHA DE VERA: E por que você acha que um caderno não é um acervo?

SECRETÁRIO DE CULTURA: E por quê que não pode levar?

FILHA DE VERA: Ah...

VERA: Aliás, ela veio...

SECRETÁRIO: Vocês não pediram autorização para fazer essa gravação, certo?

REPÓRTER: A gente chegou se apresentando... Eu falei da onde eu sou, o que eu estou fazendo aqui... A gente apresentou a nossa matéria...

SECRETÁRIO DE CULTURA: Mas não tem autorização para fazer essa discussão que eu estou fazendo com a mesma... Tô mal servido por vocês...

REPÓRTER: Olha... O senhor ofereceu essa cadeira para eu sentar!

SECRETÁRIO DE CULTURA: Eu vou conversar com você sem gravação... Vocês estão gravando por conta de vocês...

REPÓRTER: Se o senhor não quisesse que começasse essa gravação, o senhor poderia ter falado.

SECRETÁRIO DE CULTURA: Não queria... porque o que eu estou conversando com a Vera é coisa pessoal. (Portal Globoplay, 2018)

Uma das propostas é preservar os cadernos originais no Rio de Janeiro e deixar cópias em Minas Gerais, mas a cidade de Sacramento ainda resiste em abrir mão do acervo de Carolina Maria de Jesus.

A reportagem acima transcrita nos dá algumas noções acerca do tratamento dado aos acervos no nosso país. Sacramento é visitada mensalmente por estudiosos e pesquisadores interessados no acervo de Carolina. No entanto, muitos órgãos responsáveis pela guarda não têm a mínima noção da necessidade de se preservar esse material e de como pequenos cuidados são imprescindíveis para a longevidade do acervo. Um exemplo disso é o traslado dos materiais para exposição. Diante da forma como o material se encontra armazenado em Sacramento, preocupa a maneira como os itens do acervo sejam transportados.

Antes, todavia, é importante apresentar algumas informações referente ao acervo da mãe da escritora.

Conforme levantamento feito por Barcellos:

São quinze os cadernos que deram origem ao primeiro livro, *Quarto de Despejo*, e que estiveram sob a guarda de Audálio Dantas até 2012, quando o jornalista doou à Biblioteca Nacional, com exceção de um caderno que se encontra no Museu Afro Brasil, em São Paulo, também doado por Dantas.

São onze os cadernos que contêm as entradas que aparecem em *Casa de Alvenaria*, e que estão sob a guarda do Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswick, em Sacramento, Minas Gerais, desde 1999, quando a filha da escritora, Vera Eunice, os doou juntamente com outros cadernos à prefeitura da cidade natal de Carolina. No total há 37 cadernos autógrafos. (...)

Três conjuntos de onze rolos de microfimes se encontram hoje na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, na Biblioteca do Congresso em Washington D.C. e no Acervo de Escritores Mineiros, do Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG. Com exceção de um caderno, os originais desse material microfilmado estão no Arquivo Público de Sacramento.

Há dois cadernos originais de Carolina sob a guarda do Arquivo de Coordenadoria do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Um contém um prólogo e uma seleção de poemas; o outro, poemas e texto em prosa — ficcionais e autobiográficos. Esses cadernos, segundo informação do IMS, foram doados à instituição em 2002 e um deles teria servido de base para o livro póstumo *Diário de Bitita*. (Barcellos, 2015, p. 12)

Em resumo, as instituições guardiãs do material de Carolina, seja sob forma de cadernos, seja em microfimes, conforme o *Guia do Acervo* nos aponta:

37 cadernos em Sacramento
 14 cadernos na Biblioteca Nacional
 02 cadernos no Instituto Moreira Salles
 02 cadernos na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP^[3]
 01 caderno no Museu Afro Brasil, totalizando 56 cadernos. (Barcellos, 2015, p. 13-14)

- 1) **Instituto Moreira Salles**, unidade do Rio de Janeiro. O acervo de Carolina Maria de Jesus, segundo Barcellos, foi entregue por Clélia Pisa, uma das autoras que publica a versão francesa de *Um Brasil para Brasileiros*. O pesquisador acrescenta que o material foi depositado na unidade de São Paulo inicialmente, depois transferido no primeiro semestre de 2009 para o Prédio da Reserva Técnica Literária, no Rio de Janeiro, o qual foi construído para a guarda de acervos (BARCELLOS, 2015). A unidade do Rio de Janeiro encontra-se fechada para reformas. No segundo semestre de 2023, a exposição de *Carolina Maria de Jesus: um brasil para brasileiros* retorna ao Rio de Janeiro, a qual ocorrerá no Museu de Arte do Rio (MAR). Tal evento começou em 2021 e por enquanto somente aconteceu em cidades do sudeste

brasileiro, tendo iniciado no IMS Paulista, SESC Sorocaba, esteve no Rio no Parque Madureira, em uma ocupação do MAR, e São José do Rio Preto.

- 2) **Acervo de Escritores Mineiros** - Acervo presente no campus Pampulha da UFMG
- 3) **Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro** - o acervo foi organizado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy e de propriedade de Vera Eunice de Jesus Lima, filha da escritora.
- 4) **Museu Afro-Brasil**, em São Paulo. Nesta unidade, encontra-se parte dos cadernos referente a *Quarto de Despejo*, inclusive em folhas de papel de pão e caderno de notas.
- 5) **Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik**, em Sacramento.

O acervo de Sacramento - Minas Gerais é possivelmente o acervo que requer cuidado urgentemente, devido a sua má conservação. O local onde funciona o Arquivo é o mesmo onde um dia Carolina M. de Jesus foram detidas no passado. Neste lugar, além da prisão, Carolina de Jesus foi espancada por policiais. O motivo da prisão se deu por ela ter sido acusada injustamente de roubo de dinheiro de um clérigo e também de bruxaria porque estava lendo que diziam ser o livro de São Cipriano.

O acervo de Sacramento sofre com o mau armazenamento do material, o desrespeito para com o legado, uma vez que parte da obra é manuseada sem o devido cuidado, emprestada sem controle, como denuncia a reportagem feita revista Marie Claire neste ano de 2023⁴⁸.

Com esse descontrole do acesso, parte das obras já se perderam, ou estão em estado de deterioração e de difícil recuperação no Arquivo em Sacramento. Além disso, foi denunciado também, na mesma reportagem, que pessoas em diferentes partes do país dispõem particularmente do material de Carolina Maria de Jesus, recusando-se a entregar à família da escritora, a qual tem o intuito de repassá-las para instituições que já fazem um trabalho sério de conservação do acervo. Pesquisadores e família comprometidos com a memória cultural sabem que esse cuidado permitirá que não se perca o legado deixado por Carolina. Não deixo de relevar que o recorte racial está diretamente relacionado com o cuidado dado a esse acervo, ao observar que obras de escritores brancos e nunca excluídos do dito cânone literário sequer tiveram seu acervo ameaçado. Por ser Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, vinda de classe social baixa e ainda posta em dúvida quanto à relevância da sua produção por uma crítica literária

⁴⁸ Marie Claire, 2023.

elitista, classista e branca, a demora ao respeito e trato adequado de tudo por ela deixado é ainda mais evidente⁴⁹.

O que incomoda é que nenhuma dessas instituições apresenta um guia de pesquisa com o objetivo de apresentar o que existe no acervo de Carolina. E as razões são muitas, sem contar a maior de todas as preocupações: a falta de recursos financeiros. Ainda assim, são listadas razões de outras naturezas: como o olhar sobre a obra de Carolina Maria de Jesus no cenário literário brasileiro, uma vez que ainda hoje sua obra divide opiniões quanto a ser ou não literatura. E mais do que isso: esta autora deve ser vista como literatura para ser tratada da mesma maneira que autores canônicos. (Barcellos, 2015, p. 14)

Outra razão se deve ao grau de interesse dos pesquisadores e estudantes em estudar o acervo da escritora. Será que este grau de interesse justificaria investir recursos em digitalizar os itens documentais do acervo de Carolina? Importante falarmos um pouco disso...

No ano de 2016, a Academia Carioca de Letras promoveu uma homenagem a Carolina Maria de Jesus. Dentre os convidados, estavam o compositor Martinho da Vila, a poeta e atriz Elisa Lucinda e os professores Ivan Cavalcanti Proença e Ramon Mello.

Todos os presentes foram surpreendidos pela fala do professor Ivan Cavalcanti que proferiu: “O livro ‘Quarto de despejo’ não é literatura. Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”.

O professor Ramon Mello criticou a fala do professor Ivan contestando a ideia de que a obra da autora não era literatura e teve o apoio de Elisa Lucinda que calorosamente também saiu em defesa de Carolina, alegando que o professor agia de maneira racista e leviana disfarçada sob a ideia de um comentário crítico literário.

Em um texto carregado de incômodos, Elisa Lucinda (2017) destaca a fala do professor Ivan que adjetivou a obra de Carolina da seguinte maneira:

“Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura”, continuou. “Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semi-analfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos”.

⁴⁹ A própria reportagem da Marie Claire trouxe ainda a informação de uma promessa feita pelo poder público à Vera Eunice de Jesus Lima da criação do Centro Cultural Carolina Maria de Jesus. Neste espaço, serão armazenados corretamente os cadernos da escritora e o local deve se tornar um centro de referência de pesquisa e programações artísticas, culturais e acadêmicas. Junto com o poder público de Sacramento, o Ministério da Cultura deverá apoiar o projeto. Tal situação do acervo foi levada à atual chefe do MinC, Margareth Menezes, em Brasília, durante o lançamento do edital do Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres 2023.

Lucinda caracterizou o fato como “se não era uma piada de mau gosto, era o que era: uma trágica demonstração de racismo, sob o fenótipo de um argumento academicista.” A poeta arrolou elementos para identificar os textos de Carolina como uma literatura evidente: a homenagem daquela instituição, o número de traduções a que *Quarto de Despejo* foi submetido e o motivo para esta obra possibilitar a sua autora ser o tema do Fórum das Letras de Ouro, idealizado e concebido por Guiomar de Grammont⁵⁰.

Sobre os argumentos do professor Ivan, faz-se necessário discordar, pois Carolina M. de Jesus é uma mulher de elocução bastante evidente, que alterna períodos longos e curtos, que produz uma riqueza forte de imagens. Apesar dos desvios de norma linguística, as reflexões que ela desenvolve sobre questões que a cercam se mostram nitidamente circunstanciadas e assertivas. Contudo, ainda encontramos hoje discursos provenientes da sociedade dita intelectual que continua a defender ou a impossibilidade de ser suas produções literatura, ou, quando assim as reconhece, colocam em dúvida que a produção seja da autora, debate antiquado, mas que retornou com força após a morte de Audálio Dantas.

Acontece que, além de Guiomar Grammont, autores como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Clarice Lispector reconheceram a competência de Carolina de Jesus. Carlos Drummond de Andrade vai dizer sobre a escritora do Canindé que “Ela é a mais necessária e visceral flor do lodo”. Clarice Lispector é lembrada por Vera Eunice, filha de Carolina em uma entrevista dada ao jornalista Pedro Bial.

Vera relatou ao jornalista que, numa ocasião, a escritora de *A Hora da Estrela* elogiou sua mãe: “Quando minha mãe foi apresentada a Clarice, ela ficou meio intimidada e comentou: ‘Nossa, você é uma escritora. Quem sou eu perto de você?’. E a Clarice respondeu: ‘Posso ser uma grande escritora, mas você é a única que conta a realidade’”.

Apesar dos elogios de Clarice Lispector a Carolina Maria de Jesus, a posteridade não vai manter o discurso da autora ratificado por inúmeras celebridades e que pode ser visto inclusive nas primeiras páginas de *Pedaços da Fome*, outra obra de Carolina de Jesus, publicada em 1963 com recursos próprios.

Benjamin Moser, escritor da biografia mais recente de Clarice Lispector, *Clarice: uma biografia*, vai causar uma grande polêmica envolvendo as duas autoras. O livro, publicado em 2011, traz à página 25:

⁵⁰ Guiomar de Grammont é conhecida como curadora de feiras literárias internacionais. Nesse fórum foi lançado um livro em sua homenagem: *Memorialismo e Resistência – estudos sobre Carolina Maria de Jesus*.

Figura 8 - As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento de um livro



Foto: Acervo de divulgação/ Editora Rocco

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (Moser, 2011, p. 25)

Os estudiosos e curiosos sobre Carolina conhecem a imagem acima que muito circula pelo espaço virtual. A polêmica foi comentada por muitos, inclusive, pela escritora Ana Maria Gonçalves, escritora negra, autora de *Um defeito de cor*, que rechaça o posicionamento do biógrafo quanto ao não reconhecimento de Carolina não como uma escritora, mas como uma negra que poderia ser confundida com uma empregada doméstica. Concomitantemente, Moser não economiza em elogios a Clarice. Sobre o fato, o biógrafo, em entrevistas, vai dizer que seu único intento era comparar as aparências das duas pessoas. Mas será que, para exaltar Clarice, era realmente necessária a depreciação de Carolina?

Gonçalves levanta o mesmo questionamento. Outras personalidades vão criticar a passagem do texto de Moser, mas sobre o fato o biógrafo apenas revela que faria revisões a fim de esclarecer suas intenções, encerrando o assunto. O que se quer dizer com isso é que comportamentos como este nos levam a discutir o racismo sofrido pelas mulheres negras na literatura, bem como seu apagamento e a violência por elas sofridos ao longo de toda história. Isso nos condiciona a pensar também qual o espaço ocupado pelas mulheres negras no cenário literário, um espaço de ordem intelectual e pré-definido por quem deve ser ocupado desde muito tempo.

Em 2017, Carolina de Jesus integrou com seu *Quarto de Despejo* a lista de livros da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), um dos maiores vestibulares do país. Este feito permitiu que milhares de pessoas tenham acesso a algo muito mais do que um relato

dramático da fome e da miséria no país, aos olhos de quem a realmente viveu. Ao se tornar leitura obrigatória para o vestibular, Carolina passa a ter sua obra vista, debatida, discutida por muitos candidatos em diversos espaços e ocasiões. É abrir espaço para tirá-la da invisibilidade e mais: acessar a autores e, principalmente, autoras que fogem dos padrões tão sedimentados pela historiografia literária. Quando nossa atenção se volta para uma escritora como Carolina, é importante redefinirmos nossos conhecimentos e repensarmos o que a escola define como canônica e tradicionalmente como literatura.

Ações como esta da UNICAMP infelizmente ainda não dão conta da necessidade que emerge aqui, a do reconhecimento de Carolina de Jesus como escritora e sua obra como literatura. Em 30 de maio de 2018, seu primeiro editor, o famoso jornalista, Audálio Dantas, morreu vítima de câncer de intestino contra o qual já lutava há algum tempo. A importância de Audálio no mundo da imprensa é internacionalmente reconhecida, especialmente por ele ter contribuído para publicizar que o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado e não tenha cometido suicídio, como tentaram colocar midiaticamente, durante o período da ditadura.

Outro evento que marca a trajetória de Audálio Dantas foi a sua relação com Carolina de Jesus, mas sobre isso falaremos mais adiante. O que interessa agora é o vídeo que veiculou na internet em que Mino Carta fala da perda do amigo jornalista, poucos dias após sua morte.

A referência do vídeo está disponível na seção de Referências e a transcrição é a que segue:

Leitoras e leitores, essa é a próxima capa. (Mino Carta mostra a Edição Especial da Revista Carta Capital com título em foco “Golpe morto, Golpistas Vivos: Natimorta uma funesta solução militar para a ruína exposta pela greve caminhoneira ressurgente da tumba a farsa do Parlamentarismo) Mas antes de falar dela, eu vou contar outras coisas a respeito de um grande amigo que acaba de falecer... sinto... muito... realmente.... ele se chamava Audálio Dantas... escritor e jornalista... Seu primeiro livro foi um best-seller intitulado Quarto de Despejo... Um livro muito excepcionalmente bem vendido no começo dos anos 60... foi quando eu conheci Audálio... num encontro casual atrás da Biblioteca Municipal de SP, uma SP completamente diferente, distinta da atual cidade, horrenda, má... diria mesmo maligna! e ... Audálio entre outros méritos... são muitos... morreu aos 88 anos, quando eu o conheci eu tinha 26. E... Portanto... ele 30... fazendo os cálculos e... entre outros méritos, existe o de ter sido um excepcional líder, presidente dos sindicatos dos jornalista em SP na época mais sinistra da ditadura... notável seu desempenho por ocasião da morte de Vlad Herzog assassinado na masmorra do DOI-Codi quando a presença de um presidente do sindicato foi extremamente importante... inclusive para organizar na catedral da Sé um culto ecumênico oficiado por... representantes das nossas igrejas presentes no Brasil. Então ainda não assolado pelos bispos evangélicos e... cerimônia oficiada por em primeiro lugar, por D. Paulo Evarito Arnz... momento importante na vida do país porque ali se reuniram alguns milhares de pessoas que vinham de todos os cantos da cidade a despeito dos postos de bloqueio organizados pela ditadura a caminho da catedral e ali haviam nas janelas dos prédios que cercam a praça da sé os canos hirtos, os agentes, a polícia federal apontados contra a praça e contra quem entrava e depois saía da igreja. Audálio foi realmente uma figura notável na ocasião.... e recordo... recordo que, quando outro ameaçado pela repressão feroz e desvairada ameaçava o outro...

outro jornalista que havia começado debaixo do comando de Vlad Herzog e tinha acabado na revista *Veja* que eu então dirigia, Luís (imcompreensível o sobrenome) esteve a ponto de ser preso realmente, mas nós da revista o escondemos e depois de garantias claras e sofismáveis o entregamos, quer dizer, Audálio Dantas, presidente do sindicato, e eu, diretor da revista, o entregamos a um temível coronel Paiva então assombrava a cidade e o Brasil e todos aqueles que iriam resistir aos desmandos da ditadura. Então a notícia da morte dele me causa muito pesar, sei que sentirei a falta dele porque estive nos últimos tempos em diversas ocasiões como de resto estive ao longo da minha vida. Vai fazer falta não somente para mim, para muitos mais... Mas falemos dessa capa... Essa capa nasce de algumas constatações inevitáveis... A greve dos caminhoneiros expôs de forma claríssima o desastre do golpe, a loucura do golpe, expos a incompetência dos golpistas, os autores dessa façanha inédita para conseguir primeiro o impeachment de Dilma Rousseff, depois a prisão do único líder popular brasileiro de dimensão nacional, ou seja, Luís Inácio Lula da Silva... é... é um golpe, quer dizer, é um golpe inédito, novo na história da humanidade e só possível antes do Brasil, em Honduras e no Paraguai, mas sem as consequências do que aqui acabou tendo.... é... o golpe morreu quanto a isso não tenho a menor dúvida, mas os golpistas estão aí até agora, talvez se preparem a sacrificar o serviçal Temer, mas ainda farão tudo aquilo que supõe possível para ficar no poder. Conseguirão? Isso é uma incógnita séria porque no meu entendimento o país sofre de uma doença gravíssima, determina a epidemia da demência: somos o que merecemos: um país demente e nunca foi tão claro a história dele. (incompreensível) A demência está instalada tanto na casa grande entre ricos e super ricos, nos mercados, nos rendistas, quanto na senzala. São entidades que continuam de pé inexoravelmente e apontam para uma certa inevitabilidade de desespero porque imaginar uma saída da demência é muito difícil. Uma doença aliás é progressiva e incurável. Então, esta é a perspectiva que vivo neste momento. Naturalmente estou triste porque morreu um grande amigo, mas também porque o país não é aquele que mereceria ser. (Carta Capital, 2018)

Do vídeo de 11 minutos e 12 segundos, o que nos interessa comentar está logo no início, quando o jornalista Mino Carta faz referência a *Quarto de Despejo* como o best-seller publicado por Audálio Dantas. Inocentemente, poderíamos pensar que, ao usar o termo “publicar”, o Mino Carta estivesse colocando o amigo na posição de editor e que, como vamos discutir mais adiante, é um dos muitos autores de uma obra. O que choca e o que se coloca em questão aqui é o fato de, em momento nenhum do tempo do vídeo, o jornalista mencionar o nome de Carolina, mas apenas exaltar a figura de Audálio Dantas, uma vez que o livro que ele diz que o amigo tenha publicado foi escrito por Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, pobre e da periferia. Por que é tão difícil diante de todos os debates já estabelecidos, ao se deparar com uma escritora de características sociais e fenotípicas como as de Carolina, aceitar seus textos como literatura nacional? Ou então se é impossível não a reconhecer que seja aludida a alguém que seja agradável aos olhos da sociedade e estabelecida conforme seus parâmetros determinados?

Num outro vídeo sobre a morte de Audálio, é possível ver nos comentários a informação em torno da publicação de *Quarto de Despejo*, sem a devida menção à sua escritora.

Figura 9 – Registro de tela acerca do falecimento de Audálio Dantas



Fonte: Registro da pesquisadora (<https://www.youtube.com>)

Os casos acima mencionados são apenas uma amostra acerca do apagamento em torno de uma escritora negra do século XX e sua vasta obra publicada, reeditada e traduzida para diversos países, reconhecida internacionalmente e ainda pouco e devidamente debatida em território nacional.

4.4 “NÃO GOSTO DE FICAR NAS ESQUINAS CONVERSANDO, GOSTO DE ESTAR SOSINHA E LENDO. OU ESCREVENDO!”⁵¹: A PRODUÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nesta seção trarei uma descrição dos livros publicados por Carolina: os quatro em vida, as obras póstumas e outras encontradas em instituições custodeadoras. Propositamente, apesar de ser a primeira publicada por uma editora, eu falo de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* por último nesta seção como gancho para continuidade da narrativa escolhida para esta tese.

Em 1961, Carolina publica *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. A obra tem cerca de 190 páginas e traz uma espécie de continuidade de seu primeiro texto de sucesso, *Quarto de Despejo*. O que deveria ser uma obra, pelo título e por assim dizer, que tratasse da trajetória de Carolina de Jesus fora da favela do Canindé, traz ainda uma significativa parte da edição, também feita pelo jornalista Audálio Dantas, com os relatos diários da estadia da escritora e sua família na favela. Somente à página 45 da edição publicada pela Editora Paulo de Azevedo Ltda, na data de 30 de agosto de 1960, é quando Carolina Maria de Jesus e sua família partem da favela do Canindé.

⁵¹ Jesus, 1955.

60 anos depois, a Editora Companhia das Letras vai reunir um conselho editorial majoritariamente negro, conduzido por Vera Eunice de Jesus Lima e a escritora Conceição Evaristo para um projeto de publicação das obras da titular. A primeira escolha editorial do projeto é *Casa de Alvenaria* que sai em dois volumes.

Nesta edição de 2021, uma série de decisões modifica a mais recente edição daquela de 1961. Dividida em dois volumes, o primeiro intitulado *Casa de Alvenaria Volume 1: Osasco*, inicia justamente na data de 30 de agosto de 1960, marcando realmente a ida dela para Osasco. Já a segunda parte, *Casa de Alvenaria volume 2: Santana*, data de 24 de dezembro de 1960 a 18 de dezembro de 1963. Com critérios bastante específicos para a edição, o leitor se depara com uma obra mais próxima daquele conteúdo presente nas folhas manuscritas pela escritora, em uma edição integral destas, a qual ultrapassa o conteúdo observado na edição de 1961. Daí é possível concluir a extensão textual e a ultrapassagem informacional. Além disso, a obra traz, além da nota da edição, um texto escrito por Conceição Evaristo e Vera Eunice Lima intitulado *Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus*. Importante dizer que os volumes são comercializados separadamente.

Em 1962, é lançado o livro *Provérbios*, numa edição própria de Carolina M. de Jesus e não teve grandes repercussões à época. O livro não ganhou nova edição ainda e não se trata de um item de fácil acesso, tanto pela sua raridade, o que só é possível obter como item já usado, quanto pelos valores altíssimos cobrados por quem o possui, conforme pesquisa em sebos virtuais. A obra reúne provérbios criados ou conhecidos por Carolina M. de Jesus. Tal gênero, comum da prática oral, é muito utilizado como estratégia informacional a partir de máximas breves.

Em seu prólogo, a própria autora revela a motivação para a publicação:

Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores, que me vem estimulando, no meu ideal.
 Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado da atualidade.
 Espero que alguns de meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão.
 Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gôtas, já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência. (Jesus, 1963, p. 7)

Em 1963, é lançado o romance *Pedaços da Fome*, com apresentação de Eduardo Oliveira e recebido de maneira bastante indiferente pela imprensa. (Barcellos, 2015). Trata-se do terceiro romance publicado no Brasil por uma mulher negra, tendo antes *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1859) e o segundo “Água Funda”, de Ruth Guimarães (1946). A obra até hoje também não ganhou nova edição.

O livro narra a história de Maria Clara que pertence à aristocracia e é uma mulher branca. Por triste obra do destino, casa com um homem mentiroso, falso dentista, que depois se mostra pobre de dinheiro e espírito. Os dois fogem do interior para a capital paulista. O marido de Clara, além de não ter emprego, é acomodado e sem instrução. Lá eles vão morar num cortiço, depois na rua e, por fim, na favela. São 7 anos de casamento e 6 filhos, todos sustentados unicamente por Clara que se vê obrigada a aprender funções como a de empregada doméstica, lavadeira, costureira, sendo sempre explorada pelos patrões.

Outras obras de Carolina Maria de Jesus vão ser publicadas postumamente. Todas elas com edição conduzida por pesquisadores brancos interessados na divulgação da produção da autora. Listo as obras a seguir:

1. Diário de Bitita (1986)
2. Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus (1994; 2015): A edição de 2015 traz dois textos inéditos da autora, *O Sócrates Africano* e *Minha Vida - Prólogo*
3. Meu Estranho Diário (1996)
4. Antologia Pessoal (1996)
5. Onde estaes felicidade? (2014)
6. Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos (2018)
7. Clíris: Poemas recolhidos (2019)
8. Casa de Alvenaria volume 1: Osasco (2021)
9. Casa de Alvenaria volume 2: Santana (2021)

Tenho conhecimento ainda de outras obras de Carolina, mas que não foram ainda publicadas. Para além das poesias, há outros gêneros e Barcellos (2015) lista sinopses. Trago aqui apenas os títulos de algumas:

1. Dr. Silvio
2. Dr. Fausto
3. O diário de Martha ou Mulher diabólica
4. Rita
5. O escravo: este é a próxima obra do projeto da Companhia das Letras a ser publicado em breve.
6. Dois romances sem identificação
7. Peça teatral: “Obrigada senhor vigário”

8. Peça teatral: “Se eu soubesse”

Sem falar em cartas, canções e tantos outros escritos feitos por Carolina Maria de Jesus que rendem milhares de páginas.

4.4.1 “Esta claro que ele estando na sala de jantar não vae ver o que presta no quarto de despêjo”: a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

Quarto de Despejo: diário de uma favelada é um livro publicado pela primeira vez em 1960. Teve como editor o jornalista Audálio Dantas.

A história do encontro entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas é bastante interessante. Em uma das entrevistas dadas pelo jornalista, ele conta que já estava na favela há três dias. Tratava-se de uma inauguração de um equipamento da prefeitura, Audálio estava fazendo uma reportagem, e homens estavam ocupando os brinquedos que possivelmente eram destinados às crianças. Carolina surge discutindo com aqueles indivíduos e os ameaça dizendo que colocaria o nome daquelas pessoas no seu livro. Ele quis saber qual era o livro e ela o convidou para ir à casa dela. Ele foi e descobriu os cadernos. Eram muitos e continham gêneros textuais diversos, como contos, poesias, provérbios e romances. Porém a atenção de Audálio se voltou exclusivamente para o diário começado em 1955.

O jornalista conta ainda que o diário foi o pontapé inicial para a reportagem que fez, tendo praticamente os escritos de Carolina de Jesus substituído o seu texto que deveria descrever o que ele presenciou na favela. Ele ainda descreve o impacto que sofreu ao ler o diário pela sua força narrativa e descritiva que se misturava a um grande poder observacional da escritora e com momentos de grande força literária. Com isso, ele substituiu seu texto, escolhendo apresentar o diário, um pouco da história de sua autora e a transcrição de alguns trechos.

Após reportagens diversas na imprensa e o projeto editorial de Audálio, a obra publicada em agosto de 1960 é um marco na história editorial do Brasil. Registra-se que Carolina de Jesus, sentada à porta da loja, no dia do lançamento, autografou 600 cópias conversando com cada leitor. Nos três primeiros dias do lançamento, dez mil volumes foram vendidos em São Paulo. Após seis meses, já contavam 90 mil cópias espalhadas pelo país. (LEVINE; MEIHY, 2015). A obra foi republicada em 13 línguas em mais de 40 países. Carolina M. de Jesus entrou para a história editorial e até hoje suas publicações têm destaque. Infelizmente, nas obras *Rei do livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil*, organizado por Aníbal Bragança, e *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*, cujas histórias de

editoras e livrarias estão ligadas à obra de *Quarto de Despejo* e tratam de sucessos editoriais que por elas passaram, não trazem uma mínima menção à autora e sua primeira obra.

Até mesmo após a morte de Audálio Dantas, no ano de 2018, um de seus amigos, Mino Carta, em uma mensagem de vídeo, ainda não reconhece Carolina de Jesus como autora de *Quarto de Despejo*, mas sim Audálio Dantas.

A obra editada de 1960 tem aproximadamente 170 páginas. Torna-se um texto de referência especialmente fora do Brasil por conta de um olhar para as favelas desde dentro, algo que se marcava numa escrita fiel à realidade constituída por Carolina.

Os registros do livro começam na data de aniversário de Vera Eunice, filha de Carolina, e vai até 01 de janeiro de 1960. Descrevem momentos angustiantes causados pelo direito ao básico. Carolina Maria de Jesus discorre com bastante intensidade o ambiente da favela do Canindé a partir de descrições de seus vizinhos, das ausências materiais, do esquecimento do poder público e da falta de atenção às populações de moradores nas favelas do Brasil, ao passo que cria seus três filhos e se acolhe na escrita e na literatura.

Eu me reservo a me estender mais sobre a obra nesse momento, uma vez que nas seções que seguem apresento uma edição dos manuscritos.

4.5 “ELA AJUNTA PAPEL PARA MIM. ELA ME FAVORECE NO QUE PODE”: O ACESSO AO *CORPUS*

Eu acessei o texto de Carolina Maria de Jesus pela primeira vez em 2011. Naquele ano, eu havia terminado o mestrado quando o saudoso professor Klebson Oliveira me apresentou o livro *Quarto de Despejo*. Até então, eu nunca havia ouvido falar de Carolina Maria de Jesus, mas nunca esquecerei quando ele me disse que precisava ser eu ali naquele grupo a pessoa a estudá-la.

Junto com o livro, ele me apresentou as fotos de um caderno de Carolina de Jesus feitas pelo meu amigo Maurício Souza Neto quando fora a São Paulo. Tratava-se de mais de 300 folhas manuscritas. Penso que Klebson faleceu que aquelas folhas era menos de 10% do que ainda acessaria para realizar essa pesquisa.

Somente mais de 5 anos depois, eu retornei à universidade para iniciar essa pesquisa. Ainda de posse de apenas essas 300 folhas, iniciei uma difícil jornada em que descobri que muito mais ainda havia a desbravar apenas referente a *Quarto*.

Comecei a pesquisar muito sobre as pessoas relacionadas a Carolina Maria de Jesus e cheguei a Audálio Dantas, com quem tive a oportunidade de conversar ao telefone. Audálio me

deu a permissão de acessar a obra de Carolina de Jesus existente na Biblioteca Nacional, porém faltava ainda a permissão da filha de Carolina M. de Jesus: Vera Eunice Lima.

Antes de chegar a Vera Eunice Lima, conversei ainda com o professor Sergio Barcellos que também muito me ajudou na pesquisa com informações e material generoso, inclusive me presente com o exemplar do Guia do acervo de Carolina, fruto da pesquisa robusta acerca da produção bibliográfica da autora. Foi também o professor Sérgio Barcellos quem intermediou meu contato com Vera Eunice de Jesus Lima e, assim, pude conseguir a outra permissão para acesso ao acervo.

Mas tudo isso era apenas o início do percurso. Após a permissão de ambos, Vera Eunice e Audálio, eu tive que desembolsar um valor para ter uma cópia dos microfimes referente ao material que me interessava, um valor considerável, todavia necessário para a pesquisa que eu estava empreendendo. Optei pelos manuscritos porque sabia que a ida constante ao Rio de Janeiro não seria possível diante da minha condição de mãe de duas crianças muito pequenas e sem afastamento do emprego para estudos.

Foram quase seis meses até receber esses microfimes. No entanto, a UFBA não tinha o equipamento para digitalização dos microfimes, o que me fez iniciar então uma busca que foi possivelmente a mais difícil dessa etapa: encontrar quem pudesse digitalizar os microfimes. Mais alguns meses até conseguir e enfim uma empresa em Salvador realizava o serviço. Assim, consegui dispor dos arquivos para realizar a atividade de transcrição.

4.6 “O POVO PRECISA DEMOSTRAR ENÉRGIA ESCREVENDO OU FALANDO”⁵²: A COMPOSIÇÃO DO *CORPORA*

Para realizar a pesquisa utilizei como base de análise a colação de dois suportes: os manuscritos referentes às datas que comportam o início e o limite presentes na obra impressa. Na seção que segue, *Conteúdo*, apresento a descrição em tabela da composição dos suportes para melhor visualização da extensão do material.

⁵² Jesus, 1958.

4.6.1 “O feijão, é o novo rico da atualidade — os compositores”⁵³: sobre o conteúdo

A seguir apresento as tabelas que mostram a distribuição em folhas da extensão dos manuscritos utilizados na pesquisa. Para os manuscritos, realizei inicialmente a transcrição linha a linha, folha a folha, seguindo critérios de transcrição adotados especificamente para a condição do testemunho. O documento, como dito anteriormente, foi transcrito a partir da digitalização dos microfilmes.

Já com a obra impressa, eu digitalizei o texto da edição impressa, convertendo-o para um arquivo editável que me permitisse fazer a revisão das alterações ocasionadas pelo processo de escaneamento.

É válido dizer que eu utilizei a nomenclatura de localização dos microfilmes da Biblioteca Nacional para identificação do texto e para os cadernos que não foram da BN, eu utilizei a sigla das instituições que depositaram o material. Desta maneira, temos a seguinte disposição:

Tabela 1 – Composição dos manuscritos utilizados na pesquisa

CADERNO/ ARQUIVO	EXTENSÃO	QUANTIDADE DE FOLHAS TRANSCRITAS
MS 565-5	15/07/155 a 18/07/1955 2/5/1958 a 22/8/1958 24/9/1958 a 18/10/1958	1.123 folhas
MS 565-3	30/10/1958 a 2/12/1958	229 folhas
BND ⁵⁴	5/12/1958 a 19/12/1958	98 folhas
MS 565-6	19/12/58 a 29/12/58 2/2/1959 a 24/2/59 29/4/59 a 12/5/59 23/7/59 a 4/8/59 27/10/59 a 24/12/59	802 folhas
MAB ⁵⁵	10/8/59 a 26/10/59	317 folhas
TOTAL		2.569 folhas

Fonte: SOUZA, 2023⁵⁶

⁵³ Jesus, 1959.

⁵⁴ A sigla significa Biblioteca Nacional Digitalizado e diz respeito ao único caderno, o 11, disponível no site da Biblioteca Nacional.

⁵⁵ A sigla significa Museu Afro-Brasil

⁵⁶ Levantamento foi feito pela própria doutoranda.

Vale ressaltar que, devido à mescla de gêneros textuais escritos por Carolina, há fotogramas que serão descartados por não se tratar dos registros do diário referentes aos anos contemplados em *Quarto de Despejo*. Na versão final da tese, apresentaremos a lista completa de dados. Na tabela que segue, temos os dados dispostos no impresso das datas entre 15 de julho de 1955 e 19 de maio de 1958:

4.6.2 “Estudar tanto para catar papel...”⁵⁷: Aspectos materiais

Estou tratando de diários escritos em suportes pautados, com quantidade de folhas diversificadas. Não se pode dizer que tratam apenas de cadernos pautados, pois Carolina Maria de Jesus reaproveitava cadernos destinados a diferentes práticas que ela encontrava no lixo, sejam eles: cadernos escolares, cadernos de notas etc.

A composição desta edição se dá a partir dos seguintes suportes:

- a. Microfilmes e manuscritos digitalizados ainda privados que se encontram na Biblioteca Nacional;
- b. Imagens fotográficas das folhas do Caderno disponível no Museu Afro-Brasil
- c. Caderno digitalizado em formato .PDF disponível no site da Biblioteca Nacional

4.6.2.1 “*Ele disse: que vae publicar o livro. Que eu não dêvo perder a esperança*”⁵⁸: *Microfilmes e manuscritos digitalizados ainda privados que se encontram na biblioteca nacional*

Após todo o procedimento burocrático para adquirir os microfilmes, o qual já relatei aqui, e difícil luta para conseguir digitalizar os microfilmes.

Importante dizer que, na seleção do material bibliográfico, havia manuscritos e a entidade, conforme a tabela de valores para aquisição, diferenciava a disposição do material impresso ou microfilmado. Em formato de microfilmes, o valor era menor. No entanto, caso eu tivesse optado por copiar o material impresso, alguns seriam impossíveis, pois estavam disponíveis apenas em microfilmes mesmo. Havia ainda a possibilidade de eu não pagar nada, uma vez que

⁵⁷ Jesus, 1959.

⁵⁸ Jesus, 1958.

já tinha as autorizações e visitar recorrentemente a Biblioteca Nacional para leitura dos manuscritos na própria instituição.

Na condição de servidora pública sem afastamento para estudos, mãe de duas crianças pequenas, uma com três anos e outra com 1 ano de idade, ainda cumprindo créditos de disciplinas do curso de doutorado era impossível, ou melhor, inviável a ida para a capital do Rio de Janeiro. Minha única alternativa era investir esse valor e adquirir, sob uma restrita documentação e responsabilidade de não disponibilizar para terceiros, os microfilmes. Posteriormente, eu teria que providenciar onde os ler ou digitalizar. Aí começava uma outra saga. Por quê? Porque na Universidade Federal da Bahia havia um leitor, mas apenas leitor, ele não digitalizava. Isso me apresentava outro problema pois eu não teria a oportunidade de acessar o material quando assim quisesse de minha residência, o que seria um grande entrave para quem está em construção da redação da tese.

O que eu não contei sobre a digitalização dos microfilmes foi que, após muitas buscas, tive um susto para com uma conceituada gráfica da cidade que cobrava um valor 20 vezes maior do que aquele que eu havia investido para a aquisição dos microfilmes. Meu desespero durou pouco tempo, pois com alguns dias encontrei uma empresa que trabalhava com o tipo de máquina do ramo e fazia o serviço num valor infinitamente mais acessível. Com quinze dias, eu estava com o material digitalizado em mãos.

De posse desse material, percebo que, como eu solicitei manuscritos e microfilmes, a composição destes não condiz com a mesma numeração descrita por Sérgio Barcellos no Guia do Acervo de Carolina Maria de Jesus (Bertolucci, 2015). Todavia, a composição de folhas dos cadernos se faz exatamente igual. Desta maneira, farei a descrição conforme ela se dispõe para mim nos arquivos digitalizados:

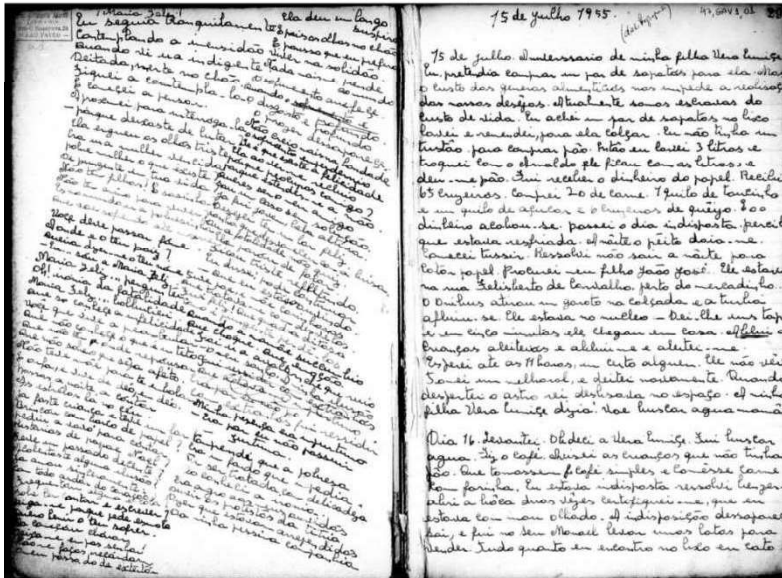
O Microfilme nomeado MS-565(5), em formato .PDF, foi lido por meio do programa Adobe Acrobat Reader DC, tem 603 arquivos, a maioria é de folhas duplas, mas há algumas folhas individuais. Como já havia dito, algumas folhas não foram utilizadas, seja por conta de as páginas não estarem em boas condições de imagem por conta da deterioração dos cadernos, seja por estarem repetidas; e isso se deve à composição do microfilme, pois a empresa entrega o conteúdo integral do objeto.

Este caderno não tem capa. Na folha da esquerda, em seu canto superior esquerdo, um carimbo de uma de uma livraria. E, nesta folha, um texto de título Maria Feliz, escrito em duas colunas de maneira irregular. A letra cursiva em declive para a direita, denotando a inexistência de pautas para uma apresentação linear do texto.

No canto superior direito da folha da direita, há a localização do documento na biblioteca, manuscrita com uma letra que não é de Carolina de Jesus e, ao seu lado, uma numeração, marcada com uma espécie de carimbo. Esta numeração se apresenta, em parte, sequenciada neste caderno: na folha da esquerda, no canto superior esquerdo. E na folha da direita no canto superior direito.

O título 15 de Julho 1955 aparece centralizado no topo da folha. A expressão “datilografado” aparece em aclave, entre parênteses, com uma letra cursiva diferente da letra de Carolina. Sabendo que sua filha, Vera Eunice, era uma das pessoas que datilografava os cadernos de Carolina, é uma possibilidade de ser dela esta grafia ou de quem o fez como forma de identificação da realização da ação.

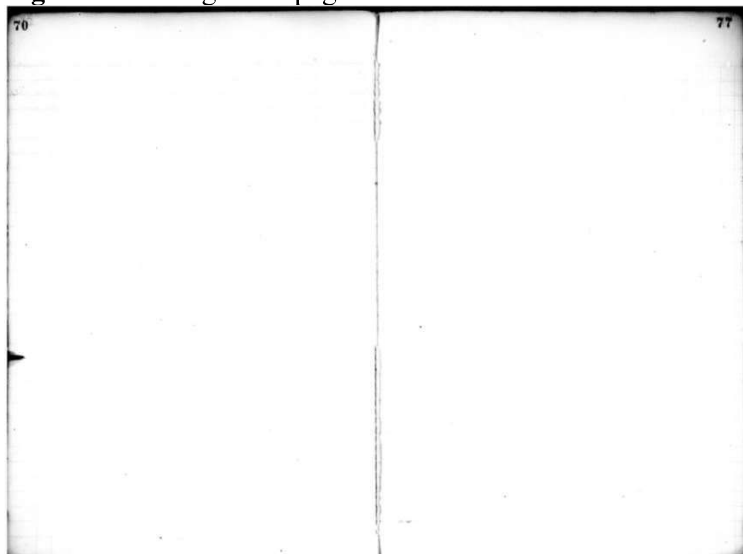
Figura 10 – Imagem da primeira folha do caderno 1 (1955) de Carolina M. de Jesus



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

A folha da esquerda apresenta pautas quase apagadas. Carolina escreve até o final da linha, sem um respeito a um ponto limítrofe. Este documento é composto de arquivos de folhas duplas, outros com repetição de folhas e isto aconteceu porque, conforme a empresa que digitalizou os microfilmes, foram respeitados todos os fotogramas existentes no suporte. Há ainda folhas duplas completamente limpas como mostra a seguir:

Figura 11 – Imagem da página 70-77 constante no Microfilme MS 565-5.

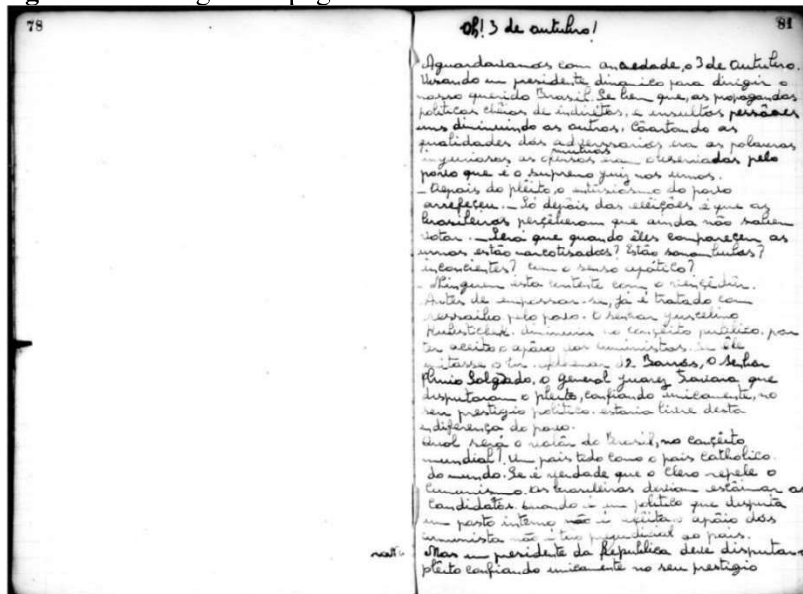


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Há uma curiosidade nesta página: se verificarmos a numeração, vamos observar que, neste caso, em específico, não há uma sequência das folhas, pois do lado esquerdo vemos o número 70 e do lado direito o número 77. Diante deste fato, há a probabilidade de que esta marcação não tenha sido efetuada pela entidade guardiã do acervo, mas que seja uma numeração proveniente ou da fabricação do suporte ou de algum terceiro que tenha acessado o suporte antes de sua guarda oficial.

O mesmo vai acontecer no arquivo seguinte, de número 24, que mostra, na folha da esquerda, a sequência da numeração, mas já na folha da direita a numeração é 81, como se uma folha tivesse sido arrancada. Esta prática não trouxera prejuízo nem este caso nem no anterior, uma vez que a sequência textual permanece coerente. Outra possibilidade é a própria autora ter destacado a folha por alguma razão desconhecida.

Figura 12 – Imagem da página 78-81 constante no Microfilme MS 565-5.

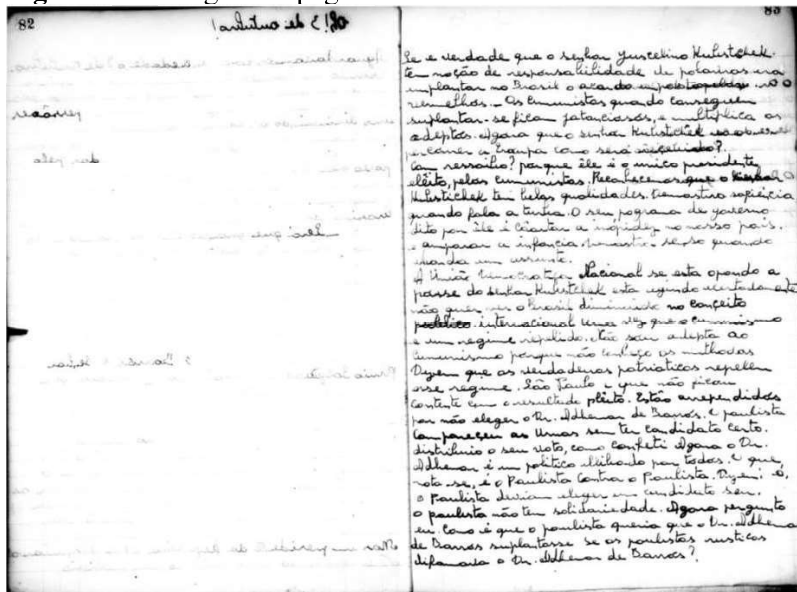


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Nesta folha da direita, identificada como o fim do caderno, consta um conto intitulado “Oh, 3 de outubro!” (Barcellos, 2015, p. 109).

As duas folhas seguintes vão se apresentar com numeração sequenciada. No entanto, na folha do arquivo 25 e numeração 82 e 83, a folha da esquerda (82) está em branco; a folha da direita (83) está preenchida com texto. No arquivo 26, a situação se inverte: algumas linhas estão escritas na folha da esquerda (84) e a folha da direita (85) está em branco, como podem ser vistas a seguir, respectivamente:

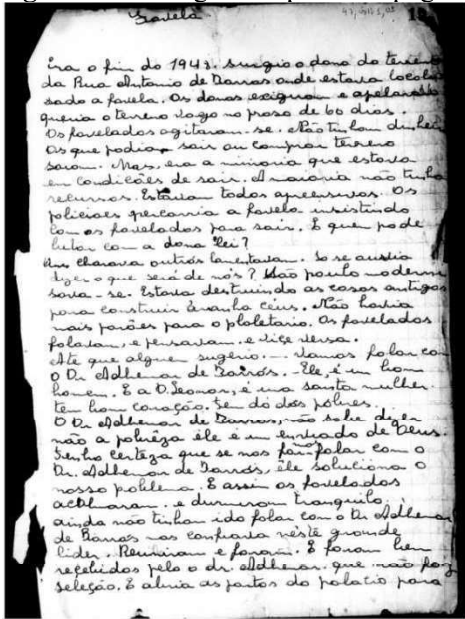
Figura 13 – Imagem da página 78-81 constante no Microfilme MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

As três folhas seguintes são folhas individuais (31, 32 e 33) tratando de uma nota contendo memórias retroativas de 1948 intitulada “Favela”. É importante ressaltar que a numeração no canto superior direito da folha marca o número 19 e continua nas duas folhas seguintes.

Figura 16 – Imagem da primeira página do texto “Favela” - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Respeitando a sequência numérica carimbada, há uma folha dupla em branco e a continuação da nota nas 13 folhas seguintes, também duplas. Por fim, na imagem do arquivo 48, o que vemos é uma folha individual, com manchas que interferem na visualização integral do texto e borrões da tinta da caneta:

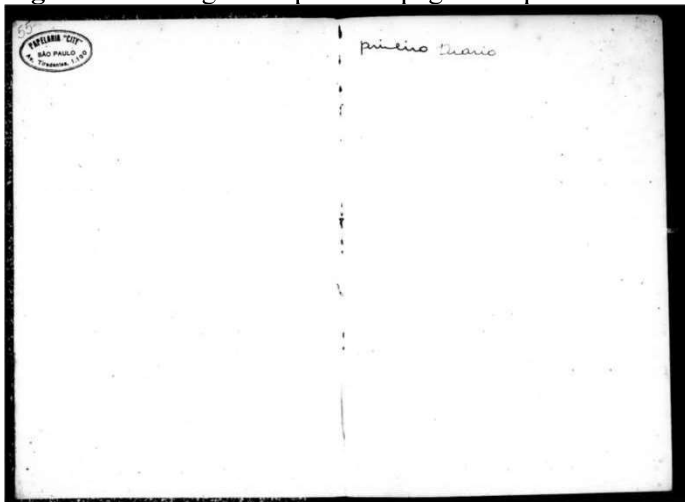
Figura 17 – Imagem da primeira página do texto “Favela” - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Na folha seguinte, já vemos uma capa do que é registrado por Carolina como Primeiro Diário, conforme escrito na folha da direita. Na folha da esquerda, há o carimbo de uma papelaria:

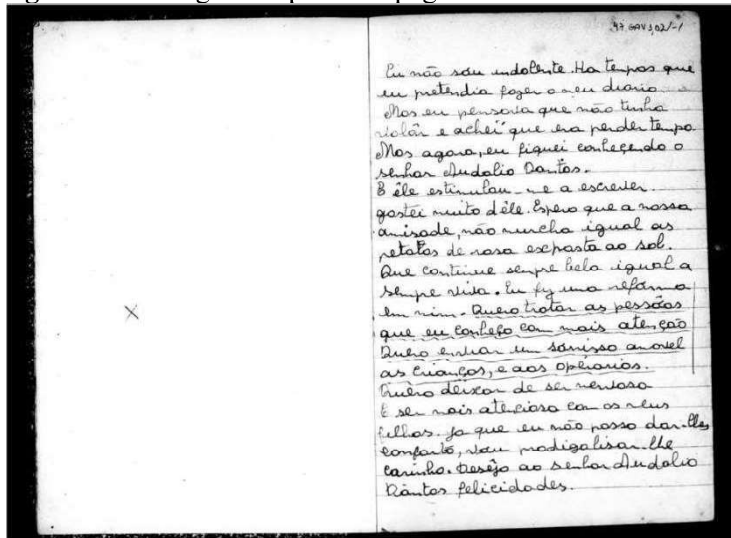
Figura 18 – Imagem da primeira página do primeiro diário - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

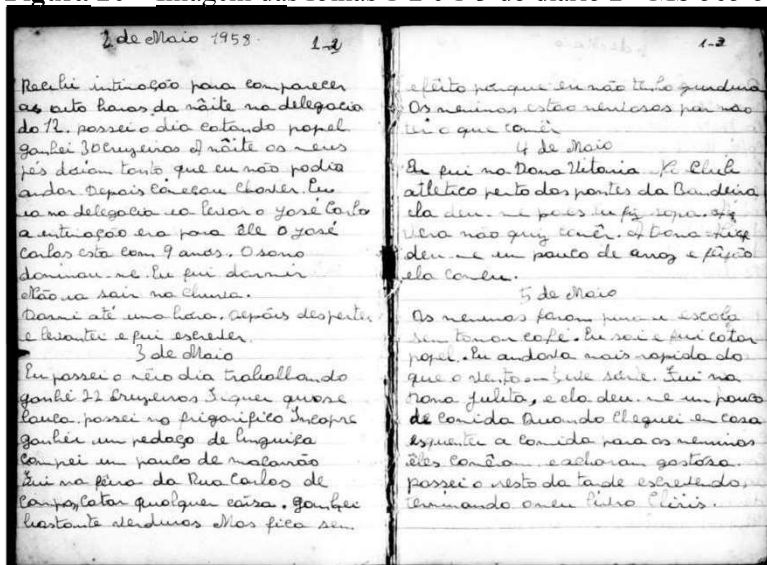
A imagem presente no arquivo 50 apresenta uma folha dupla, em que a folha da esquerda tem novamente e de maneira aleatória a marcação de um “X”. Na folha da direita, no canto superior direito, a localização do documento 47, GAV1, 02, com letra diferente da letra de Carolina de Jesus. É provável que a letra seja de quem atuou no processo de inventariação dos documentos. Este caderno marca o início da segunda fase dos manuscritos da autora. É o primeiro caderno após o jejum de três anos sem escrever e contempla as datas de 02/05/1958 e 15/06/1958.

Figura 19 – Imagem da primeira página do diário 2 - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Figura 20 – Imagem das folhas 1-2 e 1-3 do diário 2 - MS 565-5.



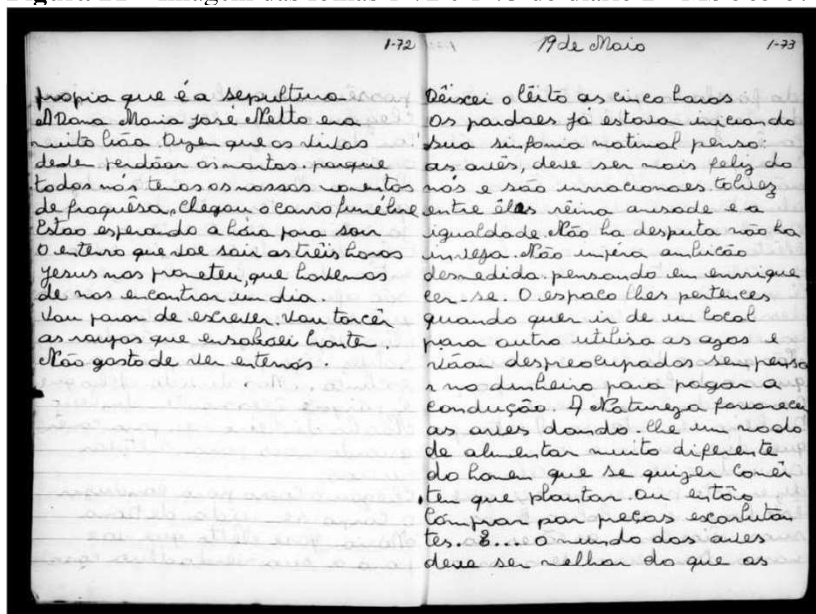
Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

A numeração deste caderno se mostra de maneira diferente do caderno anterior, pois há uma marcação manuscrita que se apresenta da seguinte maneira: 1-2, 1-3, 1-4 e por aí vai. O que demonstra é que esta marcação possivelmente tenha sido feita pela entidade guardiã ou por alguém que se preocupou com o arquivamento do documento. Outro elemento importante é que a marcação da folha da esquerda acontece na área superior direita da folha e não na parte esquerda como no caderno anterior.

As datas aparecem centralizadas na linha, em destaque, mas sem uma uniformidade: por vezes com a informação de dia, mês e ano, por vezes apenas dia e mês. Até o arquivo 102, há a presença do texto escrito. Numa ocorrência, no arquivo 87, o texto referente a um novo dia

não é escrito por Carolina imediatamente após o término da data anterior, ficando algumas linhas da folha em branco. A nova data é iniciada por ela, como já dito, na folha da direita, como mostra a imagem:

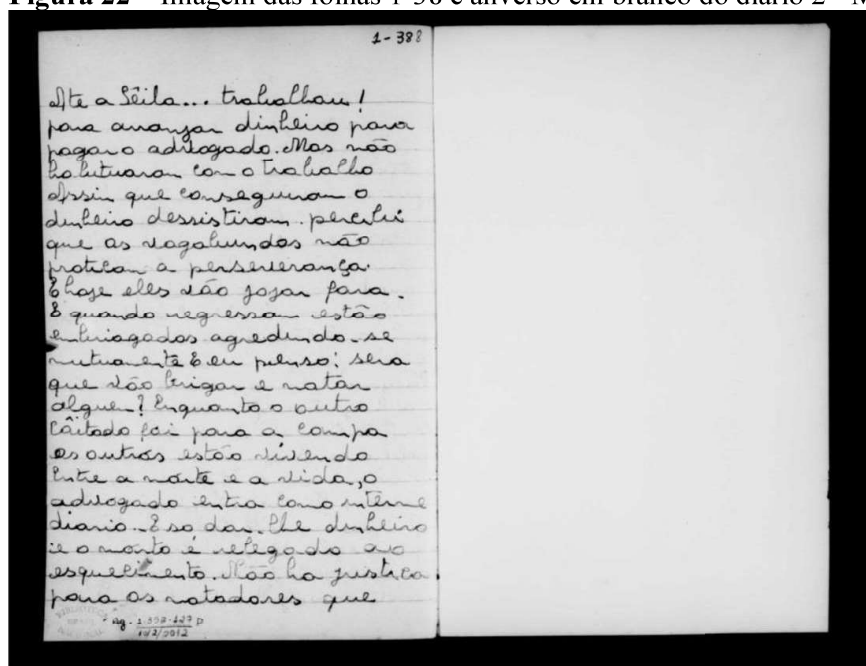
Figura 21 – Imagem das folhas 1-72 e 1-73 do diário 2 - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Carolina retoma a escrita do texto seguindo até o arquivo de número 102, onde ela encerra o diário da data de 19 de Maio, deixando algumas linhas em branco. A imagem do arquivo 103 aparece completamente em branco, contendo apenas as marcações manuscritas de identificação das folhas, respectivamente 1-104 e 1-105. No arquivo seguinte, 104, se inicia a data de 20 de Maio, bem como a sequência das marcas identificadoras das folhas e os registros diarísticos seguem até o arquivo 251.

Figura 22 – Imagem das folhas 1-38 e anverso em branco do diário 2 - MS 565-5.

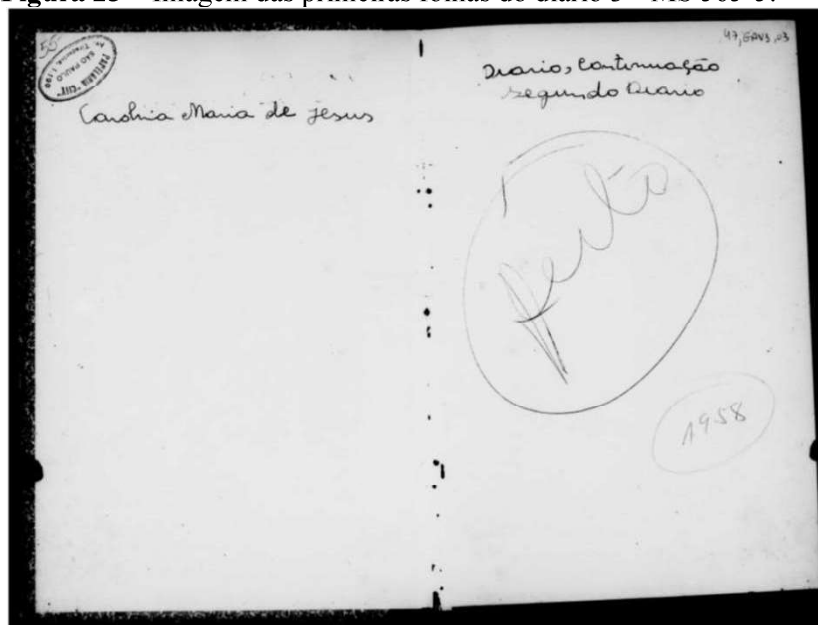


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Nesta folha, o que se apresenta de novo é o carimbo no final da folha da Biblioteca Nacional, bem como o número de registro patrimonial, conforme apresenta Barcellos (2015, p.110) em suas fichas de descrição dos documentos da Coleção Carolina de Jesus.

No arquivo 252, as informações da capa se localizam de maneira semelhante às da capa do caderno anterior. Na folha da esquerda, há a marcação manuscrita do número 55 acima do carimbo/timbre da Papeleria City e um pouco mais abaixo deste o nome completo assinado Carolina Maria de Jesus, pela própria autora. Na folha da direita, que se mostra como uma folha de rosto, segue a marcação da localização do documento, 47, GAV1, 03, no canto superior direito. Mais abaixo, centralizado, a inscrição “Diario, continuação” e, logo abaixo, também centralizado, “segundo Diario”. Além disso, o vocábulo “feito” aparece manuscrito em letras cursivas, em tamanho grande, dentro de um círculo pouco definido, e mais abaixo o ano “1958” também circulado, conforme imagem:

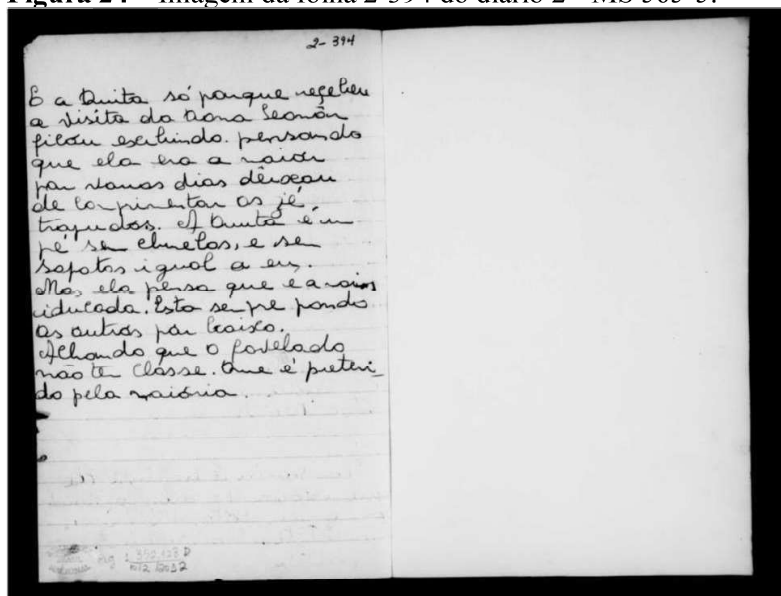
Figura 23 – Imagem das primeiras folhas do diário 3 - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Apesar de ser o início de um novo caderno, o texto mantém a continuação do texto que se encerra no arquivo 251. A numeração de identificação da folha permanece a mesma, manuscrita. Este caderno se encerra no arquivo 454, tendo apenas a sua folha esquerda escrita.

Figura 24 – Imagem da folha 2-394 do diário 2 - MS 565-5.

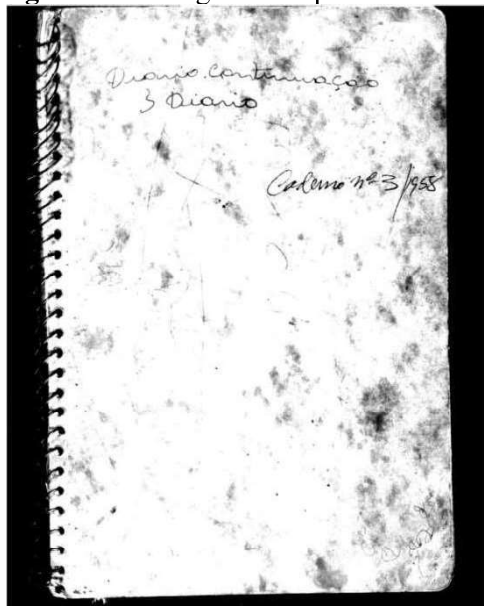


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

Também ao final da folha aparece o número de registro patrimonial da Biblioteca Nacional.

O arquivo seguinte, 455, é uma folha individual. Pela imagem apresentada, estamos diante de um caderno com espiral na lateral esquerda. Há o título centralizado na parte superior da folha: “Diario continuação”. Logo abaixo, a expressão “3 Diario”. A folha apresenta manchas. Mais abaixo, próximo à margem direita, a inscrição “Caderno nº 3/1958”, como podemos constatar na figura a seguir:

Figura 25 – Imagem da capa do diário 3 - MS 565-5.

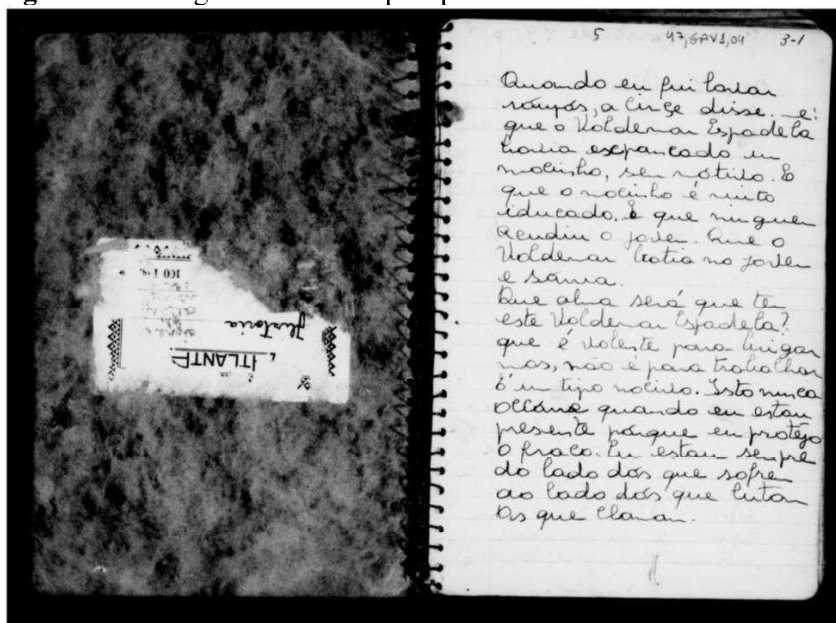


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

A imagem contendo a primeira página de texto deste caderno, localizada no arquivo 456, mostra também a capa de fundo do suporte, com uma etiqueta já danificada que apresenta, além do nome *História* manuscrito, possivelmente a marca do suporte Atlanta e a quantidade estabelecida pela fabricante de 100 folhas. Alguns outros rabiscos aparecem na etiqueta, mas impossíveis de serem decodificados.

Neste terceiro caderno, a localização que aparece no topo superior, mais à direita da folha é 47, *GAVI, 04*, na extrema direita, após a localização, a numeração manuscrita 3-1.

Figura 26 – Imagem da contracapa e primeira folha do diário 4 - MS 565-5.

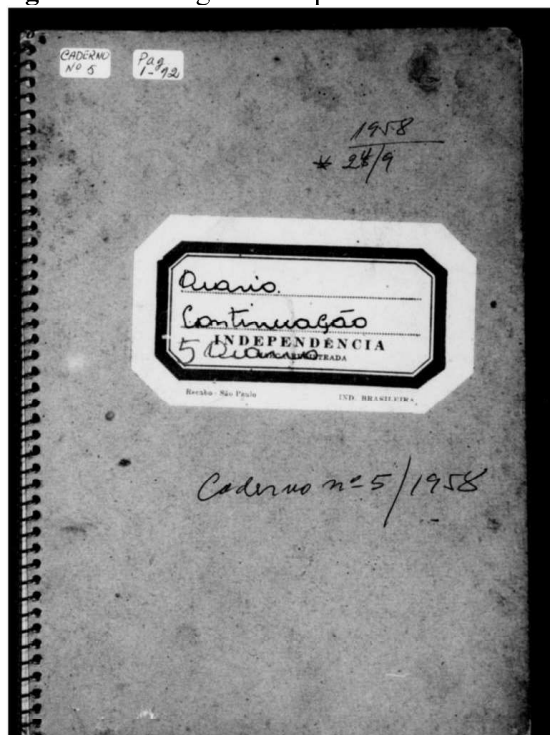


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

O arquivo seguinte, 457, é uma repetição do arquivo 456 e no arquivo seguinte, 457, o registro da data de 9 de Agosto de 1958. Este caderno se encerra no arquivo 507. Desta vez, o número patrimonial e o carimbo da entidade aparecem no topo da folha esquerda e não no final como nos cadernos anteriores. Na folha da esquerda, a imagem registra a cópia da parte interna da capa de fundo, possivelmente feita de papel tipo papelão ou kraft .

No arquivo 508, tem a capa de um novo caderno/diário. Este também apresenta uma espiral na lateral esquerda. Com duas *tags* coladas nesta região superior. Em uma está identificado o número do caderno e em outra possivelmente a quantidade de páginas. Mais abaixo, localizado mais à direita, o ano do caderno, com um traço aleatório subscrito e abaixo deste um asterisco e a data de início do registro. A capa traz ainda um destaque centralizado na folha em formato de etiqueta com a marca registrada *Independência*, contendo duas linhas curtas em que estão manuscritas em uma linha o vocábulo *Diario* e na outra continuação. Sobre o grafado de fábrica, foi manuscrito “5 Diario”. Logo abaixo da etiqueta, a inscrição “Caderno nº 5/1958”. A descrição está representada na imagem a seguir:

Figura 27 – Imagem da capa do diário 5 - MS 565-5.

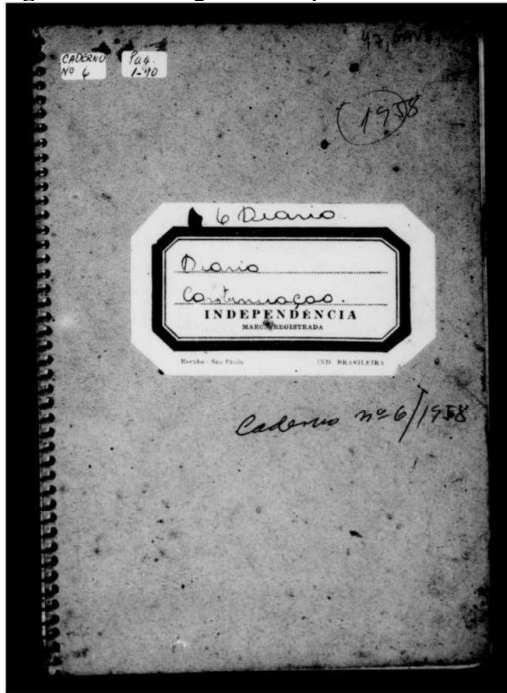


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

O arquivo 509 repete o 508. O arquivo 510 é uma folha dupla. Na folha esquerda, a capa interna de fundo do caderno e na folha direita a continuação do registro da data de 23/09/1958. Nas folhas seguintes, vemos a continuação das datas sequenciadas do mês. O arquivo 522 é uma folha dupla em branco, apenas com a marcação de identificação das folhas. O arquivo 523 retoma os registros das datas subsequentes até o arquivo da página 555, quando se encerra o quinto caderno. Novamente, o registro da Biblioteca Nacional e o número patrimonial aparecem na parte superior da folha esquerda. Na folha da direita, a cópia da capa de fundo com características de papel de material tipo papelão.

A capa do sexto caderno apresenta características similares à do quinto caderno, como é possível ver na imagem que segue:

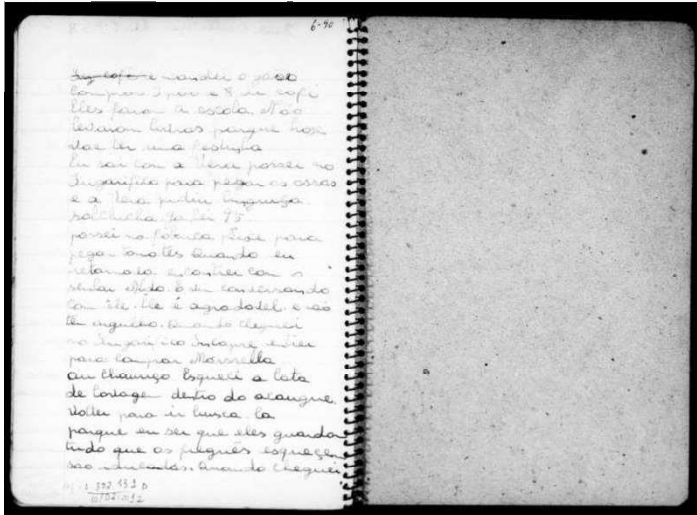
Figura 28 – Imagem da capa do diário 6 - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

O arquivo 557 é uma folha dupla. Na folha da esquerda, uma cópia do fundo da capa do caderno e na folha da direita o fim da data de 30/09/1958. Nesta mesma folha, na parte superior mais à direita a localização 47, GAV1, 06, seguida da marcação manuscrita das folhas do caderno. Este caderno se encerra no arquivo 603, com o texto incompleto do registro de 18/10/1958 na folha da esquerda e na folha da esquerda a cópia da parte interna da capa de fundo do caderno. Nesta folha, há ainda o carimbo da Biblioteca Nacional e o número patrimonial na parte inferior da folha.

Figura 29 – Imagem da última folha e da folha interna da contracapa do diário 6 - MS 565-5.



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

4.6.2.2 “E eu prometi levar-lhe um caderno para ele lê”⁵⁹: caderno digitalizado em formato .PDF disponível no site da Biblioteca Nacional

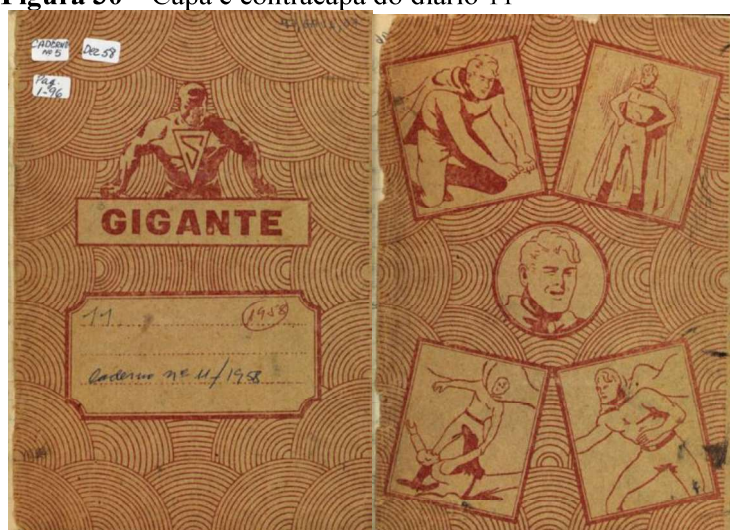
Este suporte foi disponibilizado abertamente na internet no sítio da Biblioteca Nacional. O arquivo sem as capas de frente e fundo tem 94 folhas individuais escritas em caneta-tinteiro (Perpétua, 2014, p.144). Recentemente, Martins (2017) apresentou em sua dissertação de mestrado intitulada *A gênese do Caderno 11 de Carolina Maria de Jesus uma edição genética do texto*. O suporte do manuscrito é um caderno de dimensões 225 mm de altura x 160 mm de largura (cf. Figura 30).

O material das capas é de cor amarronzada com linhas circulares avermelhadas e a imagem de um super-herói centralizada na parte superior. Abaixo dele, um retângulo com o vocábulo “gigante” em caixa alta. Há três *tags* de cor branca coladas na extremidade superior esquerda com as indicações: “caderno nº 5”, “Dez. 58”, “Pag 1-96”. A localização do documento está escrita na parte superior direita, possivelmente a lápis: “47, GAV 01, 07”.

No centro do caderno, há uma etiqueta com três linhas. No início da primeira linha, o número “11” escrito com caneta de tinta azul e no final o ano “1958” circulado com caneta de cor vermelha. A segunda linha está em branco e a terceira linha a identificação “caderno nº 11/1958” com caneta de cor azul. Exceto o número “11”, as outras grafias da capa não seriam de Carolina.

⁵⁹ JESUS, 1958.

Figura 30 – Capa e contracapa do diário 11

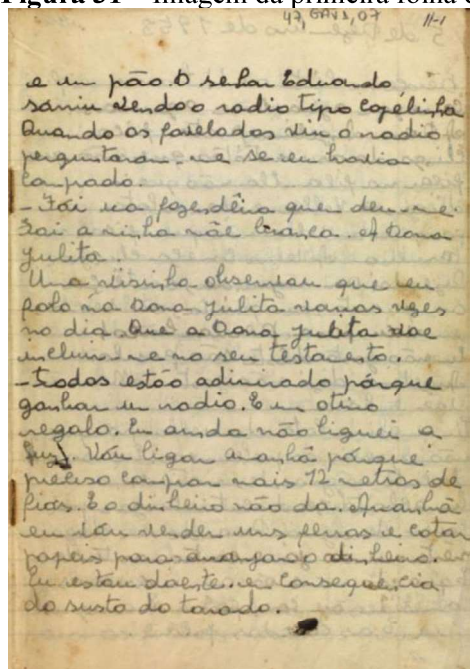


Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional).

A primeira folha do caderno mostra a localização do documento mais à direita e, do mesmo lado na extremidade, a marcação da página com a letra de quem realizou o inventário.

Todo o caderno se apresenta em folhas individuais pautadas. As folhas do caderno estão amareladas. A primeira folha do caderno apresenta o final do registro do dia 04/12/1958. Na parte superior, mais à direita, consta a localização do documento e a identificação do caderno e da página.

Figura 31 – Imagem da primeira folha do diário 11



Fonte: Registro da pesquisadora (Biblioteca Nacional Digital)

O caderno apresenta manchas de desgaste e por conta da conservação inadequada. Na lombada, há marcas de ferrugem, possivelmente do metal utilizado na produção de grampos. A tinta da caneta está disforme e se mostra em algumas linhas mais intensa e em outras mais desbotada.

Apesar do erro na sequência de numeração do arquivo 33 (11-33) para o 34 (11-36), a coerência textual não apresenta falha. Após isso, a sequência continua normalmente até o final do documento.

4.6.2.3 *“Disse-lhe que vou deixar de escrever porque encontro dificuldades para comprar cadernos”⁶⁰: Imagens fotográficas das folhas do Caderno disponível no Museu Afro-Brasil*

Os arquivos desta entidade, localizada na cidade de São Paulo, totalizam 316 arquivos de folhas individuais. É um caderno autógrafa da autora. Barcellos (2015, p. 102) o descreve como “um caderno feito com folhas avulsas de livro contábil, “registro de despesas operativas”, com dois furos na margem superior, presas com barbante”, de dimensões 23,5 cm x 27,5 cm. O suporte contempla o período de 10/08/1959 a 26/10/1959. No primeiro arquivo a inscrição “Diário 20”. Possivelmente, o vigésimo caderno escrito pela autora. A seguir, as imagens de folhas do caderno:

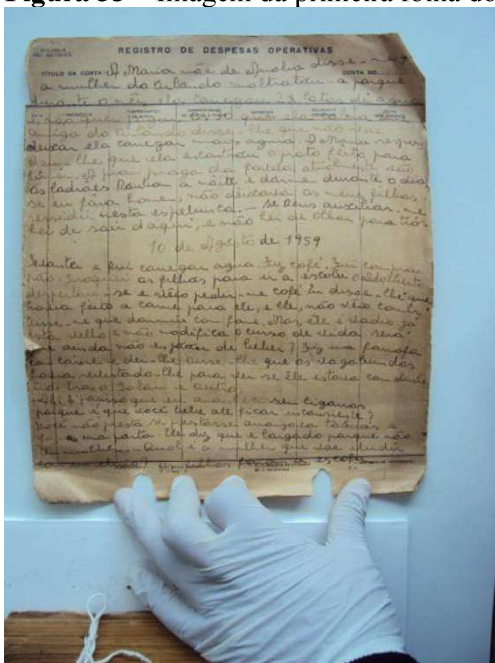
Figura 32 – Imagem da capa do diário 20



Fonte: Registro feito por Maurício Souza Neto (Museu Afro-Brasil)

⁶⁰ Jesus, 1958.

Figura 33 – Imagem da primeira folha do diário 20



Fonte: Registro feito por Maurício Souza Neto (Museu Afro-Brasil)

4.6.3 “O juiz achou a minha letra legível E leu os versos que eu fiz...”⁶¹: Aspectos gráficos

A letra de Carolina é de base humanística cursiva da primeira metade do século 20, já com traços de particularização e não de uma ideação caligráfica. Seu traçado é cursivo, como não poderia ser diferente por conta da extensão dos cadernos reaproveitados por Carolina e da recorrência da atividade de escrita, já que, conforme os registros, ela escrevia diariamente os fatos vivenciados ao longo do dia. Importante dizer que essa recorrência se dá mais precisamente a partir de 02 de maio de 1958, após três longos anos em que, ao que tudo indica, Carolina ficou sem escrever.

Por outro lado, Carolina dedicava longo tempo de seu dia à escrita que geralmente acontecia ou pela manhã, antes mesmo do sol nascer, ou à noite. Em alguns trechos, é possível observar a escrita apressada que permite confusão entre as letras ou até mesmo incompreensão do vocábulo. Essa pressa no ato da escrita se caracteriza também possivelmente pela tentativa da autora de acompanhar a velocidade de seu pensamento, uma vez que ela apresenta riqueza de detalhes, seja nos traços descritivos dos sujeitos que cita em seus registros, dos locais, bem como das falas. Em muitos trechos dos manuscritos, vejo os vocábulos escritos muito juntos,

⁶¹ Jesus, 1959.

por vezes, espaços entre as letras do vocábulo maiores do que entre os espaços entre as palavras.

Carolina tem uma letra relativamente fácil de ser lida, arredondada, sem inclinação definida para quaisquer dos lados. No entanto, há letras que merecem uma atenção especial na descrição aqui realizada. É possível interpretar aí tanto uma influência das exigências do processo de ensino-aprendizagem de sua professora e, conseqüentemente, da escola, o que poderia evocar um certo esmero quanto à caligrafia; como esse esmero ser proveniente da própria vontade da autora. Independente de ambas as questões, os lugares em que a sua letra não é facilmente compreensível eu interpreto novamente como algo exclusivo à celeridade d

O primeiro caso a ser tratado é a letra ‘a’ que se apresenta em caixa alta, tanto com travessa, como com três *ductus*. Já a mesma letra em tamanho minúsculo apresenta três *ductus*.

A letra ‘c’ é difícil de ser identificada quando em posição de maiúscula ou minúscula. Isto porque o tamanho entre ambas quase não difere. Assim sendo, claramente o tamanho maiúsculo foi identificado quando inicia orações e em nomes próprios.

A letra ‘f’ não apresenta em tamanho minúsculo o traço horizontal que a corta. Observando o caminho percorrido pela autora na grafia da letra, é observado que, no retorno da linha descendente, o traço retorna para a linha de base e sem cortá-lo já faz a ligação com o fonema seguinte.

A letra ‘j’ também não é de fácil identificação porque a sua apresentação tanto maiúscula quanto minúscula é muito similar. O que apresenta, em alguns casos, uma possibilidade de diferenciação é o tamanho da letra em relação às demais letras do vocábulo que ela compõe.

A letra ‘m’ aparece em muitos casos escrita visivelmente de maneira apressada, o que não marca, por vezes, três *ductus*, mas uma linha quase reta.

A letra “o” aparece, em muitas ocorrências, sem o traço que o corta ao meio, mas com uma ponta que pode ser confundida a um acento agudo sem distanciamento da letra.

A letra ‘p’ também aparece em algumas ocasiões tal como a letra ‘f’, sem a definição dos *ductus*, ao se ligar à letra seguinte do vocábulo. Em outros casos, a letra é apresentada de maneira bem definida.














As letras maiúsculas ‘u’ e ‘v’ também apresentam similaridades e, em muitos casos, é o contexto que permite a identificação da letra.



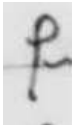
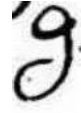














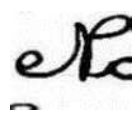



A letra ‘z’ minúscula, por não apresentar uma definição clara no manuscrito, pode ser facilmente confundida com a letra ‘j’, uma vez que os *ductus* não são traçados com especificidade.



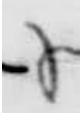



















Os títulos que se apresentam sob a forma de data não apresentam uma uniformidade. Isto porque ele aparece por vezes contendo apenas o dia e o mês, por vezes o dia, mês e ano. Neste último caso, acontece de não aparecer o último ‘de’ antes do ano. Da mesma maneira, em alguns casos, a data aparece centralizada na linha; outras vezes, aparece recuada à esquerda. Nem sempre a autora pula uma linha entre o título e o texto.





Os numerais se apresentam em algarismos arábicos. São poucos os casos em que aparecem em algarismos romanos e quando aparecem são destinados a descrever séculos.

QUADRO 1 - Letras e grafias presentes nos cadernos analisados

LETRA	MAIÚSCULA	LOCAL	LETRA	MINÚSCULA	LOCAL
A		MS 565(5) – ft. 1.2	a		MS 565(5) – ft. 4.1
		MS 565(5) – ft. 8.2			
B		MS 565(5) – ft. 9.2	b		MS 565(5) – ft. 5.2
					MS 565(5) – ft. 17.2
C		MS 565(5) – ft. 13.1	c		MS 565(5) – ft. 57.1
D		MS 565(5) – ft. 4.1	d		MS 565(5) – ft. 57.1
E		MS 565(5) – ft. 273.2	e		MS 565(5) – ft. 10.2
F		MS 565(5) – ft. 8.2	f		MS 565(5) – ft. 9.2

					MS 565(5) – ft. 7.2
					MS 565(5) – ft. 274.2
G		MS 565(5) – ft. 7.1	g		MS 565(5) – ft. 58.2
H		MS 565(5) – ft. 6.1	h		MS 565(5) – ft. 9.2
I		MS 565(5) – ft. 57.1	i		MS 565(5) – ft. 10.2
J		MS 565(5) – ft. 2.2	j		MS 565(5) – ft. 2.2
K		MS 565(5) – ft. 6.1	k		MS 565(5) – ft. 53.2
		MS 565(5) – ft. 2.1		[não ocorreu]	[não ocorreu]
L		MS 565(5) – ft. 20r.	l		MS 565(5) – ft. 20r.
M		MS 565(5) – ft. 5r.	m		MS 565(5) – ft. 18r.
N		MS 565(5) – ft. 7r.	n		MS 565(5) – ft. 7v.
O		MS 565(5) – ft. 9r.	o		MS 565(5) – ft. 12v.

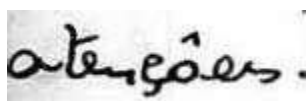
P		MS 565(5) – ft. 6v.	p		MS 565(5) – ft. 274r.
					MS 565(5) – ft. 274r.
Q		MS 565(5) – ft. 8v.	q		MS 565(5) – ft. 12v.
R		MS 565(5) – ft. 2r.	r		MS 565(5) – ft. 17r.
					MS 565(5) – ft. 7r.
S		MS 565(5) – ft. 9r.	s		MS 565(5) – ft. 274r.
		MS 565(5) – ft. 8r.			
		MS 565(5) – ft. 25r.			
T		MS 565(5) – ft. 2r.	t		MS 565(5) – ft. 18r.
U		MS 565(5) – ft. 4v.	u		MS 565(5) – ft. 11r.
V		MS 565(5) – ft. 277r.	v		MS 565(5) – ft. 18r.
W		MS 565(5) – ft. 7r	w		MS 565(5) – ft. 378v.
X		MS 565(5) – ft. 67v	x		MS 565(5) – ft. 6v.

Y	[não ocorreu]	[não ocorreu]	y		MS 565(5) - ft. 114v.
Z		MS 565(5) – ft. 5r.	z		MS 565(5) – ft. 6r.
					MS 565(5) – ft. 6.1

Fonte: Elaboração da pesquisadora

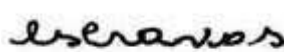
Outra questão referente às letras, e que é importante ser abordada com base nos manuscritos, aqui diz respeito às letras ‘a’ e ‘o’ minúsculas. Isto porque, ao longo dos registros, há casos que dificultam a identificação de um ou outro caractere.

Figura 34a – Imagem da letra de CMJ



Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – ft. 4v.

Figura 34b – Imagem da letra de CMJ



Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – ft. 5.2

Figura 34c – Imagem da letra de CMJ



Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – ft. 5.2

Figura 34d – Imagem da letra de CMJ

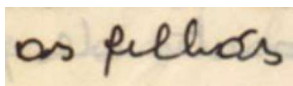


Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – ft. MS 565(5) – ft. 5.2

Posso observar que, em alguns casos, como os acima expostos, não é possível identificar com clareza as duas letras supracitadas. Muitas vezes a formação de identificação dessas letras e, conseqüentemente, dos vocábulos em que elas estão inseridas. Martins (2017, p. 60), que fez uma edição genética do caderno nº 11, único caderno disponível no site da Biblioteca Nacional, também afirma, na alternância entre essas letras, a gama de questionamentos que surgem no momento de decodificação, reafirmando que sua diferenciação em determinados casos vai ocorrer através puramente de aspectos semânticos.

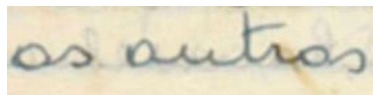
Agora observem os exemplos a seguir apresentados por Martins (2017, p. 60):

Figura 35a – Imagem da letra de CMJ



Fonte: Elaboração da pesquisadora - BND – p. 5

Figura 35b – Imagem da letra de CMJ

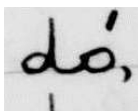


Fonte: Elaboração da pesquisadora - BND – p. 6

Martins (2017) interpreta a Figura 35a acima como “os filhós” e a Figura 35b como “as outras” e se estende na explicação:

Na figura 35a, Carolina de Jesus poderia ter escrito “as filhás” ou “os filhós”, bem como a escrita da figura 35b pode ser interpretada como “os outros” ou “as outras”. Levantada a dúvida, a decifração recorre a elementos presentes no próprio contexto da escrita. Por sabermos que Carolina de Jesus se referia a seus filhos no primeiro exemplo, sendo eles dois homens e uma mulher, apenas o plural masculino poderia ser usado. No segundo caso, o uso da terminação feminina foi baseado na análise do contexto. O termo está inserido na frase “se esta criança nascer maturo vae mórrer igual as outras que foram pizóteadas (ms. p. 5)”. Por entendermos que “as outras” refere-se ao sujeito oculto “crianças”, a concordância foi estabelecida com o gênero feminino. (Martins, 2017, p. 60)

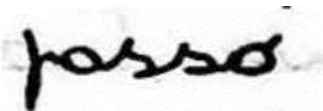
A edição de Martins (2017), neste caso em específico, apresenta, a meu ver, um equívoco. Isto porque, ao realizar a edição, ela decodifica inicialmente a figura 35a como “os filhós” ou “as filhás”. Todavia, não se trata de um acento agudo o traço inclinado para a direita que aparece no vocábulo “filhos”. O acesso a outros cadernos/diários de Carolina vai permitir entender uma característica da cultura escrita dela que, a partir de um determinado momento, há casos em que o “o” em posição intermediária dos vocábulos apresenta este traço de diferenciação que não é o mesmo do acento agudo, bem definido por Carolina em vocábulos que ela emprega, seja porque realmente o acento gráfico exista na palavra ou para indicar uma abertura do som vocálico. Entendo que o equívoco descrito por Martins tenha ocorrido em razão da limitação documental a que ela teve acesso, mas há que concordar com a pesquisadora que é, sim, o contexto semântico o elemento primordial para a interpretação do texto. (cf. Fig. 36a, 36b e 36c).

Figura 36a – Imagem da letra de CMJ

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 5r.

Figura 36b – Imagem da letra de CMJ

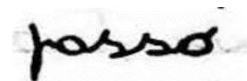
Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 7r.

Figura 36c – Imagem da letra de CMJ

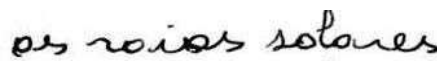
Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 7r.

O vocábulo da figura 36a está inserido na frase “Nossa Senhora Aparecida/ ha de ter dó da senhora”. Já na figura 36b, o vocábulo se insere no contexto “... vivendo parasitariamente na dependencia do trabalho alhêio cresce o descontentamento dos moradôres da favela do Canindé” e, por último, na figura 36c, temos o contexto “Mas, no nucleo que por infelicidade estou/ ressidindo. não posso demostrar calma.”

É necessário ainda dizer que há muitos outros casos em que realmente o “o” e “a” tanto intermediários quanto finais realmente não apresentam uma marca diferenciadora entre si e apenas o contexto semântico permite definir o conteúdo informacional, conforme 37a e 37b.

Figura 37a – Imagem da letra de CMJ

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 7r.

Figura 37b – Imagem da letra de CMJ

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 7r.

Perceba que, na figura 37a acima, o “o” do vocábulo ‘posso’ não apresenta um traço que o caracterize como tal, sendo o determinante o elemento que auxilia na interpretação semântica. O mesmo pode ser dito na figura 37b em que o “a” do vocábulo ‘raios’ não apresenta a haste lateral que demarca a letra e/ou a liga à letra seguinte. A palavra só é identificada por meio do determinante que também não se mostra tão definido, mas que é ratificado pelo modificador ‘solares’.







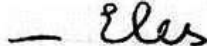


Porém, um caso contribui para ratificar que o “o” com o traço inclinado à direita é apenas uma performance da autora e não acento agudo, como podemos ver a seguir na figura 38a:

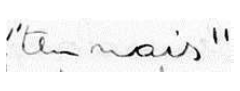
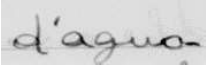
Figura 38a – Imagem da letra de CMJ


Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 5r.

Diante do exemplo acima, é possível eliminar a possibilidade de o traço no “o” ser um acento, pois uma possível, e esdrúxula, interpretação de dois acentos na mesma palavra não ocorreu em nenhum outro caso em todos os corpora.

QUADRO 2 – Sinais de pontuação

SINAL	TRANSCRIÇÃO	EXEMPLOS	LOCAL
Ponto	.		MS 565(5) – p.12r.
Vírgula	,		MS 565(5) – p. 8r.
Dois pontos	:		MS 565(5) – 9r.
Interrogação	?		MS 565(5) – 9r.
			MS 565(5) – p. 8r.
Exclamação	!		MS 565(5) – p. 8r.
Traço horizontal (travessão)	—		MS 565(5) – p. 10r.
Hífen	-		MS 565(5) – p. 10r.
Ponto e vírgula	;		MS 565(5) – p. 17v.

Aspas	“ ”		MS 565(5) – p. 108v.
Apóstrofo	,		MS 565(5) – p. 189r.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

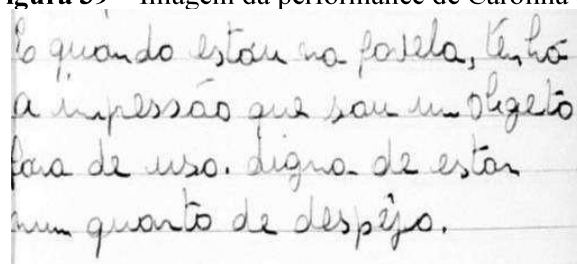
Na tabela acima, estão os sinais de pontuação que aparecem ao longo dos manuscritos. Não são apresentados outros sinais dos quais tenho conhecimento além destes.

4.6.3.1 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita fácil de compreender”⁶²: Ponto

O sistema de pontuação de Carolina apresenta particularidades a partir do ponto. Este aparece no final de frase e oração e, em alguns casos em final de linha, podendo ser acompanhado de letra maiúscula ou minúscula. Entretanto, o que se mostra de muito curioso é que, em casos de pausa, em que a vírgula poderia ser utilizada, a autora opta pelo ponto.

Ao que indica, Carolina estabelece sua pontuação a partir do seu mecanismo de oralidade. Diante de uma pausa respiratória, ela insere a pontuação entrevidendo brevidade ou alongamento a partir de seu discurso.

Figura 39 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto



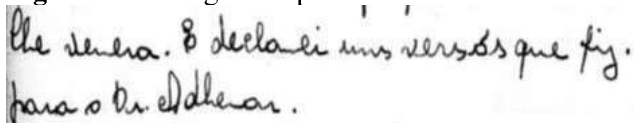
Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 102r.

Transcrição: *E quando estou na favela, tenho a impressão que sou um objeto fora de uso. digno de estar num quarto de despêjo.*

No trecho que segue, o ponto aparece em três circunstância diferentes: encerrando uma oração, numa pausa breve (que não deveria apresentar nenhuma pontuação, uma vez que separa termos integrantes da oração) e finalizando uma frase.

⁶² Jesus, 1959

Figura 40 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto



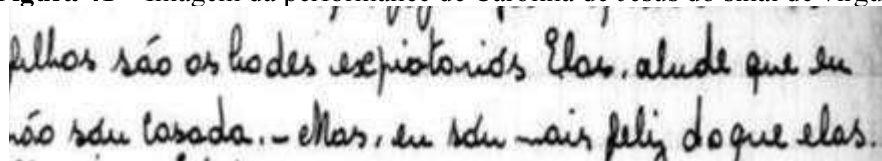
Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) ft. 4v.

Transcrição: [...] lhe venera. E declamei uns versos que fiz para o Dr. Adhemar.

4.6.3.2 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”⁶³: Vírgula

A vírgula é bastante empregada nos diários, tanto em contextos sintáticos hoje estabelecidos pela norma-padrão, quanto em outros contextos que a ferem. Após conjunções coordenativas é muito comum de se ver o sinal, assim como a recorrência de vê-la separando o sujeito de seu verbo por vírgula. Mais uma vez, um indício de que as marcas da oralidade vão interferir no sistema de pontuação de Carolina.

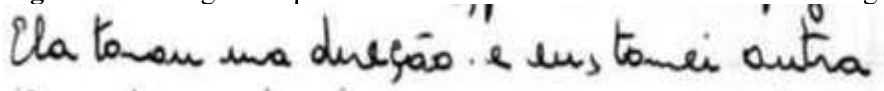
Figura 41 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula



Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 5r.

Transcrição: [...] Elas, alude que eu não sou casada. Mas, eu sou mais feliz do que elas.

Figura 42 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula



Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 6r.

Transcrição: Ela tomou uma direção. e eu, tomei outra.

Os números indicando horas aparecem frequentemente entre vírgulas, na escrita de Carolina. Neste caso a vírgula foi transcrita junto ao número:

⁶³ Jesus, 1959.

Figura 43 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de vírgula

Falamos de políticos. passou uma senhora perguntei
as horas 11,25. Amarrei os sacos. puis as latas.

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) ft 6r.

Transcrição: *Falamos de políticos. passou uma senhora perguntei as horas 11,25. Amarrei os sacos. puis as latas.*

4.6.3.3 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita fácil de compreender”⁶⁴: Dois pontos

As ocorrências dos dois pontos registradas se destinam a contextos que vão apresentar, na sua sequência, alguma fala reproduzida, seja por Carolina, seja por alguém a que ela se refira no momento, vindo por esta razão após verbos de elocução, como dizer, perguntar, pensar etc.

Figura 44 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos

O senhor Hitôr veio cobrar a luz. perguntei-lhe: quanto é?

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 3r.

Transcrição: *O senhor Hitôr veio cobrar a luz. perguntei-lhe: quanto é?*

Figura 45 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos

É que nós faveladas não temos fixead. fui torçer minhas
roupas a D. Aparecida perguntou-me:

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 3r

Transcrição: *Fui torçer minhas / roupas a D. Aparecida perguntou-me: / — A senhora esta gravida?*

A função atual dos dois pontos parece ser preenchida nos manuscritos de *Quarto de despejo* por outros sinais, como a exclamação, como pode ser visto a seguir:

Figura 46 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos

Eu digo! Os meus filhos estão dependendo
me. mas, vocês são ~~incultos~~ incultos não pode
compreender! Eu disse: vou escrever um livro

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 9v.

Transcrição: *Eu digo! Os meus filhos estão dependendo-me. mas, vocês são incultos não pode compreender! Eu disse: vou escrever um livro*

⁶⁴ Jesus, 1959.

Em outras condições, os dois pontos também são utilizados em frases completivas reduzidas, mas não aquelas estabelecidas pela norma-padrão, mas de tipo predicativa, por exemplo:

Figura 47 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de dois pontos

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 5v.

Transcrição: *O que aborrece-me é: elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior.*

4.6.3.4 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita fácil de compreender”⁶⁵: Ponto de interrogação

Os pontos de interrogação aparecem no manuscrito atendendo sua marcação estabelecida pela norma-padrão, isto é, para questionamentos.

Figura 48 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 4v.

Transcrição: — *Sarou as pernas?*

Figura 49 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 4v.

Transcrição: [...] *O que acha do Carlos Lacerda?*

Figura 50 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 6v.

Transcrição: *Voçê não acha que voçê hoje já aborrecêu-me demaes?*

Diante de perguntas indiretas, a autora também insere o sinal de interrogação, como no exemplo que segue:

⁶⁵ Jesus, 1959.

Figura 51 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de interrogação

... Perguntei, lhe o que faz aqui?

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 6v.

Transcrição: Perguntei, lhe o que faz aqui?

No exemplo da Figura 51 é possível perceber o reconhecimento de Carolina acerca de o contexto se tratar de um questionamento. A interpretação pode seguir pela via de ela converter o discurso indireto num discurso direto, com o apoio até mesmo da tentativa de uma reprodução do diálogo no registro escrito para melhor visualização de quem a lê.

4.6.3.5 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”⁶⁶: Ponto de exclamação

Este sinal também atende, nos casos vistos nos manuscritos, ao estabelecido pela norma tradicional, isto é, em interjeições.

Figura 52 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação

Não passa não!

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 6r.

Transcrição: Não passa não!

Figura 53 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação

passar. Não passa não! The suplique: O senhor e jovem e tão bonito! Ele sorrio! Disse:

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 6r.

Transcrição: [...] O senhor e jovem e tão bonito! [...]

Figura 54 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de exclamação

Nunca feri ninguém. Tenho muito senso!

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) – 7r.

Transcrição: Nunca feri ninguém. Tenho muito senso!

4.6.3.6 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”⁶⁷: Traço baixo horizontal, travessão e hífen

Carolina de Jesus faz uso do traço baixo horizontal como travessão. Não vejo este mais alto à linha, conforme descreve a tradição gramatical.

⁶⁶ Jesus, 1959.

⁶⁷ Jesus, 1959.

Figura 55 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal travessão

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 12r.

Transcrição: — *E eu, não!*

Figura 56 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal traço horizontal baixo

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 65r.

Transcrição: — *Quer apostar?*

Já o hífen, um pequeno traço, mais afastado da linha, apresenta sua função tradicional, seja para identificar palavras compostas, como em (Fig. 57), para separar sílabas em final de linha ou para marcar a separação do pronome pessoal em posição posposta ao verbo (ênclise) (Fig. 58). Importante dizer que, nem sempre em final de linha, a autora vai fazer a translineação das palavras. Isto porque algumas vezes o traço aparece no final da linha, seja separando a palavra conforme a norma (Fig. 59), seja não (Fig. 60). Em outros casos, ele não aparece.

Figura 57 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 3r.

Transcrição: *19 de julho, segunda-feira.*

Figura 58 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 1v.

Transcrição: *A noite o peito doia-me*

Figura 59 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen

Fonte: Elaboração da pesquisadora - MS 565(5) - 2r.

Transcrição: [...] *Eu vou andar com os meus filhos amarrados nas costas, igual as japonezas. [...]*

Figura 60 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do hífen

Fonte: Elaboração da pesquisadora – BN - 11

Transcrição: *A onda da tristesa esta atingindo a todos. Eu entrei no senhor [...]*

4.6.3.7 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”⁶⁸: Ponto e vírgula

Há pouquíssimos casos de ponto e vírgula, sendo usado em contextos em que poderia ser usado o ponto de seguimento ou os dois pontos, como vemos nos exemplos que seguem:

Figura 61 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto e vírgula

Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) - 17v.

Transcrição: Ela; disse-me que no Theatro Santana estava atuando uma companhia Norte americana e que os artistas eram de côr. [...]

Figura 62 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de ponto e vírgula

Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) – 20r.

Transcrição: [...] Fiz café; e fui comprar pão. [...]

4.6.3.8 “Mas, pensei, pensei e decidi a escrita facil de compreender”⁶⁹: Aspas

O sinal de aspas é utilizado no texto atendendo aos casos definidos pela norma padrão. Os casos mais comuns dizem respeito ao destaque de títulos e à marcação de destaque para alguma fala ou pensamento.

Figura 63 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de aspas

Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) – 12r.

Transcrição: [...] “O título era, Mariano é o “Tubarão da favela do Canindé!””

Figura 64 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de aspas

Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) – 108v.

Transcrição: “Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe.” [...]

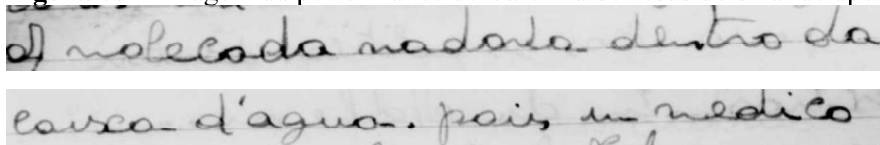
⁶⁸ Jesus, 1959.

⁶⁹ Jesus, 1959.

4.6.3.9 “Mas, pensei, pensei e dicidi a escrita facil de compreender”⁷⁰: Apóstrofo

Aparece nos manuscritos exclusivamente em contextos com as palavras “d’agua” e “d’ali”.

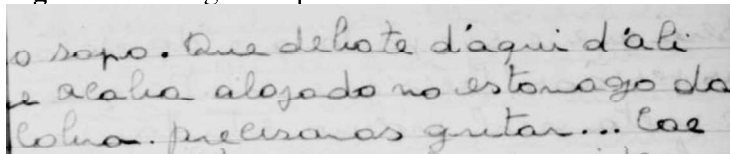
Figura 65 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de apóstrofo



Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) – 189v-189r.

Transcrição: *A molecada nadava dentro da caixa d’agua. [...]*

Figura 66 – Imagem da performance de Carolina de Jesus do sinal de apóstrofo



Fonte: Elaboração da pesquisadora – MS 565(5) – 207r.

Transcrição: *[...] Que debate d’aqui d’ali e acaba alojado no estomago da cobra [...]*

Na etapa final deste estudo, pretende-se listar alguns aspectos gráficos na escrita de palavras presente nos manuscritos relacionados a *Quarto de Despejo* que divergem da edição impressa. Seguido a esta listagem, apresento uma descrição e crítica de questões de alteração, tais como supressão, inserção e substituição de elementos da grafia. De imediato, é importante que eu informe que essas marcações serão imprescindíveis para advertir o leitor quanto ao desenho que Audálio Dantas fez da escritora, Carolina de Jesus, que distancia sobremaneira daquela que se evidencia nos manuscritos e ainda desconhecida por muitos.

4.7 “AS LETRAS VACILAVAM. PERCIBI QUE ESTAVA NERVOSA.”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Após a publicação de *Quarto de Despejo* e observando o volume que distancia os dois suportes, no ano de 1996, José Carlos Sebe Bom Meihy, mesmo organizador de *Cinderela*, publica *Antologia Pessoal*. É uma publicação da poesia de Carolina. Conforme Marisa Lajolo descreve na capa de fundo da obra, trata-se de uma “... dimensão polêmica da expressão poesia

⁷⁰ Jesus, 1959.

popular” que “indica autoria e radicaliza vertiginosamente a discussão: trata-se de poemas escritos por alguém do povo”.

A citação é reforçada por Armando Freitas Filho, revisor da obra, que diz que “a poesia que vai se ler neste livro é a prova viva de uma vida que não se deixou apagar pela solidão e venceu o esquecimento a que estava destinada.” A publicação vai contradizer as palavras de Audálio Dantas que considerava os poemas de Carolina de má qualidade:

Ela escrevia poemas, diga-se de passagem, ruins do ponto de vista da estrutura poética. Mas sob o ponto de vista dela e dos seus recursos gramaticais eles tinham o seu valor. Porém, eram fracos se comparados ao diário. O diário tinha uma força de expressão narrativa muito grande, enquanto a poesia era a busca de fazer rima, e terminava na maior parte das vezes em besteira. Escrevia provérbios, que eram criativos pois saíam de sua imaginação. O que ela não tinha imaginado era um livro como *Quarto de Despejo*. (Meihy, 1994 *apud* Sousa, 2012, p. 45-46)

Será? Será que Carolina não tinha pensado um livro como *Quarto*? Mas como não, se ser publicada era seu maior desejo, se ler e escrever eram suas atividades companheiras diariamente? Carolina almejava seu nome na capa de um livro. Talvez o que ela não sabia era a proporção e a repercussão que sua obra causaria.

Mas retornando a *Antologia Pessoal*... Além dos poemas, que foram publicados contradizendo a perspectiva de Dantas, Meihy não cansava de trazer a público os escritos de Carolina e, no mesmo ano de *Antologia Pessoal*, em mais uma parceria com Levine, publica *Meu Estranho Diário*. A publicação, também póstuma, traz uma parcela dos diários com o objetivo de diminuir lacunas abertas por circunstâncias de um tempo visto já como superado. Por esta razão, a organização atendeu aos seguintes critérios: i) a apresentação, a história do projeto visando a formulação das trajetórias, tanto pessoal quanto conjunta, dos dois responsáveis pela edição; ii) a publicação de textos completos, sem nenhuma revisão gramatical ou estilística dos diários, que vêm à tona tais como foram encontrados e iii) um breve exame da relação existente entre os três momentos da vida da escritora.

Na seção destinada aos diários, Meihy e Levine (1996) apresentam textos referentes a Quarto de Despejo, Casa de Alvenaria e Sítio. No que se refere a *Quarto de Despejo*, nosso interesse especificamente, eles apresentam o texto que contempla as datas de 30 de outubro de 1958 a 04 de dezembro de 1958.

É, sem dúvida, uma tentativa inicial de mostrar ao público a lacuna que separa o texto primário da obra editada por Audálio e publicada na década de 60. Porém, os autores não apresentaram uma avaliação do grau de semelhanças e diferenças entre os textos.

No ano de 2017, Leticia Guimarães Martins propõe em sua dissertação de mestrado uma edição genética do único caderno digitalizado e disponível no site da Biblioteca Nacional, o caderno 11. Este caderno vai contemplar as datas de 05 a 19 de dezembro de 1958, ou seja, mais um texto contínuo àquele apresentado por Meihy e Levine. Todavia, é importante adiantar que alguns equívocos surgem na análise de Martins, como já sinalizei anteriormente por conta da limitação do corpus.

Três anos antes, Perpétua publica a sua tese de doutoramento, com o livro *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*. A tese que deu origem ao livro intitulada *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*, defendida no ano 2000, não se encontra disponível nos bancos de teses da CAPES.

A estudiosa analisa o conteúdo de nove cadernos a que teve acesso cotejando com a edição: os cadernos 1, 2, 6, 11, 16, 19 e 21, dos anos de 1958 e 1959. Ela adotou como procedimentos prévios: i) a leitura dos manuscritos cotejada com a publicação, grifando com marca-texto os trechos inéditos nos manuscritos e, nos livros, os acréscimos e substituições. Perpétua desconsiderou a interferência do editor em relação à pontuação e ortografia, exceto quando essas modificavam semanticamente o texto original; ii) transcrição dos manuscritos, obedecendo à sua sintaxe e pontuação e à distribuição espacial das datas; os trechos que davam sinal do que não foi publicado, foram transcritos em itálico e iii) no processo de transcrição, a fim de facilitar a identificação na fase de análise, algumas decisões no que diz respeito à pontuação, seguindo a mesma orientação já que a publicação podia variar de acordo com o que tinha sido excluído na editoração.

Daí para a análise de manuscritos, foi feita a leitura das transcrições e o novo cotejo com as publicações, destacando as modificações; listagem das características comuns observadas na transcrição, tanto no que respeita os itens formais e temáticos da escrita de Carolina quanto os trechos modificados pelo editor, com levantamento de exemplos e, por fim, a seleção dos itens mais relevantes para o trabalho.

Dois elementos precisam ser destacados: i) Perpétua não apresenta, ao menos na publicação, o cotejo integral do texto, apenas trechos oracionais da pesquisa e ii) a seleção dos itens não ocorre na sua integralidade. A partir da publicação de *Vida escrita* é possível perceber que apenas alguns elementos foram apontados. Mais uma vez a inacessibilidade à tese me obriga a acatar apenas os resultados presentes na publicação de 2014.

Esta etapa do estudo de Perpétua (2014) é a que mais se aproxima do que estamos propondo, porém me arrisco a uma análise mais profunda linha a linha, folha a folha de todas as modificações identificadas nos suportes. Além disso, o conjunto de cadernos é maior do que

aquele selecionado por Perpétua que utiliza ainda um caderno de Casa de Alvenaria, o caderno 24, e um outro caderno numerado por sua autora como “primeiro” que contém registros inéditos do ano de 1961, denominados à época como “Caderno Inédito”.

Espero ao final acrescer aos trabalhos já desenvolvidos uma gama maior de elementos para continuar discutindo o abismo que separa os dois testemunhos, sem desmerecer a qualquer um deles quanto a sua importância para a pesquisa em torno da autora e sua obra.

4.7.1 “Que a cultura dos editores do Brasil esta no embrião. Mas um embrião que não dessinvolve-se. Um embrião atrofiado”⁷¹: As normas de edição

Os critérios utilizados na edição proposta aqui foram constituídos para a leitura de uma edição conservadora.

1 A transcrição será conservadora

2 Será respeitado o emprego de letras maiúsculas e minúsculas conforme o documento de base.

3 A separação de sílabas na mudança de linhas será reproduzida como no original; os sinais utilizados para a separação silábica e também a ausência de sinais serão transcritos como no original.

4 A pontuação original será mantida e os demais espaços, como os alinhamentos à esquerda, ao centro ou à direita, presentes em cabeçalhos, títulos, fórmulas de encerramento, assinaturas e outros, serão transcritos conforme o original.

5 Eventuais erros da autora, a exemplo de palavra incompleta ou rasurada, serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a sua respectiva correção.

6 Há casos de tachados feitos pela autora ao longo dos manuscritos, os quais serão reproduzidos na transcrição.

⁷¹ Jesus, 1958.

7 As inserções gráficas no documento-base serão registradas em nota de rodapé. Na apresentação dos textos, dispusemos a folha de A4 em formato retrato, com duas colunas. Na coluna da direita, temos a transcrição do manuscrito. Já na coluna da esquerda temos o texto da obra impressa. Este, por claramente, ser menor do que aquele aparece sequencialmente na folha em que está marcada a data referente pela autora. Quando não houver alguma data referente ao dia do manuscrito, o fato será sinalizado para conhecimento do leitor.

8 Não faremos marcação de fólio, mas de fotograma, marcado pela sigla “ftg.” que aparece à direita da coluna referente à transcrição do manuscrito entre colchetes. Para identificação do corpus utilizamos as siglas marcadas nos microfimes enviados pela Biblioteca Nacional e que já foram apresentados e descritos anteriormente.

9 Intervenções de terceiros no documento-base também serão sinalizadas em nota de rodapé.

10 As intervenções no documento serão raríssimas, apenas em caso de extrema necessidade, com o objetivo de esclarecer e não deixar espaço para dúvidas. Aparecerão especialmente quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, e ainda em letras que não se mostrem legíveis na cópia digitalizada feita pela BN, sobretudo se o armazenamento dos cadernos prejudicar a visualização dessas letras. Quando ocorrerem, as intervenções virão entre colchetes.

11 Letra(s) ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor, com a indicação entre colchetes, do que está deteriorado. A depender do caso, será utilizado o termo “ilegível” ou a causa da ilegibilidade.

12 Letra(s) ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte justificam intervenção do editor, com a indicação, entre colchetes, do que está indecifrado.

5 “PROMETERAM QUE EU VOU SAIR NO DIARIO DA NÔITE AMANHÃ. NA EDIÇÃO EXTRA.”⁷²: EDIÇÃO SINÓPTICA - COLAÇÃO DE TESTEMUNHOS

A escolha pela edição sinóptica ocorre por se tratar de uma reprodução simultânea de dois testemunhos, isto é, “edição que reproduz, lado a lado, as lições de pelo menos dois testemunhos variantes, com o objetivo expresso de as comparar.” (Duarte, 2019, p. 387)

Corroborando com Souza (2012), busquei observar as vivências sócio-históricas do texto que compreendem as totalidades em que cada testemunho foi possível. O que se depreende desta comparação condiciona interpretações bastante necessárias para entender o espaço de escrita realizada por mãos negras, especialmente de mulheres. Assim, confirmo a escolha da edição sinóptica para que eu pudesse verificar os efeitos por que o texto passou.

No caso de uma edição crítica, em que haveria reconstituição e restituição de elementos para sua execução, ainda assim lacunas seriam evidentes, até mesmo porque partes significativas dos manuscritos se perderam. Partes estas que, numa comparação, aparecem no projeto proposto por Dantas, por exemplo, mas sem equivalência nos manuscritos para tal cotejo. Além disso, a edição príncipe é resultado de um projeto do editor, um recorte dos manuscritos, pautado na perspectiva do jornalista.

Estando diante do volumoso conjunto que são os manuscritos de Carolina Maria de Jesus e, observando, o resultado de uma proposta editorial que chega à edição impressa de 1960, senti a necessidade de entender quais as intervenções o jornalista realizou. Assim, o tipo de edição apresentado se mostrou, a meu ver, o mais adequado, sinalizando para os interessados quais locais as alterações se deram e, desta maneira, possibilitar análises de diferentes níveis acerca desse processo e das consequências que ele gerou.

É importante comentar que os cadernos e a edição apresentam arquétipos temporais diferentes. Lembrando que, quando Dantas conheceu Carolina de Jesus, ela já escrevia nesses cadernos, conforme tratei anteriormente. Visando ou não a sua publicação, pensar o tratamento dado a eles como um registro pessoal nos direciona a refletir sobre a sua complexidade diante do conteúdo, diante das condições em que foram escritos. A função social desse registro, como de foro íntimo, já nasce com um impacto sociocultural em sincronia com um projeto particular de Carolina Maria de Jesus. Repito: a temporalidade cronológica e psicológica destes escritos tem um objetivo para além do pessoal, outro fator para eliminar a possibilidade de uma escrita

⁷² Jesus, 1959.

de si e reforçar uma política escritural que refletisse consequentemente no coletivo a partir dos atravessamentos autorais.

O livro, por sua feita, é uma proposta com outras marcas temporais que, pela construção do projeto de Dantas, tem como objetivo precípuo direcionar o leitor a uma outra ótica, ponderadamente mais próxima à sua de uma realidade, até então desconhecida ou romantizada pela ficção, que é o ambiente das comunidades periféricas e as deficiências ali existentes que afetam seus moradores. O seu projeto não é menos importante, tanto que alcança a projeção que sabemos, nacional e internacionalmente; contudo, é uma outra performance textual-estética.

6 “MAS SE OS PRETOS FÔSSE ESCREVER AS TRAPAÇAS QUE OS BRANCOS FAZEM AS INJUSTIÇAS QUE PRATICAM. ESCREVERIAM CENTENAS DE LIVROS QUE FORMARIA A MAIOR BIBLIOTECA DO MUNDO”⁷³: CRÍTICA DE VARIANTES

Após descrever as variáveis observadas a partir do cotejo dos suportes, parto para os dados levantados. Levei em consideração a quantidade de palavras e o número de caracteres com e sem espaço e obtive os seguintes números:

Tabela 2 – Dados gerais dos lugares de crítica e conteúdo dos suportes.

ANO	LUGARES DE CRÍTICA					MANUSCRITO			IMPRESSO		
						PALAVRAS	CARACT. S/ESP.	CARACT. C/ESP.	PALAVRAS	CARACT. S/ESP.	CARACT. C/ESP.
	D ⁷⁴	A ⁷⁵	SB ⁷⁶	SP ⁷⁷	Pont. ⁷⁸						
1955	60	46	893	140	271	10013	47353	57137	5210	23906	29023
1958	415	239	6226	1493	1823	165857	745013	905185	36065	159866	195110
1959	80	62	948	611	395	150398	677804	825549	10713	47571	57983
1960	0	0	0	0	0	0	0	0	8	37	44
TOTAL	555	347	8067	2244	2489	326268	1470170	1787871	51996	231380	282160

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Do total levantado nos suportes, e convertendo em porcentagem, tenho algo próximo a 15,90% das palavras aproveitadas no impresso em comparação com o manuscrito. Esse é um indício de que a edição impressa me apresenta escolhas editoriais que implicam em alteração de diferentes ordens em relação ao suporte de origem deste texto.

⁷³ Jesus, 1959.

⁷⁴ Sigla para se referir à variável “Deslocamento”

⁷⁵ Sigla para se referir à variável “Acréscimo”

⁷⁶ Sigla para se referir à variável “Substituição”

⁷⁷ Sigla para se referir à variável “Supressão”

⁷⁸ Sigla para se referir à variável “Pontuação”

Dessas alterações, nos lugares de crítica, como já exposto, selecionei cinco variáveis e vou apresentá-las mais detidamente a seguir. É importante informar que as análises de deslocamento (**D**), acréscimo (**A**), substituição (**SB**) e pontuação (**P**) só puderam ser avaliados no contexto de colação entre os testemunhos, ou seja, na supressão (**SP**) observe o contexto do discurso, isto é, aquilo que a autora Carolina Maria de Jesus me apresenta em seus escritos e que o editor escolheu retirar no processo editorial. Sobre isso, na edição de 2014 de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, o jornalista descreve:

A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. (...) No tratamento que dei ao original, muitas vezes, por excessiva presença, a *Amarela* saiu de cena, mas não de modo a diminuir a sua importância na tragédia favelada. Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha. (Dantas, 2014, p. 6-7)

Foi pensando nesses trechos do editor e também na diferença de palavras e caracteres entre os suportes que fui em busca de confirmar as suas ações editoriais. Deparo-me com algumas divergências e, até mesmo, inconsistências e mostro-as adiante.

Listo a seguir as ocorrências dentro dos grupos das variantes. Antecipo se tratar de uma avaliação panorâmica porque entendo que cada caso existente neste vasto *corpus* possibilita inúmeros frutos de trabalhos acadêmicos. Na próxima seção, observe quais os sinais de pontuação foram utilizados em ambos os suportes, buscando entender qual o projeto editorial foi pensado para a impressão da edição.

6.1 “E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”⁷⁹: PONTUAÇÃO (**P**)

Nesta seção, apresento os casos de pontuação. São comentadas as ocorrências em que a pontuação é inserida ou retirada entre os suportes. Em razão do grande número de casos, eu só contabilizei o total no *corpus* e a quantidade em cada ano. Não foram contabilizados casos separados de vírgula, ponto, dois pontos etc., apenas a existência deles.

Os casos do grupo que eu defini como *pontuação* trazem algumas especificidades. No meu levantamento, contabilizei como pertencentes ao grupo *pontuação* 2489 casos. Sendo que deste total, 271 no ano de 1955, 1823 no ano de 1958, 395 no ano de 1959 e nenhum caso em 1960.

⁷⁹ Jesus, 1959.

Foram considerados casos deste grupo todas as ocorrências que envolviam os sinais gráficos de pontuação nos suportes: ausência, inserção, substituição etc. Somente as circunstâncias de cotejo foram descritas. Em decorrência da extensão do *corpus*, não fiz uma contagem interna, isto é, que permitisse agrupar caso a caso quantitativamente, mas se trata de intenções futuras para continuidade de uma pesquisa de pós-doutorado. No entanto, é possível dimensionar os casos mais evidentes. Trouxe ainda os respectivos trechos também no fac-símile.

6.1.1 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁰: Ponto

Confesso dificuldades em casos do sinal gráfico ponto (.), como já expressei em seções anteriores. Isto porque houve dificuldade em verificar quando ocorria, por exemplo, descanso de caneta no papel e quando realmente se tratava de uma pontuação no texto, ou em caso de corte no final da linha, por conta do registro da imagem. Por questões como essas, listo as ocorrências encontradas dentro do grupo da pontuação presente no manuscrito e que sofre intervenção no impresso da edição proposta por Audálio Dantas.

No que se refere aos pontos, não era tão fácil distinguir no manuscrito a diferença entre o ponto de seguimento e o ponto parágrafo, a menos que ficasse um espaço significativo ao final da linha. Carolina de Jesus apresenta oscilações no seu uso: há casos em que não aparece o ponto, mas Carolina de Jesus escreve o vocábulo subsequente com letra maiúscula, dando-me a possibilidade de interpretar que a escritora percebe o final de um período e início de outro, como aparece em (1) e (2):

⁸⁰ Jesus, 1959.

(1)

[...] solar. para aquecêr-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgio os filhas pedindo pão Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir no Arnaldo comprar, um sabão, dois melhoraes. e o resto pão. puis agua no fogo para [...] (MS 565-5, 16/07/1955)

Quando iniciei outro surgiu os filhas pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois Melhorais e o resto pão. (Jesus, 16 de julho de 1955, p. 8)

(2)

Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão já estava cozido. (MS 565-5, 17/07/1955)

Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cozido. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Em (1), ao final da palavra “pão”, deveria haver, do ponto de vista da norma padrão, um ponto de seguimento. Ainda que este não esteja presente, a autora tem ideia da regra e, para tanto, escreve o vocábulo seguinte, “Escrevi”, início de um novo período, com letra maiúscula. Como se pode observar, no impresso, por meio da intervenção de Dantas, tal sinal gráfico aparece como mostrado acima. Já em (2) quando, ausente o ponto de seguimento, após o vocábulo “roupas”, tal como em (1), o período novo, iniciado em “Quando”, traz este com inicial maiúscula.

Por outro lado, há casos em que Carolina de Jesus não faz uso do ponto e também não inscreve o vocábulo onde se inicia um novo período com letra maiúscula como é o caso em (3) e (4). No projeto editorial de Audálio Dantas, o que posso observar é que, ao que parece, como forma de unificar as práticas, o editor segue uma marcação que cumpra a regra normativa, inserindo o ponto e colocando a letra maiúscula, quando exigido.

(3)

É que nós favelados não temos fiscal. Fui torçêr minhas roupas a D. Aparecida perguntou-me:

É que nós favelados não temos fiscal. Fui torçêr minhas roupas a D. Aparecida perguntou-me: (MS 565-5, 17/07/1955)

Fui torcer as minhas roupas. A dona Aparecida me perguntou: (JESUS, 17 de julho, p. 9)

(4)

Vêio a D. Silvia reclamar contra os meus filhas que os meus filhas são mal iducados. Mas eu

Vêio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos que os meus filhas são mal iducados. (MS 565-5, 18/07/1955)

Veio a dona Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhas são mal-iducados. (Jesus, 18 de julho, p. 10)

Os exemplos envolvendo o sinal gráfico ponto vão encaminhar para uma proposta de atendimento à norma por parte de Audálio Dantas. Em (5), a explicação para o atendimento à norma padrão proposto por Audálio se confirma quando ele retira um ponto entre os vocábulos “Respondi” e “Concientimente” presente no manuscrito. No caso em tela, além da retirada do ponto, há uma substituição do ponto pelos dois pontos com inserção do travessão para uma representação de um discurso direto.

(5)

Respondi. Concientimente. Muito inteligente. Mas não tem iducaçãõ. É um politico de cartigo. Que gasta

Respondi. Concientimente.

Muito inteligente. Mas, não tem iducaçãõ. (MS 565-5, 17/07/1955)

respondi conscientemente:

— Muito inteligente. Mas não tem iducaçãõ. (Jesus, 17 de julho)

O projeto editorial de Dantas segue com substituições do sinal gráfico ponto por outros sinais que atendam à norma prescrita pela tradição gramatical. Ainda no caso em (5), há a

inserção dos dois pontos. Já o caso em (6), a substituição se dá pelo sinal de exclamação que se apresenta no impresso:

(6)

Eu disse: Cato papel. Estou provando como vivo. (MS 565-5, 19/07/1955)

Eu disse:

— Cato papel. Estou provando como vivo! (Jesus, 19 de julho, p. 14)

Sobre a letra “c”, em “Cato” na transcrição, optei pela maiúscula, observando um tamanho ligeiramente maior do que aquele que aparece na palavra “como”, logo na sequência. No mesmo exemplo, interpretando o discurso como direto, o editor insere aí um travessão.

Em (7) o ponto que aparece ao final de “vós”, no manuscrito, desaparece no impresso, recebendo o travessão como elemento marcador discursivo:

(7)

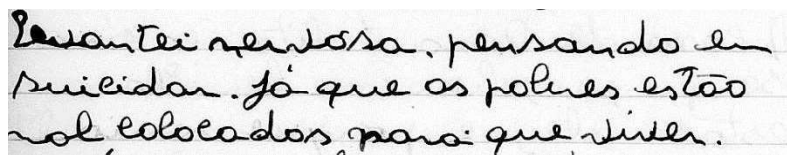
— Não chores por mim. Choraes por vós. Suas palavras profetizava o governo do senhor Juscelino (MS 565-3, 05/11/1958)

“Não chores por mim. Choraes por vós” — suas palavras profetizava o governo do sr. Juscelino. (Jesus, 5 de novembro, p. 123)

A frase encerrada com o “vós” é intercalada pelas aspas no texto impresso, sinalização inexistente no manuscrito. Por conta disso, possivelmente o sinal gráfico ponto é retirado na intervenção e, em seu lugar, é inserido o travessão.

Em (8) o ponto presente no manuscrito é substituído pelo sinal de interrogação no impresso para evidenciar uma pergunta direta:

(8)



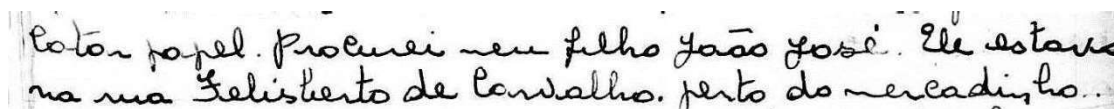
Levantei nervosa, pensando em suicidar. Já que os pobres estão mal colocados para que viver.

Levantei nervosa, pensando em suicidar. já que os pobres estão mal colocados para que viver. (MS 565-5, 17/05/1958)

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? (Jesus, 17 de maio, p. 28)

Em (9), há o caso de um ponto no manuscrito substituído pela vírgula no impresso. O uso do ponto é expresso como uma pausa nesse caso, corrigida normativamente pelo editor:

(9)



catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho.

[...] catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. (MS 565-5, 15/07/1955)

[...] catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na Rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. (Jesus, 15 de julho de 1955, p.7)

As ações envolvendo o ponto, sinalizadas acima, demonstram o objetivo de Dantas em atender à tradição normativa padrão. Tais práticas se estendem também a outros sinais como a vírgula.

6.1.2 “Nunca é tarde para o estudo”⁸¹: vírgula

Tal como ocorre com o ponto, os casos de vírgula que seguem apontam uma escolha editorial de Dantas de aproximar-se da tradição normativa padrão. Em (10), algumas ocorrências de pontuação chamaram a atenção:

⁸¹ Jesus, 1959.

(10)

[...] Eu estava indisposta resolvi benzer- abri a bôca duas vêzes certifiquei-me, que eu estava com mau olhado. (MS 565-5, 16/07/1955)

[...] Eu estava indisposta, resolvi me benzer. Abri a boca duas vezes, me certifiquei que estava com mau-olhado. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Duas ocorrências envolvem a inserção da vírgula no suporte impresso que não foi colocada pela autora no texto de origem: após “indisposta” e “vêzes”. Outro caso é um traço (-) que surge na primeira linha e que é retirado pelo editor. E, por fim, a vírgula após “certifiquei-me”, no manuscrito, é retirada no impresso.

Visivelmente, em todos os casos de vírgula, o objetivo é o atendimento normativo por parte de Dantas e, no caso expresso do uso do sinal pela autora, percebo sua compreensão de uso pela circunstância de, na sua comunicação corrente, ela sentir a necessidade da pausa que, entendida assim, o faz para cumprimento da sua intenção.

Em (11), trago outras três ocorrências com a intervenção da vírgula. Primeiro, no impresso, a inserção da vírgula após o vocábulo “casa”. Na sequência, a retirada da vírgula após o vocábulo “aliás” e também a substituição do ponto pela vírgula após “barracão”:

(11)

Cheguei em casa aliás, no meu barracão. nervosa eu estava exausta e senil. pensei na vida atribulada que eu levo. (MS 565-5, 16/07/1955)

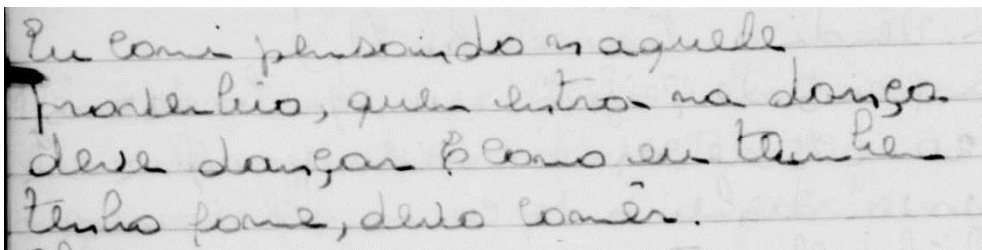
Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. (Jesus, 16 de julho)

O uso da vírgula após o advérbio “aliás” reforça a pausa comentada em (10). Já a substituição do ponto me leva novamente a refletir sobre a intervenção editorial, já que o editor não é bem sucedido na escolha que apresenta no impresso, no momento em que uma estratégia de resumo da informação, ele altera o texto apresentado por Carolina. Tal resumo está marcado

na supressão de “eu estava” e “e senil”, em que ao invés desta, Dantas poderia ter reorganizado a pontuação com, por exemplo, “Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa. Eu estava exausta e senil.”, mantendo seu atendimento à norma.

Em (12) Dantas substitui a vírgula presente no manuscrito pelos dois pontos que aparece no impresso, outra vez reforçando a norma padrão:

(12)



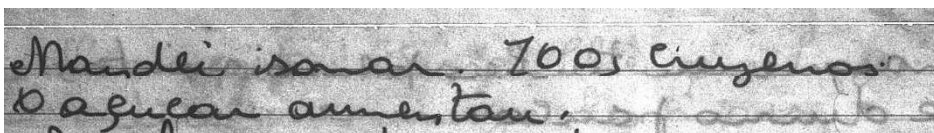
Eu comi pensando naquele proverbio, quem entra na dança deve dançar (MS 565-5, 30/05/1958)

Eu comi pensando naquele provérbio: Quem entra na dança deve dançar. (Jesus, 30 de maio, p. 41)

O projeto editorial de Dantas vai apresentar falhas de revisão e um caso é possível observar em (12), quando, após os dois pontos que ele insere no impresso, não insere também as aspas, tal como ocorreu em (7), o que sinaliza que ele não padroniza suas escolhas como esperado.

Em (13), a vírgula representa a marcação financeira que sempre aparece entre o número e a palavra “cruzeiro”. Porém, em muitos casos, no impresso, o número é substituído por sua forma em extenso, levando ao desaparecimento do sinal para atender à norma.

(13)



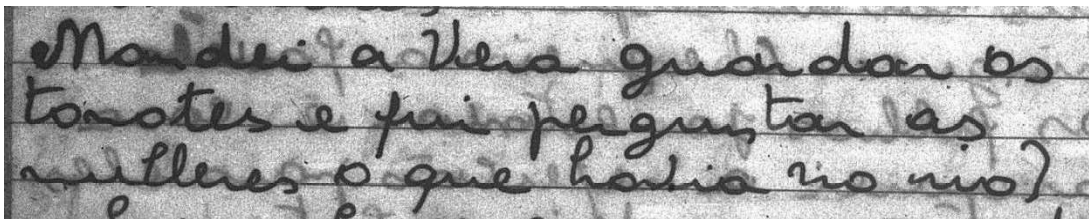
Mandei somar 100, cruzeiros. o açúcar aumentou. (MS 565-3, 8/11/1958.)

Mandei somar. Cem cruzeiros. (Jesus, 8 de novembro, p. 124)

6.1.3 “Nunca é tarde para o estudo”⁸²: ponto de interrogação

Uma questão foi logo percebida no uso realizado pela escritora: em casos de perguntas indiretas, ela insere o sinal de interrogação como se pode ver em (14):

(14)

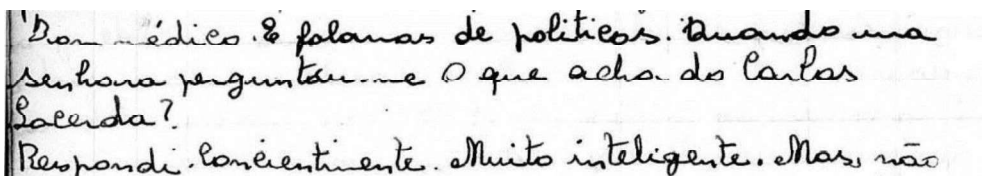


Mandei a Vera guardar os tomates e fui perguntar as mulheres o que havia no rio? (MS 565-3, 20/11/1958)

Mandei a Vera guardar os tomates e fui perguntar às mulheres o que havia no rio. (Jesus, 20 de novembro)

Em (15), apresento um caso de sinal de interrogação que está presente no manuscrito e é substituído pela vírgula no impresso:

(15)



Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me O que acha do Carlos Lacerda?
Respondi. Conscientemente. Muito inteligente. Mas, não

Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora me perguntou o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente: (Jesus, 17 de julho, p. 9)

A mudança na construção feita pela autora e conseqüentemente na forma verbal leva a transformar um discurso direto em indireto livre, em que prevalece a opção do editor. Questiono o motivo para a não manutenção da forma contextual desenhada pela escritora para uma forma que não se sustenta em todas as ocasiões semelhantes presentes no texto. Outro caso em que o sinal de interrogação presente no impresso não aparece no manuscrito pode ser visto em (16) para atender à prescrição gramatical:

⁸² Jesus, 1959.

(16)

que veio fazer na maloca você era para estar residindo numa casa propria. porque a sua vida rodou igual a minha?

o que veio fazer na maloca você era para estar residindo numa casa propria. porque a sua vida rodou igual a minha? (MS 565-5, 19/07/1955)

... que veio fazer aqui na maloca? Você era para estar residindo numa casa própria. (Jesus, 19 de julho, p. 14)

Em (17) o sinal de interrogação presente no manuscrito é substituído pelo ponto. No caso, ao final do texto, o contexto não se trataria de uma pergunta, sinalizada pela interrogação no impresso, o que leva o editor a substituir por uma afirmação no impresso para atender ao sentido do texto:

(17)

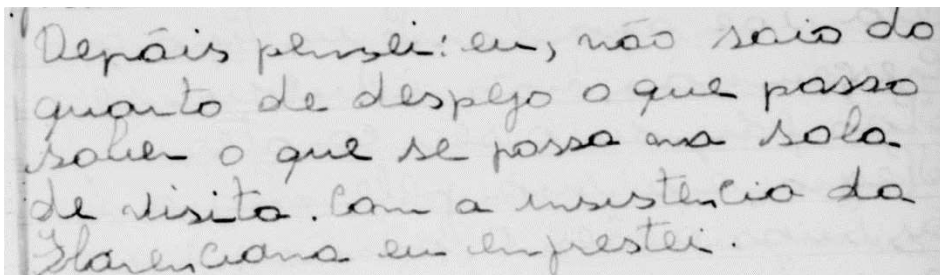
pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros O Kubstcheke. e o dr Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades?

pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros O Kubstcheke. e o dr Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades? (MS 565-5, 10/05/1958)

Pensei: Se ele sabe disto, por que não faz um relatório e envia para os políticos? O sr. Jânio Quadros, o Kubitschek e o dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, eu sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (Jesus, 10 de maio, p. 24)

Em (18), o ponto presente no manuscrito sofre a intervenção no impresso sendo convertido para o ponto de interrogação:

(18)



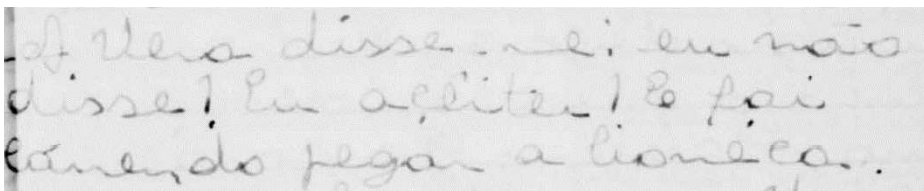
Depois pensei: eu, não saio do quarto de despejo o que posso saber o que se passa na sala de visita. com a insistência da Florenciana eu emprestei. (MS 565-5, 4/7/1958)

Depois pensei: Eu não saio do quarto de despejo, o que posso saber o que se passa na sala de visita? Com a insistência da Florenciana, eu emprestei. (Jesus, 4 de julho, p. 71)

Ainda que o sinal não tenha sido colocado pela autora, esta marca em sua expressão escrita a ideia de questionamento a partir do uso do pronome interrogativo “o que”. Audálio Dantas o faz para atendimento a norma.

Em (19) o sinal de interrogação utilizado pela escritora é substituído pela exclamação no impresso e mais uma vez a ideia expressa sofre alteração conotativa:

(19)



eu não disse? Eu acertei! (MS 565-6, 26/12/1958)

— Eu não disse! Eu acertei! (Jesus, 26 de dezembro, p. 135)

6.1.4 “Nunca é tarde para o estudo”⁸³: ponto de exclamação

Em (20), resalto algumas ocorrências com o sinal de exclamação. Primeiramente, o sinal de exclamação é substituído pelo sinal de dois pontos, após o “digo”. Outra substituição é a exclamação pelo ponto de seguimento, após o verbo “compreender” e, por fim, após a forma

⁸³ Jesus, 1959.

conjugada “fazem”, ao final do trecho, em que o sinal em voga é substituído pelo ponto. Em todos os casos, prevalece o interesse pela manutenção da norma gramatical tradicional

(20)

Eu digo!

Os meus filhos estão defendendo-me. mas, vocês são incultas não pode compreender! Eu disse: vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem! (MS 565-5, 19/07/1955)

Eu digo:

— Os meus filhos estão me defendendo. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. (Jesus, 19 de julho, p. 14)

A vontade exclusiva de Dantas em atendimento a uma norma padrão o faz apagar uma intenção da autora que é a de expressar o contexto em específico, no qual ela representa, por meio da escrita, naquele momento, sua expressão de grito, euforia para com seus vizinhos. A mudança na pontuação pelo editor leva a recepção a não acessar essa intencionalidade.

Em (21), ao passo que a exclamação é retirada, após o vocábulo “suplicio”, é relacionada diretamente ao período seguinte no manuscrito; não há nenhuma inscrição, após a palavra “atualmente”, local mesmo em que é inserido um ponto de exclamação no impresso:

(21)

Estendi as roupas rapidamente e fui no Klabim catar papel. Depois fui buscar o caminhão. Que suplicio! catar papel atualmente (MS 565-5, 20 de julho)

Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! (Jesus, 20 de julho, p. 16)

Novamente, a carga emotiva, por meio do sinal, é silenciada no ato editorial. O mesmo vai acontecer em (22), com a exclamação da fala de Vera Eunice, filha de Carolina de Jesus, presente no manuscrito que é substituída pelo ponto no impresso.

(22)

olha mamãe! que mulher bonita! (MS 565-5, 19/05/1958)

— Olha mamãe. Que mulher bonita! (Jesus, 19 de maio, p. 30)

Não muito diferente dos dois casos anteriores, com a diferença de que, em (23), o ponto de exclamação presente no manuscrito é substituído pela vírgula no impresso:

(23)

Carolina! já que você gosta de escrever instiga o povo para adotar outro regime. Ou depois o Kubistchek. (MS 565-5, 16/08/1958)

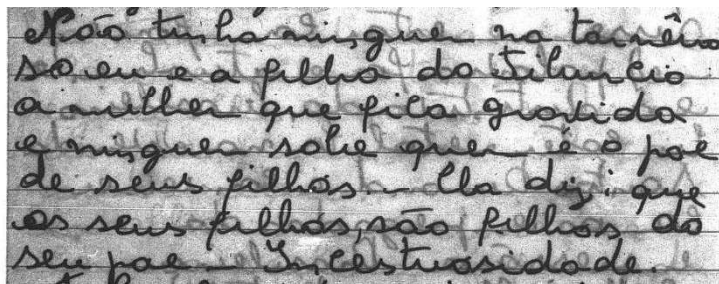
— Carolina, já que você gosta de escrever, instiga o povo para adotar outro regime. (Jesus, 16 de agosto, p. 102)

Qualquer possibilidade de reproduzir o momento, seja um grito, uma conversa, é reformulado pela norma padrão imposta por Audálio para um mero vocativo.

6.1.5 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁴: dois pontos

Observei casos em que o discurso indireto livre recebe os dois pontos em (24):

(24)



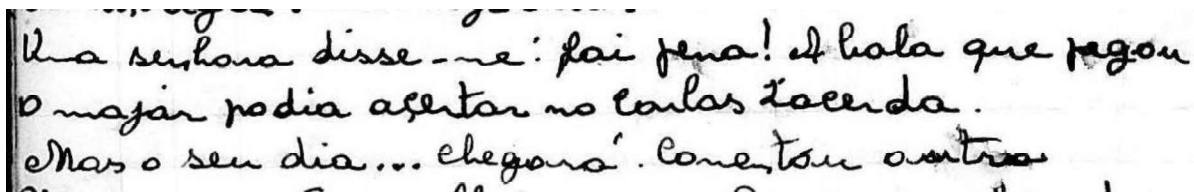
Não tinha ninguém na tornêira so eu e a filha do Tiburcio a mulher que fica gravida e ninguém sabe quem é o pae de seus filhos. — Ela diz: que os seus filhos, são filhos do seu pae (MS 565-3, 28/11/1958)

Não tinha ninguém. Só eu e a filha do T., a mulher que fica grávida e ninguém sabe quem é o pai de seus filhos. Ela diz que os seus filhos são filhos de seu pai. (Jesus, 28 de novembro, p. 130)

Uma interpretação de não converter em discurso direto se deve ao fato da existência da conjunção integrante. Nesse caso, o editor apenas apaga os dois pontos no impresso. É possível interpretar ainda a intenção da autora em demonstrar o conhecimento do uso do sinal de pontuação para marcar sua função de explicar o que seria a fala de alguém.

Em (25), o sinal de dois pontos que aparece no manuscrito é retirado no impresso:

(25)



Uma senhora disse-me: foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda. Mas o seu dia... chegará. Comentou outra (MS 565-5, 17/07/1955)

Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda. — Mas o seu dia... chegará — comentou outra. (Jesus, 17 de julho)

⁸⁴ Jesus, 1959.

Este é um caso que deixa evidente que o trabalho de Dantas não segue um padrão. Ele se atém apenas a transformar o discurso direto no indireto com a inserção da conjunção integrante “que”. Se recuperarmos as práticas editoriais anteriores, aqui Dantas tem um caso de reprodução de uma fala em “foi pena” e que ele não insere o travessão ou as aspas, como fez em outras ocasiões. Logo na sequência, ele resolve inserir o travessão para marcar a fala de uma outra pessoa e a inserção da narradora no diálogo.

Já em (26), ocorre a inserção dos dois pontos, que não existia no manuscrito, para atender a norma:

(26)

de d'êtar. Mas, prossegui. Encontrei varias pessôas amigas e parava para falar-mos. Quando eu subia Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me

Encontrei varias pessôas amigas e parava para falar-mos. Quando eu subia Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me (MS 565-5, 17 de julho)

Quando eu subia a Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma me perguntou. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Em (27) o sinal de dois pontos é substituído por uma vírgula:

(27)

preparei a refeição matinal. Cada filho, prefere uma coisa, A Vera: mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O

preparei a refeição matinal. cada filho, prefere uma coisa, A Vera: mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. (MS 565-5, 20 de julho)

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. [...] (Jesus, 20 de julho, p. 15)

Pergunto-me por que a sofisticação do uso dos dois pontos no exemplo do manuscrito teve de ser substituída pela breve pausa ocasionada pela vírgula. Mero atendimento à norma em mais um caso? Ou se tratar de não expor um exemplo de conhecimento linguístico da funcionalidade do elemento pela autora? Não vejo em que medida essa alteração compromete

o entendimento do texto, já que não sofre alteração sintática, ou algum efeito discurso. Incorporo esse caso aos que virão sobre as decisões tomadas pelo editor.

6.1.6 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁵: travessão

Assim como acontece com o ponto e a vírgula, outros sinais se apresentam no projeto editorial principalmente como estratégia de atendimento à norma. O travessão é um exemplo. Ele, inserido no impresso em duas ocasiões na mesma sentença, não está presente no manuscrito, como é possível ver em (28):

(28)

Não senhora. Respon-di gentilmente. — O lbe chiquei anteriormente. Se estão grávida não é de sua conta

Não senhora. Respon-di gentilmente. (MS 565-5, 17/07/1955)

— Não senhora — respon-di gentilmente. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Identifiquei que o travessão utilizado por Carolina de Jesus, em seus diários, além de marcar o diálogo, a fala de alguém, reproduzida por ela, marca também seu discurso interno, a sua própria voz, saltando do seu pensamento. Em todos esses casos de diálogo interno, o sinal gráfico desaparece no impresso, ficando apenas quando diz respeito à reprodução da fala de uma terceira pessoa ou da própria Carolina em diálogo com outrem, conforme mostro nos exemplo em (29) e (30):

(29)

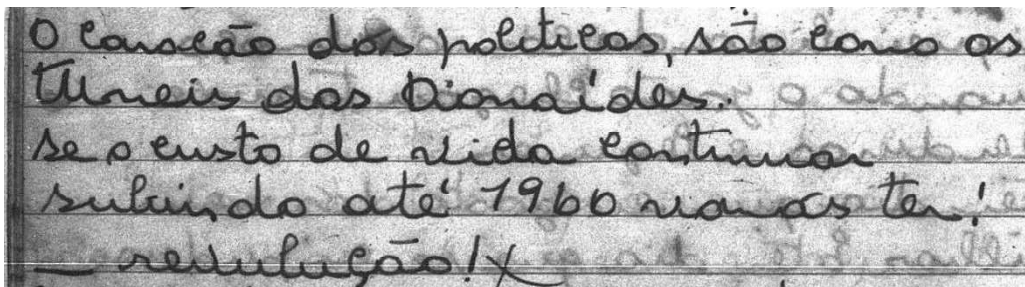
— Mas, não vou beber. Não quero viciar Tenho responsabilidade. — Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cervêja faz falta para o exencial. O que eu reprato. aqui nos.

— Mas, não vou beber. Não quero viciar Tenho responsabilidade. — Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cervêja faz falta para o exencial. (MS 565-5, 19/07/1955)

⁸⁵ Jesus, 1959.

Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. (Jesus, 19 de julho, p. 14-15)

(30)



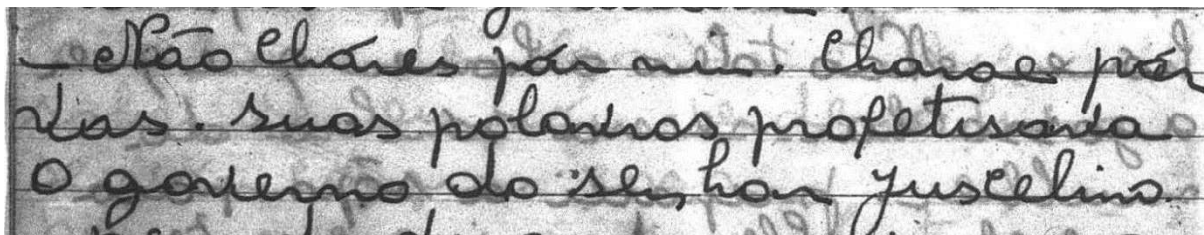
O coração dos políticos, são como os tuneis das Danaídes. se o custo de vida continuar subindo até 1960 vamos ter: — revolução! (MS 565-3, 01/11/1958)

— *Se o custo de vida continuar subindo até 1960 vamos ter revolução!* (Jesus, 1 de novembro, p. 119)

Uma inferência possível nos exemplos acima diz respeito à reprodução de Carolina de Jesus como uma fala de alguém, ou uma marca de seu próprio pensamento. Dantas modifica imediatamente a pontuação dessas ocasiões para uma escolha que lhe seja mais conveniente. Em (29), percebo a possibilidade de, ao ler o impresso, perceber que é sua voz interior que salta aos subentendimentos de sua informação. Em (30), essa mesma voz coletiva, de alguém que grita “revolução” ecoando no pensamento é registrada na escrita para marcar o contexto.

Em (31) o travessão nos manuscritos é substituído pelas aspas. Trago novamente esse exemplo, desta vez para discutir o projeto do editor. Dantas retira o travessão já existente no texto de Carolina de Jesus, inserindo as aspas e colocando o travessão onde antes não tinha, para separar a fala de um indivíduo apresentado por Carolina de Jesus da sua narrativa:

(31)

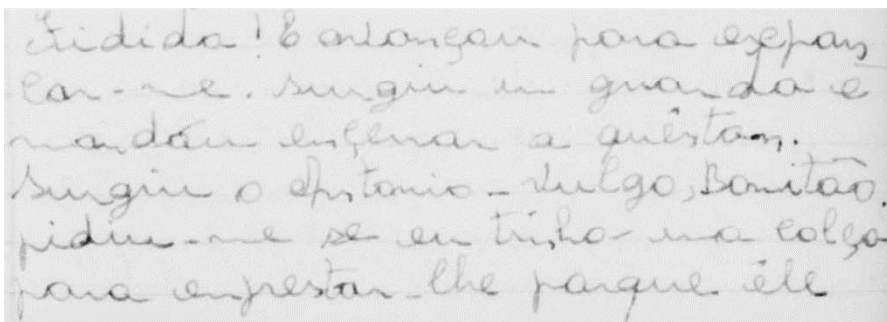


— Não chóres pór mim. Choraie por vós. Suas palavras profetizava o governo do senhor Juscelino (MS 565-3, 05/11/1958)

“Não chores por mim. Choraí por vós” — suas palavras profetizava o governo do sr. Juscelino. (Jesus, 5 de novembro, p. 123)

Em (32), o travessão é substituído pela vírgula em contexto que novamente expressa uma informação subliminar. Antônio, conhecido da favela, é o nome da pessoa conhecida como “Bonitão”, daí o “vulgo Bonitão”, um aposto. Possivelmente, o nome de registro do indivíduo não deveria ser de conhecimento geral, mas Carolina que muito se interessava por essas informações oficiais e traz isso para seu texto, mas representa a informação do apelido novamente apresentada como uma fala de outrem reverberada no seu discurso:

(32)



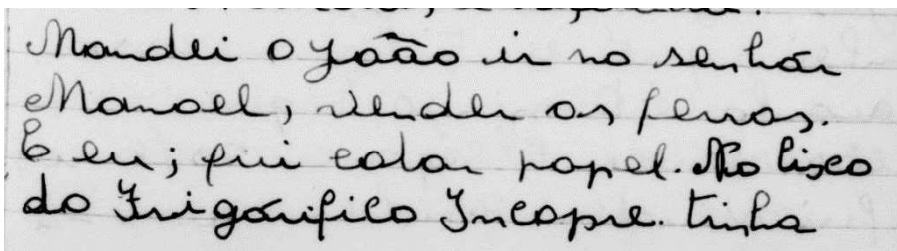
Fidida! E avançou para expandar-me. surgiu um guarda e mandou ençerrar a quêstan. surgiu o Antonio — vulgo, Bonitão. pediu-me se eu tinha uma calça para emprestar-lhe porque êle havia molhado quando saiu correndo atrás do baiano. (MS 565-6, 16/02/1959)

... Surgiu o Antônio, vulgo Bonitão. Pediu se eu tinha uma calça para lhe emprestar, porque ele havia molhado quando saiu correndo atrás do baiano. (Jesus, 16 de fevereiro, p. 149)

6.1.7 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁶: ponto e vírgula

O sinal de ponto e vírgula é menos frequente que a vírgula e o ponto nos manuscritos. Apenas três casos em contexto de cotejo de um total de 17 ocorrências em todo o documento manuscrito. Em (33), o ponto e vírgula que aparece no manuscrito é retirado no impresso:

(33)



Mandei o João ir no senhor Manoel, vender os ferros. E eu; fui calar papel. (MS 565-5, 26/07/1958

... Mandei o João ir no sr. Manuel vender os ferros. E eu fui catar papel. (Jesus, 19 de julho, p. 91)

O contexto contempla o uso do sinal para separar estruturas coordenadas muito extensas cuja função é uma pausa mais longa e é assim aplicado para realizar a separação. Audálio não vê tal necessidade e retira o sinal.

Os outros 14 casos aparecem em contextos que foram suprimidos por Dantas. Não foram aqui apresentados por não haver um equivalente no impresso.

6.1.8 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁷: reticências

Antes mesmo de falar das reticências no manuscrito, é importante dizer que Dantas, na edição de *Quarto de Despejo*, faz uso do sinal para marcar as etapas em que suprimiu o texto da autora. No entanto, a descrição do processo editorial não condiz com o registrado no cotejo e mostrado especialmente nas seções de supressão e acréscimo. A começar pela sinalização em que nos momentos que o editor aponta supressão não ocorre ou quando ocorre nem sempre ele sinaliza:

⁸⁶ Jesus, 1959.

⁸⁷ Jesus, 1959.

(34)

estava em casa lendo. O José Carlos faz dias que não para em casa. Quando chega para dormir e dez e meia da noite hoje de manhã, ele apanhou. Avisei-lhe que se chegar as 10 da noite não abro a porta

Comprei um pão, as duas horas - É cinco horas, fui partir um pedaço já está duro

Estou com dôr de dente. Mas eu ja estou habituada com dôr fisica e moral. O João estava em casa lendo. O José Carlos faz dias que não para em casa. Quando chega para dormir e dez e meia da nôite Hoje de manhã, êle apanhou. Avisei-lhe que se chegar as 10 da nôite não abro a porta comprei um pão, as duas horas
 — É cinco horas, fui partir um pedaço ja esta duro (MS 565-5, 6/6/1958)

... O José Carlos faz dias que não pára em casa. Quando chega para dormir é dez e meia da noite. Hoje de manhã ele apanhou. Lhe avisei que se chegar às dez da noite não abro a porta. (...) Comprei um pão às duas horas. É cinco horas, fui partir um pedaço já está duro. (Jesus, 6 de junho, p. 48)

No cotejo dos trechos acima, apenas o trecho em cinza confirma a supressão sinalizada por Dantas. A outra supressão não ocorre e ele indica através do (...) que houve algo ali apagado o que não ocorreu. O mesmo é possível ver na sequência em outro trecho.

O exemplo abaixo é emblemático, pois nenhuma sinalização da intervenção editorial condiz com a realidade. Primeiramente, onde o editor sinaliza que fez uma supressão, por meio da marcação "...", após a palavra "triple", esta não ocorre. Na sequência, em todos os contextos marcados em cinza que indicam a supressão no cotejo, o editor não os menciona no impresso para o leitor:

(35)

O Antonio de Andrade tem 65
 anos. Mas quando viu a
 peixeira reluzir saltou igual
 ao Valdemar Ferreira no
 salto triple. Sai e fui catar
 papel. ganhei 60. comprei arroz
 açúcar e sabão. Choveu e eu
 molhei parei para conversar
 com a Dona Anita Ela esta
 preocupada com a noticia de
 guerra. Que a guerra é ingrata
 para os jovens brasileiros
 que lutam e não são considerado
 heróis Que é pungente a
 condição dos pracinhas. Que heróis
 são os jogadores de fot-bol.
 Ai vai os meus parabens aos
 pracinhas por ser venerado
 pelas mulheres. É que os pracinhas
 são nossos filhos. Eu aqui

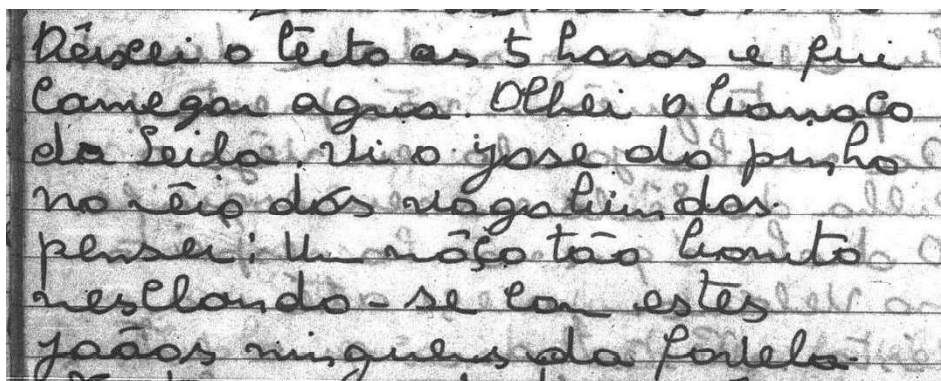
Mas quando viu a peixeira reluzir saltou igual ao Valdemar Ferreira no salto triple. Sai e fui catar papel. ganhei 60. comprei arroz açúcar e sabão. Choveu e eu molhei parei para conversar com a Dona Anita Ela esta preocupada com a noticia de guerra. Que a guerra é ingrata para os jovens brasileiros que lutam e não são considerado heroes Que é pungente a condição dos pracinhas. Que herói são os jogadores de fot-bol. Ai vai os meus parabens aos pracinhas por ser venerado pelas mulheres. E que os pracinhas são nossos filhos. (MS 565-5, 17/7/1958)

Mas quando viu a peixeira reluzir saltou igual ao Ademar Ferreira no salto triple. ... Saí e fui catar papel. Ganhei sessenta cruzeiros. Parei para conversar com a dona Anita. Ela está preocupada com as notícia de guerra. Que a guerra é ingrata para os jovens. Que é pungente a condição dos pracinhas. Que herói são os jogadores de futebol. Os pracinhas são venerados pelas mulheres. É que os pracinhas são nossos filhos. (Jesus, 17 de julho, p. 84)

Ressalto que, em todos os casos suprimidos, há uma menção reflexiva da autora desconsiderada pelo editor sem uma explicação a respeito. Ainda no trecho que segue, poderia confundir as reticências com uma quebra de pensamento, porém, o contexto não nos permite

interpretar dessa maneira. Para completar, lembro que Dantas informou acima não ter realizado ou tido a intenção de realizar nenhuma alteração contextual, apenas tornar a leitura acessível. No entanto, o uso da reticência, ao final do trecho que vou apresentar, vai marcar uma quebra de pensamento e não a supressão realizada:

(36)

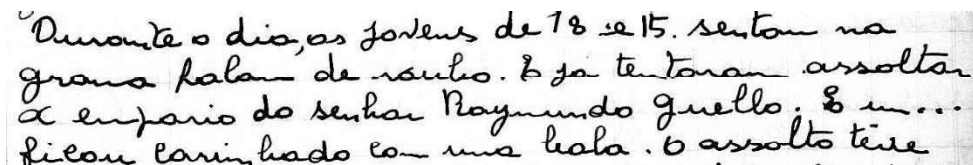


Dêixei o leito as 5 horas e fui carregar água. Olhei o barraco da Leila. Vi o Jose do pinho no meio dos vagabundos. pensei: Um môço tão bonito mesclando-se com estes joãos ninguens da favela. (MS 565-3, 22/11/1958)

Deixei o leito às cinco horas e fui carregar água. Olhei o barraco da Leila. Vi o José do Pinho no meio das vagabundas. Pensei: Um moço tão bonito... (Jesus, 23 de novembro, p. 128)

Após essas sinalizações, passo para as ocorrências das reticências no cotejo. Em (37), as reticências (...) presentes no manuscrito são retiradas do impresso:

(37)



Durante o dia, os jovens de 18 e 15. sentam na grama falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um... ficou carimbado com uma bala. (MS 565-5, 20/07/1955)

...Durante o dia, os jovens de quinze e dezoito anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do sr. Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. (Jesus, 20 de julho, p. 16)

Em (38) e (39), as reticências são substituídas pelos dois pontos:

(38)

Carne. máida. A Dona geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar o pastéis. comprei o pastéis ela comia e cantava. E eu pensa va... O meu delírio, é sempre a canida! fonei o leorde. A Vera

A Dona geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar o pastéis. comprei o pastéis ela comia e cantava — E eu pensa va... (MS 565-5, 03/06/1958)

A dona Geralda me deu quatro cruzeiros para eu comprar os pastéis, ela comia e cantava. E eu pensava: (Jesus, 3 de junho, p. 45)

(39)

Lupos e escafandros. Quando o povo que estava no campo do Serra me viram na Radio patrulha gritaram... crise na fazenda!

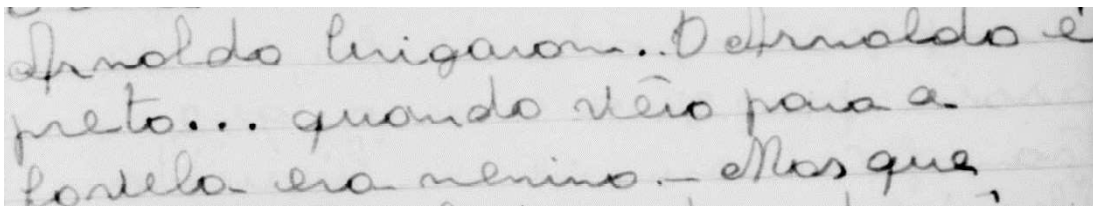
Quando o povo que estava no campo do Serra me viram na Radio patrulha gritaram... (MS 565-5, 20/07/1958)

Quando o povo da alvenaria me viram na radiopatrulha gritaram: (Jesus, 20 de julho, p. 87)

Nesse contexto, ao que parece, a autora quis expressar uma quebra de pensamento e que o editor substitui pelos dois pontos como uma narrativa direta.

Em (40) as reticências são substituídas pelo ponto:

(40)

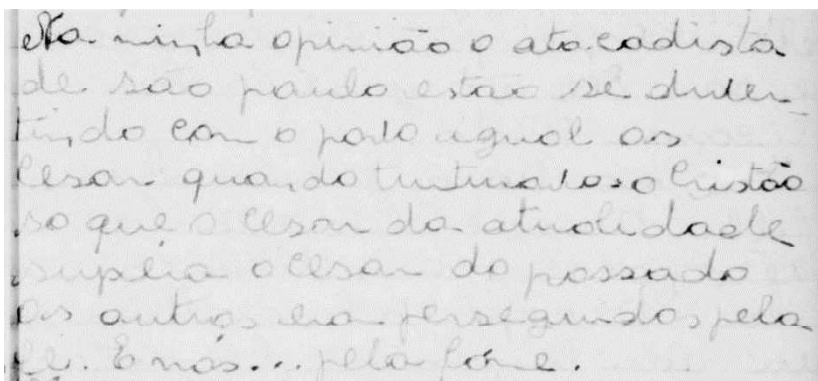


O Arnaldo é preto... quando veio para a favela era menino. (MS 565-5, 03/06/1958)

O Arnaldo é preto. Quando veio para a favela era menino. (Jesus, 3 de junho, p. 46)

Em (41), as reticências presentes no manuscrito são substituídas pela vírgula. Novamente o que poderia ser uma divagação, uma extensão do pensamento, é substituído pelo editor por uma pausa breve:

(41)



Na minha opinião o atacadista de são paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando turturava o Cristão so que o cesar da atualidade supéra o cesar do passado os outros eram perseguidos pela fé. E nós... pela fome. (MS 565-6, 25/12/1958)

... Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os César quando torturava os cristãos. Só que o César da atualidade supera o César do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome! (Jesus, 25 de dezembro)

Por fim, gostaria de lembrar que as reticências também serviram ao editor e jornalista Audálio Dantas como estratégia para outras ocasiões. Uma delas era suprimir nomes de personagens presentes no diário de Carolina Maria de Jesus. Estou falando de pessoais reais que, ao entender dele, à época, poderiam ser, por conta dos fatos e das informações, comprometidas moral ou judicialmente por algum ato ilegal ou interpretado fora da moral. A outra era para não explicitar palavras de baixo calão. Nesse caso, o editor, muitas vezes escrevia

a primeira letra da palavra e a completava com as reticências para que o leitor tivesse noção do contexto. Já Carolina Maria de Jesus descrevia a palavra na íntegra, com o fim não apenas de registrar o discurso em sua totalidade como também, por vezes, para comentar que a fala imprópria era um costume das pessoas da favela, local do qual ela não se sentia parte.

6.1.9 “Nunca é tarde para o estudo”⁸⁸: aspas

Outro sinal não muito produtivo nos manuscritos é as aspas. Trata-se visivelmente do conhecimento de seu uso pela autora. Todavia, arrisco-me a dizer que, justamente, pelos casos em que ela usa e devidamente tal sinal, quando não o faz possivelmente se deva à pressa da escrita ocasionada pelo registro do diário. Muitos dos casos novamente vão ocorrer em situações suprimidas pelo editor. Outros em que o cotejo é possível listarei aqui. Compartilho na sequência alguns casos interessantes.

A pressa a que me refiro no ato da escrita, levando em consideração as palavras do próprio Dantas, em diversas de suas entrevistas, se devia a Carolina de Jesus escrever de maneira compulsiva. Não havia nenhuma dúvida que o ato de escrever era algo vital para a autora. Talvez esteja aí o fato de o sinal de aspas aparecer iniciando uma expressão sem o seu devido encerramento normativo, como em (42), antes do vocábulo “calma”:

(42)

Resultado. Calma. E alias, eu mesmo reconheço que sou calma. suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar dinheiro para viver, resolvi armazenar paciência.

Resultado. “Calma. E alias, eu mesmo reconheço que sou calma. suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar dinheiro para viver, resolvi armazenar paciência. (MS 565-5, 19/7/1955)

Suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

Carolina de Jesus traz, em seu diário, a transcrição de uma reportagem da qual ela teve participação direta no texto e de que falarei mais adiante por outras particularidades. Dantas

⁸⁸ Jesus, 1959.

suprime toda a reportagem que é transcrita pela autora no diário de 1955. Em alguns trechos dessa reportagem, acontece o uso das aspas e este respeita o uso normativo, reforçando o que já disse anteriormente sobre seu conhecimento linguístico.

(43)

Quando fico nervosa não gosto de discutir prefiro escrever. peguei a penas e escrevi um artigo. e levei na Hora. — Dia 27 de outubro de 1950 a Hora publicou. E poucos minutos o jornal esgotou. "O título era, Mariano é o "Tubarão da favela do Canindé!" (MS 565-5, 20/7/1955)

Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (Jesus, 20 de julho, p. 16)

Antes do artigo “O” ocorre a abertura das aspas sem seu fechamento. Porém, ao citar o título da notícia no jornal, ela faz o emprego do sinal atendendo à norma gramatical.

Outra ocorrência reforça o uso do sinal conforme sua funcionalidade gramatical em (44). Para tanto, o editor, neste caso, mantém o emprego do sinal no impresso:

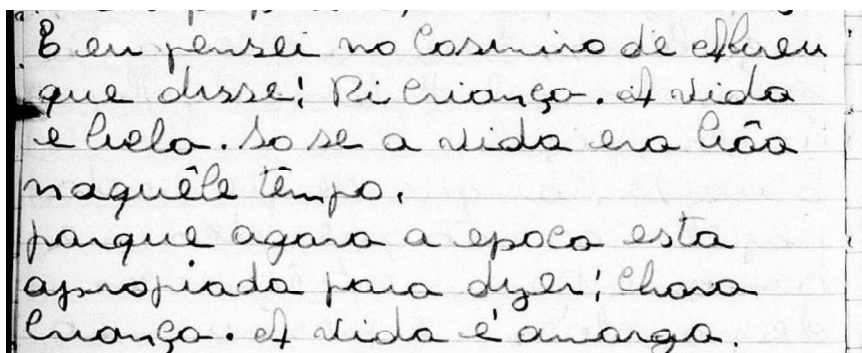
(44)

Esta palavra "tem mais" fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe. Que olha as panelas e não tem mais, choram. (MS 565-5, 20/5/1958)

Esta palavra "tem mais" fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais. (Jesus, 20 de maio, p. 32)

Em (45), a autora não coloca as aspas no trecho do manuscrito, o que o editor acaba por fazer no impresso:

(45)



E eu pensei no Casimiro de Abreu que disse: Ri criança. A vida e bela. So se a vida era boa naquêlê tempo. porque agora a epoca esta apropiada para dizer: chora criança. A vida e amarga.

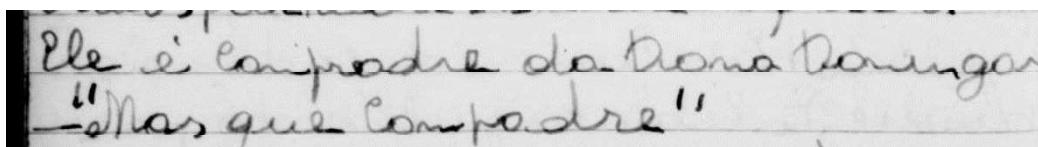
E eu pensei no Casimiro de Abreu que disse: Ri criança. A vida e bela. So se a vida era boa naquêlê tempo. porque agora a epoca esta apropiada para dizer: chora criança. A vida é amarga. (MS 565-5, 19/05/1958)

E eu pensei no Casimiro de Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga". (Jesus, 19 de maio, p. 30)

O atendimento à norma dá ao texto impresso a ideia da fala respectivamente do autor Casimiro de Abreu e da personificação da época. É possível que a autora não se preocupe com o seu emprego no manuscrito, por conta do envolvimento emocional com o texto, levando o leitor, pelo contexto, a já assimilar a funcionalidade do sinal.

Em (46) as aspas colocadas pela autora são retiradas pelo editor. Neste caso, não se justifica a supressão do sinal pelo editor que transforma o contexto numa exclamação representada pelo posicionamento pessoal de julgamento por parte da autora no contexto. Há, sim, de alguma maneira, ainda que tênue, a modificação do sentido.

(46)



Ele é compadre da Dona Domingas
- "Mas que compadre!"

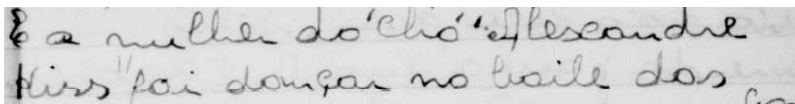
Ele é compadre da Dona Domingas "Mas que compadre" (MS 565-5, 03/06/1958)

Ele é compadre da dona Domingas. Mas que compadre! (Jesus, 3 de junho, p. 46)

Em (47), tem um trecho complexo de análise, porque a palavra "Chó", palavra que se refere a um indivíduo morador da favela, é escrita por Carolina, ao que parece, entre aspas. No

entanto, ela usa aspas simples para abrir o vocábulo Chó, mas entre as palavras “Kiss” e “foi” reaparece uma aspa dupla. Permita-me trazer um recorte do fac-símile:

(47)



E a mulher do chó “Alexandre Kiss” foi dançar no baile dos Nortistas (MS 565-5, 29/06/1958)

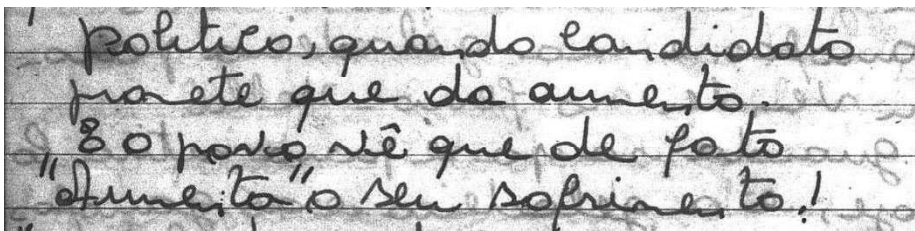
E a mulher do Chó foi dançar no baile dos nortistas. (Jesus, 29 de junho, p. 68)

Essa situação nos leva a duas possibilidades: O nome “chó” ter sido aberto com a aspa simples e não ter sido encerrada com o mesmo sinal, mas com a aspa dupla. E também a aspa dupla ser aberta na palavra “Alexandre” e encerrada na palavra “Kiss”, apesar de esta estar mais próxima da forma conjugada verbal “foi”, conforme apresento em (47). Esta inclusive nossa escolha na transcrição.

Reitero a minha escolha pela última opção apresentada em (47), amparada na escolha de Dantas em suprimir o nome do “Chó”, uma forma apositiva, marcada como elemento acessório na norma padrão. Assim ele apaga o nome próprio do indivíduo; por outro lado, demonstra também o reconhecimento dela no emprego do sinal nas formas imprópria do nome Chó e própria.

Em (48), a autora inclui no diário uma quadrinha de um conhecido, porém não traz as aspas no trecho em destaque do poema, as quais são inseridas no impresso:

(48)



politico, quando candidato/ promete que da aumento./ E o povo vê que de fato/ “Aumenta” o seu sofrimento! (MS 565-3, 8/11/1958)

“Político quando candidato/ Promete que dá aumento/ E o povo vê que de fato/Aumenta o seu sofrimento!” (Jesus, 8 de novembro, p. 124)

Em outra situação, no mesmo trecho acima, também aparecem no manuscrito as aspas na palavra “aumenta”, e não no impresso. Uma interpretação pode se dar no jogo de palavras presente no trecho entre os vocábulos “aumento” e “aumenta”. Entretanto, se essa era uma possibilidade, foi eliminada com a intervenção do editor.

Até aqui verifico que a justificativa de Audálio Dantas sobre mexer na pontuação apenas se tratar de uma tentativa de melhorar a leitura da recepção é frágil, já que as escolhas feitas contribuem para que a interpretação sobre o conjunto textual da escritora seja modificada em relação a sua proposta no ato da escrita dos diários. Apenas por essa variável, a recepção pode receber um texto com informações destoantes da proposição da autora.

Sigo para o conjunto da variável “acréscimos”.

6.2 “E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: ACRÉSCIMOS (A)

Apresento como acréscimo os itens lexicais incorporados ao texto publicado pelo editor e que não estavam presentes no manuscrito.

A atitude de fazer algum acréscimo por parte do editor do livro por vezes tem o objetivo único e direto de tornar o texto mais direto ou por via de cumprir algum alcance a sua recepção. Diferente das supressões em que Audálio Dantas, em algumas ocasiões, sinaliza sua intervenção, no caso dos acréscimos, ele já não o faz, assim como com as demais variáveis que eu apresento na sequência.

Novamente, o levantamento apresentado é um panorama observado no extenso material, mas quem acessa este estudo não vai encontrar números detalhados de cada elemento observado. Diante do que observei nesta variável, as informações aqui contidas contribuem significativamente para estudos futuros explorando diferentes níveis linguísticos, em especial, a morfossintaxe.

O escopo observacional dos elementos acrescidos pelo editor é de grupo morfológico (classe de palavras) e sintático (sintagmas, períodos etc.) e em alguns casos, trechos bastante longos. Lembro obviamente que só foi possível tal análise no espaço de cotejo entre os suportes; sendo o impresso, o suporte em que a mão do editor é marcadamente presente.

6.2.1 “Não aceitaram-me por causa da minha linguagem poetica”⁸⁹: itens lexicais

A prática dos acréscimos pode ser entendida como uma marca de variação entre as gramáticas de Carolina e Audálio. Em certa medida, um contraponto entre o dialeto mineiro e o paulista. Digo isso com base nas palavras de CALLOU; SILVA (1997, p. 28) de que “[...] em alguns contextos, o uso do artigo, *per se*, é suficiente para determinar a região de origem do falante”. Em outras palavras, reforça-se aqui a intenção de Audálio em aproximar o texto da prescrição da norma padrão. Assim, as passagens que seguem mostram um editor preocupado em reduzir as marcas orais do texto escrito da editora, ao passo que atende ao seu projeto editorial fazendo intervenções que melhor convenham à sua proposta de leitura:

⁸⁹ Jesus, 1958.

- (1) *É que nós favelados não temos fiscal. Fui torçêr minhas roupas a D. Aparecida perguntou-me: (MS 565-5, 17/7/1955)⁹⁰
Fui torcer as minhas roupas. A dona Aparecida me perguntou: (Jesus, 17 de julho, p. 9)*
- (2) *Se eu guardasse todo dinheiro que ja gastei telefonando para a radio Patrulha eu podia comprar um quilo de carne — (MS 565-5, 15/8/1958)
Se eu guardasse todo o dinheiro que já gastei telefonando para a radiopatrulha, eu podia comprar um quilo de carne! (Jesus, 15 de Agosto, p. 101)*

Nessa linha, de atendimento gramatical normativo, observo ainda o preenchimento da posição de sujeito marcado pelo editor, até mesmo porque em qualquer contexto de ambiguidade, esta é resolvida com a especificação do sujeito, como em (3) e (4):

- (3) *Eles pelaram-o e quando abriram o porco fiquei contente. pensando. — que é bom não ler preguiça. (MS 565-6, 5/5/1959)
Eles pelaram e quando abriram o porco eu fiquei contente. (Jesus, 5 de maio, p. 151)*
- (4) *O pae da Vera sempre pede-me para não por o nome d ele no jornal. Que ele tem varios empregados e não quer ver o seu nome. propalado. (MAB, 12/8/1959)
O pai da Vera sempre me pede para eu não pôr o nome dele no jornal. Que ele tem vários empregados e não quer ver o nome propalado. (Jesus, 12 de Agosto, p. 176)*

No que respeita os pronomes, se, por um lado, encontrei ocorrências de átonos que são apagados, como é possível observar em (3), Dantas faz a correção do dialeto (mineiro) de Carolina, provocando a sua inserção em contextos com reflexivos como (5) e (6):

- (5) *O Adalberto levantou para socorrer a Lêila. (MS 565-6, 5/5/1959)
O Adalberto se levantou para socorrer a Leila. (Jesus, 5 de junho, p. 158)*
- (6) *A Vera esta tussindo. Levanto para dar-lhe um melhoral. (13/07/1958)
A Vera está tussindo. Me levanto para lhe dar um comprimido. (Jesus, 13 de julho, p. 83)*

Carolina de Jesus, em sua escrita, reflexo possível da oralidade, apaga o pronome possessivo. Vejo com nitidez quando ela se refere aos filhos. Em alguns contextos, a maneira de se reportar às crianças traz um caráter mais generalizado do que específico. Daí a

⁹⁰ Nesta seção, não foram apresentadas imagens dos fac-símiles.

possibilidade de perceber o interesse de Audálio em preencher o determinante possessivo para especificar, como em (7) e (8):

(7) *Despedi da mulher que já estava mais animada. parei para conçertar o sacco que deslisava na cabeça. (27/11/1958)*

... Eu me despedi da mulher, que já estava mais animada. Parei para consertar o sacco que deslizava da minha cabeça. (Jesus, 27 de Novembro, p. 130)

(8) *Comecei queixar para a Dona Maria dos coêlhos que o que eu ganho não dá para tratar os filhos como se devem. (Caderno 11, 11/12/1958)*

... Comecei queixar para a dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. (Jesus, 11/12/1958, p. 132)

Por outro lado, como em (9), o projeto de Audálio mais uma vez se mostra incompleto, pois nesse caso, o contexto que demandaria a especificidade a partir do possessivo não é preenchido pelo editor:

(9) *Quando retornei do rio o feijão já estava cosido. Os filhos pediram pão. (MS 565-5, 17/07/1955)*

Quando retornei do rio o feijão estava cozido. Os filhos pediram pão. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

De novo, com o interesse de especificar o teor informacional, dessa vez em (10), Dantas traz um acréscimo do numeral. Possivelmente, o uso de “dois”, e não “três” se deveu ao fato de ela se referir apenas aos filhos maiores, não incluindo a Vera Eunice.

(10) *cheguei em casa, fiz o almoço para os meninos. Arroz fêijão, e carne. E vou sair para catar papel no Klabim. (MS 565-5, 16/07/1955)*

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Ao longo dos acréscimos, observo que Dantas quer muito mais atender à norma que aproxima o público leitor do livro do que manter os traços de oralidade carregados por Carolina. Assim sendo, ao passo que Carolina elide termos como conectores, conjunção e preposição, ele faz a correção desses contextos apresentando uma coesão textual que mais se adequa a seu projeto de interesse.

- (11) *Fui no rio lavar as roupas encontrei D. Mariana. (MS 565-5, 20/07/1955)*
Fui no rio lavar as roupas e encontrei dona Mariana. (Jesus, 20 de julho, p. 16)
- (12) *Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado quer que eu faça uns discursos para êle (MS 565-5, 19/05/1958)*
... Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. (Jesus, 19 de Maio, p. 29-30)
- (13) *comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos ferver. E com o caldo fiz as batatas (MS 565-5, 11/05/1958)*
Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. (Jesus, 11 de maio, p. 25)

Em (14), a justificativa para o acréscimo é ratificada ao, por exemplo, observar que a expressão apresentada por Carolina para “Campo São Paulo” pode sugerir este como sendo o nome do campo e inserção da contração prepositiva permite explicitar o valor de posse transmitido pelo conector.

- (14) *Sai a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo São Paulo. Varias pessoas saíam do campo (MS 565-6, 17/07/1955)*
Sai a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saíam do campo. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Em (15) e (16), apresento os casos evidentes da correção dessa oralidade da autora, marcados pela pressa da sua escrita com o apagamento da conjunção integrante acrescida pelo editor. Em (15), um caso de reprodução da oralidade da autora, ou seja, escreve como fala. Em (16), a explícita pressa no ato de escrever.

- (15) *Deixei as crianças brincando no quintal Tinha muito papel. trabalhei depressa. pensando aquelas bestas humanas, são capás de invadir o meu barracão. e maltratar meus filhos trabalhei apreensiva e agitada. (MS 565-5, 19/07/1955)*
Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capaz de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

(16) *Os pardaes já estavam iniciando sua sinfonia matinal penso: as avês, deve ser mais feliz do nós e são inrracionaes.* (MS 565-5, 19/05/1958)

Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. (Jesus, 19 de maio, p. 29)

Em sua escrita, Carolina defende veementemente a classe trabalhadora. Ela fala dos maus pagamentos, da dificuldade quanto a conseguir um emprego fixo etc. Em tais contextos, Audálio cristaliza o termo “salário mínimo” quando ela traz apenas salário. Estaria ele sobressaltando uma informação de que se trata especificamente do recebimento do profissional, por assim saber? Essa resposta não é dada pelo editor em nenhuma circunstância.

(17) *Penso: se o Frei Luiz fôsse casado e tivesse filhos. e ganhasse salario ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde* (MS 565-5, 8/7/1958)

Penso: Sei o frei Luís fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, aí eu queria ver se o frei Luís era humilde. (Jesus, 8 de julho, p. 77)

Um dos grupos de maior produtividade na composição editorial de Dantas foi o de nomes comuns. Talvez por ser tratar de um grupo nucleado na língua e, como ele mesmo tinha apresentado em suas justificativas, que contribui para uma melhor atuação informacional ao que texto que ele propunha:

(18) *A mulher ficou observando os meus passos a paulistana Quer dizer andar depressa Quando voltei ela deu-me 6* (MS 565-5, 31/05/1958)

A mulher ficou observando os meus passos à paulistana. Quer dizer andar depressa. Quando voltei ela me deu seis cruzeiros. (Jesus, 31 de maio, p. 43)

O fluxo informacional de Carolina Maria de Jesus poderia, em algumas pouquíssimas circunstâncias, gerar ambiguidade quanto ao sentido do contexto que ela apresentava. Nessas ocasiões, o editor se utilizou de expressar exatamente pelo nome próprio a figura a quem ela se referia.

(19) *O Alexandre disse para o soldado Edison que êle não dava para o chêio o soldado deu-lhe um tapa no rosto E a criançada deu uma vaia.* (MS 565-5, 21/07/1958)

O soldado Édson lhe deu um tapa no rosto. E a criançada deu uma vaia. (Jesus, 21 de julho, p. 89)

6.2.1.1 “Eu passei pelos bancos escolares”⁹¹: verbo

Outro grande grupo-chave da língua portuguesa é o dos verbos. Com um fluxo muito abaixo do dos nomes comuns, ele aparece também como estratégia do editor. A inserção dos verbos demonstra a necessidade de fatores de coerência para quem vai observar o texto sob uma perspectiva normativa, mais próxima a modalidade escrita, enquanto no contexto oral vai apresentar outros mecanismos, a exemplo, de gestos e sinalizações, que dispensam uma extensão da palavra.

(20) ... *tivesse filhos. e ganhasse salario ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde Que Deus da valôr so aos que sofrem com ressignação.* (MS 565-5, 08/07/1958)

... *tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, aí eu queria ver se o frei Luís era humilde. Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação.* (Jesus, 8 de julho, p. 77)

Entre os grupos sintáticos, os sintagmas nominais surgem em parco fluxo.

(21) *Todos tem um ideal. O meu, é gostar de ler. Deu cinquenta centavos para cada criança depôis foi-se embora. Ele prometeu trazer uns suspensorios para os meninos. Quando ele me conheceu eu tinha só os dois meninos.* (MS 565-5, 23/07/1955)

Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler. O seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu só tinha dois meninos. (Jesus, 23 de julho, p. 19)

Em (22), tenho um caso interessante, em que o acréscimo de Dantas é baseado numa troca linguística que reforça o olhar sobre Carolina Maria de Jesus quanto a sua escolarização. O editor substitui o que seria possivelmente o “nós”, elidido e amalgamado à forma conjugada do verbo “ir”, este suprimido no processo editado, pelo sintagma nominal “a gente”. É sabido que entre o “nós” e o “a gente” ocorre uma histórica batalha de variação linguística, sendo este mais inovadora e menos formal e aquele mais conservador, logo formal. A substituição, assim como será visto logo mais em outro contexto, ocasiona ao leitor a ideia de um uso que, ao menos neste momento, não foi feito por Carolina. Fico com o questionamento do porquê Audálio Dantas tomar esta atitude sendo que ele, ainda que um jornalista, sabe da importância imagética que a linguagem pode determinar para a figura de Carolina. Sendo o uso mais próximo ao formal, qual o intuito dessa modificação para o leitor de *Quarto*? O que era de seu interesse e do objetivo do seu projeto que fosse interpretado?

⁹¹ Jesus, 1955.

(22) *Mandei ãe entrar. porque eu não queria sair da cama. Ele conduziu um senhor do Centro Espirita Divino Mestre Localizado na rua Oriente. que veio nos dar cartões para irmos buscar agasalhos para as crianças. dia 23. Fiquei tão contente que sai da cama com rapidez. Expliquei ao senhor o que é que eu escrevo. (MS 565-5, 20/07/1958)*

Mandei ele entrar. Ele conduziu um senhor do Centro Espirita Divino Mestre, localizado na Rua Oriente, que veio dar cartão para a gente buscar agasalho para as crianças, dia 23. Fiquei tão contente que saí da cama com rapidez. E expliquei ao senhor o que é que eu escrevo. (Jesus, 20 de julho, p. 86)

Um caso que listei foi o da sequência de possessivo e substantivo que integra um sintagma nominal. Coloquei-o à parte porque o elemento “Nilton” que está presente no manuscrito, parte do sintagma, não incorpora, por esta razão, o grupo sintático.

(23) *Morar com Dona Iracema. Filha de cobra ja nasce com venenos. Ficou o Nilton Eu fiz tudo para retirar o menino. Mas a Lêila lhe dizia (MS 565-5, 03/06/1958)*

... A dona Domingas saiu de casa. Foi para Carapicuíba, morar com dona Iracema. Ficou o seu filho Nilton. Eu fiz tudo para retirar o menino. Mas a Leila lhe dizia: (Jesus, 3 de junho, p. 47)

Diferente dos casos de contração prepositiva, grupos sintáticos encabeçados por uma preposição, aos quais chamo de sintagma preposicionado, são assim denominados por serem iniciados por tal classe, também foram identificados:

(24) *Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins E a época das flores brancas cõr das acões nobres (MS 565-5, 19/05/1958)*

... Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É época das flores brancas, a cor que predomina. (Jesus, 19 de maio, p. 30)

Em algumas ocasiões o editor tratou de incluir mais de um vocábulo para adequação do seu texto. Foi o caso de sequência contendo um substantivo e um conector.

(25) *ganhei 15 passei no sapateiro para ver se os sapatos da Vera estavam prontos. porque ela reclama quando esta descalça. (MS 565-5, 30/07/1958)*

... Ganhei quinze cruzeiros e passei no sapateiro para ver se os sapatos da Vera estavam prontos, porque ela reclama quando está descalça. (JESUS, 30 de julho, p. 93)

Outra sequência identificada no cotejo foi com pronome pessoal seguido do pronome oblíquo.

(26) *Levantei varias vêzes para matar as pernilongos.* (MS 565-5, 25/9/1958)

***Eu me levantei** duas vezes para matar os pernilongos.* (Jesus, 25 de setembro, p. 112)

A construção sintática de períodos compostos por subordinação se dá pela composição de duas ou mais orações, sendo uma a chamada oração principal, que não tem função sintática, e as demais as orações subordinadas. No texto editado por Audálio, encontro um caso deste tipo em que a oração principal e mais a conjunção integrante do período subordinado são incluídas pelo editor. No referido caso, mostrado em (27), é possível entender que tal intervenção gera uma mudança de sentido para o contexto:

(27) *Os Espíritos superiores, não vingam.* (MS 565-3, 4/11/1958)

Eu acho que os espíritos superiores não se vingam. (Jesus, 4 de novembro, p.121)

É possível entender desta forma porque o contexto anterior a (27) é exatamente o seguinte em (28):

(28) *“Eu acho que o dr. Adhemar esta revoltado. E resolveu ser enérgico com o povo para demonstrar que ele tem força para nos castigar”* (MS 565-3, 4/11/1958)

Ainda que movido pelo “Eu acho” que inicia a reflexão da autora, a alteração feita por Audálio Dantas na sequência não se justifica. Não há nenhum indício que pudesse confirmar na escrita da autora uma intenção de dúvida. Pelo contrário, o trecho destacado em (28) é mais uma interpretação afirmativa do que qualquer possibilidade de incerteza trazida pelo “Eu acho que” acrescido pelo editor.

Em (29) o acréscimo editorial mais parece uma tentativa de situar cada um dos envolvidos no diálogo. Isto dito em razão de o editor suprimir o contexto que antecede o trecho em destaque. Esta passagem é mais uma que, em razão do corte fica relativamente sem sentido:

(29) *O que pode resolver com palavras elas transformam em conflito. parecem còrvos, numa disputa. Dão côices a torto e a direito parece uma guerra indigena. Os braços servem de setas. Elas já são incultas e prevalecem. Os homens da favela aparecem para apreciar e sorrir. e instigar. são homens so na forma. Era seis contra dois A Odete revoltou-se comigo por ter defendido o Alcino.*

Voçê tem 4 filhos para criar (MS 565-5, 03/06/1958)

*O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa. ... A Odete se revoltou comigo por ter defendido o Alcino. **Eu disse:***

— *Você tem quatro filhos para criar.* (Jesus, 3 de junho, p. 46)

Na sequência em (30), a construção é rearranjada pelo editor que a transforma numa construção que vai se ratificar na seção do deslocamento. O uso dos pronomes oblíquos átonos foi por muito tempo entendida como uma construção aprendida em contexto escolar. Carolina, por conta do seu um ano e meio de acesso escolar formal, faz um uso bastante produtivo do fenômeno linguístico. No entanto, antecipo aqui a intervenção explícita de seu editor nos usos linguísticos da escritora, contribuindo para uma interpretação enviesada de sua imagem. Primeiro, solicito que observe as passagens em (30):

(30) — *Eles são violentos os favelados tem mêdo d êles ja lhes previni que comigo a sôpa é mais grossa.*
(MS 565-3, 24/11/1958)

Eles são violentos e os favelados têm medo deles. Mas eu já preveni que comigo a sopa é mais grossa.
(Jesus, 23/11/1958, p. 129)

O que ocorre em (30) primeiramente é a inserção da conjunção coordenativa adversativa “Mas” e do pronome pessoal “eu”. Em seguida, o apagamento do pronome pessoal do caso oblíquo átono “lhe”. Ainda que a gramática normativa não aceite a transitividade verbal de “prevenir” como indireta, o que está em jogo aqui é um uso característico do conhecimento da norma e, mais precisamente, de caráter formal. Reiteradamente, no momento em que Dantas apaga tal emprego da autora de seu texto, ele transmite uma mensagem que contribui para desenhar uma imagem à Carolina de Jesus de alguém com baixíssimo conhecimento escolar formal. Ressalto que não foi a escola quem permite a Carolina tal uso. Este é reflexo de sua compulsão leitora e taí mais um outro caminho de investigação futuro.

Em (31), tenho dois períodos que são acrescentados pelo editor novamente num contexto seguido de uma longa supressão. Porém as frases inseridas parecem deslocadas da situação em questão.

(31) *Depôis fomos na redação. E fotografaram-me. Eu fui na cada da Dona Terezinha Beker. ela deu-me remedios, bolachas e uma lata de lêite Ninho. E 100, para eu tomar a condução Disse que o dr. Assis vae chegar dia 15. Que ele esta na Inglaterra. E ela vae apresentar me a êle. prometeram que eu vou sair no Diario da Nôite amanhã. Na edição extra. Eu estou tão alegre! parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando. clareando. parece que a minha vida estava rasgada e agora*

esta sendo custurado Eu, era um sapato furado que puzeram mêia sola. E devo tudo isto ao Audálio. Eu não sei como classificar o Audálio Filho! Amigo! Pae... Eu penso que as três coisas reunidas. Quando cheguei na favela os meus filhos contou-me que a Terezinha havia brigado com eles, porque eu puís o seu nome no jornal. Eu lhe chinguei porque eu não estava em casa e ela assustou as crianças. Fui escrever. Depôis dêitei. Adormeci logo porque estou calma! (MS 565-6, 11/05/1959)

Depois fomos na redação e me fotografaram. (...) Prometeram que eu vou sair no Diário da Noite amanhã. Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando.

— **Deixa aí. Depois vamos ler.** (Jesus, 11/06/1959, p. 161)

Outro trecho longo é marcado por supressões intercaladas, algumas sinalizadas pelo editor, outras não, como é possível ver em (32). Contudo, o trecho acrescido não aparece em nenhuma outra parte de todo o suporte manuscrito acessado. Ainda que haja uma tentativa de uma descrição possível para o contexto, tal inserção também não me apresenta um motivador razoável para estar ali:

(32) *Levantei as 5 horas e fui carregar agua. Depôis fui fazer compras. Comprei pão, e açúcar, e mêio quilo de fêijão. Fiz o café. Troquei os filhos. Eles foram a escola. A Vera foi ao parque. Eu não queria sair. Mas, estou com pouco dinheiro. precisei sair*

Quando circulava pelas ruas o povo abordava-me para dizer que havia me visto no O Cruzeiro

O Afonso jornalista disse que havia esgotado se eu podia telefonar para o Diário para para saber se havia possibilidade de conseguir mais revistas. Telefonei para agência ciciliano ja havia esgotado. precisava parar, para conversar. Varias pessoas me felicita. Estou alegre. E se estou alegre, dêvo agradecer ao Audalio. E eu estou louca para encontra-la, e não consigo.

Os lixeiros ja haviam passado e eu não encontrei papel. pensava se eu não encontrar papeis... O que é que vamos comêr! Eu estou com 100, para pagar a luz. Agora é 30 o bico. Tenho que dar-lhe 90. e sobra so 10. A dona Maria vëio vender bananas. Eu troquei

Dei-lhe 3 garrafas de guarana. e êle me deu bananas. passei na Dona Franca para avisa-la que eu havia saído no O Cruzeiro. fui na Dona Juana na rua Frêi santanta galvão. 15. Ela deu-me café e pão com mantêiga. Fui no senhor Rodolfo pegar os papeis. parei na banca de jornal para perguntar se haviam vendido muitas revistas Disse que sim. E que havia esgotado Telefonei para a redação para saber onde podia encontrar mais revistas?

— *Telefona para Agência ciciliano*

— *ja esgotou!*

Êta Carolina! sempre correndo. Não parei para olhar. Estendi as roupas e fui escrever A therêzinha começou brigar com o seu companheiro. ambas jogavam pedras. cuidado com estas pedras. Olham as crianças... adverti. já estou farta de ver êstes espetaculos. As crianças saíram para ver o espetáculo promovido pelo alcool

Dei o jantar para os filhos. E sentei na cama para escrever. Quando bateram na porta. Mandei o João ver quem era e disse: (MS 565-6, 11/05/1959)

Levantei e fui carregar água. Depois fui fazer compras. Troquei os filhos, eles foram para a escola. Eu não queria sair, mas estou com pouco dinheiro. Precisei sair. Quando circulava pelas ruas o povo me abordava para dizer que havia me visto no O Cruzeiro.

...Eu fui na banca e comprei uma revista. Mostrei para o farmacêutico. Eu comprei outra revista e fui levar para o José do Bar dos Esportes. Ele comprou a revista. Eu passei na banca e comprei outra. Mostrei para o sapateiro. Ele sorriu. (...) Passei no empório do José Martins e falei se ele queria ler a revista.

...Dei jantar para os filhos e sentei na cama para escrever. Bateram na porta. Mandei o João ver quem era e disse: (Jesus, 11/06/1959, p.161)

Até aqui tentei trazer um panorama das escolhas de Dantas para o seu projeto editorial. Meu objetivo não é julgar sua postura, mas até aqui já é possível perceber que esta contribuiu para que a recepção obtivesse uma Carolina Maria de Jesus e um texto intitulado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* distantes daquele apresentados nos manuscritos. Dantas, com bases nas passagens destacadas acima, reforça uma escrita que esteja mais próxima a um texto escrito eliminando marcas orais que contradigam seu projeto. Daí as correções sintáticas para uma modalidade formal que se aproxime ainda mais da gramática normativa preenchendo as possíveis lacunas que somente se preencheriam diante da performance presencial dos fatos relatados.

Trago agora a seção “Deslocamentos” para dar continuidade ao percurso empreendido.

6.3 “E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”⁹²: DESLOCAMENTOS (D)

Nesta seção, eu me atenho ao grupo que chamei de deslocamento. Esse conjunto é assim denominado porque, ao analisar a colação feita entre os suportes, observei que alguns termos foram deslocados pelo editor no seu projeto que resulta a edição impressa. Assinalo como deslocamento o movimento de vocábulos feito pelo editor para atendimento ao seu projeto editorial.

Foram identificadas 555 ocorrências em que o movimento de deslocamento foi realizado pelo editor, sendo o ano de 1958 aquele que mais produtividade com 415 casos. E a variação desses deslocamentos se dá em diferentes circunstâncias, a saber: palavras, trechos longos, conteúdo de datas etc.

Elzira Divina Perpétua, em sua tese de doutoramento, como já citei anteriormente, não apresenta essa variável como uma possibilidade de análise no cotejo dos suportes.

O primeiro fenômeno que me chamou atenção nesse grupo foi a colocação pronominal, porém, ao longo do caminho, percebi que outros elementos sofreram a ação de deslocamento no projeto editorial de Audálio Dantas.

Ao longo de minha vida acadêmica, o estudo dos pronomes clíticos foi uma constante. E se tenho algo a dizer é que este é um fenômeno linguístico complexo e de muitos caminhos. Os pronomes átonos me convidaram a pensar sobre sua aquisição, sobre escolarização do indivíduo, os usos que este faz. Também me convidam a pensar sobre como ele pode ser uma ferramenta de estereotipação, uma moldura que deforma o pensamento social sobre quem quer que seja.

Se parto da ideia de que o uso de tal pronome caracteriza o grau de formalidade de uma pessoa, ratifico o preconceito sócio-cultural-racial e estruturante. Desconserta. Promove vieses. É complexo. E muitos dos estudos ainda estão em busca de muitas respostas sobre as comunidades e os usos de tais fenômenos (ou não?!).

Por longo tempo, estudei comunidades de fala, documentos antigos, observando a aproximação desses fenômenos com o que estava descrito na norma padrão. O tempo passou e, mais importante do que corroborar norma padrão, é compreender seus propósitos. Homogeneizar? Manter poderes? Cristalizar grupos?

⁹² Jesus, 1959.

Carolina Maria de Jesus é uma mulher que dedicou sua vida à leitura, lia e escrevia, como já disse, de maneira compulsiva. A preferência pela literatura modernista não a impedia de consumir a produção que lhe chegasse às mãos. É a partir dessa leitura que seus registros escritos se modelam e, junto a eles, suas escolhas linguísticas. Sua recorrente gramática e os registros de pessoas próximas vão marcar uma Carolina de Jesus interessada em mostrar seu conhecimento linguístico, nos mais diferentes níveis da língua. Ao passo que esse aprendizado sobre as letras cresce, Carolina de Jesus vai redimensionando o seu aprendizado na escrita. E que bom acontecer isso, afinal aspirava viver da literatura, ser premiada, ter uma carreira no *hall* do mercado editorial. Referindo-me aos usos e mergulhando nos seus escritos, através dos manuscritos, observo uma escritora com práticas linguísticas de tendência formal.

No que respeita aos clíticos, e é importante lembrar que clítico é o nome dado a vocábulos átonos (preposições, conjunções, artigos, pronomes etc.) que vão se apoiar fonologicamente em outro vocábulo seja à sua direita ou à esquerda, aqui mais precisamente vou me ater aos pronomes oblíquos átonos. E aí trago o uso pronominal átono feito por Carolina de Jesus em seus manuscritos em detrimento às escolhas de deslocamento traduzidas por Dantas na edição impressa. Entendo que, por conta da pouca escolarização formal, isto é um ano e meio, Carolina não tenha adquirido os clíticos por meio dela, mas, por outra via, nesse caso, a leitura consumida.

No Brasil, mencionando os clíticos, vemos uma lacuna que separa as modalidades oral e escrita dos falantes (Duarte, 2012; 2018). Estudiosos vão defender que a diferença se dá pela mutabilidade da fala, por isso sempre mais inovadora, em contrapartida à constância da escrita, marcadamente conservadora. Muito antes, Pagotto (1988) já mostrava que um fator poderia explicar isso: as normas padrão e culta escritas não refletiam o uso falado pelos brasileiros, mas sim o do português europeu. É aí que se observa, por exemplo, uma regra de colocação que ratifica o que está sendo dito: a ênclise em posição inicial absoluta. Tal uso é uma obediência à gramática normativa, pautada no culto europeu, por parte da elite brasileira (Oliveira, 2005). Esse uso se reverbera no ensino de língua portuguesa na escola, quando ao aluno é imposta a aquisição da regra sem uma explicação condizente quanto ao contraditório. Lá mesmo é aprendido sobre a ênclise como um recurso mais rebuscado e a próclise em casos específicos. No entanto, na prática oral brasileira tais regras não se sustentam em sua efetividade entre os falantes brasileiros, uma vez que a próclise é a escolha prioritária destes indivíduos (Martins *et al*, 2020).

No caso em específico de Carolina Maria de Jesus, gosto de lembrar sobre os documentos em análise algumas questões: os diários de Carolina Maria de Jesus, apesar de manuscritos,

reverberam a oralidade de sua autora. Porém, é perceptível, como já explanado o interesse da autora é marcar sua gramática e a tentativa de se aproximar a uma linguagem culta, expressa a partir de seu próprio reconhecimento quanto a um português “bem falado”. Por outro lado, a edição impressa, apresentada por Audálio Dantas traz um projeto que delineia uma mulher com pouca escolarização e marcas de sua linguagem sofrem interferência do editor, ainda que ele diga ter mexido apenas em contextos para a melhoria do texto, sem tocar no discurso de Carolina de Jesus apresentado em seu texto manuscrito.

Gostaria de fazer uso do termo “gramática”, pensando esse dispositivo inato da autora, porém não o faço em razão de ter aqui apenas os registros escritos, seria necessário um registro da habilidade oral desmonitorada de Carolina Maria de Jesus.

Assim sendo, o que trago na sequência é um reflexo do que encontro nesses dados sobre os pronomes clíticos em contextos colacionados para discutir o projeto impresso publicado.

6.3.1 “A ordem que é o simbolo do nosso paiz. Mas eu não sei se o simbolo predomina⁹³”: A ordem dos clíticos na colação dos suportes

Optei por apresentar a descrição das estruturas linguísticas nos contextos identificados. Se o objetivo do editor é apenas proporcionar ao leitor uma atividade de leitura corrente, é de se esperar que ele mantivesse os usos selecionados pela escritora, fazendo qualquer intervenção apenas quando houvesse alguma exigência linguística necessária. Em todos os casos, a escritora faz uso da ênclise e o editor faz o movimento do pronome para a posição anterior ao verbo. Os contextos identificados são os que seguem:

- a) Ênclise em posição inicial absoluta da frase:

Enquanto Carolina Maria de Jesus faz uso da ênclise nessa posição, atendendo à regra gramatical vigente, em todos os 85 casos o editor opta por alterar a posição do pronome conforme se ilustra em alguns exemplos que seguem:

Disse-lhe que não podia emprestar. (MS 565-5, 18/07/1955)

Lhe disse que não podia emprestar. (Jesus, 1960, p. 11)

⁹³ Jesus, 1958.

Perguntou-me onde podia encontrar folhas de batatas para sua filha buchêchar um dente. (23/07/1955)
Me perguntou onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. (Jesus, 1960, p. 19)

Mandei-lhe um bilhete assim: (MS 565-5, 13/05/1958)
Lhe mandei um bilhete assim: (Jesus, 1960, p. 25)

Mostrei-lhe os sapatos ela ficou alegre. (MS 565-5, 21/06/1958)
Lhe mostrei os sapatos, ela ficou alegre. (Jesus, 1960, p. 60)

— *Deu-me bôa nôite! Disse-lhe: (MS 565-3, 8/11/1958)*
Me deu boa-noite. Eu lhe disse: (Jesus, 1960, p. 125)

b) Ênclise diante do conector “e”

A gramática tradicional (GT) aponta o uso da ênclise diante de tal partícula, a autora assim o faz em 56 casos em que na edição impressa são alterados pelo editor.

Isto me faz lembrar esta quadrinha que o Roque fez e deu-me: para eu incluir no meu repertório pético e dizer que é minha. (MS 565-3, 8/11/1958)

Isto me faz lembrar esta quadrinha que o Roque fez e me deu para eu incluir no meu repertório poético e dizer que é minha: (Jesus, 1960, p. 124)

Quando cheguei para pegar o guarda-roupa um jovem que reside lá, auxiliou-me a descer o guarda roupa e deu-me 1 colchão. (MS 565-3, 8/11/1958)

Quando cheguei para pegar o guarda-roupa, uma jovem que reside lá me auxiliou a descer o guarda-roupa e me deu um colchão. (Jesus, 1960, p. 124)

Ela ficou alegre e perguntou-me (MS 565-3, 27/11/ 1958)
Ela ficou alegre e me perguntou: (Jesus, 1960, p. 130)

Ouvi seus lamentos em silêncio e disse-lhe: (BN, 11/12/ 1958)
Ouvi seus lamentos em silêncio. E lhe disse: (Jesus, 1960, p. 132)

E contou-me o motivo. (MS 565-6, 12/5/1959)
E me contou o motivo. (Jesus, 1960, p. 155)

c) Ênclise diante de SN nominal ou pronominal

No caso de sintagmas nominais ou pronominais antecedendo o pronome, a GT permite o uso de ambos, ênclise e próclise. Identifiquei 229 casos de deslocamento nesse contexto em que Carolina de Jesus utiliza a ênclise e o editor faz o movimento pronominal para antes do verbo. Eis alguns:

*Ela **deu-me** quinze cruzeiros* (MS 565-5, 11/05/1958)

*Ela **me deu** quinze cruzeiros.* (Jesus, 1960, p. 24)

*A manifestação **agrada-me*** (MS 565-5, 13/05/1958)

*A manifestação **me agrada.*** (Jesus, 1960, p. 25)

*A Dona Aliçe **contou-me** que o policarpo. Um nortista que resside aqui na favela pois uma preta para residir na sua casa.* (MS 565-5, 7/8/1958)

... A dona Alice me contou que o Policarpo nortista que reside aqui na favela pois uma preta para residir na sua casa. (Jesus, 1960, p. 96)

*Ele **disse-me** que não é aconselhavel escrever a realidade.* (MS 565-5, 9/8/1958)

*Ele **me disse** que não é aconselhável escrever a realidade.* (Jesus, 1960, p. 97)

*Fui torçêr minhas róupas a D. Aparecida **perguntou-me:*** (MS 565-5, 17/07/1955)

*A dona Aparecida **me perguntou:*** (Jesus, 1960, p. 9)

d) Ênclise em orações adverbiais desenvolvidas e reduzidas

As orações subordinadas são contextos que a tradição gramatical indica o uso da próclise. Percebendo que a escritora prioriza a ênclise em sua escrita; naturalmente que mesmo em contextos de próclise solicitada pela tradição, ela escolhe a posição posterior ao verbo e o editor assim interfere com a expressiva marcação da próclise.

— *Ela disse-me, que **roubaram-lhe** 1 saco de papel.* (MS 565-6, 12/5/1959)

*Ela me disse que **lhe roubaram** um saco de papel.* (Jesus, 1960, p. 155)

*Depois do parto eu fiquei numa posição incomoda. ate quando Deus **deu-me** forças para **agêitar-me**. (MS 565-6, 09/06/1958)*

*Até quando Deus **me deu** forças para me ajeitar. (Jesus, 1960, p. 51)*

*Vêio dizer ao senhor Francisco para **arranjar-lhe** quatro mil cruzeiros. que ela esta com as prestações dos terrenos atrasadas. (MS 565-5, 29/06/1958)*

*Veio dizer o sr. Francisco para **lhe arranjar** quatro mil cruzeiros, que ela está com as prestações dos terrenos. (Jesus, 1960, p. 68)*

e) Ênclise em orações substantivas desenvolvidas e reduzidas

*Estava tão bem vestido que atraia os olhares. Disse-me que pretendia **incluir-se** na politica perguntei-lhe: (MS 565-5, 28/7/1958)*

*Estava tão bem vestido que atraiu os olhares. Ele me disse que pretendia **se incluir** na política. (Jesus, 1960, p. 93)*

*Eu mandei o João levar um bilhete no circo Irmãos Mello. pidindo se **açêitava-me** para cantar. (MS 565-5, 13/08/1958)*

*... Eu mandei o João levar um bilhete no Circo Irmãos Mello pidindo se **me aceitava** para cantar. (Jesus, 1960, p. 99)*

f) Ênclise em orações adjetivas / relativas desenvolvidas e reduzidas

*Despertei com a vós de D. Maria **perguntando-me** se eu queria comprar banana e alface (MS 565-5, 21/07/1955)*

Despertei com a voz de dona Maria me perguntando se eu queria comprar banana e alface. (Jesus, 1960, p. 17)

*Fui falar com a policia femina que **deu-me** noticia do Jose Carlos que estava la na rua Asdrubal do Nascimento (MS 565-5, 19/05/1958)*

*Fui falar com a Polícia Feminina que **me deu** a notícia do José Carlos que estava lá na Rua Asdrúbal Nascimento. (Jesus, 1960, 31)*

*A vida foi ficando causticante. ja não sobra dinheiro para eles comprar pinga porque a pinga afluê o gáudio, as batucadas foram côartando se, até **extinguir-se** (MS 565-5, 19/05/1958)*

*[...] a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga. As batucadas foram se cortando até **se extinguir**. (Jesus, 1960, p. 30)*

*Quando ele chegou **deu-me** a caixa onde eu guardo os remédios e eu tomei um solofheno e a dor foi desaparecendo. e eu adormeci (MS 565-5, 13/07/1958)*

*Quando ele chegou **me deu** a caixa onde eu guardo os remédios e tomei uma Salofeno e a dor foi desaparecendo e eu adormeci. (Jesus, 1960, p. 83)*

g) Ênclise precedida por negação e outros advérbios

*Não **interfiro-me** porque eu não gosto de polemica. (MS 565-5, 29/06/1958)*

*Não **me interfiro** porque eu não gosto de polêmica. (...) (Jesus, 1960, p. 68)*

*Quando um político nos diz nos seus discursos que esta ao lado do povo que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços já esta ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depôis **divorcia-se** do povo (MS 565-5, 20/05/1958)*

*Quando um político diz nos seus discurso que está ao lado do povo, que visa se incluir na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto, prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois **se divorcia** do povo. (Jesus, 1960, p. 32)*

h) Ênclise diante de pausas

As pausas são também um dos contextos pontuais de uso da ênclise, assim respeitada pela autora, mas o editor opta pela anteposição ao verbo, ou seja, a próclise.

*Eu não tenho paciência, **lhe chinguei, joguei-lhe** um vidro no rosto. (MS 565-5, 21/7/1958)*

*Eu não tenho paciência, **lhe xinguei, lhe joguei** um vidro no rosto. (Jesus, 1960, p. 89)*

i) Ênclise em verbos principais de locuções verbais

Os casos de locução verbal permitem o uso da ênclise ao verbo principal, conforme executado pela escritora nos casos encontrados, porém Dantas movimentou o pronome para antes deste verbo, mexendo outras vezes na escolha da autora.

*A Ida e a Clarisse estão **começando a prostituir-se**. com os jovens de 16 anos. (MS 565-3, 17/11/1958)*

*Eu dizia para não chegar que ela ia morrer! Ela **começou chingar-me**. (Jesus, 1960, 16/2/1959)*

Sendo o português brasileiro uma variedade da língua de ordem proclítica (GALVES, 2006), isto é, em posição anterior ao verbo, estudiosos e gramáticos vão colocar a ênclise em caráter de excepcionalidade e, como tal, seus usos aprendidos em ambientes mais formais, como a escola ou agências de alto letramento.

Inicialmente pensei em tratar Carolina como uma agência própria de letramento, mas pensando sua história e relação com os livros e a leitura, quando a observo como uma responsável por suas próprias aquisições, todavia tendo os livros e outros instrumentos, maioria de ordem escrita, como sua fonte de formação, essa é uma hipótese que se fragiliza. Já falamos disso anteriormente.

As próprias gramáticas normativas, em toda sua tradição descritiva, vão resumir a ênclise a casos bem específicos de uso, a saber a posição inicial absoluta de oração, pausas longas, ou diante de alguns conectores. A condição inata, a percepção da estrutura linguística ligada à condição natural da língua, possivelmente fariam a autora perceber essa especificidade de tal posição pronominal também a partir dos usos que autores lidos apresentavam. Carolina de Jesus não lia por ler. Mostrarei logo mais que ela sabia bem interpretar o que consumia e como fazer o uso que considerava mais adequado a esse respeito.

No entanto aqui, para além de pensar se ela usava mais ênclise ou próclise, o meu convite se centra na maneira como o jornalista Audálio Dantas, seu primeiro editor, utiliza isso em *Quarto de Despejo*.

Carolina de Jesus não me apresentou nos manuscritos acessados nenhum caso de mesóclise, uma marca linguística característica dos finais do período arcaico da língua, séculos XV e XVI, em que o pronome intercala os verbos em sua forma futura do presente e do pretérito. Tampouco apresenta casos de interpolação, outra forma ainda mais antiga, na qual entre o pronome e seu verbo relacionado pode aparecer algum vocábulo ou até construções maiores. No entanto, ela me apresentou um fluxo recorrente de ênclise e o que eu observei é que isso reduz significativamente no resultado entregue por Dantas aos leitores de Carolina. Na maioria dos casos em que a escritora faz uso de ênclise, o editor converte-a para próclise. É válido lembrar que a próclise é entendida como uso popular, até mesmo facilitado, e característico de pessoas com baixa escolarização. No Brasil, até mesmo em posição inicial absoluta, na oralidade, as pessoas, até mesmo as mais escolarizadas, usam a próclise quando deveriam fazer a ênclise, a exemplo de “Me dê este caderno!”, quando a gramática normativa prescreve que a regra para tal contexto seria “Dê-me este caderno!”. Obviamente que estes escolarizados, em contextos mais conservadores, a exemplo de escrita de documentos formais

ou de uma maior exigência de monitoramento linguístico, buscam prevalecer a regra normativa padrão, se assim o for.

O que eu questiono aqui não é o fato de Carolina de Jesus cumprir ou não tal regra, mas, uma vez que ela **registra** determinado uso linguístico, o que leva o seu editor a modificar a escolha da escritora?

Num levantamento dos usos do pronome átono algumas informações faço questão de pontuar sobre o assunto.

O pronome *me* aparece em toda a colação em 1013 ocorrências entre manuscrito e impresso em posição de próclise. Dessas, apenas 495 casos acontecem no impresso. Já entre os casos de ênclise, há uma produtividade de 3036 casos em todos os *corpora*, sendo que apenas 5 são aproveitados por Dantas no impresso nos contextos de colação. Os demais são apagados ou sofrem movimento de próclise.

- (1) *Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo ele ficou com os litros, e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recibi 65 cruzeiros. comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e um quilo de açúcar e 6 cruzeiros de queijo. E o o dinheiro acabou-se.* (MS 565-5, 15/07/1955)
Então eu lavei três litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e me deu pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi sessenta e cinco cruzeiros. Comprei vinte de carne. Um quilo de toucinho e um quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro se acabou. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)
- (2) *abri a bôca duas vêzes certifiquei-me, que eu estava com mau olhado. A indisposição desapareçe sai, e fui no seu Manoel levar umas latas para vender.* (MS 565-5, 16/07/1955)
Abri a boca duas vezes, me certifiquei que estava com mau-olhado. (Jesus, 16 de julho, p. 8)
- (3) *Quem opêrou-me foi o Dr. José Torres Netto Bom médico. E falamos de politicos. Quando uma senhora perguntou-me O que acha do Carlos Lacerda?* (MS 565-5, 17/07/1955)
Quem me operou foi o dr. José Torres Netto. Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora me perguntou o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente: (Jesus, 17 de julho, p. 9)
- (4) *Ela odêia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter radio. Um dia ela pediu-me o radio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar, e comprar.* (MS 565-5, 18/07/1955)
Ela me odeia porque os meus filhos vingam e por eu ter rádio. Um dia ela me pediu o rádio emprestado. Lhe disse que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. (Jesus, 18 de julho, p. 11)
- (5) *Comecei sentir a bôca amarga pensei: ja não basta as amar guras da vida? Quem vem ao mundo para ter so um centavo não pode aspirar ter mil cruzeiro parece que quando eu nasci O destino marcou-me para passar fome. catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimares 302 Uma senhora deu-me jornaes* (MS 565-5, 27/05/1958)
Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino me marcou para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na Rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. (Jesus, 27 de maio, p. 39)
- (6) *Quando eu voltava para a favela Na Avenida Cruzeiro do sul 728 uma senhora pidiu-me para eu ir jogar um cachorro morto dentro do rio Tietê que ela dava-me 5 cruzeiros.*

Dêixei a Vera com a mulher e fui o cachorro estava dentro de um saco. A mulher ficou observando os meus passos a paulistana Quer dizer andar depressa Quando voltei ela deu-me 6 (MS 565-5, 31/05/1958)

Quando eu voltava para a favela, na Avenida Cruzeiro do Sul 728 uma senhora me pediu para eu ir jogar um cachorro morto dentro do Tietê que ela me dava cinco cruzeiros. Deixei a Vera com a mulher e fui. O cachorro estava dentro de um saco. A mulher ficou observando os meus passos à paulistana. Quer dizer andar depressa. Quando voltei ela me deu seis cruzeiros. (JESUS, 31 de maio, p. 43)

- (7) *O senhor Pinherio convidou-me, para eu ir no centro. (24/12/1958)
O sr. Pinheiro me convidou para eu ir no centro. (Jesus, 245 de dezembro, p. 135)*
- (8) *Hoje o tal Orlando Lopes veio cobrar a luz. Quer cobrar ferro. 25. Eu disse-lhe que não passo roupas. Ele disse-me que sabe que eu tenho ferro. que ele vai ligar o fio de chumbo na luz. (MS 565-6, 15/2/1959)
... Hoje o tal Orlando Lopes veio cobrar a luz. Quer cobrar ferro, vinte e cinco cruzeiros. Eu lhe disse que não passo roupas. Ele me disse que sabe que eu tenho ferro. Que vai ligar o fio de chumbo na luz (Jesus, 15 de fevereiro, p. 148)*
- (9) *Tentei impedi-lo. segurando-lhe o braço. — Ele, deu-me um empurrão (MS 565-6, 16/2/1959)
Tentei impedir ele, lhe segurando o braço. Ele me deu um empurrão. (Jesus, 16 de fevereiro, p. 148)*
- (10) *Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar, e comprar. (MS 565-5, 18/07/1955)
Lhe disse que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. (Jesus, 18 de julho, p. 11)*

No caso em (11), uma possibilidade é interpretar que o editor mantém a ênclise feita pela autora, entre aqueles que houve alteração, todavia ocorre a retirada o hífen. A ação poderia ocasionar a quem lê a ideia do pouco conhecimento da autora no uso do sinal. Por outro lado, uma outra interpretação possível é a próclise ao verbo “ser”. Esta, a meu ver, mais sofisticada e menos possível de ser a escolha do editor, tendo em vista as escolhas anteriores que ele fizeram para pontuar a escrita de Carolina Maria de Jesus:

- (11) *Não casei, e não estou discontente. Os que preferiu-me eram soêzes. e as condições que êles me propunha eram horríveis. (MS 565-5, 18/07/1955)
Não casei e não estou discontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (Jesus, 18 de julho, p. 11)*

Outros casos poucos de ênclise são vistos em *Quarto de Despejo* e aí para mim fica difícil compreender o que leva o autor a modificar uma significativa parcela de ocorrências e deixar outras poucas intactas, atitude que não se mostra justificável no seu projeto.

Aponto ainda casos em que ele troca um pronome por outro, como é possível ver em (12):

- (12) *Eu não me importo. Eu queria era mata-la. (MS 565-5, 3/6/1958)
— Eu não me importo. Eu queria era te matar. (Jesus, 3 de junho, p. 46)*

No caso acima, a autora especifica a quem se refere diretamente usando, no seu contexto, o pronome flexionado (feminino e singular). Sem uma razão explícita, Dantas substitui o “la” por “te”. Uma pesquisa mais direcionada confirmaria a minha percepção de que o uso de “te” por Carolina é marcadamente para contextos de segunda pessoa, quando ela se refere a pessoa com quem fala. Para além da substituição, o editor novamente modifica a posição do pronome.

O pronome “te” aparece 69 vezes em contextos de ênclise ligados pelo hífen em toda a coleção. Há dois casos em contextos de ênclise, sem o hífen, e somente dessas duas, apenas uma em contexto de colação, como pode ser visto em (13):

- (13) — *Não vou vender. Quando você engordou e matou o teu porco, eu não fui aborreçer te.* (MS 565-6, 05/05/1959)
 — *Não vou vender. Quando você engordou e matou o teu porco, eu não fui te aborrecer.* (Jesus, 5 de maio de 1959, p. 40)

Já nos contextos de próclise, o pronome “te” aparece em 102 casos, dos quais 79 casos estão nos manuscritos e 23 casos no impresso.

- (14) *liga a luz, liga a luz liga a luz, senão eu te quebro a cara.* (MS 565-5, 15/05/1958)
 — *Liga a luz, liga a luz sinão eu te quebro a cara* (Jesus, 15 de maio, p. 27)

O pronome “se” aparece 1319 vezes em contexto de ênclise seguido do hífen nos manuscritos, ao passo que no impresso foram contados apenas 11 casos, indicando que os 1308 demais ou sofreram movimento da posição, ou foram apagados ou estão em contextos que foram suprimidos pelo editor. Há mais 12 casos do pronome em contexto de posposição ao verbo, porém sem o uso do hífen nos manuscritos:

- (15) *E ecôa-se as gargalhadas estrepitosas entre os dois* (MS 565-5, 28/05/1958)
E se ecoa as gargalhadas estrepitosas. (Jesus, 28 de maio, p. 40)
- (16) *... as batucadas foram côartando se, até extinguir-se* (MS 565-5, 19/05/1958)
As batucadas foram se cortando até se extinguir. (Jesus, 19 de maio, p. 30)

Contei 107 ocorrências do pronome “o” em contexto de ênclise ligado pelo hífen. Dessas, nenhum caso se faz presente no impresso, mas as contrações “lo” e “la” e suas flexões aparecem 9 e 14 vezes no mesmo contexto respectivamente.

- (17) — *E o pior negocio que você vae fazer. porque se você não mata-la ela é quem te mata.* (MS 565-5, 01/06/1958)
 — *É o pior negócio que você vai fazer. Porque se você não matar ela é quem te mata.* (Jesus, 1 de junho, p. 44)

Os pronomes “lhe” e “lhes” aparecem em 1723 casos seguido do hífen. Desses casos, apenas 4 aparecem na mesma condição nos manuscritos. No impresso, 255 casos surgem em condição de ênclise e 519 casos em contextos de próclise.

- (18) *Acho que foi o chá de alho que lhe dei jurei nunca mais dar-lhe remédios indicados por lavadeiras de hospitaes* (MS 565-5, 21/06/1958)
Acho que foi o chá de alho que lhe dei. Jurei nunca mais lhe dar remédios indicados por lavadeiras de hospitais. (Jesus, 21 de junho, p. 60)

O pronome “nos”, em contextos de ênclise, aparece em apenas 5 casos, ligados pelo hífen. O fato de todos os casos ocorrerem em contextos que foram suprimidos por Dantas justifica não aparecer nenhuma ocorrência no impresso.

Por fim, o pronome “vos” que é o que tem menos produtividade ocorre em apenas duas circunstâncias de ênclise, ligado por hífen; ambas em contextos de supressão, não aparecendo nenhuma vez no impresso. Já em contexto de próclise, o pronome aparece 5 vezes apenas no manuscrito.

Outro caso de modificação do pronome é feito em (19), em que ocorre, com isso, uma mudança no discurso. Para além disso, Dantas insere ainda um pronome pessoal do caso reto que não estava presente no manuscrito e que, por regra, permite outra posição para o clítico:

- (19) *Quêixou-me que a perna estava sem ação.* (MS 565-5, 13/08/1958)
Ele se queixou que a perna estava sem ação. (Jesus, 13 de agosto, p. 99)

Em outro caso, o uso do pronome, em posição posterior ao verbo, é substituído por outra variante dativa, desta vez utilizando o pronome pessoal do caso reto que, conforme a tradição gramatical, é um uso mais comum aos falantes populares. O pronome pessoal tem função de sujeito, portanto foge à regra o seu emprego na posição de objeto. Por conta disso, de um uso que fere a regra, é atribuído como também característico de comunidades pouco ou não escolarizadas:

- (20) *Dei-lhes as camisas e as calças.* (MS 565-5, 09/7/1958)
Dei a eles as camisas e as calças. (Jesus, 9 de julho, p. 79)

A produtividade dos pronomes clíticos apresentada acima e a referência dos contextos de colação mostram um projeto empreendido por Audálio de negar o uso variado e especialmente em contexto de posposição realizado por Carolina de Jesus. Se pesquisadores já defenderam a ideia de que a escola é o lugar onde se aprende tal fenômeno sintático, tendo a escritora acessado os bancos escolares por apenas dois anos, é possível observar que a vasta realização pronominal provém da sua leitura literária e voraz.

6.3.2 “O meu coração parecia a mola de um trem em movimento⁹⁴”: outros deslocamentos

Além dos pronomes, encontrei ocorrências de deslocamento de palavras.

Há casos com adjuntos adverbiais sofrendo deslocamento. Em (21), a escolha de Carolina lança luz sobre a expressão “dois meninos” como uma possibilidade de foco contrastivo, uma vez que à época se tratava de duas crianças e no momento da informação prestada ela já é mãe de três crianças. Veja:

(21) *Quando ele me conheceu eu tinha só os dois meninos.* (MS 565-5, 23/07/1955)

Quando ele me conheceu eu só tinha dois meninos. (Jesus, 23 de julho, p. 19)

Em (22), outro caso permite a análise de também um foco contrastivo. Tem-se aí uma conjunção temporal que tem maior mobilidade na sentença, mas também a possibilidade de interpretar que o sujeito “os gatos” é o termo focalizado, fortalecido pela sua recuperação informacional na oração subsequente.

(22) *E agora, o sabiá esta residindo na gaiola de ouro que é o catête — cuidado sabiá, para não perder esta gaiola porque quando os gatos estão com fome. contempla as avês nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.* (MS 565-5, 19/05/1958)

E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Têm fome. (Jesus, 19 de maio, p. 29)

Em (23) o deslocamento de adjetivo acontece para estabelecer um contraste entre o elemento determinado, marcado pelo pronome ‘tudo’. Isso faz com o que elemento seja isolado e não apenas atue

⁹⁴ Jesus, 1959.

como um mero qualificador. A ordem marca uma estratégia de esclarecimento discursivo, em que palavras do mesmo contexto são listadas de modo a tornar a informação mais acessível:

(23) *E ecôa-se as gargalhadas estrepitosas entre os dõis tudo que é pornografo obseno inutil o favelado aprende com rapidez.* (MS 565-5, 28/05/1958)

E se ecoa as gargalhadas estrepitosas. Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez. (Jesus, 28 de maio, p. 40)

(24) *Enquanto espera a sua vez para encher a lata vae falando de todas e de tudo: se uma mulher esta engordando elas dizem que esta gravida.* (MS 565-5, 11/06/1958)

[...] enquanto esperam a sua vez para encher a lata vai falando de tudo e de todos. Se uma mulher está engordando, elas dizem que está grávida. (Jesus, 11 de junho, p. 52)

Entre os casos de deslocamento, se o intuito de Carolina de Jesus era dar ênfase à frase em destaque em (25), esta foi modificada por Dantas:

(25) *Quando cheguei em casa estava com tanta fome. surgiu um gato miando. olhe. e pensei eu nunca comi gato. Mas se este tivesse numa panela ensopado com cebolas tomate e pimenta juro que comia porque a pior coisa do mundo e a fome.* (MS 565-6, 31/07/1959)

...Quando cheguei em casa estava com tanta fome. Surgiu um gato miando. Olhei e pensei: Eu nunca comi gato, mas se este estivesse numa panela ensopado com cebola, tomate, juro que comia. Porque a fome é a pior coisa do mundo. (Jesus, 31/7/1959, p. 172-3)

Carolina de Jesus escolhe a posição dos elementos na frase como uma estratégia discursiva que já demarca o sofrimento da fome. Até porque é possível perceber que o pensamento não é interrompido pelo sinal de pontuação; diferente de Dantas que encerra o raciocínio e isola a frase invertendo a posição dos elementos como estratégia de reforçar o peso do discurso empreendido. O contexto da frase valida ambas as estratégias e neste caso igualmente marcam sua expressividade.

Em (26) um trecho presente no impresso é resultado de uma colagem feita por Dantas de trechos da mesma data dos diários de Carolina de Jesus.

(26) *Tomei banho e trocava para ir na cidade receber o dinheiro que o pae da Vera me dá por intermedio do juizado e pretendia falar com o dr. Valter Aymerê quando eu ia saindo, a Vera penetrou-se e disse: que não tinha expediente no parque. pensei se eu tivesse saído a Vera ia ficar sosinha. Antes de sair recordei que devia dar comida para o cachorrinho Olhei ela, que estava dêitada. Dei-lhe um pedaço de carne. e tentei desperta la. Ela estava morta*

— *Morreu de tanto comer carne.*

Falei com a vizinha, olha dona Euniçe a cachorrinha morreu de tanto comêr carne. Ela disse-me: a senhora devia dar tôda carne do porco para a Maria mãe de Analia assim ela comia e morria e dessocupava o mundo. peguei a cachorrinha e fui joga-la dentro do rio.

A Vera vendo, eu jogar a cachorra dentro do rio, disse-me: mamãe! a senhora é tão malvada! Depôis preparei-me, e fomos para a cidade passei na casa da mãe do senhor Aldo para pedir o meu caderno de poesia. Ela, deu-me café, e uma blusa. branca. que a sua filha mandou, ela dar-me. A Dona Edy fui buscar o caderno na oficina sai as presas e fui para a cidade

Fui na rua Venceslau Braz 14 vendi um pedaço de ouro que eu havia encontrado no lixo. Ante compra-lo o homem examinou-o, minuciosamente e quiz saber a procedencia do ouro

— *Disse-lhe, que cato papel, e havia encontrado-o no lixo. Ele ficou admirado — Disse-me que valia so 100, e deu-me os cem. Dirigi para a praça João Mendes. comprei 1 canêta tinteiro, Mais alem penetrei num bar, e comprei 1 quibe para a Vera e outro para mim. O sirio disse que eu podia comer o kibe sem recêio que é feito pela sua esposa e que ela é muito assiada*

Encontrei com uma preta que me olhava eu estava experimentando a canêta

Aproximou-se para ver o que eu escrevia. Li alguns versos para ela E ela gostou dos negros Despedi-me dela. Ela perguntou-me Onde poderia encontrar-me:

Respondi: no O Cruzeiro, d aqui uns dias. Eu seguia, ela ficou olhando-me distanciar-se. e dizia: olha aquela preta escreve coisas bonitas!

Cheguei no predio do juizado sentei na calçada, onde havia sol e comecei escrever. As pessoas que passavam, me olhavam. Havia uma fila enorme. dentro e fora do predio.

Os funcionarios vinham chegando. vi alguns que eu conheço. O tessoureiro e o dr. Valter Aymerê — ja faz 3 anos que eu não falo com aquele homem. vendo-o pensei: será que ele ja esta mais iducado? Assim que a porta abriu-se a turba penetrou-se

A Vera disse-me: mamãe, a porta ja abriu! penétrei, e galguei os degraus

Levei a Vera no mitorio, depois fui para a fila. para pegar a ficha, para falar com o dr. Valter. Enquanto aguardava a minha vez escrevia.

Uma nortista que ia registrar o filho estava impaciente. Falando, e perguntando se êles demoram atender.

— *Disse-lhe que esperasse.*

— *Quando chegou a minha vez falei com o advogado que da a ficha que eu pretendia falar com o dr. Valter Aymerê*

— *O que queres falar-lhe? Exitei sem saber do que se trata, não posso dar-te a fixa. E que eu escrevi um Diario. E o reporter Audalio Dantas, vae publica-lo no O Cruzeiro e no meu Diario, eu não revelo o nome do pae de minha filha E se o reporter Audalio Dantas vier perguntar o nome do pae de minha filha para o dr. Valter não revelar. para isto, eu não posso dar-te a ficha vae falar com a Valter. Fui. Assim que êle abriu a porta eu disse-lhe: quero falar com o senhor.*

— *Espera a sua vez!*

— **O advogado não quiz me dar a ficha** (MS 565-6, 8/5/1959)

... Fui no juiz. Receber o dinheiro que o pai da Vera me dá por intermédio do juizado. (...) O advogado não quis me dar a ficha. (Jesus, 8 de maio, p. 154)

Algumas questões são importantes na passagem acima. A primeira delas é o apagamento do pronome reflexivo comum em Minas Gerais, conforme aponta Martins (2013). Ainda que os exemplos trazidos pelo pesquisador mostrem dados recentes, é possível observar, já na década de 1950, o desaparecimento de tal pronome na gramática da escritora.

Outro tipo de deslocamento que encontrei diz respeito às datas que o Audálio Dantas modifica. Mesmo diante dos registros de Carolina de Jesus, seu editor opta por mudar datas sem comunicar ou sinalizar ao leitor de sua ação, conseqüentemente nenhuma justificativa foi apresentada.

Conforme levantamento realizado entre os testemunhos, apresento os seguintes deslocamentos de datas:

Quadro 3 – Localização dos deslocamentos de datas

MANUSCRITOS	IMPRESSO
Trecho de 06/05/1958	Disposto em 08/05/1958
Trecho de 23/05/1958	Disposto em 24/05/1958
Trecho de 09/11/1958	Disposto em 10/11/1958
Trecho de 23/11/1958	Disposto em 24/11/1958
Trecho de 08/05/1959	Disposto em 08/05/1959, 3 parágrafos abaixo da sua localização equivalente no manuscrito.
Trecho de 26/07/1959	Disposto em 27/07/1959
Trecho de 26/08/1959	Disposto em 27/08/1959

(27) *Levantei de manhã estava chovendo. Os meninos não iam a escola por não ter aulas. O João e o José Carlos começam a brigar. E são violentos quando brigam. peguei o saco, e a sacola e a marmita Fui na rua Araguaia no frigorífico Incopre pedir linguiça. E lá que reúne os infelizes sujos e desdentados crianças descalças e rotas usando roupas descaradas e remendadas graças a generosidade do Frigorífico Incopre, os pobres comem um pedaço de carne uma vez por semana. O Frigorífico*

*Incopre, que não é filiado ao serviço social, é mais generoso com os indigentes E tratam os indigentes com tanta meiguice e cortezia, que eu fico admirada la não tem baionêta, nem carro de prêso para amendrontar os indigen tes. para as mães dão linguiça ou carne de porco. para as crianças salchichas. As vêzes da sacos de sal vazio para fazer camisas para os colegiaes E elas saem contentes dizendo agora eu compro um pouco de fubá, e faço uma sôpa. contempla-as no seu andar morôso. querendo cair como se as pernas ja não suportassem o pêsso dos ossos. parecem esquelêtos ambulantes. O Frigorifico Incopre no Natal da carne aos pobres e Ano bom Nas eleições para governadôr de São Paulo. Apareceu por aqui um carro branco e dôis automoveis. Quando aparecem estas mumias o povo já sabem que vem para a favela e atrai os curiosos. E o povo da favela corre para ver o que é. Eu sou a unica a chegar. Tinha um médico que disse ter sido enviado pelo exprefêito Janio Quadros. Bradou: eu vim aqui para examinar-vos. em primeiro lugar as crianças. E fôram selêcionando as crianças pelas idades. Tinha um senhor que estava com tanto nôjo dos favelados, que cuspia todos instantes. Examinava a criança e dava uma lata de lêite Dizia: o teu filho esta desnutri do. Eu quero vê-lo forte jogando foot bal. O Brasil precisa de homens fortes. E as mães saiam sorrindo Eu não quiz o lêite e não dêixei examinar os meus filhos Percibi que êles não simpatisa vam comigo Minhas palavras lhe incomodava. porque os politicos gostam, é dos incientes Eu dizia: êste lêite esta podre porque eles não da este lêite para os cavalos de corrida porque na época do grande premio Brasil, os cavalos são tratados com lêite em pó Este lêite vae estragar os intestinos das crianças. As faveladas não percibiam o que eu dizia. A decisão do médico, anulava o meu recêio em relação ao lêite. Resultado: — morreu crianças aqui na favela que nos imprecionava. E muitos comenta va: a morte baixou aqui. Mas as mães da favela são incientes, não observam nada não acreditaram. que foi o lêite em pó. Dativa fatal para as crianças da favela Os politicos bajulam as crianças, para captar-lhe o voto na êleições. Êles pegam as nossas crianças e nos chama de comadre. Mas êles vem aqui com roupas velhas. Dêixei a Vera e levei o José Carlos Quando passei na rua Pedro Vicente 508 a senhora que resside la deu-me uns vistidos e uma biblia. Estou alegre. Estou formando a minha bibliote ca Agradecei e segui. O Leon pesou o meu papel recibi 6. cruzeiros. pensei: sera que não consigo mais papeis! Dirigi para a Avenida Tiradentes. Fui ate a Dona Julita. Ela esta viajando. Fui na rua Alfredo Maia na sapataria peguei o papel e fui para o deposito Recibi 20 cruzeiros. O Jose Carlos ganhou 4 e comprou 1 pasteis e deu-me dôis cruzeiros Quando eu vinha para a favela encontrei com a Rosalina que vinha com o seu carrinho de duas rodas Mandou eu por a sacola dentro do carro. Quando eu passava na Avenida Cruzeiros do Sul eu achei 4 pneus A Rosalina dêixou eu por dentro do carro. Ela achou uns docês no lixo e vinha comendo. Deu-me uns. pensei a moda na favela pega. Quase todos comem o que encontram no lixo **Nas ruas e casas comerciaes ja se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputa dos alguns nomes ja são conhecidos são reincidentes que ja foram préteridos mas não dissistem. Mas o povo não esta interessado nas elêições, que é o cavalo de troia que aparece de quatro, em quatro anos.** Quando cheguei na favela era onze e mêia. Fui correndo vender os pneus Levava dôis na cabeça dentro do saco, e rodava um. E o José Carlos ia rodando outro. ganhei 21 cruzeiros Fiquei com 47. O José Carlos ganhou 2 cruzeiros Eu entrei na padaria guine e comprei um sanduiche para o Jose Carlos. Fiquei com 41. cheguei na favela mandei o José Carlos comprar 9 de macarrao, e 7 de cafe. Não*

tinha 2 colheres Quando vi o café chinguei os politicos, e os negociantes politicos e negociantes geraram no mesmo espermatozoide. gastamos tanto dinheiro e não temos nada para comêr. Depôis falam que os brasileiros são neuroticos icivil incultos É que não ha organização. Não predomina a inscrição da bandeira — Ordem — Não vigora os preços tabelados O comercio é indisciplinado é ganancioso, os atacadistas prevalesçem para reorganisar êste Brasil precisa um homem denodado, superior a sedução tipo Isidoro Dias Lopes. Em 1946 eu encontrei com um soldado combatente da revolução de 1924. Êle enaltecia o Isidoro Dias Lopes e dizia: aquêle homem, não devia envelheçer. Êle acha que o Brasil esta atrofiando. Açertou. E os nossos politicos médicos, crêio que ainda não previram o atrofiamento do paiz. O descontentamento do povo e custo de vida. Tudo que o homem pode adulterar ou falsificar êle falsifica e adultera. Até o dinheiro que deve ser a coisa mais respêita da num paiz. A vida é bôa. O mundo é bom. E ambição desmedida que lhe ofusca o donaire. O céu é belo digno de contemplar porque as nuvens vaguêiam e formam paisagens deslumbr-brantes As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flôres. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se As avês percorrem o espaço demonstrando contentamento A noite surge e as estrêlas cintilantes aparecem para adornar o céu azulado Ha varias coisas belas no mundo. que não é possivel discrever-se So uma coisa nos entristece Os precios. Quando vamos fazer compras. Ofusca tôdas belezas que existe
A Theresa irma da Meyri bebeu soda. E sem motivo. Disse que encontrou um bilhete de uma mulher no bolso do seu amado. perdeu muito sangue. Os medicos diz que se ela sarar ficará imprestavel tem dôis filhos, um de 4 anos e outro de 9 mêses. (MS 565-5, 24/5/1958)

Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram à cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.

... Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de tróia que aparece de quatro em quatro anos.

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro-rei sempre pontual para se despontar e se recluir. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível se descrever. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe.

A Teresa irmã da Meyri bebeu soda. E sem motivo. Disse que encontrou um bilhete de uma mulher no bolso do seu amado. Perdeu muito sangue. Os médicos diz que se ela sarar ficará imprestável. Tem dois filhos, um de quatro anos e outro de nove meses. (Jesus, 23/5/1958)

Interessante como o editor apaga o texto da data de 9 de novembro de 1958 de Carolina no seu projeto editorial e coloca como tal data um texto que nos manuscritos está disposto em 10 de novembro do mesmo ano. Mais uma ação inexplicável:

(28) *Dêixei o lêito as 5 horas e fui carregar agua. Fiz café. Fiz uma farofa de carne para os filhos porque o dinheiro não vae dar para comprar pão. Mandei o João comprar 4 de pão para ele levar de lanche. Os filhos foram a escola e eu sai com a Vera porque vou leva-la para fazer o curativo no pé e ver se ela pode tomar uma injeção para cortar o resfriado*

Ela passou no Frigorífico Incopre e pediu uma salchicha. ganhou 2 ficou contente. Eu fui catando papel Fui na Dona Julita Ela estava na feira. O senhor João esta melhór Ela chegou da feira e deu-me comida para eu trazer. passei na farmacia Nova Era e pedi ao senhor Lindolfo para fazer o curativo no pé da Vera. Ele fez e deu umas capsulas para ela tomar. Ela começou chorar com medo de tomar injeção.

Ela começou brigar com o senhor Lindolfo Ele deu-lhe 2 cruzeiros. Ele disse-me para eu ir na sua casa. Na rua Maria Candida. Que a sua esposa e muito bõazinha. Que êle tem 2 filhos passei na papelaria city e conversei com a balconista. Ela disse-me que é ela e o seu irmão que sustentam a casa, e não dêixam faltar nada para os velhos. Que é o seu irmão quem paga o aluguel da casa. Que êle é muito bom. E muito bonito. prometeu-me apresenta-lo A Vera começou quêixar-se que estava cançada. Eu vim para casa. Estava disposta. preparei a refeição para os filhos e fui lavar roupas Quem estava no rio era a Dorça e uma nortista que dizia que a sua nora estava em trabalhos de parto. A três dias. E que não conseguia hospital. Que chamaram a Radio Patrulha para interna-la e ainda não havia dado solução. A velha dizia:

São Paulo não presta. se fôsse no Norte era so chamar uma mulher, e pronto.

— Mas a senhora não esta no Norte. precisa providenciar hospital para a mulher. A senhora esta em São paulo.

— O marido vende na feira Mas, não quer gostar com a esposa porque quer ir para o Norte e esta ajuntando dinheiro. Que homem nojento. Ver a esposa sofrendo e não condoer-se. A velha andava de um lado para outro. Disse: que a sua filha voltou para o Norte que não gosta de são Paulo. E que não come as carnes daqui. porque são congela-das e sem sabôr. Eu vi um nortista que estava bem aqui em São Paulo voltou para o Norte. gastou todo dinheiro e voltou novamente para são paulo. Eu ajudei a nortista lavar as roupas. E ela foi-se embora. A Dara veio lavar as roupas e a Dorça perguntou-lhe se conhecia parteira. (MS 565-3, 10/11/1958)

... Preparei a refeição para os filhos e fui lavar roupas. Quem estava no rio era a Dorça e uma nortista que dizia que a nora estava em trabalho de parto. Há treis dias. E não conseguia hospital. Chamaram a radiopatrulha para internar e ainda não havia dado solução. A velha dizia:

— São Paulo não presta. Se fosse no norte era só chamar uma mulher, e pronto.

— Mas a senhora não está no norte. Precisa providenciar hospital para a mulher.

O marido vende na feira. Mas não quer gastar com a esposa porque quer ir para o norte e está ajuntando dinheiro. (JESUS, 9/11/1958)

Outros trechos são encontrados ao longo do *corpus* e que sofreram alteração de data por Dantas. Uma vez que o projeto é a apresentação de diário, o que leva seu editor a modificar datas? Tal atitude condiciona o registro equivocado das ações ocorridas conforme a apresentação do conteúdo informativo da autora. As colagens feitas por Dantas consequentemente podem também contribuir para explicar o motivo de algumas passagens do livro serem entendidas como sem sentido; junto a isso, a vagueza do texto não ser vista como culpa da escritora, mas de seu editor. Porém, esse é um caminho para refletir sobre a responsabilidade editorial que pesa muito sobre os autores e quanto mais atravessamentos atinjam esses indivíduos (raça, gênero, orientação sexual), mais intensa é a estereotipagem. E quem sai, por vezes, blindado é o editor, como ocorreu com o caso de Carolina de Jesus.

A última página do livro contém uma data que tem apenas uma frase. Estou falando da data de 26 de agosto de 1959. Frase forte, de impacto, com o seguinte período:

(29) *A pior coisa do mundo é a fome!* (JESUS, 26/11/1959)

Contudo, conforme os manuscritos, tal passagem está na data de 27 de novembro, e não 26, como registrou Audálio Dantas em (24):

(30) *Levantei as 5 horas e fui carregar agua. Acendi o fôgo e fiz cafe. Não comprei pão. Os filhos comeram pão amanhecido. Hoje eu não vou sair. vou lavar as roupas. — Faz duas semanas que eu não lavo as roupas. porque não tinha sabão comprei 5 sabões. E a Dona Guiomar Dona da tinturaria Tiradentes, deu-me um pedaço*
Os filhos foram a escola Eu fui pro rio. Quando as eu levava a trouxa de roupas as mulheres olhavam incredulas perguntavam.
— Você lava todas roupas hoje?
— Isto para mim não é nada
Ensaboei as roupas e puis quarar. Voltei para ir no deposito de ferro vender uns ferros. — O Jose Carlos voltou da escola e destampou as panelas — so água. O seu olhar pousou no fogão. Estava apagado — Fique com dó dêle porque é um infeliz da era Adhemarista janista, juelinista e Lotista. para mim, êstes politicos da atualidade, fôram apôiadados pelo diabo, para transformar o Brasil na sucursal do inferno. porque so o diabo, é que diverte-se com o extertôr e agonia que êle porpociona aos que estao sobre o seu dominio.
*Ele dirigiu-se para a lata de pão. comeu um pedaço e exclamou... estou com fome! procurou cafe no bule. vendo o meu filho procurando comida eu tinha a impressão de estar assistindo um trecho de um drama mais pungente da vida. — **porque a pior coisa do mundo... É a fome!** Eu fui no deposito vender as latas, as estôpas e os ferros vidros etc Dêixei a Vera — Ela agora é sabida pode ficar sosinha*

Quando alguém lhe fala pornografia ela fala: eu, vou contar pra mamãe. conta-me. E eu, vou repreender o imoral. Na presença de quem que sêja, eu repito

O que êle disse para a minha filha. ganhei 51 comprei outro sabão e um pão. 26.

A dona Magdalena deu-me bananas. Uns pedaços de frios e queijo — Ela disse-me que as bananas estão tão caras. Eu voltei depressa. Fiz farofa de bananas comi e fui lavar as roupas. De manhã a Dona Adelaide deu-me café com pão A Dona Nene disse-me para eu ir ver o filho da Cirçe — recém-nascido. pensei: outro candidato a passar fome. porque coitado de quem nasce nêste pais passei o dia no Rio. O João disse-me que o diretor da escola disse-me para eu ir la.

Eu não tenho tempo de sair. Mas, amanhã eu vou se Deus quizer — Lavei roupas ate as 5 em meia cobertores etc. ainda tem mais roupas para lavar mas, não tenho sabão. Hoje eu pensei em dar fim na minha vida. O pae da Vera não me deu um centavo êste mês — Aquêle novento. Desgraçado. Ele é um burro com aparência humana. Ele fala que foi infeliz no casamento. Que aconsêlha o filho para não casar-se. Homem estúpido.

A pior coisa do mundo e a velhiçe sosinha. O velho solteirão na velhiçe sente-se isolado. igual uma arvore sem galhos e sem frutos. Não sei como é que nos vamos viver. Se ficarmos um dia em casa para higienisar-se não tem o que comêr. Meus filhos Hoje, cantaram. custaram dormir

Quando a alimentação e fraca o sono custa surgir Mas os nossos politicos médicos, não sabem disto. porque reçêberam os diplomas pelo correio Não passaram fome. Não observam as reações que a deficiência alimentar produs num organismo. — são semi-doutôres — Os ministros da fome!

Hoje faz 31 anos que morreu o meu avô

27 de Agosto de 1927

Audálio Dantas reduz um trecho forte, doloroso, para além da própria frase, num único período. Por qual motivo? Com que interesse? Se o objetivo de Dantas era impactar uma sociedade com a força de um registro de uma mulher que conviveu com o lado mais amargo da vida, esta foi uma oportunidade significativa perdida pelo editor, a meu ver.

A próxima variável é ainda mais complexa de descrever. É o grupo das substituições, condição em que me demoro porque, como vou apresentar, o que é descortinado pode levar o leitor a reflexões severas.

6.4 “E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: SUBSTITUIÇÃO (Sb)

Durante a transcrição do texto dos manuscritos, senti dificuldades em algumas passagens quanto à escrita de Carolina Maria de Jesus. Isto porque, como já descrito anteriormente sobre a sua grafia, havia letras, palavras cuja escolha partiu da minha interpretação do contexto.

As escolhas do editor que culminaram no grupo a que chamo de ações de substituição foram numerosas e muito diversas. As razões para tais variam desde as passíveis de justificativas até aquelas que não me deram nenhum indício de motivação para ser realizadas, causando, principalmente, uma mudança na imagem da escritora.

Foi especialmente pensando nas substituições e nas supressões que me motivei a transcrever as centenas de páginas que contemplam o período que compõe o livro. Contabilizei 8067 lugares em que ocorrem a substituição nos manuscritos. Somente a partir dessa transcrição, seguido do cotejo, ficou mais nítido vislumbrar os projetos da autora e do editor em voga.

Entendo por substituição todos os lugares em que o editor intervém na escolha da escritora. Isso implica movimentos de acentuação, ortografia, concordância, mudança de variante. Todas as substituições foram listadas independente de se tratar de uma escolha que se aproximasse ou não da prescrição gramatical.

Observei que, por vezes, um mesmo vocábulo apresenta duas ou três ações de substituição a exemplo de (1):

(1) 15 de julho. *Aniverssario* da minha filha Vera Eunice. (MS 565-5, 15/7/1955)

Aniversário de minha filha Vera Eunice. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

A palavra “aniverssario” registrada por Carolina é um caso em que temos duas ações do editor em circunstância de substituição: o dígrafo “ss” substituído pelo fonema “s”, isto é, de ordem da ortografia, e o acento agudo inserido pelo editor, de ordem da acentuação. Ambas as ações foram contabilizadas neste grupo.

No que respeita à acentuação, muitos casos envolvem as substituições identificadas. A maioria das substituições realizadas pelo editor diz respeito à acentuação e ortografia. Casos em que o editor insere acento gráfico agudo ou circunflexo para atender a norma ou os retira:

(2) *Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desêjos.* (MS 565-5, 15/7/1955)

Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

Vocábulos com acento gráfico, conforme norma gramatical tradicional de 1945, que não são colocados pela escritora, são corrigidos pelo editor, como em (3):

(3) *porque o sacco de latas não pesava tanto para eu ganhar 31. cruzeiros E a quantia que eu preciso para pagar a luz.* (MS 565-5, 19/07/1955)

— Porque o saco de latas não pesava tanto para eu ganhar trinta e um cruzeiros. É a quantia que eu preciso para pagar a luz. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

(4) *Nas favelas ha os que trabalham. E ha os que levam a vida a torto e a direito, o que não querem, é trabalhar.* (MS 565-5, 19/07/1955)

(...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

(5) *As vezes, eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de box* (MS 565-5, 19/07/1955)

Às vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. (Jesus, 19 de julho, p. 14)

Em casos em que há a presença de um ponto de seguimento ou parágrafo, ocorre alternância de escrita em maiúscula ou minúsculas. Nesses casos, independente da ação da escritora, lembrando aqui que há performance de escrita dela a qual não consegui distinguir maiúsculas de minúsculas, o editor coloca sempre a letra maiúscula iniciando um novo período. A mesma ação de inserir a letra maiúscula se dá para nomes de marcas, pessoas etc.

(6) *Tomei um melhoral, e deitei novamente.* (MS 565-5, 15/7/1955)

Tomei um Melhoral e me deitei novamente. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

O ponto parágrafo só é possível identificação com mais tranquilidade, quando, na linha anterior, fica o espaço ao seu final. No entanto, a maneira como a escritora coloca tais pontos em sua narrativa revela muito mais o seu entendimento sobre a escrita, e não uma preocupação direta com o atendimento à norma padrão. Até porque Carolina Maria de Jesus escreve nas condições que lhe são viáveis e isso significa na rua, na sua casa, em praças públicas, um caso

bem evidente de escrita de oportunidade com o objetivo único de registrar e dar conta o máximo possível daquilo que via e queria transpor ao papel.

No que respeita à ortografia, casos em que a escrita da autora revela possivelmente sua performance oral, para atendimento à norma padrão, o editor altera:

- (7) *Eu não tinha um tustão, para comprar pão.* (MS 565-5, 15/7/1955)
Eu não tinha um tostão para comprar pão. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)
- (8) *percibi que estava resfriada.* (MS 565-5, 15/7/1955)
Percebi que estava resfriada. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)
- (9) *Levantei. Obdeci a Vera Euniçe.* (MS 565-5, 16/7/1955)
Levantei. Obedeci a Vera Eunice. (Jesus, 16 de julho de 1955, p. 7)
- (10) *Quando iniciei outro surgio os filhos pedindo pão* (MS 565-5, 16/7/1955)
Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. (Jesus, 16 de julho de 1955, p. 8)
- (11) *puis agua no fôgo para fazer café.* (MS 565-5, 16/7/1955)
Puis água no fogão para fazer café. (Jesus, 16 de julho de 1955, p. 8)

Casos estes, muitas vezes envolvendo a prosódia da autora, que culminam em erros ortográficos, mas que buscam atender sua expressão fonético-fonológica:

- (12) *Os visinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não consequiru.*
Os visinhos das casas de tijolos diz: (MS 565-5, 15/05/1958)
Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo-assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. *Os vizinhos das casas de tijolos diz:* (Jesus, 15 de maio, p. 27)

No contexto que segue em (13), a oralidade é novamente reproduzida por Carolina de Jesus e o editor faz a substituição para a forma padrão:

- (13) *Ela é feiticeira, pode bota um feitiço ni mim.* (MS 565-5, 3/06/1958)
 — Ela é feiticeira, pode botar um feitiço em mim. (JESUS, 3 de junho, p. 47)

Em (14) o rotacismo presente no vocábulo “Ingraterra” é substituído pelo editor por sua forma padrão.

- (14) *Ele dá só os pedaços de bolacha E elas saem contente como se fossem a rainha Elisabethe da Ingraterra quando o recebeu os treze bilhões em joias que o presidente Kubistchek lhe enviou como presente de aniversario. (MS 565-5, 14/06/1958)*
Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a rainha Elisabete da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em jóias que o presidente Kubitschek lhe enviou para presente de aniversário. (Jesus, 14 de junho, p. 55)

Entre (15) e (17), tenho contextos em que números ordinais e cardinais, assim escritos pela autora, são substituídos por sua forma em extenso no impresso pelo editor:

- (15) *O senhor Manoel chegou. Disse-lhe que a reportagem vai sair 4^a feira. (MS 565-6, 8/6/1959)*
O sr. Manuel chegou. Disse que a reportagem vai sair quarta-feira (Jesus, 8/6/1959, p. 158)
- (16) *Esprei ate as 11 horas, um certo alguem. (MS 565-5, 15/7/1955)*
Esprei até as onze horas, um certo alguém. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)
- (17) *Era onze horas da noite quando eu recordei do convite do ilustre tenente da 12 delegacia. (MS 565-5, 06/05/1958)*
Era onze horas quando eu recordei do convite do ilustre tenente da 12.^a Delegacia. (Jesus, 6 de maio, p. 23)

No caso que segue, o editor, além de substituir para a escrita por extenso, ainda escreve fora da norma:

- (18) *Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo ele ficou com os litros, e deu-me pão. (MS 565-5, 15/07/1955)*
Então eu lavei treis litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e me deu pão. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

Houve casos de números fracionados em que a autora assim os escreve e o editor, para cumprir o que ele chama de ideia de sentido ao texto, substitui pela forma em extenso:

- (19) *Deixei o leito as 6^{ta}. (MS 565-5, 17/7/1955)*
Deixei o leito às seis e meia. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

No caso (20), a autora se equivoca no numerador da fração, mas em outras ocasiões ela faz a marcação conforme a regra padrão como em (19):

- (20) *Depois, não mais quiz falar com ninguém. porque precisava catar papel. precisava dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa, para comprar pão. trabalhei até as 11, 1/2. (MS 565-5, 17/7/1955)*
Depois, não mais quis falar com ninguém porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as onze e meia. (Jesus, 17 de julho, p. 10)

Em um caso com número múltiplo, o editor o modifica possivelmente por conta de não concordar com a informação apresentada pela escritora:

- (21) *Ele dá só os pedaços de bolacha E elas saem contente como se fossem a rainha Elisabethe da Ingraterra quando o recebeu os treze bilhões em joias que o presidente Kubistchek lhe enviou como presente de aniversario. (MS 565-5, 14/6/1958)*
Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a rainha Elisabete da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em jóias que o presidente Kubitschek lhe enviou para presente de aniversário. (Jesus, 14 de junho, p. 55)

É possível entender que equívoco por parte da escritora e o editor faz a correção substituindo pela informação que considera mais conveniente. Importante ressaltar que, por estarmos falando de um diário íntimo, a pressa no ato de escrever, os lapsos e outras circunstâncias podem ocorrer gerando também essas falhas.

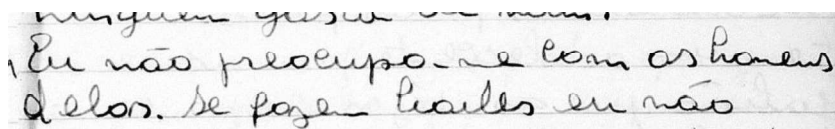
Em (22), tenho alguns casos de ordem lexical, como o famigerado uso dos porquês. Sabemos que o emprego de tal uso é um emblema entre os falantes do português do Brasil. Em contexto com eles, a autora tem sua escrita substituída pela norma padrão escolhida pelo editor:

- (22) — Não. Porque? (MS 565-5, 19/7/1955)
 — Não. Por quê? (Jesus, 19 de julho, p. 13)

A escrita apresenta, ao longo dos manuscritos, contextos em que utiliza o apóstrofo. Tal sinal é retirado pelo editor:

- (23) *Estou ressidindo nesta favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar d'aqui. (MS 565-5, 19/7/1955)*
 ...*Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. (Jesus, 19 de julho, p. 14)*

A escrita de Carolina mostra que, em casos da locução prepositiva formada pela preposição ‘de’ + pronome pessoal de 3ª pessoa, seja singular ou plural, é registrado um leve afastamento entre as partes da contração. Em todos eles, o editor une-os:



(24) *Eu não preocupo-me com os homens d elas. se fazem bailes eu não compareço porque não gosto de dançar.* (MS 565-5, 20/5/1958)

... *Eu não me preocupo com os homens delas. Se fazem bailes eu não compareço porque não gosto de dançar.* (Jesus, 20 de maio, p. 32)

Em algumas passagens, especialmente no início dos manuscritos, em que a escritora registra, por vezes, em contextos que o fonema /s/ tem som de ‘z’, a grafia das palavras por ela é feita com ‘ss’. Já o fonema /r/ vibrante é escrito por ela com ‘rr’:

(25) *Não tem nójo dos favelados cuida dos misseros favelados com carinho. Isto competia ao tal serviço social* (MS 565-5, 18/5/1958)

Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isto competia ao tal serviço social. (Jesus, 18 de maio, p. 28)

(26) *chegou o esquife. cor roxa cor da amargurra que envolve os coracoes dos favelados.* (MS 565-5, 18/5/1958)

... *Chegou o esquife. Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados.* (Jesus, 18 de maio, p. 28)

(27) *A indisposição dessaparece sai, e fui no seu Manoel levar umas latas para vender.* (MS 565-5, 16/7/1955)

A indisposição desapareceu, sai e fui ao seu Manuel levar umas latas para vender. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Outros casos de correção gráfica ocorrem em (28). Na primeira ocorrência, o editor corrige a ortografia, mas retira a flexão de número que atende à concordância, ação essa que transpassa para a escritora uma imagem de, por possuir baixa escolarização, desconhecedora das regras gramaticais. Na segunda ocorrência, ele somente corrige a norma:

(28) Elas custumam esperar eu sair para vir no barracão expancar os meus filhos justamente quando eu não estou em casa. (MS 565-5, 19/7/1955)

Elas costuma esperar eu sair para vir no meu barracão espancar os meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

Alguns vocábulos cuja escrita Carolina de Jesus faz iniciando com ‘h’, regra não mais presente no acordo vigente, o de 1945, são substituídos pelo editor no impresso:

(29) *Dei um pedaço a cada um. pus o feijão no fogo que ganhei hontem do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103.* (MS 565-5, 17/7/1955)

Dei um pedaço a cada um, pois feijão no fogo que ganhei ontem do centro espírita da Rua Vergueiro 103. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Encontrei alguns casos de vocábulos com sílaba final contendo o ditongo -io, assim escrito por Carolina, e o editor faz a correção gramatical escrevendo -iu:

(30) *A Flôrenciana prossequio elogiando o Janio ela sabe que eu sou Adhemarista rôxa.* (MS 565-5, 19/07/1955)

A Florenciana prossequiu elogiando o Jânio. (Jesus, 19 de julho, p. 12)

A travessa do ‘t’ não cortada é mais um indício da escrita apressada de Carolina, o chamado *lapsus calami*, ou erro acidental ao escrever. Audálio corrige todas as ocorrências:

(31) *Um vislido que fez para a Vera.* (MS 565-5, 2/6/1958)

Um vestido que fez para a Vera. (Jesus, 2 de junho, p. 45)

No nível morfossintático outras substituições são acionadas por Dantas. Pronomes pessoais do caso oblíquo átonos, escritos por Carolina, são substituídos por seu editor. Em (31), ele usa o recurso da forma lembrete, ou seja, por um pronome pessoal do caso reto, que deveria ser empregado na função de sujeito. É interessante que a escritora usa a flexão de masculino e plural, porque tem filhos do sexo masculino, conforme determina a gramática tradicional. Na substituição, o editor relaciona o pronome lembrete à palavra ‘crianças’ e assim a concorda em sua flexão de gênero. Qual a razão para tal substituição? Como é diversa a forma de substituição de Dantas, a interpretação para o ato fica distante e tampouco ele sinaliza no livro:

- (32) *Ablui a crianças aleiteios e abluí me e aleitei-me.* (MS 565-5, 15/7/1955)
Abluí as crianças, aleitei elas e me abluí e me aleitei. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

Ainda sobre o caso em (32), Dantas não apresenta uma exclusividade que marque os casos dativo (objeto indireto - OI) e acusativo (objeto indireto - OD) transmutando-os para o uso do ele seguido respectivamente de preposição ou não. Isto porque ao observar os pronomes encontro 454 ocorrências do pronome *lhe*, no testemunho manuscrito e dessas apenas 240 ocorrências estão presentes na edição impressa, o que indica aproximadamente 52,86%.

Em (33) novamente o uso da variante dativa feita por Dantas, em que ele retira o clítico ‘*lhe*’ da ênclise ao verbo ‘*dar*’ e converte na contração com valor locativo ‘*nele*’.

- (33) **Dei-lhe uns tapa** e em cinco minutos ele chegou em casa. (MS 565-5, 15/7/1955)
Dei uns tapas nele e em cinco minutos ele chegou em casa. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

Em (34), novamente com o uso do ‘*lhe*’ substituído pelo pronome pessoal:

- (34) *Dêixei as crianças. recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair a rua. porque as pessimas vizinhas que eu tenho, não dão socêgo aos meus filhos.* (MS 565-5, 16/7/1955)
Deixei as crianças. Recomendei a elas para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão sossego aos meus filhos. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Em (35) um caso curioso: a desinência número-pessoa do verbo é confundida com um pronome clítico e por isso a autora o separa do verbo pelo hífen. A estratégia de substituição do editor, ao invés de apenas retirar o hífen, é também a de apagar a partícula desinencial. A concordância praticada por Carolina de Jesus é assim não só substituída, como suprimida pelo editor.

- (35) *Encontrei varias pessoas amigas e parava para falar-mos.* (MS 565-5, 17/7/1955)
Encontrei várias pessoas amigas e parava para falar. (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Em todo o testemunho manuscrito, encontro 19 casos como o apresentado em (35). Todos utilizando essa mesma construção sintática na primeira pessoa do plural com a possibilidade de ter a desinência interpretada como um clítico. No projeto de Dantas, todas as construções são modificadas

Carolina de Jesus não utiliza hífen em algumas palavras compostas e o editor faz a correção, inserindo-o:

(36) *Eu estava indisposta ressolvi benzer- abri a bôca duas vêzes certifiquei-me, que eu estava com mau olhado.* (MS 565-5, 16/07/1955)

Eu estava indisposta, resolvi me benzer. Abri a boca duas vezes, me certifiquei que estava com mau- olhado. (Jesus, 16 de julho, p. 7-8)

Carolina Maria de Jesus não tem um uso comum do sinal gráfico grave. Elemento que, se o objetivo do editor fosse atender à norma, seria usado no contexto que segue. No entanto a substituição de Audálio, ao invés do uso formal, solicitado pela norma padrão (preposição ‘a’), se dá por uma preposição que caracteriza um discurso mais popular (a preposição ‘em’), em forma contracta, união desta com o determinante “a” do sintagma nominal que o contempla.

(37) *Dêixei as crianças. recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair a rua. porque as pessimas vizinhas que eu tenho, não dão socêgo aos meus filhos.* (MS 565-5, 16/7/1955)

Deixei as crianças. Recomendei a elas para brincar no quintal e não sair na rua. porque os pèssimos vizinhos que eu tenho não dão sossego aos meus filhos. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Em (38), a ideia de correção ou melhoria da estrutura textual de Carolina se rompe com Dantas realizando uma substituição em caráter de apresentar uma variante ortográfica não-normativa que a autora não cometeu:

(38) *sai indisposta. com vontade de dêitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso.* (MS 565-5, 16/7/1955)

Sai indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Na mesma situação, o desvio da falta de acento gráfico na paroxítone cometido por Carolina de Jesus é imediatamente corrigido pelo editor. Por qual razão? Qual a ideia que ele queria transmitir nessa ocasião quando escolhe executar tais ações no mesmo vocábulo?

Ao longo do manuscrito, Carolina de Jesus denuncia muitas situações constrangedoras, violentas que poderiam comprometer diversas pessoas. Audálio escolhe em alguns casos suprimir o nome dessas pessoas, assim substitui o nome exposto por Carolina no diário para a sua forma abreviada colocando apenas a inicial.

(39) *Quando eu estava conversando com o senhor Antonio Venancio presenciei uma cena repugnante a mulher d aquele mulato que mora de frente ao senhor Antonio namorando o João Nortista Aquele que tem 2 dentes de ouro (Caderno 11, 16/12/1958)*

... Quando eu estava conversando com o sr. Venâncio presenciei uma cena repugnante. A mulher daquele mulato que mora de frente ao sr. A. namorando o João Nortista. Aquele que tem dois dentes de ouro. (Jesus, 16 de dezembro, p. 132)

Há outros casos de vocábulos em que a autora abrevia e o editor desenvolve:

(40) *Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com os meus filhos. (MS 565-5, 16/7/1955)*

Talvez a dona Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos. (Jesus, 16 de julho, p. 8)

Fato é que o editor não apresenta nenhum critério para escolher desenvolver ou não a abreviatura. Observo que muitos itens lexicais considerados mais rebuscados sofrem interferência do editor. Em alguns deles, o autor exerce a substituição fazendo a correção ortográfica, como (41):

(41) *Varias pessoas afluíram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva porque, eu estava catando papel adrajosa. (MS 565-5, 17/7/1955)*

Várias pessoas se afluíram. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa. (Jesus, 17 de julho, p. 10)

Entre (42) e (44), ele substitui a palavra rebuscada por uma com sentido mais comum:

(42) *As dificuldades côarta o afêto do povo para com os politicos. (MS 565-5, 16/05/1958)*

As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (Jesus, 16 de maio, p. 28)

(43) *Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo e a dinheiro e eu não encontro emprêgo porque já sou anôso. (MS 565-5, 7/6/1958)*

Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou idoso. (Jesus, 7 de junho, p. 49)

- (44) *Deu para comprar oleo, carne e açucar. ganhei umas bananas fiz doçê. O José Carlos esta mais calmo depôis que expeliu os vermes, 21. vermes. (MS 565-5, 11/6/1958)*
Deu para comprar óleo, carne e açúcar. Ganhei umas bananas, fiz doce. O José Carlos está mais calmo depois que botou os vermes, vinte e um vermes. (Jesus, 11 de junho, p. 53)

Carolina apresenta ainda uma competência lexical erudita bastante perceptível ao longo dos seus escritos. Como exemplo, trago *atrabiliaria* (MS 565-5, 19r); *escoimar* (MS 565-5, 439v.); *dicacidades* (MS 565-5, 561v.); *proficula* (MS 565-5, 3v.); *locupleta* (MS 565-5, 13r.); *tafularia* (MS 565-5, 287r.); *estolidos* (MS 565-5, 326v.); *escanhoados* (MS 565-5, 388v.); *chilreando* (MS 565-5, 602v.); *inditosa* (MS 565-5, 584v.); *entumeçe* (MS 565-5, 540r.); *inopias* (MS 565-5, 348v.).

Essas palavras são apagadas na edição impressa e esse ato impede que a recepção conheça uma escritora com uma riqueza vocabular, fazendo o uso de palavras não tão comuns ao cotidiano. Isso impede também a reflexão em torno de sua intelectualidade e perspicácia na aplicação dos instrumentos linguísticos em seu texto. Tais supressões impedem, por outro lado, de interpretar que o objetivo de seu editor fosse o de facilitar o texto para a recepção, porque não se trata apenas de um vocábulo, mas de contextos extensos nos quais estas palavras estão inseridas que são apagados e isso dificulta a compreensão acerca de qual objetivo ele teria com a privação de mais esse aspecto no texto da autora.

Ainda no que se refere à substituição, Carolina de Jesus usa de termos no singular, e o Dantas pratica a substituição colocando no plural sem uma motivação aparente:

- (45) *A intriga delas, é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. (MS 565-5, 19/07/1955)*
As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. (Jesus, 19 de julho, p. 15)

Em (43), a escritora se referindo a apenas figuras mulheres no contexto faz uso do vocábulo referente com flexão de gênero feminino. O editor substitui essa flexão para o gênero masculino:

- (46) *Temos as professoras de escanda los: a Leila, a Meiri, a Zefa a pitita e a Deolindo (MS 565-5, 9/7/1958)*
Temos os professores de escândalos: A Leila, a Meiry, a Zefa, a Pitita e a Deolinda. (JESUS, 9 de julho, p. 80)

Encontrei também ocorrências em que o editor substituiu os vocábulos da autora por sinônimos, palavras similares etc.

(47) *A Dona Isaltina foi chamar a Radio Patrulha. E ela interrogava a Lêila com tanta enérgia que acabou descobrindo as roupas **na fossa** de excremento pegaram um pau e ritiraram as roupas. E a policia obrigou a Lêila lavar.* (MS 565-5, 11/6/1958)

*A dona Isaltina foi chamar a radiopatrulha. E ela interrogava a Leila com tanta energia que acabou descobrindo as roupas **no fosso** de excrementos. Pegaram um pau e retiraram as roupas. E a polícia obrigou a Leila lavar.* (Jesus, 11 de junho, p. 52)

Carolina de Jesus escreve uma palavra adequada para o contexto, e o editor substituiu por outra que não está dicionarizada.

(48) *Ha as mulheres que os espôsos adoçe e elas no **período** da enfermidade mantem o lar.* (MS 565-5, 19/07/1955)

*Há as mulheres que os esposos adoce e elas no **penado** da enfermidade mantêm o lar.* (Jesus, 19 de julho, p. 14)

O espaço reflexivo registrado pela escritora a partir de um determinante indefinido é substituído por um definido, retirando a interpretação primeira e dando um caráter de objetividade ao texto.

(49) *Eu não gosto de Kubstchek. **Um** homem que tem um nome esquisito. Que o povo sabe falar, mas não sabe escrever* (MS 565-5, 1/7/1958)

*Eu não gosto do Kubitschek. **O** homem que tem um nome esquisito que o povo sabe falar mas não sabe escrever.* (Jesus, 1 de julho, p. 70)

Em (50), ocorre uma substituição em contexto de adjetivo. Novamente a ideia é da escolha de uma palavra mais rebuscada por outra mais comum:

(50) — *Então o senhor já viu o sol, as flôres e e ceu **solpicado** de estrêlas?* (MAB, 4/8/1959)

— *Então o senhor já viu o sol, as flores e o céu **cheio** de estrelas?* (Jesus, 4 de agosto, p. 173)

Em (51) a designação do indivíduo apresentada por Carolina é substituída por um aposto.

(51) *Eu fiz os meus deveres. e sai com a Vera Fui na Dona Juana buscar a cama que ela deu-me. Depòis fui na Dona Julita Ela esta mais alegre. porque o senhor João Pires, esta melhorando.* (MS 565-5, 17/10/1958)

Eu fiz os meus deveres e saí com a Vera. Fui na dona Julita buscar a cama que ela me deu. Ela está mais alegre porque o seu esposo está melhorando. (Jesus, 17 de outubro, p. 115)

Ocorre também a substituição de nomes próprios. Por razão desconhecida, o editor muda o nome apresentado por Carolina de Jesus e faz uma adequação textual que modifica a informação antes apresentada pela escritora.

(52) *Eu fiz os meus deveres. e sai com a Vera Fui na Dona Juana buscar a cama que ela deu-me. Depòis fui na Dona Julita Ela esta mais alegre. porque o senhor João Pires, esta melhorando.* (MS 565-5, 17/10/1958)

Eu fiz os meus deveres e saí com a Vera. Fui na dona Julita buscar a cama que ela me deu. Ela está mais alegre porque o seu esposo está melhorando. (Jesus, 17 de outubro, p. 115)

Outros contextos em que uma espécie de generalização apresentada por Carolina é especificada quantitativamente por Audálio:

(53) *Levantei varias vêzes para matar as pernilongos.* (MS 565-5, 25/9/1958)

Eu me levantei duas vezes para matar os pernilongos. (Jesus, 25 de setembro, p. 112)

Há contextos em que a substituição do verbo gera uma ação semanticamente contrária ao informante:

(54) *A Vera começou chorar porque não queria vir em pé e não tinha lugar para sentar-se* (MS 565-5, 3/6/1958)

A Vera começou a chorar porque não queria ir em pé e não tinha lugar para sentar. (Jesus, 3 de junho, p. 45)

O editor faz outras substituições em que registra com erros vocábulos que não foram escritos por Carolina de Jesus. Trata-se de mais um caso que demarca a tentativa de construir a imagem de uma pessoa com baixa escolarização. Não se justifica tal fato sendo que o jornalista tinha em mãos a variante praticada por ela:

(55) *E a Odete vendo o seu espôso sair com a outra no carro, ficou furiosa. Vieram chingar-me de intrometida.* (MS 565-5, 3/6/1958)

E a Odete vendo o seu esposo sair com a outra no carro, ficou furiosa. Vieram me xingar de entrometida. (Jesus, 3 de junho, p. 46)

- (56) *Comecei escrever o que observa va daquela aglomeração* (MS 565-5, 22/6/1958)
Comecei a escrever o que observava naquela agromeração. (Jesus, 22 de junho, p. 61)

Qualquer tentativa poética da escritora é substituída por um texto direto e objetivo:

- (57) *Dizem os velhos que ao findar o mundo a vida ia ficar insípida. — Crêio que é historia porque a Naturêza ainda continua nos dando tudo, [...] (MS 565-6, 20/12/1958)*
... Dizem os velhos que no fim do mundo a vida ia ficar insípida. Creio que é história, porque a Natureza ainda continua nos dando de tudo. (Jesus, 20 de dezembro, p. 133)

A concordância é um dos fenômenos de complexa descrição na proposta apresentada por Dantas. Isto porque ele traz diferentes variações sem uma explicação definida. Há casos em que ele corrige a concordância atendendo ao padrão:

- (58) *tem mulher que diz. saber criar os filhos, mas, algumas tem filhos na cadeia classificado como mau elemento.* (MS 565-5, 18/7/1955)
— Tem mulher que diz saber criar os filhos, mas algumas têm filhos na cadeia classificado como mau elemento. (Jesus, 17 de julho, p. 10)

Há casos em que ele mantém a falta de concordância apresentada pela escritora:

- (59) *Chamei o senhor Ireño Venancio da Silva para fazer um balanço para os meninos. para ver se êles permaneçe no quintal para as visinhas não brigar com êles. Dei-lhe 16 cruzeiros. Enquanto êle fazia o balanço eu fui ensabôar roupas.* (MS 565-5, 19/7/1955)
Chamei o sr. Ireño Venâncio da Silva para fazer um balanço para os meninos. Para ver se eles permaneçe no quintal para os vizinhos não brigar com eles. Lhe dei dezesseis cruzeiros. Enquanto ele fazia o balanço, eu fui ensaboar as roupas. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

Há casos em que ele corrige o tempo verbal , mas retira a flexão de número:

- (60) *O dia esta calido. E eu gosto que eles recêbem os raios solares.* (MS 565-5, 19/7/1955)
O dia está cálido. E eu gosto que eles receba os raios solares. (Jesus, 19 de julho, p. 13)

Há casos em que o editor faz a substituição induzindo o erro:

(61) ***Ela vae** nas feiras cata cabeça de pêixe tudo que pode aproveititar come qualquer coisa tem estomago de cimento armado. (MS 565-5, 19/7/1955)*

*...**Elas vai** na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Têm estômago de cimento armado. (Jesus, 19 de julho, p. 13)*

(62) *parei para conversar com a Dona Anita Ela esta preocupada com **a noticia** de guerra. (MS 565-5, 17/7/1958)*

*Parei para conversar com a dona Anita. Ela está preocupada com **as notícia** de guerra. (Jesus, 19 de julho, p. 84)*

(63) *As mulheres já estavam **na torneira** (MS 565-5, 19/07/1955)*

*As mulheres já estavam **na torneiras**. (Jesus, 19 de julho, p. 12)*

Nos três casos, a escritora usa um contexto e o editor faz uma caricata substituição para enquadrar Carolina como uma desconhecedora da norma. No primeiro caso, em (61), Dantas tem que inserir uma flexão de plural ao verbo ‘ter’ para correlacionar com a substituição relacionada ao pronome pessoal ‘ela’.

Em outros casos, o editor modifica a flexão verbal por conta da reestruturação editorial que ele próprio fez no texto:

(64) *Hoje eu comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percibi que eles me **dirigia** um olhar terno. E o meu João Jose disse: (MS 565-5, 19/7/1955)*

*Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me **dirigiam** um olhar terno. E o meu João José disse: (Jesus, 19 de julho, p. 13)*

Na ocorrência em (65), a autora usa o plural do nome ‘casas’. Porém o editor substitui por uma forma, no singular, e torna o que era desvio de norma no verbo ‘ter’ um uso correto do ponto de vista da gramática tradicional.

(65) *Ha **casas** que tem cinco filhos e a velha e quem ando o dia inteiro pedindo esmola. (MS 565-5, 19/7/1955)*

*Há **casa** que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. (Jesus, 19 de julho, p. 14)*

Em casos de oração com verbo cópula, o editor substitui o contexto intervindo na concordância:

(66) *Olhei as crianças. meu eram apenas dois* (MS 565-5, 21/7/1955)

Olhei as crianças. Meu, era apenas dois. (Jesus, 21 de julho, p. 17)

Conforme a regra gramatical, os termos essenciais e integrantes da oração não se separam por vírgula. A regra é cumprida por Carolina de Jesus, porém o editor insere a vírgula e ocasiona justamente a infração à regra.

Encontrei um caso com mudança da pessoa verbal, em que a autora faz o devido uso do ‘você’ concordando com a flexão verbal e o editor substitui por uma forma que equivale ao ‘tu’, desfazendo o fenômeno sintático:

(67) *cale a bôca turberculosa!* (MS 565-5, 24/7/1955)

— Cala a boca tuberculosa! (Jesus, 24 de julho, p. 20)

No caso de concordância nominal, quando o núcleo sofre a flexão, mas a escritora não o faz no determinante e o editor corrige colocando o artigo também no plural:

(68) *O espôsos quando vê que as esposas mantem o lar, não saram nunca mais.* (MS 565-5, 19/7/1955)

Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (Jesus, 19 de julho, p. 14)

Ainda em (68), ocorre a substituição feita pelo editor da oração adverbial desenvolvida produzida por Carolina de Jesus para a equivalente reduzida.

Em (69), resalto como o atendimento à concordância pode causar interpretações preconceituosas. Ao substituir a flexão do sintagma, a intenção fica evidente porque a construção frásica faz com que o sintagma “todas brancas” reforce o sentido de “pessoas”, individualizando o “preto”, ou seja, o sentido atribuído é de humanização às pessoas brancas, excluindo a pessoa preta.

(69) *Sai a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo São Paulo. Varias pessoas saiam do campo*

Todos brancos. Só um preto. E o preto começou insultar-me. (MS 565-5, 17/07/1955)

Sai a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas. só um preto. E o preto começou me insultar: (Jesus, 17 de julho, p. 9)

Há casos de acentuação gráfica de palavras, que ocorrem para além da antepenúltima sílaba, o que foge à regra da língua portuguesa, feitos por Carolina de Jesus e são substituídos pelo editor:

- (70) *As mulheres saíram deixou-me em pás por hoje, elas já deram o espétaculo.* (MS 565-5, 18/07/1955)
As mulheres saíram, me deixou em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. (Jesus, 18 de julho, p. 11)

Encontrei casos de vocábulos que são substituídos por sinônimos. Há culturas que diferenciam os usos entre as duas palavras. O dicionário Houaiss aponta que esposo é um “homem casado, em relação à sua mulher” e marido um “homem unido a uma mulher pelo casamento”. Palavras sinônimas, porém a primeira menos usual que a segunda. Talvez esse elemento justifique a substituição de Audálio Dantas e endosse o projeto que ele construiu em torno de Carolina Maria de Jesus.

- (71) *Elas tem esposos. Mas, são obrigadas a pedir esmolas são sustentadas pelas associações de caridade.* (MS 565-5, 18/07/1955)
Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. (Jesus, 18 de julho, p. 11)

Entre as substituições de classes morfológicas, verifiquei a substituição de contrações prepositivas por preposições:

- (72) *Elas tem esposos. Mas, são obrigadas a pedir esmolas são sustentadas pelas associações de caridade.* (MS 565-5, 18/07/1955)
Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. (Jesus, 18 de julho, p. 11)

Nem mesmo uma das frases mais emblemáticas do livro escapou à intervenção editorial de Audálio Dantas sem uma mudança de sentido:

- (73) *A favela é o quarto de despêjo. E as autoridades ignoram o que tem nos quartos de despêjos.* (MS 565-5, 8/8/1958)
A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo. (Jesus, 8 de agosto, p. 97)

Existe uma diferença entre ignorar a existência de algo e ignorar o que existe em algum lugar. Na frase apresentada por Carolina é isso que ela nos apresenta. Ao dizer que as autoridades ignoram o que tem nos quartos de despejos, ela não está ignorando os quartos, mas o sofrimento e a desigualdade e como tal não promovem uma mudança positiva porque não querem. Quando o editor modifica o trecho dizendo que as autoridades ignoram que tem um quarto de despejo na cidade, ainda que isso não exima os governantes de resolver a situação, parece isentá-los da responsabilidade pelo descaso.

Outros casos em que houve mudança na estrutura frasal em (74):

(74) *Hoje eu não lavo as roupas porque o dinheiro não da para comprar sabão. Vou ler e escrever.* (MS 565-, 19/7/1958)

... *Hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão.* (JESUS, 19 de julho, p. 85)

Em (74), Carolina, ao dizer que o dinheiro que tem não é suficiente para comprar sabão, não significa que ela não tenha algum dinheiro em mãos, mas que o que tem é pouco, insuficiente. Até porque, em muitas passagens, é isso que ela registra, que o que possui é sempre insuficiente. Quando ela nada tem, ela assim o declara com todas as letras. Portanto, a mudança apresentada por Audálio Dantas modifica o sentido do contexto e da realidade de Carolina de Jesus.

Outra ocorrência modificada por Dantas é vista em (75), quando ele substitui o termo relacionado ao vocábulo ‘povo’. Muitas vezes essas substituições vão ocasionar profundas mudanças de sentido.

(75) *Quando o povo que estava no campo do Serra me viram na Radio patrulha gritaram...* (MS 565-, 20/7/1958)

Quando o povo da alvenaria me viram na radiopatrulha gritaram: (Jesus, 20 de julho, p. 87)

Outros contextos de substituição envolvendo a classe morfológica dos verbos acontece nos casos em (76) a (84). Notoriamente a substituição do verbo muda a semântica do texto, como é possível ver nos exemplos:

(76) *Não casei, e não estou discontente. Os que preferiu-me eram soêzes. e as condições que êles me propunha eram horriveis.* (MS 565-5, 18/07/1955)

*Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me **impunham** eram horríveis. (Jesus, 18 de julho, p. 11)*

(77) *E se la **tiver** favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (MS 565-5, 3/6/1958)*

*E se lá **existe** favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (Jesus, 3 de junho, p. 45)*

(78) *Dizse que ia **procurar** uma pedra para jogar na cabeça da mulher. (MS 565-5, 3/6/1958)*

*Disse que ia **buscar** uma pedra para jogar na cabeça da mulher. (Jesus, 3 de junho, p. 46)*

(79) *A Domingas era quem lavava as roupas da Leila. que lhe obrigou a dormir no solo e lhe dar o lêito. passou a **dominar** a dona da casa. (MS 565-5, 3/6/1958)*

*... A dona Domingas era quem lavava a roupa da Leila, que lhe obrigou a dormir no chão e lhe dar o leito. Passou a **ser** a dona da casa. (JESUS, 3 de junho, p. 47)*

(80) *Havia a tal Dona guiomar. Edviges Goncalves a mulher que tem varios nomes e varias residencias porque compra a prestação e não paga e da o nome trocado onde compra. Quando sae na rua **parece** a Maria Antoniêta E a Dona guiomar concorria para escravisar a Dona Dominga. (MS 565-5, 3/6/1958)*

*Havia a tal Dona Guiomar, Edviges Gonçalves, a mulher que tem vários nomes e várias residências porque compra a prestação e não paga e dá o nome trocado onde compra. Quando sai na rua **aparece** a Maria Antonieta. E a dona Guiomar concorreu para escravizar a dona Domingas. (Jesus, 3 de junho, p. 47)*

(81) *Hoje a Lêila esta embriagada E eu fico pensando. como é que uma mulher que tem duas filhas de idade tenrra pode embriagar-se até ficar inconciente Dôis homens vieram trazê-la nos braços. E se ela rolar na cama e **oprimir** a recém-nascida? (MS 565-5, 27/6/1958)*

*Hoje a Leila está embriagada. E eu fico pensando como é que uma mulher que tem duas filhas em idade tenra pode se embriagar até ficar inconsciente. Dois homens trouxeram ela nos braços. E se ela rolar na cama e **esmagar** a recém-nascida? (Jesus, 27 de junho, p. 65)*

(82) *Ele, pôis nome na favela de bairro do rosario. **Vem** varias pessoas ouvir a missa (MS 565-6, 3/5/1959)*

*Ele pois nome na favela de Bairro do Rosário. **Vê** várias pessoas ouvir a missa. (Jesus, 3 de Maio, p. 150)*

(83) *Disse-lhe que varias pessoas queria vê-lo. porque aprecia suas reportagens Fomos num bar. na Avenida Tiradentes Ele não pode tirar a fotografia porque estava escuro. E êle não levava flash. Fomos na Dona Julita. Na rua Frêi Santana Galvão 17 Ela, não fez questã de ser fotografada ao meu lado. Eu estava com fome. O Audalio queria que eu terminasse a refeição — Mas eu estava com pressa. Ela deu café ao Audalio saimos e **tomamos** um taxi. (MS 565-6, 6/5/1959)*

*Eu lhe disse que várias pessoas queriam vê-lo, porque apreciam as suas reportagens. (...) **Entramos** num táxi. (Jesus, 6 de Maio, p. 153)*

(84) *Isto me faz **relembrar** esta quadrinha que o Roque fez e deu-me: para eu incluir no meu repertório poético e dizer que é minha. (MS 565-3, 8/11/1958)*

*Isto me faz **lembrar** esta quadrinha que o Roque fez e me deu para eu incluir no meu repertório poético e dizer que é minha: (Jesus, 8 de novembro, p. 124)*

Mais uma vez, os motivos para tais mudanças são injustificáveis. A mudança gera na recepção outro sentido ao texto diferente do promovido pela escritora. A mudança lexical de Audálio Dantas sinaliza uma escolha menos rebuscada dos vocábulos novamente para desenhar uma mulher escrevente simplória e sem trato lexical híbrido e orgânico. Carolina de Jesus, ao longo de todo o manuscrito, reverbera uma veia literária que seleciona argumentos lexicais específicos para a imagem que ela transpõe por meio das palavras. Dantas nega isso numa outra seleção que nivela o texto de maneira mais rasa e indica uma interpretação estereotipada da autora mais próxima a sua origem social do que ao que socialmente relacionam o grupo de escritores como sofisticados em toda a extensão do adjetivo.

Em (85) o verbo na forma do pretérito perfeito marcado pela autora é substituído pela forma do pretérito imperfeito pelo editor. Ora, se o tempo perfeito consiste num passado concluído, enquanto o imperfeito marca a ação não terminada, o que leva o editor a mudar a forma verbal se o contexto não deixa indícios de inconclusão?

(85) *É que lá estava um senhor inconsciente pelo álcool e os homens indolentes da favela lhe **vasculharam** os bolsos roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos. (MS 565-5, 18/07/1955)*

*É que lá estava um senhor inconsciente pelo álcool e os homens indolentes da favela lhe **vasculhavam** os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos (Jesus, 18 de julho, p. 11)*

Outro elemento que fortalece o meu pensamento se deve à sequência de ações a partir dos verbos “roubar” e “rasgar” mantidos na mesma forma verbal do pretérito perfeito. Dantas modifica apenas o primeiro verbo em sua forma.

Outras mudanças no tempo verbal ocorrem:

Carolina de Jesus faz uso do pretérito perfeito e o editor substitui pela forma do tempo presente:

(86) *E o senhor Contrini veio nos dizer que é candidato nas eleições Nos de favela não **fomos** favorecida pelo senhor. Não te conhecemos.. (MS 565-5, 3/8/1958)*

... O sr. Contrini veio nos dizer que é candidato nas eleições. Nós da favela não somos favorecidos pelo senhor. Não te conhecemos. (Jesus, 3 de agosto, p. 96)

Carolina de Jesus faz uso do presente e o editor substitui pela forma do pretérito imperfeito:

(87) *Morreu um menino aqui na favela. Tem dois meses se vivesse ia passar fome.* (MS 565-5, 7/10/1958)
Morreu um menino aqui na favela. Tinha dois meses. Se vivesse ia passar fome. (Jesus, 7 de outubro, p. 114)

Carolina de Jesus faz uso do futuro do presente e o editor substitui pela forma do presente:

(88) *Não sei como haveras de fazer. se a gente trabalha passa fome. se não trabalha passa fome.* (MS 565-5, 31/10/1958)
Não sei como hавemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome. (Jesus, 31 de outubro, p.119)

Em casos outros, a desinência de número e pessoa, marcada por Carolina de Jesus, é retirada pelo editor:

(89) *Nos ja estamos predestinados a morrermos de, fome!* (Caderno 11, 11/12/1958)
 — *Nós já estamos predestinados a morrer de fome!* (Jesus, 11 de dezembro, p. 132)

O exercício de retirada da flexão de concordância é o reforço da imagem construída em torno de Carolina. Audálio Dantas desenha os espaços que ele realmente quer que essa imagem seja visualizada pela recepção.

Encontrei ainda formas coloquiais praticadas pela escritora e que foram corrigidas para o padrão pelo editor:

(90) *Amarrei os saccos. puis as latas... que catei nuoutro sacco e vim para casa.* (MS 565-5, 18/07/1955)
Amarrei os sacos, puis as latas que catei no outro sacco e vim para casa. (Jesus, 18 de julho, p. 11)

Juntando todas essas modificações, me pergunto qual a mensagem recebida pela recepção quanto a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*? Fechei mais uma variável mostrando que mais uma vez o editor Audálio Dantas abandona suas promessas e pratica intervenções que

ele não sinalizou. Pergunto-me se Audálio ingenuamente acreditou que nunca seria contestado. Até aqui observo a quantidade de elementos que essas páginas manuscritas nos ofertam e que foram silenciadas pelas escolhas de Audálio Dantas. Entendo que seu projeto tinha um propósito: apresentar uma escritora conforme sua própria interpretação. Porém, com base no que já foi visto até aqui, a interpretação de Dantas é uma metonímia de uma sociedade com pensamento enviesado e tendencioso. Não tem como não concordar que foi a ação dele em trazer à baila o texto da escritora que contribuiu para que Carolina fosse conhecida mais rapidamente. Mas também ele contribuiu para que uma imagem estereotipada de Carolina Maria de Jesus ficasse cristalizada de tal forma e até hoje ainda com dificuldade de ser desfeita. Porém, o equivocado desejo de controle da sociedade embranquecida, dominante, proporciona o que é visto no cotejo: escolhas que podem mudar uma história de uma pessoa, a história de um povo. Narrativas que, se não tiverem suas versões contadas em primeira pessoa, podem ser contadas da maneira como convier a quem as controla.

Numa sociedade construída a partir de destroços qualquer pedra erguida é indício de sucesso. E não é assim. Não deve ser assim. É preciso conhecer a história, sua(s) versão(ões) e daí, sim, após isso, escolher qual/em que(m) acreditar.

Muito mais poderia me alongar nas variáveis que apresentei até aqui. Escolhi separar o conjunto das supressões de todas as outras variáveis por um único motivo: o de apresentar a minha leitura sobre os manuscritos que serviram de inspiração para *Quarto de Despejo*, aquela que se aproxima mais da Carolina de Jesus ainda carregada de melindres por quem a investiga e de um livro que, por mais que tenha sido muito explorado pelos estudos acadêmicos, ainda tem muito a ser revelado.

6.5 “E QUE EU NÃO ESCREVO COM GRAMÁTICA PORQUE NÃO É VANTAGEM PARA O ESCRITÔR. [...] MAS, EU SEI ESCREVER O CLASSICO.”: SUPRESSÃO (Sp)

A variante *Supressão* é, a meu ver, a que mais me chamou atenção pela sua complexidade, por se mostrar uma fonte longa e rica de pesquisa. É a partir do conhecimento do conjunto suprimido na edição de Dantas que Carolina Maria de Jesus se mostra uma figura mais impressionante.

Verifico supressão de diferentes aspectos realizados pelo Audálio Dantas, desde uma letra num vocábulo até datas completas. O mais interessante é que o jornalista aponta em seu prefácio de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* que todos os cortes realizados foram pontuais:

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela. Da reportagem - reprodução de trechos do diário - publicada na Folha da Noite, em 1958, e mais tarde (1959) na revista O Cruzeiro, chegou-se ao livro, em 1960. Fui o responsável pelo que se chama edição de texto. Li todos aqueles vinte cadernos que continham o dia-a-dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem. A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. (Jesus, 2014, p. 7)

Todavia, o que vou observar na ação de supressão da edição de 1960 feita por Dantas é algo extremamente controverso ao que ele relata. Como disse, o autor realiza as mais diferentes atividades de apagamento no texto dos manuscritos para constituição do seu projeto e é deles que vamos falar aqui.

O texto que começa na data de 15 de julho já se inicia com uma supressão da repetição da data:

(1) *15 de Julho 1955*

15 de julho. Aniversario da minha filha Vera Eunice. (MS 565, 15/7/1955)

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. (Jesus, 15 de julho de 1955, p. 7)

As datas que aparecem em ambos os documentos como título também sofrem supressão. Conforme a colação realizada, apresento a tabela das datas presentes em ambos os testemunhos analisados:

Quadro 4 – Levantamento de datas presentes nos testemunhos

MANUSCRITO	EDIÇÃO IMPRESSA
1955	
15 de Julho de 1955	15 de julho de 1955
Dia 16.	<i>16 de julho</i>
17 de julho. 1955.	<i>17 de julho</i>
18 de julho de 1955.	18 de julho
19 de julho. 1955	<i>19 de julho</i>
20 de julho. 1955.	<i>20 de julho</i>
21 de julho 1955	<i>21 de julho</i>
22 de julho 1955.	22 de julho
23	<i>23 de julho</i>
24 de julho 1955.	24 de julho
25 de julho de 1955.	<i>25 de julho</i>
26 de julho de 1955	
27 de julho de 1955.	<i>27 de julho</i>
28 de julho de 1955.	<i>28 de julho</i>
1958	
1 de Maio 1958?	
2 de Maio 1958	2 de maio de 1958
3 de Maio	<i>3 de maio</i>
4 de Maio	
5 de Maio	
6 de Maio	6 de maio
8 de maio	
9 de Maio	<i>9 de maio</i>
10 de Maio .	<i>10 de maio</i>
11 de Maio	<i>11 de maio</i>
12 de Maio	
13 de Maio	<i>13 de maio</i>

14 de Maio.	
15 de Maio	15 de maio
16 de maio.	16 de maio
17 de Maio	<i>17 de maio</i>
18 de Maio	<i>18 de maio</i>
19 de Maio	<i>19 de maio</i>
20 de Maio	<i>20 de maio</i>
21 de Maio	<i>21 de maio</i>
22 de Maio	<i>22 de maio</i>
23 de Maio	<i>23 de maio</i>
24 de Maio 1958	
25 de Maio	
26 de Maio	
27 de Maio	<i>27 de maio</i>
28 de Maio	<i>28 de maio</i>
29 de Maio	<i>29 de maio</i>
30 de Maio	<i>30 de maio</i>
31 de Maio.	<i>31 de maio</i>
1 de junho 1958	<i>1 de junho</i>
2 de junho	<i>2 de junho</i>
3 de Junho	<i>3 de junho</i>
4 de junho 1950	
5 de junho 195	<i>5 de junho</i>
6 de junho.	<i>6 de junho</i>
7 de junho de 1958.	<i>7 de junho</i>
8 de junho.	<i>8 de junho</i>
9 de Junho.	<i>9 de junho</i>
10 de junho	
11 de junho	<i>11 de junho</i>
12 de junho.	<i>12 de junho</i>
13 de junho	<i>13 de junho</i>

14 de junho 1958.	<i>14 de junho</i>
15 de Junho 1958.	<i>15 de junho</i>
16 de junho 1950.	<i>16 de junho</i>
18 de junho 1958.	<i>18 de junho</i>
19 de junho 1958	<i>19 de junho</i>
20 de junho 1958.	<i>20 de junho</i>
21 de junho 1948.	<i>21 de junho</i>
22 de junho de 1958.	<i>22 de junho</i>
23 de junho 1958.	<i>23 de junho</i>
24 de junho 1958.	<i>24 de junho</i>
25 de junho de 1958	<i>25 de junho</i>
26 de junho 1958.	<i>26 de junho</i>
27 de junho, 1958.	<i>27 de junho</i>
28 de junho 1958	<i>28 de junho</i>
29 de junho de 1958	<i>29 de junho</i>
30 de junho de 1958.	<i>30 de junho</i>
1 de julho de 1958.	<i>1 de julho</i>
2 de Julho de 1958.	
3 de julho.	<i>3 de julho</i>
4 de julho de 1958.	<i>4 de julho</i>
5 de julho de 1958.	<i>5 de julho</i>
6 de julho 1958	<i>6 de julho</i>
7 de julho de 1958	<i>7 de julho</i>
8 de julho de 1958	<i>8 de julho</i>
9 de julho de 1952	<i>9 de julho</i>
10 de julho de 1958.	<i>10 de julho</i>
11 de julho de 1958	<i>11 de julho</i>
12 de julho de 1958	<i>12 de julho</i>
13 de julho de 1958.	<i>13 de julho</i>
14 de julho de 1958.	<i>14 de julho</i>
15 de julho 1958	<i>15 de julho</i>

16 de junho de 1958.	<i>16 de julho</i>
17 de julho de 1958.	<i>17 de julho</i>
18 de junho de 1958	<i>18 de julho</i>
19 de julho de 1958.	<i>19 de julho</i>
20 de julho de 1958.	<i>20 de julho</i>
21 de julho de 1958.	<i>21 de julho</i>
22 de julho de 1958.	<i>22 de julho</i>
23 de julho de 1958	<i>23 de julho</i>
24 de julho de 1958	<i>24 de julho</i>
25 de julho de 1958	<i>25 de julho</i>
26 de julho de 1958	<i>26 de julho</i>
27 de julho de 1958.	<i>27 de julho</i>
28 de julho de 1958.	<i>28 de julho</i>
29	
30 de julho de 1958	<i>30 de julho</i>
31 de julho de 1958.	<i>31 de julho</i>
1 de Agosto de 1958.	<i>1 de agosto</i>
2 de Agosto de 1958	<i>2 de agosto</i>
3 de Agosto de 1958.	<i>3 de agosto</i>
4 de Agosto.	
5 de Agosto de 1958	
6 de Agosto de 1958	<i>6 de agosto</i>
7 de Agosto de 1958.	<i>7 de agosto</i>
8 de Agosto de 1958.	<i>8 de agosto</i>
9 de Agosto de 1958.	<i>9 de agosto</i>
10 de Agosto de 1958.	<i>10 de agosto</i>
11 de Agosto de 1958.	<i>11 de agosto</i>
12 de Agosto de 1958.	<i>12 de agosto</i>
13 de Agosto de 1958.	<i>13 de agosto</i>
14 de Agosto de 1958.	<i>14 de agosto</i>
15 de Agosto de 1958.	<i>15 de agosto</i>

16 de Agosto de 1958.	<i>16 de agosto</i>
17 de Agosto de 1958	<i>17 de agosto</i>
18 de Agosto de 1958	<i>18 de agosto</i>
19 de Agosto de 1958	<i>19 de agosto</i>
20 de Agosto de 1958.	<i>20 de agosto</i>
21 de Agosto de 1958	<i>21 de agosto</i>
22 de Agosto de 1958	<i>22 de agosto</i>
	<i>23 de agosto</i>
	<i>24 de agosto</i>
	<i>25 de agosto</i>
	<i>26 de agosto</i>
	<i>27 de agosto</i>
	<i>28 de agosto</i>
	<i>30 de agosto</i>
	<i>31 de agosto</i>
	<i>1 de setembro</i>
	<i>2 de setembro</i>
	<i>3 de setembro</i>
	<i>8 de setembro</i>
	<i>9 de setembro</i>
	<i>14 de setembro</i>
	<i>18 de setembro</i>
	<i>19 de setembro</i>
	<i>20 de setembro</i>
	<i>23 de setembro</i>
24 de setembro de 1958.	
25 de setembro 1958	
26 de setembro de 1958	<i>26 de setembro</i>
27	
28 de setembro de 1958.	
29 de setembro de 1958.	

30 de setembro de 1948	<i>30 de setembro</i>
1 de Outubro de 1958.	
2 de outubro de 1958.	
3 de Outubro de 1958.	<i>3 de outubro</i>
4 de outubro.	<i>4 de outubro</i>
5 de Outubro de 1958.	
6 de outubro de 1958	
7 de outubro de 1958	<i>7 de outubro</i>
8 de setembro de 1958	
9 de Outubro de 1958.	
10 de Outubro de 1958.	
11 de outubro de 1958.	
12 de outubro 1958.	<i>12 de outubro</i>
13 de outubro de 1958.	
14 de Outubro de 1958	
15 de outubro de 1958.	
16 de Outubro de 1958.	<i>16 de outubro</i>
17 de outubro 1958	<i>17 de outubro</i>
18 de outubro de 1958	
	<i>22 de outubro</i>
	<i>23 de outubro</i>
	<i>24 de outubro</i>
	<i>25 de outubro</i>
	<i>28 de outubro</i>
	<i>29 de outubro</i>
	<i>30 de outubro</i>
31 de outubro de 1958.	<i>31 de outubro</i>
1 de Novembro de 1958.	
2 de Novembro de 1958.	
3 de Novembro de 1958.	<i>3 de novembro</i>
5 de Novembro de 1958.	<i>5 de novembro</i>

6 de Novembro de 1958	<i>6 de novembro</i>
7 de Novembro	
8 de Novembro de 1958.	<i>8 de novembro</i>
9 de Novembro de 1958.	<i>9 de novembro</i>
10 de Novembro de 1958	
11 de Novembro de 1958.	
12 de Novembro de 1958	<i>12 de novembro</i>
13 de Novembro de 1958.	
14 de Novembro de 1958.	<i>14 de novembro</i>
15 de Novembro .	<i>15 de novembro</i>
16 de Novembro de 1958.	
17 de Novembro de 1958.	<i>17 de novembro</i>
18 de Novembro de 1958.	
19 de Novembro de 1958.	
20 de Novembro de 1958.	<i>20 de novembro</i>
21 de Novembro de 1958.	<i>21 de novembro</i>
22 de Novembro 1958.	<i>22 de novembro</i>
23 de Novembro de 1958.	<i>23 de novembro</i>
24 de Novembro 1958.	
25 de Novembro de 1958	
26 de Novembro de 1958	<i>26 de novembro</i>
27 de Novembro de 1958	<i>27 de novembro</i>
28 de Novembro de 1958.	<i>28 de novembro</i>
29 de Novembro de 1958.	<i>29 de novembro</i>
30 de Novembro de 1958.	<i>30 de novembro</i>
1 de Dezembro de 1958.	
—2 de Dezembro de 1958.	
3 de Dezembro de 1958	
4 de Dezembro de 1958.	
5 de Dezembro de 1958.	<i>5 de dezembro</i>
6 de Dezembro de 1958.	<i>6 de dezembro</i>

7 de Dezembro de 1958.	
8 de Dezembro de 1958.	<i>8 de dezembro</i>
9 de Dezembro de 1958	
10 de Dezembro de 1958	
11 de Dezembro de 1958.	<i>11 de dezembro</i>
12 de Dezembro de 1958.	<i>12 de Dezembro de 1958.</i>
13 de Dezembro de 1958	<i>13 de dezembro</i>
14 de Dezembro de 1958	<i>14 de dezembro</i>
15 de Dezembro de 1958.	
16 de Dezembro de 1958	<i>16 de dezembro</i>
17 de dezembro de 1958.	
18 de Dezembro. de 1958.	<i>18 de dezembro</i>
19 de Dezembro de 1958.	<i>19 de dezembro</i>
20 de Dezembro de 1958.	<i>20 de dezembro</i>
21 de Dezembro de 1958.	
22 de Dezembro de 1958	
23 de Dezembro de 1958.	
24 de Dezembro de 1958.	<i>24 de dezembro</i>
25 de Dezembro de 1958.	<i>25 de dezembro</i>
26 de Dezembro de 1958	<i>26 de dezembro</i>
27 de Dezembro de 1958.	<i>27 de dezembro</i>
28 de Dezembro de 1958	<i>28 de dezembro</i>
29 de Dezembro de 1958	<i>29 de dezembro</i>
	<i>30 de dezembro</i>
	<i>31 de dezembro</i>
1959	
	<i>1 de janeiro de 1959</i>
	<i>4 de janeiro</i>
	<i>5 de janeiro</i>
	<i>6 de janeiro</i>

	<i>7 de janeiro</i>
	<i>8 de janeiro</i>
	<i>10 de janeiro</i>
	<i>11 de janeiro</i>
	<i>12 de janeiro</i>
	<i>14 de janeiro</i>
	<i>15 de janeiro</i>
	<i>16 de janeiro</i>
	<i>17 de janeiro</i>
	<i>20 de janeiro</i>
2-2 1959	
	<i>3 de fevereiro</i>
15 de Fevereiro de 1959.	<i>15 de fevereiro</i>
16 de Fevereiro 1959	<i>16 de fevereiro</i>
- 23 - 2 - 1959	<i>23 de fevereiro</i>
24-2-1959.	
São Paulo 29 de Abril de 1959.	<i>29 de abril</i>
30 de abril	
1 de Março de 1959	<i>1 de maio</i>
2 de Maio.	<i>2 de maio</i>
3 de Maio de 1959.	<i>3 de maio</i>
4 de Maio	<i>4 de maio</i>
5 de Maio	<i>5 de maio</i>
6 de Maio	<i>6 de maio</i>
7 de Maio.	<i>7 de maio</i>
8 de Maio de 1959	<i>8 de maio</i>
9 de Maio de 1959.	
10 de Maio de 1959.	<i>10 de maio</i>
11 de Maio de 1959	
12 de Maio	<i>12 de maio</i>
28 de Maio de 1959.	<i>28 de maio</i>

29 de Maio de 1959.	29 de maio
30 de Maio de 1939	
31 de Maio de 1959.	
1 de junho de 1959	1 de junho
2 de junho 1959	2 de junho
3 de junho de 1959	3 de junho
4 de junho de 1959	4 de junho
5 de junho de 1959	5 de junho
6 de junho de 1959.	
7 de junho 1959.	
8 de junho. 1959	8 de junho
9 de junho de 1959	9 de junho
10 de junho de 1959.	10 de junho
11 de Maio de 1959.	11 de junho
12 de Maio 1959	
	13 de junho
	16 de junho
	18 de junho
	19 de junho
	22 de junho
	25 de junho
	27 de junho
	29 de junho
	30 de junho
	1 de julho
	2 de julho
	3 de julho
	6 de julho
	7 de julho
	11 de julho

	<i>12 de julho</i>
	<i>13 de julho</i>
	<i>15 de julho</i>
	<i>18 de julho</i>
	<i>22 de julho</i>
23/07/1959?	
24 de Julho de 1959	
26 de julho de 1959	<i>26 de julho</i>
27 de Julho de 1959.	
	<i>28 de julho</i>
29 de julho de 1959	
30 de julho de 1959	<i>30 de julho</i>
31 de julho de 1959	<i>31 de julho</i>
1 de Agosto de 1959	<i>1 de agosto</i>
2 de Agosto de 1959	
3 de Agosto de 1959	
4 de Agosto de 1949.	<i>4 de agosto</i>
	<i>6 de agosto</i>
	<i>7 de agosto</i>
	<i>8 de agosto</i>
09/08/1959?	
10 de Agosto de 1959	
11 de Agosto de 1950	
12 de Agosto de 1959	<i>12 de agosto</i>
13 de Agosto de 1959	<i>13 de agosto</i>
14 de Agosto de 1959	
15 de Agosto	<i>15 de agosto</i>
16 de Agosto de 1959	<i>16 de agosto</i>
17 de Agosto de 9959	
18 de Agosto de 1959	
19 de Agosto 1959	

20 de Agosto de 1959	
21 de Agosto de 1959	
22 de Agosto de 1959	
23 de Agosto de 1959	
24 de Agosto de 1959	
25 de Agosto de 1959	
26 de Agosto de 1959.	<i>26 de agosto</i>
27 de Agosto 1959	
28 de Agosto de 1959	
29 de Agôsto de 1959	
30 de Agosto	
31 de Agosto de 1959	
1 de setembro de 1959	
2 de setembro de 1959.	
3 de setembro de 1959	
4 de setembro	
5 de setembro de 1959	
6 de setembro de 1959	
7 de setembro de 1959	
8 de setembro de 1959	
9 de Setembro de 1959	
10 de setembro de 1959	
11 de setembro de 1959	
12 de setembro de 1959	
13 de setembro de 1959	
14 de setembro de 1959.	
15 de setembro de 1959	
16 de setembro de 1959	
17 de setembro de 1959	
18 de setembro de 1959	
19 de setembro de 1959	

20 de setembro de 1959	
21 de setembro de 1959	
22 de setembro de 1959	
23 de setembro	
24 de setembro de 1959	
25 de setembro de 1959	
26 de setembro de 1959	
27 de setembro de 1959	
28 de setembro de 1959	
29 de setembro de 1949	
30 de setembro de 1959	
1 de outubro de 1959	
2 de Outubro.	
3 de Outubro de 1959.	
4 de Outubro de 1959	
5 de outubro de 1959	
6 de outubro de 1959	
7 de outubro de 1959	
8 de Outubro de 1959.	
9 de outubro de 1959	
10 de Outubro de 1959	
11 de outubro de 1959	
12 de Outubro de 1959	
13 de Outubro de 1959	
14 de Outubro de 1959	
15 de outubro de 1959	
16 de Outubro de 1959	
17 de Outubro de 1959	
18 de Outubro de 1959	
19 de Outubro de 1959	
20 de Outubro de 1959	

21 de outubro de 1959	
22 de outubro de 1959	
23 de outubro de 1959	
24 de outubro de 1959	
25 de outubro de 1959	
26 de outubro de 1959	
27 de outubro de 1959	
28 de outubro de 1959	
29 de outubro de 1959	
30 de outubro de 1959	
31 de Outubro de 1959	
1 de Novembro de 1959	
2 de Novembro de 1959	
3 de novembro de 1959	
4 de Novembro de 1959	
5 de novembro de 1959.	
6 de Novembro de 1959.	
7 de Novembro de 1959.	
8 de Novembro de 1959.	
9 de Novembro de 1959	
10 de Novembro de 1959	
11 de novembro de 1959	
12 de Novembro de 1959	
13 de novembro de 1959	
14 de Novembro de 1959	
15 de Novembro.	
16 de Novembro de 1959	
17 de Novembro de 1959	
18 de Novembro de 1959.	
19 de Novembro de 1959.	
20 de Novembro de 1959	

21 de Novembro de 1959	
22 de Novembro de 1959.	
23 de Novembro de 1959.	
24 de Novembro de 1959	
25 de novembro de 1959	
26 de Novembro de 1959	
27 de novembro de 1959	
28 de Novembro de 1959	
29 de Novembro de 1959	
30 de Novembro de 1959	
1 de Dezembro de 1959	
2 de Dezembro de 1959.	
3 de Dezembro de 1959	
4 de Dezembro de 1959	
5 de Dezembro de 1959	
6 de Dezembro de 1959	
7 de Dezembro de 1959	
8 de Dezembro de 1959.	
9 de dezembro de 1959	
10 de Dezembro de 1959.	
11 de Dezembro de 1959	
12 de Dezembro de 1959.	
13 de Dezembro de 1959	
14 de Dezembro de 1959.	
15 de Dezembro de 1959.	
16 de Dezembro de 1959.	
17 de dezembro de 1959	
18 de Dezembro de 1959	
19 de Dezembro de 1959.	
20 de Dezembro de 1959	
21 de Dezembro de 1959	

22 de dezembro de 1959	
23 de Dezembro de 1959	
24 de Dezembro de 1959	
	31 de dezembro
	1 de janeiro de 1960

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Utilizei a mesma coloração para que pudessem ser visualizadas as datas presentes e ausentes nos *corpora*. Observe que a partir de 17 de agosto de 1959 a supressão de datas é total, voltando a haver algum registo da edição somente em 26 de agosto do mesmo ano e depois apenas as duas últimas datas do diário, 31 de dezembro de 1959 e 1 de janeiro de 1960 que mesmo presentes na edição não tive acesso aos cadernos para a realização da colação.

A variante da supressão, que ocorre desde o apagamento de uma letra até relatos diários inteiros, me permitiu uma série de observações. Não canso de afirmar que isso possibilita inúmeras propostas de pesquisas que vão ultrapassar o trabalho aqui realizado.

A princípio, observei, para além das datas, que Dantas realiza a supressão de elementos gramaticais a exemplo do apagamento do sujeito e de palavras que tivessem uma conotação lexical mais rebuscada do que possivelmente ele previsse para a escolaridade de Carolina Maria de Jesus, como apresento em (2):

- (2) *Eu estava indisposta ressolvi benzer- abri a bôca duas vêzes certifiquei-me, que eu estava com mau olhado. (MS 565-5, 16/07/1955)*
Eu estava indisposta, resolvi me benzer. Abri a boca duas vezes, me certifiquei que estava com mau-olhado. (Jesus, 16 de julho)

Ao passo que Carolina Maria de Jesus lexicaliza o sujeito da oração, o editor realiza o apagamento do pronome. O mesmo movimento ocorre em (3) que traz ainda o apagamento da palavra ‘senil’:

- (3) *Cheguei em casa aliás, no meu barracão. nervosa eu estava exausta e senil. pensei na vida atribulada que eu levo. (MS 565-5, 16/07/1955)*
Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. (JESUS, 16 de julho)

Se em (2) a possibilidade da não-repetição do pronome na oração pudesse ser uma justificativa para o apagamento do sujeito, (3) desfaz a possibilidade porque, além de a autora já apagar o sujeito pronominal, quando ela o faz, o editor novamente elimina o sujeito, suprimindo também outros elementos dos contextos que ampliariam o seu discurso.

A leitura da edição impressa é um acontecimento na história editorial do país pela pungência relatada por uma mulher negra que consegue trazer com veemência as agruras de uma vida difícil para os moradores de favela sob um olhar desde dentro.

O texto da escritora é tão forte que toda a supressão feita por Audálio, que ultrapassa os 84% do texto acessado, manuscrito por Carolina, ainda consegue impactar a recepção de tal maneira que a torna uma escritora que revela uma verdade crua e que ainda assombra grande parte da população brasileira. Porém, se acessarmos o conjunto suprimido, observamos algo mais profundo: uma mulher real, com suas contradições, com pensamentos vastos, diversos e que luta por espaço numa escrita que tenta acompanhar um raciocínio tão rápido e complexo que se pauta atemporal. Sem meias palavras e sabendo do poder da sua força intelectual, Carolina não economiza na riqueza vocabular, na expansão dos seus comentários e na crítica chagada que ela sabe envolver não apenas a si mesma, mas a quem a alcança.

O texto presente nos manuscritos é de revirar não apenas o estômago, mas o corpo todo de quem o lê. É aquele texto que consegue nos dar resposta, ao passo que nos enche de perguntas, sobre a realidade de um país que não acolhe pessoas como Carolina Maria de Jesus, mas que, de uma maneira torta, a celebra, como “um diamante bruto” da favela. Não há brutalidade aí, há sim uma incompetência da sociedade brasileira em conseguir dar conta de uma mulher, por mais complexa que seja, que traz uma navalha afiada nos riscos traçados por sua caneta. E Audálio Dantas, num projeto bem peculiar, escolhe não compartilhar com o mundo essa mulher cujo texto ele editou.

Mãe solo de três filhos, Carolina Maria de Jesus dividia seu dia entre a busca por alimentá-los, compreender a realidade que a atravessava e a escrita de seus textos. Carolina não se encontrava naquele lugar que era a Favela do Canindé. Não conseguia ter bom relacionamento com seus vizinhos por os considerar aquém em educação e trato social. A maior parte dos episódios de discussão entre ela e especialmente as mulheres era por causa de seus filhos. Observo que Carolina não poupava a escrita para refletir sobre as mais diferentes questões e acerca disso, Dantas apaga muitas das suas reflexões, como em (4):

- (4) *Quando eu vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e mulheres, que vinham reclamar que o José Carlos havia apredêjado suas casas. para eu apreendê-lo. Esta bem! Eu vou*

andar com os meus filhos amarrados nas costas, igual as japonêzas. Todos os dias vocês tem o que reclamar contra os meus filhos Eu nunca reclamei contra filhos de ninguém. sempre tolerei as travessuras infantil. As pessoas de Espirito superior toléra as travessuras infantil
As mulheres continuavam falando. Quando retruquei. Meu Deus! Nem pra ler, eu não tenho socêjo. A unica coisa que eu gosto, é de ler. pois meus filhos dentro de casa, e fechei a porta. só com a porta fechada, dentro do meu barracão e que tenho pressentimento que estou num paraíso. Porque quando estou fora, tenho a impressão que estou no inferno. Quem vêio na minha porta reclamar contra os meus filhos fora a D. Celia e D. Francisca Kiss Dei banho nas crianças, e não os dêixei sair Dei-lhes o jantar e mandei dêitar. Sei que quem resside nas grandes cidades, no mêio dos civilizados, não passa um ano, sem ter um aborrecimento Quem resside nas grandes cidades precisa armazenar paciência para suportar os imprévistos. (MS 565-5, 16/07/1955)

Observo no trecho acima que a escritora aproveita suas reflexões para lembrar seus conhecimentos mais diversos, como a comparação com mulheres japonesas, assim como mostrar que determinadas atribulações são consequências da escolha de estar naquele meio.

A realidade da favela relatada por Carolina, especialmente no que ela considerava se tratar de explorações ou desigualdades, também fora apagada na edição de Dantas:

- (5) *Fui na D. Flôrela pedir um dente de alho. E fui na D. Analia. E recibi o que esperava.*
— Não tenho!
O senhor Hitôr vêio cobrar a luz, perguntei-lhe: quanto é?
31 cruzeiros. Fiquei peterificada! Eu pagava 26.6, de agua e dez do ferro. E dez do radio. Mas, quando viemos ressidir aqui na favela do Canindé em 1949. Cotizamos e estalamos um relógio eletrico. E dessignamos um, para responsalisar
De vez enquanto troca o responsavel. O unico que agradou os favelados foi o senhor Francisco Kiss, e o senhor Narciso. Os anteriores, e os posteriores, decepcionaram. Agora é o senhor Heitôr que responsabilisa Ele, desliga a luz as sete, e liga as 17. e nós quase não gastamos luz. e qual é a razão dêsse aumento? cinco cruzeiros a mais!
É que nós favelados não têmos fiscal. Fui torçêr minhas roupas a D. Aparecida perguntou-me: (MS 565-5, 17/07/1955)

O relato de Carolina era sequenciado. Ela tentava registrar exatamente o ocorrido no seu dia e isso era marcado por dados precisos como nomes completos, números, falas etc. Em (6) é exatamente o que ocorre, porém o editor corta o trecho que diz respeito a um fator que incomodava muito Carolina que era a questão da luz elétrica controlada por alguém naquela comunidade. De tão incomodada, Carolina escreve um texto que é publicado num jornal de grande circulação, mas se trata de outro evento apagado na edição de 1960.

Nesta passagem que trago em (6), Carolina de Jesus mostra que a sua escrita pode e é um elemento de denúncia e sua consciência explícita também é excluída:

(6) *Refleti. preciso ser tolerante. com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição da mulher sosinha sem um homem no lar*

Aqui, todos imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. que sou suja e sou preferida. Eu me defendo atravez da imprensa.

quando alguém aborrece-me. eu ameaço escrever um artigo contra nos jornaes. so assim, que me deixam em pas. Êles não me aprecia porque, eu não mesclo na turba. Não fico em janelas, não fico nas esquinas. Não estando na rua fico dentro de casa. Quando fazem bailes não vou não aprecio bangalé. Quando tem filhos não vou visita-los. Fico conhecendo as crianças quando ja estão andando. Os homens da favela me respeita tambem eles não me vê. Quando o sol vae recluindo-se, eu fecho a porta. E podem bater que não atendo. Se uma pessoa me der uma resposta aspera, nunca mais, falo com ela. Sou sensível e observadôra. Eles esqueçe o que me faz!

— E eu, não!

Em 1950. eu tive uma alteração com o senhor Mariano Albuquerque Doria. Era ele o encarregado da Luz. Discutimos dia 9 de outubro de 1950. eu carregava o meu filho José Carlos com dois anos apenas. Reclamei contra o regime arbitrario que êle impunha na favela. Agrediu-me.

... Prometi. — Você, me paga!

Quando fico nervosa não gosto de discutir prefiro escrever. peguei a penas e escrevi um artigo. e levei na Hora. — Dia 27 de outubro de 1950 a Hora publicou. E poucos minutos o jornal esgotou. “O título era, Mariano é o “Tubarão da favela do Canindé!”

Eis o artigo publicado

Encarregado de tomar conta do relógio da luz impôs um regime de racionamento brutal para expoliar os moradores que pagam 30 cruzeiros por mês pela energia. — só podem as donas de casa passar roupas as sextas-fêiras

— Descontentes, os moradores da favela.

Os moradores da favela do Canindé organizaram se algum tempo cotizando-se para conseguir o fonecimento de enérgia elétrica indispensavel as atividades domestica. Instalando o relógio da luz. Foi escolhido o individuo Mariano para se encarregar do controle do aparelho. Tudo decorreu muito bem nos primeiros meses

Agora porem segundo informações dos prejudicados desmandou-se o tal Mariano em abusos e arbitrariedades provocando descontentamento das 46 familias que habitam a favela do Canindé

Os excessos praticado pelo encarregado do relógio de luz chegaram a tal extremo que D. Carolina Maria ao prostestar contra semelhante arbitrariedades foi agredida por Mariano que não respeitou sequer a criança de dois meses que ela carregava no colo.

“O racionamento é a desculpa interpretando os sentimentos de revolta dos moradores da favela que alem da situação de abandono em que vivem estão agora sofrendo a exploração revoltante D.

Carolina Maria esclareceu a reportagem de a Hora sobre o que esta se passando no Canindé dizendo:

Com a desculpa do racionamento, Mariano esta cortando o fornecimento de enérgia eletrica durante o dia, somente fazendo a ligação as 18 horas

Durante o dia, não quer luz acêsa. Tudo isto porque cobrando 30 cruzeiros de cada familia ele recolhe 1.380 cruzeiros por mês. conservando o relógio desligado a maior parte do dia e da nôite êle faz enorme economia. guardando para si o que sobra depôis de paga a conta.

“geral o descontentamento.

Enquanto o espertalhão se locupleta com a extorsão, vivendo parasitariamente na dependencia do trabalho alhêio cresce o descontentamento dos moradôres da favela do Canindé

Estão todos na impossibilidade de passar roupas por falta de enérgia. para os ferros eletricos. De acôrdo com a disposição arbitraria do tal Mariano so as sextas-fêiras. Os que tem radio não podem ouvi-lo os que querem ler a nôite não podem faze-lo. Tudo esta proibido na favela porque o encarregado do relógio seguindo o exemplo da Light esta fazendo do racionamento que impôs por conta propia, um instrumento de exploração da coletividade.

“Inimigo do trabalho

O tal Mariano é inimigo do trabalho Disse ao reporter D. Carolina Maria. Ele e cobradôr da CMTL. mas arranjou uma enfemidade e vive a custa da caixa de aposentadoria e dos moradores da favela, Diz que sofre ataques mas quem sofre de doenças desse tipo não se cura andando de bicicletas, jogando pif-paf dirigindo gracejos as senhoras honestas

Dêitando tarde. Levantando-se as duas da tarde, indo ao cinema tôdas as nôites em suma levando vida de lorde. Quantos homens invalidos que precisa da caixa de aposentadoria não consegue nada. E o Mariano que gosa de bôa saude. é favorecido pela caixa. Porque não examina esse malandro? Na favela não ha gente rica que possa ser explorada Eu não me oponho a pagar o que é justo mas não adimito exploração E pode dizer que o Mariano é o tubarão da favela do Canindé. graças a esta publicidade, eu consegui tranquilidade por longo tempo. Todos me respeitava com reção de ver o seu nome no jornal. Agora eu avisei aos favelados que tudo que êles praticar, eu vou escrever.

Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. Ouço o murmúrio. Eu não fiz nada para ela! nunca vi os favelados tao distintos agora que passei a escrever contra êles transformaram de um dia para outro. Não ha mais brigas. Não ha mais batucadas. (MS 565-5, 20/07/1955)

Ao longo do trecho que trago em (7), é possível perceber que ela ameaça as pessoas que tiram sua tranquilidade com uma denúncia dos jornais e surte efeito que se marca nas impressões da própria autora ao final do trecho. Como já disse anteriormente, é assim que Dantas conta que a conheceu: ameaçando pessoas de colocá-las em seu livro. Ela ainda prova sua escrita, mostrando às pessoas o feito:

- (7) *Os meus filhos estão defendendo-me. mas, vocês são incultas não pode compreender! Eu disse: vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem! E li para elas ouvir o que penso referente a elas. Eu quero escrever o livro e vocês com estas cenas dessagradáveis me fornece os argumentos.* (MS 565-5, 19/07/1955)

A notícia no jornal é um fato que segue por muitos dias nos relatos de Carolina, mas Dantas suprime o texto, assim como passagens em que Carolina informa que denunciará pessoas por meio do livro, e isso marca inclusive uma das lacunas textuais existentes na edição. É possível ainda observar que, do extenso texto que Carolina apresenta, Dantas só leva para a edição apenas passagens que, soltas, não permitem perceber que se trata do evento em tela, mas de um gosto pessoal da escritora. Quando vem à tona o contexto, as passagens curtas utilizadas por Dantas ganham um outro sentido ainda mais aprofundado: uma mulher que não aceita aquilo que considera injusto e busca a escrita e sua publicização como estratégia de denúncia.

Carolina já aparece no jornal antes e ela relata isso em conversa com uma conhecida. O mesmo trecho é apagado também na edição:

- (8) *sai indisposta. com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente ia maldizendo a sorte. Quando cheguei no Klabim fui falar com a D. Amelia e lhe mostrar um recorte de jornal onde eu estava estampada. Disse a D. Amelia que o meu sonho era o palco mas, que fui preterida. Mas que não revoltava por não conseguir ver os meus sonhos realizados catei dois sacos de papel. Depois retornei-me.* (MS 565-5, 16/07/1955)

Carolina apresenta não apenas a notícia, como também o seu sonho de vida, mas Dantas não sustenta o texto ao editá-lo. Observe em (8) que seu objetivo é meramente apresentar a realidade doméstica da escritora: a indisposição, o cansaço, o nervosismo e o trabalho excessivo. Por outro lado, a sua intelectualidade era silenciada no projeto de Dantas. Carolina sabia de sua intelectualidade e tinha consciência disso, deixando-a evidente especialmente quando havia atritos entre ela e a vizinhança:

- (9) *Ela odêia-me. Diz: que sou preferida pelos homens bonitos, e distintos. E ganho mais dinheiro, do que ela. Começamos discutir coisa que reprovoo. Acho a discussão desnecessaria as pessôas podem discutir uma razão, e chegar a um acordo dentro dos limites. Mas, um intelectual e um tanso são metaes que não ligam.* (MS 565-5, 18/07/1955)

Essa intelectualidade se revela, nas suas reflexões, numa ideia de comportamento que era o que ela considerava diferenciá-la dos demais ali à sua volta. E assim o é. Carolina é uma intelectual que transgride os padrões do ser intelectual para a hegemonia branca elitizada por, além de ser uma mulher explorada pelo descaso do poder público e que tem como consequência a desigualdade social, destinar cuidados a outros como seus filhos. Ela escreve de maneira bastante característica, transitando pelos diferentes assuntos, gêneros textuais e com uma linguagem que mescla o popular e o rebuscado.

Ainda que tenha estudado formalmente por pouco mais de um ano, o que a escritora faz com esse aprendizado transpassa limites pré-estabelecidos de competências. Carolina prova na prática que seu conhecimento vem do que ela adquire a partir de sua leitura voraz e sua sede particular de conhecimento, provando que absorve toda a leitura que lhe chega às mãos apontando o que considera de bom ou mau gosto.

- (10) *Eu, nunca chinguei filhos de ninguém nunca fui na porta de vocês reclamar contra seus filhos. Não pensa que eles são santos. É que eu tolero crianças.*

Eu passei pelos bancos escolares

Vêio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeitos nas crianças. nem nos meus nem dos dela. Sei, que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é: elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior. Eu gosto de ir na porta dos outros, para lhes proporcionar prazer. Contar-lhes ua anédota gosto de ver sorrisos expressões alegres. Como é horrível ressidir, nos nucleos coletivos. Tenho a impressão que estou entre lenas: Aqui, quase não existe pessoas para manter uma bôa conversa Quando quero distrair lêio. Aqui, qualquer conversa é motivo para encrenca. Não sei que especi de alma tem estas mulheres. Não quer que batem nos seus filhos. mas, gostam de maltratar os filhos dos outros. Esquecem elas, que quem ofende o filho de alguem a mãe perde a simpatia (MS 565-5, 18/07/1955)

O projeto de Audálio traz passagens do diário sem contextualizações que marquem a intelectualidade de Carolina de Jesus e isso nega ao seu leitor o direito a acompanhar uma escritora que constantemente preza por levar quem a lê a passar por diferentes reflexões. Ainda incomodada com o tratamento que as vizinhas dão às crianças de Carolina de Jesus, peço atenção à passagem em (10):

- (11) *Deixei as crianças brincando no quitai Tinha muito papel. trabalhei depressa. pensando aquelas bestas humanas, são capás de invadir o meu barração. e maltratar meus filhos trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou dóer. Elas costumam esperar eu sair para vir no barracão*

expandar os meus filhos justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se.

Todas crianças rênham mas elas parecem abutre persseguindo-os. Deixando-os agitados intranquilos. Elas prevalecem de ser faveladas e porisso fazem balburdia. são insociaveis. Não ha respêito mutuo.

— O que observo são os jovens na puericia. A idade da ilusão. A idade perigosa para o sexo fragil. Quando se pensa que é bonita. e que são admirada por todos E esta epoca que as maes devem aproximar-se dos filhos aconselhar-lhes e retêndo-as. severamente ate elas criar juizo A liberdade demasiada aos 15 anos, tras desvantagem. Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem na rua até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes. As meretrizes contam suas aventuras. E elas, ouvem extasiadas. Eu digo as mães porque a senhoras não põe suas filhas numa escola de corte?

— Ah! Elas não me obdeçe. São jovens que falam em giria. O serviço social passou por aqui. Lutaram para lapidar êstes diamantes brutos. Esforço inutil. A miha ilustre comadre. D. Marta Terezinha godinho. arranjava emprego bem remunerados dava o enderêço elas não apareciam. (MS 565-5, 19/07/1955)

Observe, como em (10), a reflexão da escritora acerca dos jovens começa com a questão incômoda dos maus tratos que os filhos sofrem pelas suas vizinhas e passa pela ideia da realidade juvenil, da relação materna, do comportamento que deve ser dispensado a essa faixa etária e de como vive parte deste grupo nas comunidades à época; tudo isso numa escrita que reforça a função social desses escritos, uma escrita em que Carolina é uma intermediária de um coletivo.

A vizinhança, que é alvo direto e constante de críticas de Carolina de Jesus, é também um ponto de reflexão, obviamente apagada por Dantas:

(12) *Nas favelas, os homens são mais tolerante mais delicados. As baguncêiras são as mulheres A intriga delas, é igual a de Carlos Laçerda que inrrita os nervos. E não ha nervos que suporta. Mas eu sou fôrte! Não deixo nada imprecionar-me profundamente. Não me habato. Elas não pagam aluguel podiam obrigar os filhos estudar. formar o carater dos filhos mas, são negligente. O que reprovo são os homens que as espôsas, ou as mães vão angariar alimentos, eles ficam em casa jogando bola. jovens de vinte e dôi anos senhôres maturos jogando bolinhas de vidro*

— Apesar de estar incluída entre faveladas eu considero os favelados como rebôtalhos. Morôsos incultos, insolentes, indolentes. Os favelados são bôca. prestam só para comêr E o Brasil precisa de braços para ultrapassar o progresso. O senhor Janio Quadros quando prefeito. Criou um parque infantil para as crianças das favelas. Eu matriculei os meus foram uns dias. Mas eles são alérgicos ao banho frio. Adoecem. E eu tenho que gastar E se não tenho dinheiro, sou obrigada a comprar fiado na farmacia Guaporé. E atualmente estas despêsas extra nos aflige. porque não ha dinheiro dispunivel.

Pedi as iducadôras do parque para não dar banhos frios nos meus filhos. É bom para a saúde. Fôí a resposta. Mas os meus filhos adoeçe. insisti.

— Eles habituam-se. E eles não querem ir ao parque. E eu não obrigo. (MS 565-5, 19/07/1955)

E continua:

(13) *Quando o astro rei começou despontar eu fui buscar água — Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. Elas já propalaram que eu estou escrevendo contra elas. Elas, falam de tudo e de tôdos são falastronas. (MS 565-5, 20/07/1955)*

(14) *O disgosto que tenho é de residir em favela no meu de um povo sem escala.*

Um povo que não pensa em Deus. Um povo que quer ser favorecido mas, não gosta de favorecer. Um povo que pensa unicamente, no dinheiro! por mais que observo-os não encontro-lhes nenhuma qualidade apréciavel. Uns roubando o outro. Roubam galinhas roupas e qualquer obgeto que encontram nos quintaes. Estão sempre uns suspêitando do outro. As pessoas na maturidade sempre traçam um curso de vida.

Os favelados não. Um dia a senhora Francisca Kiss pois água aqueçêr para depénar uma galinha, quando procurou a galinha para matar já haviam roubado. (MS 565-5, 20/07/1955)

Há nos manuscritos trechos incompletos iniciando os diários. Em um, anterior a 02/05/1958, possivelmente o dia 01/05/58, mas sem data, pela linearidade do texto, Carolina menciona que conheceu Audálio Dantas recentemente:

(15) *Eu não sou indolente. Ha tempos que eu pretendia fazer o meu diario. Mas eu pensava que não tinha valôr e achei que era perder tempo. Mas agora, eu fiquei conhecendo o senhor Audalio Dantas. E êle estimulou-me a escrever. gostei muito dêle. Espero que a nossa amisade, não murcha igual as petalas de rosa exposta ao sol. Que continue sempre bela igual a sempre viva.*

Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção

Quero enviar um sorriso amavel as crianças, e aos opêrarios. Quero deixar de ser nervosa E ser mais atenciosa com os meus filhos. ja que eu não posso dar-lhes conforto, vou prodigalisar-lhe carinho. Desêjo ao senhor Audalio Dantas felicidades. (MS 565-5, 01/05/1958)

Interessante como encontrei o nome do jornalista em 168 passagens do texto dos manuscritos. Destas, 162 passagens são apagadas. Trago algumas entre (14) e (16) a seguir:

(16) *Disse-me que os filhos vem passar o dia com ela. Deu-me comida café e pão. Eu dei o jornal para ela ler. a reportagem a meu respêito. Feita pelo reporter Audalio Dantas. Folha da Noite 9 de Maio (MS 565-5, 10/05/1958)*

- (17) *Dêixei uma carta para a Dona Mara e não obtive resposta. peço ao reporter senhor Audalio Dantas localizar a Dona Mara e perguntar-lhe se a preta de nome Vitoria é sua sua empregada. Eu tenho pavôr dos mentirosos. Mas o dia que eu encontrar esta tal Vitoria ela vae apanhar.* (MS 565-5, 04/07/1958)
- (18) *Ele abre gavêtas e molas. procurando algo para ler. E o reporter mais audacioso que eu já vi até hoje. Da para perceber que êle adora a profissão. Ele disse-me que vae publicar o meu Diario no Cruzeiro* (MS 565-6, 29/04/1959)

Ao passo que em 6 passagens aproveitadas na edição são apresentadas a seguir:

- (19) *Deixei o leito as 5 horas e fui carregar agua. passei a noite agitada Não dormi por estar exausta. pensei até que eu ia morrer. E ia morrer sosinha porque quem resside na favela não tem visinho. Eu tenho a impressao que estou num dizerto. Tem hora que eu odeio o reporter Audalio Dantas. Se ele não prendesse o meu livro eu enviava os manuscritos para os Estados Unidos e ja estava socêgada porque eles favorece quem escreve.* (MS 565-5, 25/09/1958)
- (20) *Dona Carolina, eu estou neste livro? — Dêixa eu ver!*
 — *Não. Quem vae ler isto, é o senhor Audalio Dantas. Que vae publica-lo.* (Caderno BN, 18/12/1958)
- (21) *Fiquei pensando. Será que o Audalio vae demorar! porque circula um buato que o brasileiro, e impontual. As 9 e meia o Audalio surgiu. Bradei.* (MS 565-6, 06/05/1959)
- (22) *A Vera estava contente porque estava de carro. Desçemos no Largo do Arouche E o Audalio começou fotografar-me.* (MS 565-6, 06/05/1959)
- (23) *O Audalio, e o porteiro que pegou o meu saco de catar papel. o saco que para mim tem um valor inestimavel porque, é por seu intermédio que ganho o meu pão de cada-dia o Audalio surgiu e disse-lhe que foi êle quem mandou-me sentar no degrau que eu sei escrever melhor do que êles E que eu estava na calçada e não estava no interior do predio.* (MS 565-6, 06/05/1959)
- (24) — *Eu escrevo porque preciso mostrar aos politicos as pessimas qualidades de vocês, e eu vou contar tudo ao Audalio.* (MS 565-6, 10/06/1959)

Em todos os trechos que aparecem o nome de Audálio na edição, fica evidente a tentativa de mostrar apenas uma relação voltada puramente para o interesse editorial do jornalista. Nas

passagens suprimidas, Carolina demonstra muitas vezes afeto e admiração pela pessoa do jornalista, mas ele as apaga possivelmente para não proporcionar essa interpretação ao leitor.

Carolina Maria de Jesus critica os governos brasileiros e essa crítica não é repetitiva. O custo de vida, que é seu maior alvo nos manuscritos e especialmente nas supressões realizadas por Dantas, é o elemento de maior debate no texto da autora. Por consequência, os governos da época, em todas as esferas, municipal, estadual e nacional, não são poupados da crítica da escritora. Numa reflexão relacionada à sua carência alimentícia em 08 de maio de 1958, ela traz:

- (25) *passsei a quinta fêira trabalhando Alias muito preocupada com tantas roupas para lavar e o sabão era pouco. pensei: meu Deus! Porque será que eu não acostumo com a deficiência. E porque eu fui criada na fatura.*
Comecei a recordar com saudade, dos governos anteriores que não dêixava os preços subir. Bons tempos aquêles que os governos eram sensatos. Eles imiscuiam, na politica com bôas intenções
O que eu aviso aos futuros pretendentes a politica, é que o povo não tolera a forme. É preciso conhecer a fome para saber discrevê-la. A pior hospede de um lar, é a fome.
Estão construindo um circo aqui na rua Araguaia. circo teatro Nilo. (MS 565-5, 08/05/1958)

Dantas apaga o trecho anterior ao que ele aproveita na edição. Esta passagem apagada permite compreender que as reflexões de Carolina de Jesus estão diretamente relacionadas com o seu cotidiano e o que acontece na atualidade: nada é desconectado, pois ela proporciona trechos sócio-históricos que situam um momento político e que o reconstitui por meio desses episódios.

Carolina Maria de Jesus é uma intelectual orgânica porque nada lhe passa despercebido e sempre voltada a si, tratando o coletivo:

- (26) *Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que estou sonhando. Ele deu-me um sacco de retalhos. Os papelões tinha uns pausinhos para firmar a caixa. E o Leon não quiz comprar.*
Fui obrigada a ~~o~~ retirar os pausinhos. pensei: quem é pobre não pode dessanimar-se. E quem tem filhos para comêr, não pode achar nada difícil. (MS 565-5, 09/05/1958)

Na data de 14 de maio de 1958, também elidida por Audálio Dantas, ela compara os governos e relaciona o sucesso dos dirigentes à sua profissão, concluindo o controle da nação não pode ser feito por qualquer pessoa:

(27) *Em 1890, o povo falava e comentava na Monarquia extinta: Discutiam para saber qual dos homens eram mais eficiente para dirigir a Nação. Se era advogado, médico ou engenheiro. Optaram pelo advogado que conhece lês.*

E nas épocas elêitoraes os advogados tinham mais chance de vencer. perçebo que a patria evolue mais, o dinheiro não decae, a turba não lamenta quando o poder e confiado a um advogado. O advogado suplanta o médico na adiminis tração do paiz. Um médico não tem conhecimento economico e um paiz dirigido por um médico, esta sugêito a banca rôta. Quando o Brasil foi adiministrado pelos advogados, êles não deixavam os preços dos generos de primeira nessecidade elevar-se. Dizia os custo de vida, tem que ser ao alcance de todos. Dizia: porque sinão, a canalha rica vive-se e a canalha pobre, definha-se.

Eu acho errado êste conceito Dizem que qualquer brasileiro pode dirigir o Brasil.

Para dirigir um paiz precisa um vasto conhecimento geral. conhecer agricultura, que e o essencial economia cambio. puericultura

Não é so visar os altos poderes para preencher a historia viajar e sentar-se ao lado das rainhas. E preciso ver as condicoes deficientes do paiz. Quem promete e não cumpre, tem duas faças.

Não devemos decepcionar as pessôas de bôa-fé. E o povo do Brasil esta decepcionado. E nas das favelas deixamos de crer nas promessas.

Quando o senhor Lucas Nogueira Garcez e o senhor Erlindo Salzano eram candidato aos campos Eliseos. Vieram aqui. dia 27 de julho. Vieram visitar o club de fotibol Estrêla do parí. E chegou aqui na favela. Era cinco e mêia da tarde. Ele permaneceu na praça Felisberto de Carvalho circulou pela favela. O senhor Erlindo Salzano não sei se ele é afonico porque conservava as mãos no bolso olhava unicamente o senhor Garcez. Eu que viso e espero e quero melhores condições de vida para o povo brasileiro o meu sonho é ver se ritiro estes pêsos hediondos das costas deste povo que nasceu num paiz fertil mas que vive sem leme devido ser adiministrados por incientes os pêsos que refiro-me: são os impostos elevados, as favelas que é a sucursas dos delinquentes o custo de vida. e arrentar o povo para preterir nas urnas os ganancio sos.

— Fui ouvir o senhor Lucas Nogueira Garcez que dizia com a convicção da vitoria. No meu governo, eu pretendo construir alvenaria. vou contratar alvenel para Construir as progétadas casas populares. Pretendo dar uma existência condigna a esta pobre gente. Aqui deve haver uma vocação estacionada. Quero criar os estudos vocacionaes e escola superior gratuita para os filhos dos opérarios. Depôis de elêito eu esperei as casas populares que ele nos prometeu. Se existe um governo que os favelados não deve obrigaçoes e ao senhor Lucas Nogueira garcez. Ele não era economico era avarento. Quando foi no Natal eu fui na fésta das crianças na agua roja.

Nesta do governo do Estado para as crianças pobres. O povo chingava porque não tinha nada para comer. E o senhor Lucas Nogueira garcez olhava o povo com despreço Ele ouvia o povo chingar. Ouvia as crianças chorar de fome.

Ele não condoia-se. Não ouvia o choro dos inocentes que quando não esta com fome brincam despreocupado. Nem o senhor Lucas Nogueira garcez, nem outro politico não ouve o chorôr das crianças do Brasil quando estão com fome, porque, eles iducaram seus ouvidos, a ouvir so os ruidos do vil metal, o dinheiro. Para beneficiar os apadrinhados e dêixar um rombo no tessoro

E difícil um político que ao sair apressenta realizações, incriticáveis Eu dei o meu voto para o senhor Lucas Nogueira garcez e arrependo porque votei num falastrão.

Foi depôis que eu passei a comêr o que eu encontro no lixo, é que a minha simpatia pelos políticos, esta arrefecendo.

Mal de mim se não fosse o senhor João pires de Campos Netto e sua esposa Dona julia de Campos Netto. Dona Julita. que me soccorre quando falta alguma coisa para eu comer. Quando ela faz doce guarda para os meus filhos. Custura para min.

Se eu pudesse construia um excrinio de ouro para encerra-la

Quando ela da comida para os meus filhos eles bradam: a Dona Julita vai pro céu a Dona Julita vae pro céu

Ela sorri satisfêita. A Dona Julita reformou um vistido para a Vera

Mandei o João vender os ferros Reçeceu 38 cruzeiros. Fiquei contente porque ja faz dôis dias, que eu não sei o que é ter dinheiro (ter) na mão.

Mandei ele comprar dez de arroz e dôze de toucinho, sete de cafe e cinco de açucar. (MS 565-5, 14/05/1958

As conclusões da escritora são pautadas numa exposição de conhecimentos que dão ao leitor o direito a acessar diacronias a partir do seu olhar sobre aquela situação. Carolina fala de questões econômicas, comportamentos e negações à população moradora de favela. Sempre que estes relatos ocorrem, a data é totalmente apagada pelo editor ou reduzida a frases curtas desconectadas do contexto e que marcam muito mais a realidade doméstica da autora do que seu olhar reflexivo social.

A política partidária, como disse, é tema constante nos trechos e nas datas suprimidas por Audálio Dantas, nos quais ela mostra total consciência da incoerência comportamental dos agentes políticos, cujas promessas eleitoreiras não se cumprem ao longo dos mandatos e, por conta disso, não mais se permite ser enganada:

(28) *Quando eu ia na Assembleia procurava o dr. Homero silva*

O eterno novo rico. O homem que já foi pobre e não gosta de pobre. Compus um acrostico para êle.

E pedi-lhe um favôr ele disse não. Eu não via ninguem sair sorrindo da Assembleia para conseguir um graça dos senhores deputados, é preciso suplica-los demaes. Agora eu estou na maturidade.

Dêvo demonstrar senso, e não vou bajular incapazes. que nos promete congelar os preços, mas não congelam. são cantigas para iludir o povo. Os políticos já percêberam que o povo não reagem

O povo brasileiro foram vacinados com o sangue de carneiro

Não ha reação do povo

Até quando o homem tem que ser expoliado pelo homem?

Os brasileiros deviam ser vacina dos com o meu sangue!

Os progetos que estão mofando nos arquivos tinham que entrar em vigôr. (MS 565-5, 16/05/1958)

E ela segue acreditando que a população reagirá ao sofrimento, tocando naquela que te assombra os dias: a fome:

(29) *Mas, nós ja temos uma bomba poderôso.*

Que ha de supplantar a bomba atomica. — A fome. A misseria que ha de estimular o povo. para por fim neste extentor que esta devastando o brasil. (MS 565-5, 16/05/1958)

Há nos manuscritos duras críticas feitas por Carolina ao governo vigente, o qual ela alega menosprezar os favelados. Tais passagens foram apagadas na edição de 1960:

(30) *Em 1954 quando o Janio foi eleito dia 3 de outubro. Dia 5 era sete da manhã eu estava na tornêira esperando a lata encher quando vi um gipi digno de estar no museu. O Janio vinha guiando dirigia o gipi na marcha escola. perpassou o olhar pela favela depôis seguiu. Não desceu do gipi. Mandou a serviço social Municipal A casmu administrar a favela êle queria extinguir a favela*

O senhor Fernando gonçalves interrogava os favelados para saber quem é que possuia terreno. Ele obrigava a familia mudar-se. prometia dar-lhe um auxilio em materiaes ou dinheiro. E o favelado acreditava nas palavras do senhor Fernando gonçalves. e mudava e não recebiam o dinheiro para construir uma casinha.

Envez de melhorar as negras condições do favelado deturpava-lhe a vida. Se referiam isto é porque interroguei a todos que mudaram, e todos tinha ressentimento com o senhor Fernando.

Eu, a Dona Theresinha Martha godinho que é madrinha de minha filha, queria que eu fôsse ressidir. em Carapicuíba. lugar sem recursos até para ganhar a vida.

O senhor Janio Quadros mandou um onibus que vinha tôdas manhãs retirar as crianças que ia para o parque da rua Catumbi e retornava a tarde ele dizia que a favela era um lugar impropio para crianças. Quem estava doente opérou por conta do Municipio

O Janio foi o unico político que não vêio na favela nos pedir voto. Vêio para nos favorecer. Agora vivemos em completo abandono. Não temos nem fiscal. Os meninos da favela conhece Santos, Campinas e o palácio das andorinhas e o Ibirapuera por intermedio do Janio que os levava de passêio no onibus chegou o esquife. cor roxa cor da amargurra que envolve os coracoes dos favelados. (MS 565-5, 18/05/1958)

E continua:

(31) *Dêixei o lêito as cinco horas.*

Os pardaes já estavam iniciando sua sinfonia matinal penso: as avês, deve ser mais feliz do nós e são irracionais. talvez entre êles rêina amisade e a igualdade. Não ha disputa não ha inveja. Não impêra ambição desmedida. pensando em enrique cer-se. O espaco lhes pertences quando quer ir

de um local para outro utiliza as azas e vôm despreocupados sem pensar no dinheiro para pagar a condução. A Natureza favoreceu as aves dando-lhe um modo de alimentar muito diferente do homem que se quiser comêr tem que plantar ou então comprar por preços exorbitantes. E... o mundo das aves deve ser melhor do que as do favelado que dêita e não dorme porque dêitou-se sem comêr.

E o nosso presidente médico sabe que quem não se alimenta não tem sono. A deficiência alimentar vae enfraquecendo o organismo. Nas campanhas elétritoraes eu ouvi o senhor Juscelino citar. O meu sonho é que O Brasil prospéra-se e dessinvolve-se como se eu gorrernasse quarenta anos.

Não quero o dinheiro em serie quero o dinheiro em estampa.

O nosso dinheiro é serie.

Dinheiro sem estampa A estampa quer dizer fundo em ouro. Ouvindo o senhor Juscelino dizer isto pensei, parece que êste homem é simbolico. E nas suas vêias, corre as côres da nossa Bandeira. se o nosso dinheiro valôrisar-se com o fundo ouro. O Brasil ha de suplantar varios paizes do mundo. E agora o que vêjo circulando por ai, é um dinheiro de alumi no. que quando tem contato com o solo não faz ruidos. E fraco igual ao nosso presidente

O que o senhor Juscelino tem de aprovêitavel é a voz, parece um sabia e a sua voz, é agradável aos ouvidos. E agora, o sabia esta rssidindo na gaiola de ouro que é o catête — cuidado sabiá, para não perder esta gaiola porque quando os gatos estão com fome. contempla as avês nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.

Se o senhor realissase tudo o que prometeu em vez de critica recebia os parabens. O Brasil não pode continuar assim. Ou muda o regime ou diminue o custo de vida. penso que nem nas eras primitivas não havia tanta misseria assim. So os genéros alimenticios consome tudo. O que o povo ganha não dá. Até as crianças lamentam

E quando os paes, não mais poder manter os seus lares hao de tomar uma decisão.

Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: (MS 565-5, 18/05/1958)

Não se trata somente de criticar, mas de mostrar em detalhes as consequências do descaso governamental:

- (32) *Em 1948 quando nos os pobres andavamos hinhospitos la na cidade, debaixo dos viadutos nas casas condénadas a demolição sem agua para abluir-mos os politicos pensil nos deu as margem do rio tiête. Esta bela dadiva êste recanto irredidivel êste cavalo de troia. Nos não podemos plantar nada. porque quando as aguas invadem a favela, feneçe o que plantamos: O terreno é 6 de frente e dôze de fundo. Quem faz um barracão de 4 metros sobra 8 metros. Faz as dependencias sanitarias. nos fundos e não sobra espaço. As crianças tem que brincar na rua. estando sugeitos a ser atropêlados. Quem foi atropelado na favela foi so o meu filho josé carlos. Quem lhe atropelou foi o senhor Manoel Azerêdo. que foi muito correto. soccoreu a vitima e entre nós, não houve descortezia.*

Havia pessoas que nos visitava e dizia: (MS 565-5, 19/05/1958)

É nesses momentos que Carolina Maria de Jesus usa de seus conhecimentos para justificar o que fala e também propôr soluções, mostrando que não basta criticar, mas encaminhar possibilidades de mudanças:

(33) *Um politico não pode ser calouro precisa saber. O senhor Kubstcheque esta no palco e não sabe cantar.*

— cuidado com a vaia, ou o gongo.

— Onde esta os teus progétos Kubstcheque? Esta obsconso?

Apressenta-o ao povo.

Reabilita-te. E o senhor será reelêito. A terra continua multiplicando. Os seculos passam, e ela continua nos dando em dôbro. E o homem sonega. Visando preços altos para que tanta ambição? so para os seus? pensa nos outros. Quem sorri atualmente e so os negociantes que podem explorar o povo. Enquanto os governos finge ignorar as nossas atribulações. São Luiz Rei de França dizia: um governo quando sentar-se a mêsa para comêr deve pensar que o seu povo tambem esta saciando a fome. Mas os nossos não são assim pensam em melhorar unicamente so as condições de vida d êles

Eu não posso tolêrar a deficiência

Ninguém acostuma com a fome. se o povo não dicidir, não enforçar a tal democracia estarão perdido. Quem deve dirigir é quem tem capacidade. quem tem dó e amisade ao povo

Quem governa o nosso paiz é quem tem dinheiro quem não sabe o que é a fome. a dôr e aflição do pobre.

Se a maioria revoltar-se, o o que pode fazer a minoria?

Eu estou ao lado do pobre que e o braço. Braço desnutri do. precisamos livrar o paiz dos politicos açambargadores. (MS 565-5, 21/05/1958)

Carolina de Jesus em seus debates acalorados cai em contradição com defesas questionáveis, como a proposição da escravidão, tamanho o seu incômodo com a atitude de políticos ocupando os cargos públicos. Não suficiente ela questiona a democracia, considerando-a um mal para a população de classe baixa. Veja em ():

(34) *Fizeram aquêle carnaval para prender o dr. Adhemar.que o lhe deu cartaz, para vençêr a eleição Municipal.*

Voçê não viu, e nem ha de ver todo flagelo e reservado para o povo. A fome, os preços elevados o custo das conduções as residências inresidiveis Nós não estamos mais na primitividade para ressidir-mos, nos barracões e comêr coisas do lixo.

Nos precisamos de bons politicos porque os atuaes, são debutantes se atraves das criticas, os politicos não fazer nada para melhorar as nossas agruras, temos que impôr um regîme. a escravidão para

os políticos, ou êles trabalham em benefício do povo ou entao lhe expandamos nas praças publicas para servi de exemplo aos sussesôres.

O povo precisa demonstrar enérgia escrevendo ou falando Quando eu vêjo um opérario e um deputado, eu volto o meu olhar para o opérario para mim, o opérario, é abêlha

E o deputado, o maribondo, a cigarra. Tudo de bom é para eles para o povo, o verdugo.

— O custo de vida. O nosso inimigo numero um.

Este carrasco que não tem dó das crianças, dos dessajustados dos enfermos e dos favelados que mêsmo comendo qualquer coisa, não podem viver.

Qual será o regime que vae beneficiar as nossas. A monarquia foi extinta

E a democracia esta fraca. se não morrer ha de ser expulsa. sai, e fui catar uns ferros e vender uns metaes. Encontrei com o velho Antonio José que ia falando sosinho. prestei atenção para ouvi-lo, porque êle não diz banalidade.

Estava chingando a democracia. E eu pensava que era só eu, que estava de mal com a democracia. Esta revoltado com a létargia do seu conterraneo Kubsticheque. e o nosso dinheiro A quem êle denomina o trio fragil. Eu disse-lhe que um dia êste trio ha de desaparecer. Não desapareçe. O que não presta não tem fim. O que não presta cria raizes. O povo votou no senhor Kubsticheque porque ele é novo. E o que é novo, é mais acatado pela turba.

Nos comicios êle demonstrava profundo conhecimento politico adiministrativo. suplantou nas urnas. Mereceu a confiança das massas.

Mas o senhor Kubstcheque é um santo, que esta no altar, e não faz milagre. (MS 565-5, 26/05/1958)

Sua avaliação acerca dos políticos segue numa observação arguta indicando o que tornaria os políticos brasileiros adequados às necessidades da massa populacional:

(35) — Mas eu ja observei os nossos politicos.. para observa-los fui na Assembleia. A sucursal do purga torio. porque a matriz é a sede do serviço social, no palacio do governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair choran do. e as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo os idealistas das favelas um expectadôr que assiste e observas as trajédias que os políticos representam em relação ao povo. Quando promete-se uma coisa as crianças, elas nunca mais olvidam. E quer ver e receber o que lhe prometemos. Assim é o povo. Uns esqueçem outros conservam na mente o que o politico prometeu.

— Eu vou fazer o Brasil evoluir 40 anos. E o Brasil parece que esta com sémiôto. Sémiôto, é aquela doença que vae secando a criança... Num trecho deste Diario eu digo que pretendo por uma escola para lecionar os politicos

As materias que escolhi foi Bondade Solidariedade, prometer e cumprir, entrar na politica com boas intenções

Escolher homens ricos para ser Deputados que trabalham para a patria sem visar remuneração. Dinheiro que vae para os bolsos dos Deputados, deve ser aplicado nas escolas primarias e secundarias Que os cursos secundarios sêjam gratuito. Eu não prossegui os estudos porque era e sou pobre Mas eu queria aprender idiomas

Não tenho Deusa para proteger-me As Deusas do Brasil, so protege as brancas. Meus alunos havia de ser. Cid Franco, Homero Silva Rocha Mendes Janio Quadros Manoel de Figuerêdo Ferraz Dr. Adhemar de Barros Pinheiro Junior Kubsticheque Concêção da Costa Neves e outros. Duvido que alguém ia recêber diploma. Iam ser reprovados porque eles são da mêsma resta. E quem entra na resta, vira cebola Ate o Prestes virou cebola... quem havia de dizer... O Prestes dizia que era cumunista. pregou a sua politica cumunista no paiz. Arranjou muitos adeptos quem passa fome, pensa no Prestes. Quem come junto com os còrvos pensa no Prestes Quem dorme no Albergue Noturno por falta de lar pensa na Prestes

Quem mora nas favelas no tempo das chuvas quando as aguas invadem os barracões e sapos penétram dentro de casa assustando as crianças pensa no prestes Dizem que o cumunismo pretere o dinheiro Mas quem pode pagar quientos cruzeiros por dia de alug-uel é porque tem muito dinheiro pôis é senhor Luiz Carlos prestes o senhor arrefeceu o ideal dos seus adeptos. O senhor sabe que o Luthero fundou a religião protestante e conservou-a até a morte. Ele era padre abandonou a religião catolica e casou com uma frêira. Aumenas provou que era sincero na religião O senhor era cumunista e agora e democratico

Disse que vae ser senadôr. por são paulo. E vae fazer alguma coisa para beneficiar São paulo? Ou vae imitar os outros que so decepçiona?

O senhor e o Kubsticheque são os dôis sabiá do Brasil. Falam melhor do que eu, que sou poetisa Eu ja vi o senhor enaltecendo o dr. Adhemar de Barros num comicio no Vale do Angabaú.

O senhor e D Kubsticheque. falam visando os postos politicos e o poeta se falar ao povo, se lhes promete algo, quer cumprir quer provar que tem palavra para não ficar ridicularizado. O senhor tambem vae entrar na minha escola. já que virou démocratico. Crêio que alguém ha de dizer: quem escreveu isto e uma negra de favela. E uma alcôoatra. É semianalfabeta porque tem so dois anos de grupo. Mas o que eu advirto os politicos e para coartar os preços dos generos. Não sou profetisa, mais pode surgir uma revulção Depôis é dificil para reorganisar o paiz. Mil vêzes reorganisar e tabelar os preços sem pressão pupular. E o povo quando revolta, é dificil para acalma-las. A mulher continuou dizendo que se o Prestes candida tar-se ira ser pessimo politico

Que êle é homem de duas bandeiras Que não tem musica prediléta. Que qualquer uma serve para ele dançar.

Que não vae favorecer a pobrêsa. Que quem não passa fome, não lembra de quem tem fome. Que êle ha de transformar se em egoista. Que o melhor regime para o Brasil e a Ditadu ra, ou o cumunismo. Que a democracia sacrifica o povo que ela precisa trabalhar para pagar os estudos dos filhos Que esta esgotada. Que trabalha em exesso. Que anda nervosa Que dêita tarde. Que não tem paciencia com os filhos. Que ve muitas injustiças de patrões com empregados. E dos politicos com os soldados. que são obrigados a trabalhar na chuva sem galocha e sem capas. Que no futuro, êles hão de estar com reumatismo Que na CMTC. os empregados são obrigados a lavar os onibus a mêia nôite na friagem.

Varias pessoas procura-me para falar-me. Diz que eu falo adimira velmente bem o purtuguês. Não erro no falar. E por intermédio do povo que eu vou tomando conhecimento das lambanças do paiz.

(MS 565-5, 05/06/1958)

Dantas aproveita apenas o início do trecho em (35) no qual ela critica sutilmente os poetas reconhecidos pela elite brasileira e aposta que somente os poetas, como ela, que presenciam e vivem o cenário das classes mais baixas conseguem alcançar o descaso político. No entanto, no trecho suprimido, ainda que aponte uma possível solução para a formação de bons políticos, ela sabe que haverá recusa por parte deles em se tornar bons agentes justamente pelo fato de que, para assim o serem, precisaria o principal: sensibilidade à condição das maiorias minorizadas.

Outros aspectos que pulsam nos manuscritos e suprimidos pelo editor são a consciência e a maternagem de Carolina. Numa das supressões, o trecho que antecede uma frase e que ecoa em todos os espaços, “*O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.*”, é um exemplo contumaz do objetivo da edição: apresentar um estereótipo de uma mulher meramente incômoda com a sua situação e não uma pensadora sagaz e consciente daquilo que expressa:

(36) *Apreciei imensamente, o que êle disse-me. Disse-me, que a favela e um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria é ao pais. pensei: se êle sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros O Kubstcheke. e o dr Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixêira. Não posso ressolver nem as minhas diculdades? eu sei que se eu fôsse politica, eu queria ser genérosa. Eu queria por em vigôr os decretos dos politicos anteriores. Não dêixar subir os preços dos genéros. O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças. E as mulheres do Brasil não querem filhos. Nobre gestos êste das mulheres porque as crianças precisam comêr sai da delegacia e fui na Dona Julita ela estava na casinha fazendo bolos para o dia das mães Disse-me que os filhos vem passar o dia com ela. Deu-me comida café e pão. Eu dei o jornal para ela ler. a reportagem a meu respêito. Feita pelo reporter Audalio Dantas. Folha da Noite 9 de Maio (MS 565-5, 10/05/1958)*

Observe que a união dos trechos traz uma linha de raciocínio complexa, contudo fraturada pelo projeto de Dantas que apaga a compreensão da autora numa ação eficiente que associa suas dificuldades à prática política governamental e às escolhas sociais das mulheres, já àquela época, sobre o fato de elas escolherem não ter filhos, algo que ainda hoje é um tabu mesmo quase um século depois. Dantas apaga ainda a recorrente expressão de Carolina de Jesus sobre a reportagem que ele mesmo fizera a seu respeito.

Tomada pela poesia, no relato de 11 de maio de 1958, dia das mães, Carolina de Jesus descreve o dia e volta a refletir profundamente a sua realidade, homenageando a si e às outras

mães e não deixando de mostrar que conhece historicamente sobre a data e de tecer crítica ao uso que passaram a fazer da data com o fim exclusivamente capitalista:

- (37) *Dia das mães. O céu esta azul e branco. O sol esta tepido. os seus reflexos côr de ouro embelêza o espoça. parece que até a Naturêza quer homenagear as mães. Que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desêjos de teus filhos sei que êste dia foi criado por uma Americana. Ela criou êste dia para ser um dia em que os filhos dedicassem mais atenção as mães. Uma atenção especial a sua genitora. Mas, quem acolheu êste dia com avidez, e não com simpatia e amisade, foi o acambargadôr — O comercio. Que transformou este dia tão ridente, num dia de dar presente. E sua exêlência o comercio prevaleceu. É igual ao polvo, com seus tentaculos. quando agarra a prêsa. E todos os filhos querem dar presente a sua mãe — Filho! Você que não pode dar presente a tua mãe, da-lhe um bêijo. E obdeçe a tua mãe. A tua melhor amiga. Se ela dizer, não bebe, você deve dêixar de beber O ébrio não tem valôr. O ébrio e um palhaço. Se ela achar que você deve dêixar de andar com um mau elemento você dêixa de andar. procure não lhe dar desgosto. Êste, é o mehor presente O sol vai galgando. Hoje não vae chover. Hoje é o nosso dia. Algumas mães devem estar pensando nos filhos que morreram nos que estao no carcere. Estas devem estar chorando E aquela que contempla todos filhos ao redor deve estar alegre! Ela sabe que seus filhos são bons elementos. Todos querem ver a minha reportagem. As mocinhas vieram perguntar-me se o reporte que fez a minha reportagem é bonito Outras acharam o nome do reporter bonito. Audalio Dantas Querem saber se êle tem namorada se é casado. E quanto anos tem A Dona Therezinha vêio visitar-me e dar-me os parabens pelo reportagem. Disse-me que leu na Folha da Nôite. Que ela tambem escreve prometi ir ver os seus escritos Ela deu-me quinze cruzeiros Disse-me que era para a Vera ir no circo. Mas eu vou dêixar o dinheiro para comprar pão. amanhã porque eu tenho so quatro cruzeiros. (MS 565-5, 11/05/1958)*

E a escritora não se exime de se autoavaliar constantemente quanto a seu papel materno:

- (38) *E eu ressolvi ser mais delicada com os meus filhos. A unica coisa que lhes impreciona na vida são os afetos maternos. Que deve ser solido. A mãe precisa e deve ser tolerante com os filhos Não ando depressa para não cançar a Vera. Eu tenho pensado muito em relaçoes aos meus filhos Não dêvo espanca-los ja basta a agruras que êles enfrentam. Não quero ser rude. De três, em três mêses eu faço um exame em mim. Para ver se eu estou mais elevada, ou mais estúpida passei pela rua Araguaia. (MS 565-5, 19/5/1958)*

Aproveitando o ensejo da questão da maternagem, Carolina traz algumas passagens em que ela se apresenta contrária ao comportamento das mulheres, especialmente as vizinhas, em

seus escritos. O que se vê como exemplos, nas palavras da escritora, de mulheres são poucos, especialmente sua mãe e D. Julita, uma mulher que aparece com frequência em seu texto. Observe:

- (39) *De manhã falei com alguns homens da favela. Que homens! discutiam as desorganizações políticas. Mas discutiam com educação. Observei-os. são mais superiores do que as mulheres. Eles admiram a minha calma. percebem que sou tolerante. Estive revendo-me. Percibi que não sou atabiliaria sou pacífica. Não tenho gênio para brigar. Não admiro as mulheres que gostam de carregar armas. Aprecio apenas as mulheres femininas. que aprécia tudo que relaciona com seu sexo.*
(MS 565-5, 25/07/1955)

E ela completa seu pensamento trazendo uma outra passagem, também elidida por Dantas, em que ela sinaliza o olhar da sociedade a respeito:

- (40) *As filhas abandonadas as vêzes transvia-se, tornam-se meretrizes as mulheres sem classe. porque as classes são três — Virgem. casada e viuva A meretriz é condenada pela sociedade. A mãe que aban dona o filho fica mal colocada. no conchêito publico. — Ouvindo isto. — se você prestasse, não abandonava o teu filho.*
A mulher que abandona o filho leva desvantagem. porque a tradição enaltece o amôr de mãe será que uma mulher que abandona o filho não sente saudades do filho? As mulheres que gostam de baile, é que revoltam com os filhos. A crianças abandonadas as vêzes ouve: se você a tua mãe prestasse, não te abandonava. O saudôso Luiz Gama foi criticado varias vezes, por ter sido vendido pelo pae. Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito bôa. Queria que eu estudasse para professora Foi as contingencias da vida que lhe impossibilitou-a concretisar o seu sonho. Mas, ela formou o meu carater ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. E é porisso que eu tenho do dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de despresos pessoas de Espirito perverso.
(MS 565-5, 01/06/1958)

Este trecho acima é importante para expor como o recorte do editor contribui para descontextualizar o trecho que ele seleciona para a edição. Uma vez que é lido o trecho apagado, observa-se uma nova perspectiva da escritora que dá um sentido diferente para a passagem solta no texto. Ressalto: não se trata de uma mera lembrança saudosa sobre sua mãe, mas de um encerramento particular que insere sua genitora no conjunto feminino no contexto social em voga. Ela volta a se referir às mulheres:

- (41) — *Que tôdas vidas tem um drama. A mulher iducada deve falar sempre bem do seu espôso para estimula-lo*

O homem deve pensar no filho e na vida que Deus deu-lhe para desfrutá-la até a hora marcada. como é horrível certos casões que depois de casados a mulher acha o homem inferior e começa proficula-lo tirando-lhe a fôrça Moral

Tem mulheres que só ama o homem enquanto apresenta belas qualidades. Quando êle apresenta os defeitos o amor regride

Se bem que defeitos não é bem recebido por ninguém.

O homem casa para encontrar felicidade. Mas, quando a vaidade da mulher é inlimitada não há possibilidade de ser feliz. Espero que o senhor Alfredo não concretize o seu ideal

Deve viver. Quando uma mulher turtura um homem suas idéias oscila. Enfraquece o senso. (MS 565-5, 01/06/1958)

Posteriormente, ela recua no pensamento crítico negativo às mulheres e sinaliza em seu texto:

(42) — *Devo ser grata a Dona Julita que tem favorecido me em qualquer circunstancias Dizem as historias que os poetas sempre encontram alguém que lhes favorece. na vida. Que a estrêla do poeta não tem reflexo. Quem tem dó de mim, é a Dona Julita. Eu não tenho por habito, maguar quem me favorece. porisso é que tudo que a Dona Julita me pede para fazer eu faço com todo prazer. percibi que eu tenho sido favorecida pelas mulheres. Quando eu comecei escrever, eu escrevia contra as mulheres. Varios homens disse-me: Você é a primeira mulher que escreve contra as mulheres. Eu elogiava só a minha mãe.*

Quando eu comecei receber a corôa de espinho que os homens prepara para as mulheres. ai eu analisei bem as qualidade-s dos dois sexos. percibi que há mais constancia no amor da parte da mulher. so que a mulher ama o homem que lhe agrada. parece que a bagagem que derriva a felicidade esta com a mulher. percibi que a Dona Julita sabe amar. Ela fala dos genros das noras e dos parentes com orgulho acha a sua genealogia distinta Ela disse que gosta de dar esmola que quando ela era menina roubava da mãe para dar os pobres. Ela diz que quem pode dar esmola deve dar.

Uma alma generosa assim e quem devia dirigir o serviço social. porque, para ganhar uma esmola no serviço social é preciso saca-rôlha. É preciso lagrimas. E bajulação. Ouvi dizer que o serviço social da Europa extinguiu a mendicancia. parece que tudo no Brasil fica sempre no embrião. Não atinge os nove meses. parece que o nosso serviço social esta começando gerar. (MS 565-5, 17/06/1958)

Outras reflexões suas caminham também para ressaltar a importância da Educação. Descrevendo sua investida nos filhos em não faltar à escola, todo o relato de 12 de maio é apagado na edição de 1960. Trata-se de um relato bem intenso sobre as pessoas e a desigualdade

social, que transita pela importância da leitura, pela relação fazendeiro e colono, pelo incômodo das pessoas em relação à escolha de Carolina pelos estudos:

(43) *Deixei o leito as cinco e meia*

Fui buscar água, e preparar os meninos para ir para a escola. Eu não dêixo êles faltar as aulas. Um pais para ter valôr, e preciso não ter analf-abetos. precisamos estudar e descobrir em nós mêsmo, qual é a nossa capacidade.

Não devemos acatar a indolência mental. Eu fui sempre assim desde menina que vivo investi gando-me. se possúo alguma capacidade que possa ser util a patria. percibi que gostava de escrever. e ler. se você tem aptidões musicaes procura aprofundar-se na musica. e encontrará apôio

Não despreza o teu ideal Mas, em primeiro lugar é preciso aprender ler. para poder perceber o teu ideal.

Fiz o café. O João foi comprar pão. sêis de acucar, e cinco de pão. Fiquei com dôis cruzeiros Os meninos foram para a escola Eu peguei o saco, a sacola e a marmita. para passar na Dona Julita e trazer comida Levei a Fôlha da Noite para mostrar aos conhecidos O povo esta dizendo que as Fôlhas não tem orgulho que vão passar a ler as Fôlhas Os dôis senhores que estao trabalhando no Klabim levaram quase trinta minutos para ler Ca... ro... li... na. E aquilo dêixou-me nervosa. Eu peguei o jornal e li para êles ouvir

Eu so tenho fêijão e sal.

As vezes eu tolero a deficiencia As vezes eu revolto e rogo praga nos politicos.

Quando eu cheguei no deposito eu disse para a cicilia amanhã eu vou trabalhar para uma russa. Estou pensando na comida com açucar. Como e horrivel criar filhos hoje em dia! E ela respondeu-me: Eu não acho dificil criar os meus filhos.

— pois eu acho!

— E porque você não trabalha! a semana inteira se você fosse como eu que enfrento o trabalho não havia de passar fome!

— Mas eu trabalho e a nôite estudo

— O teu estudo não te da o que comer! Faz tempo que eu conheco você com esta mania de lêitura e sempre na misseria.

E os pobres dos meninos vive passando fome.

Quando eu percibi a sua audacia fiquei nervosa.

— Mas não te dêvo um tustão!

Voçe é muito bruta! precisa por mêia sola na tua lingua

Eu não sou a Dona Angelina que saiu daqui por tua causa E que ela e muito vaidosa e acha que eu não sei aproveitár a minha capacidade! Que Deus ou a Naturêza deu-me Que se fôsse ela ia andar de avião. Não ia andar suja e no lixo catando papel. cada um tem a sua preferência

Eu queria ser rica para ser nobre. ser generosa. Eu gosto de estar entre os humildes.

Adoro os opérarios envergando seus macacões trabalhando honestamente. Enfrentando as vicisitudes da vida com serenidade. sem revoltar-se esperando o nosso governo cumprir o que lhes prometeu.

Se eu êleto for, hei de melhorar as condições alimentar, do meu povo brasileiro. E promessa e é dívida. As vêzes eu penso no lavrador que trabalha no sol o dia todo. Não sabe o que lêitura. Não sabe o que e distrações. Não tem apôio de um sindicato. Quando a senilidade surge, o fazendeiro arranja um pretesto e manda o colono zarpar-se.

Eu fui colono e tenho amargas recordações. Não conseguia dinheiro. Apenas calos nas mãos. O que e interessante nas fazendas e isto: a gente trabalha o ano inteiro. E não vê dinheiro o dinheiro é abstrato, para o colono! E no fim do ano o fazendeiro diz ao colono: — você esta me devendo!

Ha tantos dessajustamentos entre os homens, que eu fico horrorizada. Eu percebo que o homem criou lêis, que benéfica os homens. Mas, tambem criou leis, que mereçe ser criticada

O preconceito. As vezes desprezamos uma pessoa bem intencionada que quer aproximar-se e fazer amizade para nos propôr um negócio, ou revelar alguma capacidade. Se você e superior procure auxiliar o inferior

Se você é forte, auxilia o fraco convence ao cleptomaniaco, o valôr da honestidade.

Reanima os dessanimados E assim você cria uma sociedade digna de você, e dos teus semelhantes.

Eu aproveitei a minha capacidade formando o meu carater

Não e o professôr que forma o nosso carater. E nos mêsmo

Quando você pratica um ato nobre, todos te elogia. E quando pratica um ato rude todos comentam.

E com dessaire observando as duas coisas, coisas ressolvi

ser bôa. E obtive vantagem.

Tudo que me pedem para eu fazer eu faço. porque gosto de ver as pessoas contentes

Eu cato papel, ando descalço e o que eu posso aproveitâr no lixo eu aproveito. Eu ando tão suja quando vou catar papel.

Tem pessoas que me olham horrorizadas. Mas quando eu começo falar percebo que monopoliso as pessoas presentes

Quando percebo que estou sendo notada despeço-me. (MS 565-5, 12/05/1958)

Em seus escritos reflexivos, ela que relembra constantemente o seu ideal associa seu maior desejo novamente à Educação:

(44) *Idealisei muitas coisas. E não tive a ventura de ver realizar o que idealisei. Mas agora eu tenho um ideal. E hei de lutar até domina-lo. É diminuir o custo de vida. Que nos escravisa Antigamente não existia tantas escolas. O povo era semi analfabeto. E a vida era melhor. Hoje ha mais escolas mais progresso, e mais agonia para o povo.*

Ela deu-me papeis e o saco ficou pesado. Quando ganho papeis exclamo. Eu hoje estou com sorte! porque já sei que vou conseguir dinheiro para os meus filhos comêr.

Surgia o seu espôso Amavel que deu-me umas orientações perpassei os olhos, pelo espaço olhando o nosso céu atraente será que o céu de outros paizes e igual ao céu do Brasil contemplava extasiada o nosso céu côr de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil.

O meu olhar pousou nos arvo rêdos que existe no inicio da rua Pedro Vicente. As fôlhas movia-se pensei elas estão aplaudindo este meu gesto de amar a minha patria

Ha as que pensam que eu dêvo amar o dinheiro. prometeram dar-me, uma biblia. O livro simbo bolic.
Aliás fui eu quem pedi porque a minha esta incompleta
Alias tudo que cerca-me esta incompleto. Tenho lêito. Falta o colchão. Forro a cama com trapos
Eu ando suja, a os que pensam que eu sou mendiga. Mas os mendigos pedem dinheiro. E eu, peço
livros Fui na oficina Na rua Manoel Antonio de Almeida buscar papel.
E um senhor que sempre me da papel mas não quer dar-me o nome Deu-me três sacos de papelões
e emprestou-me o carrinho para levar os papelões
Eu achei dificil conduzir o carrinho. Um soldado deu 3 cruzeiros para a Vera O carrinho tombou
3 vezes porque eu não conseguia equilibra-lo. O Leon pegou e deu-me 50 cruzeiros Eu puis a Vera
dentro do carrinho e fui telefonar para o senhor pedro galvão. Ele atendeu-me e convido u-me para
eu ir na sua casa dia 20 as duas horas
Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis A Vera ia sorrindo
E eu pensei no Casimiro de Abreu que disse: Ri criança. A vida e bela. So se a vida era bôa naquêlê
tempo. porque agora a epoca esta apropiada para dizer: chora criança. A vida é amarga. (MS 565-
5, 19/05/1958)

A relação de Carolina de Jesus com a Educação, em seus escritos, mostra que o seu letramento e a sua alfabetização estão para além da escola, uma agência formal que apenas é um primeiro passo para essa busca de localizar-se intelectualmente como de excelência. Não diferente das inúmeras e diversas passagens em que reverbera a importância do ler, da escola e da Educação como estratégias de ascensão e de mudança social.

A própria estrutura textual da escritora, independente dos desvios de padrão normativo, apresenta, a meu ver, uma mulher que não somente escreve, mas traz para o seu texto contextualizações a partir de suas leituras, reivindicando autores e personalidades legítimas e diversificadas, envernizando sua competência diante de qualquer possibilidade de desmerecimento pessoal a ela.

Não surpreende que a escolha do editor seja por apagar todas as passagens em que Carolina cita essas personalidades, reforçando o seu projeto não de demarcar a imagem intelectual dela, mas de reforçar uma mulher que se expressa exclusivamente pela fome e a miséria, sem coadunar isso a um entendimento de classe e raça de cunho visivelmente estrutural.

O diário de Carolina Maria de Jesus não é um simples texto marcado pelo relato cotidiano da escritora, é uma expressão histórico-social marcada por constantes provas reflexivas de vida individual e do coletivo. Não tem como pensar em passagens fictícias, se constantemente Carolina comprova suas visões de mundo organicamente e são nessas circunstâncias que ela

abre sua biblioteca. Ela consegue inclusive dialogar suas leituras com as passagens cotidianas vividas e como não declarar ao final que não seja essa uma ação intelectual.

Abaixo listo nomes que encontrados ao longo dos manuscritos:

Quadro 5 – Levantamento de personalidades citadas pela escritora nos manuscritos

PERSONALIDADE	LOCALIZAÇÃO DO MANUSCRITO
Dr. José Torres Netto	MS 565(5), 4v.
Irmãos Zerbini	MS 565(5), 4v.
Uili Aureli (Willy Aureli)	MS 565(5), 15v.; MAB, 138
Socrates	MS 565(5), 16r., MS 565(6), 167, MS 565(6), 167, MAB, 31
Valdemar Ferreira	MS 565(5), 67.1
George Armstrong	MS 565(5), 67r.
Lucas Nogueira Garcez	MS 565(5), 72v.
Erlindo Salzano	MS 565(5), 72v.
João Pires de Campos Neto	MS 565(5), 73r.
Julia de Campos Netto (esposa de João Pires)	MS 565(5), 73r.
Contídio Sampaio	MS 565(5), 77v.
Homero Silva	MS 565(5), 80v.
Casimiro de Abreu	MS 565(5), 93v.
Alfredo Maia (Alfredo Eugênio de Almeida Maia)	MS 565(5), 165v.

Luiz Gama	MS 565(5), 169v.
Luiz Carlos Prestes	MS 565(5), 192r.
Cid Franco	MS 565(5), 194r.
Rocha Mendes	MS 565(5), 194r.
Pinheiro Junior	MS 565(5), 194r.
Conceição da Costa Neves	MS 565(5), 194r.
Luthero	MS 565(5), 194r.
Gétulio Vargas	MS 565(5), 208v.
Santos Dumond	MS 565(5), 208v.
Tiradentes	MS 565(5), 208v.
Euclides da Cunha	MS 565(5), 208v.; MS 565(5), 458r.
Arthur Bernardes	MS 565(5), 238r.
Nei Maranhão (leitura)	MS 565(5), 238r.
Louvertir (Toussaint Louverture???)	MS 565(5), 245r.
São Vicente de Paula	MS 565(5), 248r.
São Camilo de Lelis	MS 565(5), 258v.
Alan Kardek	MS 565(5), 259v.
Orson Welis	MS 565(5), 259r.

Angela Maria	MS 565(5), 261r.
Abraham Lincoln	MS 565(5), 262v.
Luiz (rei da França)	MS 565(5), 282r.
Victor Hugo	MS 565(5), 314v.
Meneghetti, Lampião, 7 dedos, Delinger (EUA)	MS 565(5), 315v.
Antônio Vieira	MS 565(5), 335r.
Emilio Castelo Branco	MS 565(5), 401r.
Ubirajara Keutnedjian	MS 565(5), 466r.
Castro Alves	MS 565(5), 491r.
Gabriela Mistral	MS 565(5), 514v.
Manuel Maria du Bocage	BN, 93
Artigo de Hitler	BN, 95
Manoel Durães	MS 565(6), 9v.
Quo Vadis	MS 565(6), 23v.
Vitor Hugo (Os miseráveis)	MS 565(6), 164
Abraham Lincoln	MS 565(6), 167; MS 565(6), 167
Fagundes Varela	MS 565(6), 260v.
Edgar Allan Poe	MS 565(6), 293v.

Miguel Angel Asturias	MS 565(6), 303r.
Genolino Amado	MS 565(6), 332r.
Nait Quing Colé (Nat King Cole)	MS 565(6), 340v.
Don Quixote	MS 565(6), 446v.
Harriet Beecher Stowe	MAB, 36
Machado de Assis	MAB, 47
Manuel Maria du Bocage	BN - 93
Maisa Matarazo	MS 565(6), 51v.
Martha Rocha	MS 565(6), 76r.
Greta Garbo	MS 565(6), 111
Jeca Tatu (Monteiro Lobato)	MS 565(6), 167
Camões	MS 565(6), 239v.
Cervantes	MS 565(6), 239v.

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Todas as personalidades citadas acima estão relacionadas na descrição de Carolina de Jesus com a maneira como ela encara suas questões.

Casimiro de Abreu é um dos autores mais queridos de Carolina de Jesus e que, ao longo de todo o texto dos manuscritos, das três vezes que aparece, apenas uma é trazida na edição de Audálio Dantas. Trago as passagens que não são apresentadas na edição:

- (45) Não conversei com ninguém Estou sem ação com a vida agitada. Começo achar a minha vida insípida e longa demaas Casimiro de Abreu deixou este mundo no verdor dos anos Não conheceu a taça de fel que a existência nos reserva (MS 565-5, 09/07/1958)

- (46) Eles ficaram com fome e queria mais comida A comida era pouca — Fiquei nervosa. para distrai-los comecei contar-lhes anedotas Eles riam. e esqueçêram de pedir mais comida Se tivesse fêijão!... Casimiro de Abreu, nasceu numa época que escrevia assim:
— Oh! que saudades que eu tenho da aurora da minha vida.
E eu, na época que canta-se assim:
Oh! que saudades que eu tenho de um bom prato de virado de fêijão!
E é mesmo!... Que fim levou o virado a paulista? E se existir deve estar custando mais de mil cruzeiros (MAB, 16/10/1959)

Como dito anteriormente, Carolina de Jesus traz Casimiro de Abreu para o seu texto como elemento comparativo das suas reflexões. Em (1), uma mostra de que conhecia sobre o autor e em (2) a comparação de um trecho de um poema seu com sua realidade marcada pela fome.

Algumas citações marcadas pelo conhecimento da vida dessas personalidades, outras pela curiosidade de como teria se dado, como é o caso de Euclides da Cunha:

- (47) *Porque o poeta real. procura estudar para conhecer as frases aveludadas para utiliza-la com o povo. Quem é que nasceu, viveu, e quando estava para exalar o ultimo suspiro pronunciou — eu fui um ente feliz?*
Getulio Vargas escreveu mas não citou isto, Santos Dumond suicidou-se 1932. Tiradentes enforcado. Euclides da Cunha, assassinado, Socrates so encontrou ingratidão no mundo para viver feliz neste mundo, precisa ser uma pessoa igual a eu. Que quando é preciso agir esquêço que sou poetisa, Esquêço as frases de gojes. Minhas palavras impõe respêito, e o meu olhar também, é autoridade. (MS 565-5, 07/06/1958)
- (48) *Ele disse-me que não é aconselhavel escrever a realidade. Que posso ferir alguém e êsse alguém pode eliminar-me.*
E eu pensei no saudoso Euclides da Cunha que foi assassinado em 1909 O que terá escrito que caiu no dessagrado? (MS 565-5, 09/08/1958)

Em ambos os casos, Carolina não deixa de relacionar as passagens com a própria condição. Todas as informações são resultado das leituras que ela absorvia ao longo de sua caminhada. Essas leituras poderiam marcar socialmente um comportamento pró ou contra quaisquer questões e tais contradições reveladas nos manuscritos só ressaltam a grandiosidade de Carolina Maria de Jesus, como em (5):

- (49) *O tal Lalau, o negro mais feio da favela. Deve ser deçendente de Orango-Tango. disse que comprou O barracão do tal Euclides outro negro simio começou xingar o João. Disse: que comprou o semi-barraco Disse para o João:*
 — *A tua mãe, é escritora: manda ela escrever o numero do meu saco. Falou pornografia Ouvi dizer que o saudôso Machado de Assis não gostava de preto. porque ha pretos que ha de ser sempre preto.* (MAB, 24/08/1959)

A passagem em (5) que traz um pensamento pró-racismo ao se referir a um conhecido, bem como no momento em que ela alude negativamente a cor preta a sua situação de vida, como em (6) e (7), não elimina as demais passagens no texto em que Carolina tem orgulho da sua cor, no caso em (8):

- (50) *Uma senhora deu-me uma blusa preta pensei preta é a minha vida. preta e a minha pele preta e esta blusa que ganhei ja que a côr preta reprenta o que punge.* (MS 565-5, 22/07/1958)
- (51) *Hoje eu não sai. Estou tão triste. As coisas para mim estão ficando pretas. preta e a minha côr. preta é a minha vida. preto e tudo que rodeia-me.* (MS 565-5, 04/06/1959)
- (52) *Esqueçendo êles que eu adora a minha pele negra, e o meu cabêlo rustico. Eu até acho o cabêlo de negro mais iducado do que o cabêlo de branco. porque o cabêlo de preto onde pôe, fica. É obdiente E o cabelo de branco, é so dar um movimento na cabeça êle ja sae do lugar. É indisciplinado se e que existe reincarnações eu quero voltar sempre preta. porque o preto não tem ambição desmedida. Preto quando é negociante perde o que tem mas não abre falencia. porque o homem falido não tem valôr para os homens. Eu começei falar dos nossos artistas, vou citar o que observo. Eu sei que varias pessôas vae dizer que eu sou faladeira. Então eu ressolvi falar e escrever tudo, que eu achar errado no paiz.*
O artista do Brasil pensa que êle é mais do que os outros. E por ser eles tão antepaticos é que não mais atrae o publico nos circos
Eles querem ser notados Quando repressentam esqueçem da Naturalidade. O publico na plateia e os artistas no palco
O publico nota a jatancia dos e a vaidade dos artistas parece que estão fazendo um grande favôr ao publico. Ressultado: o povo esta antepatisando com o teatro e dando preferência ao foot-bol. Ate eu virei para o esporte. Eu não suporto a tal Angela Maria, por não gostar de preto Celebriedades que lhe suplanta na cultura, gostavam dos pretos
 — *Abrhão Linconl o Norte Americano que perdeu a vida para salvar os pretos da escravidão. As pessôas de cultura, gosta dos pretos*
O que eu espero é que a fraquissima opinião de Angela Maria, não ha de ferir a sensibilidade dos pretos. porque o labio inferior de Angela Maria é de origem africana. Crêio que a genealogia de Angela Maria e de origem Africana. Ela é mulata. E mulato é filho de preto e branco. — Devia ser

neutro se o mulato dizer que não gosta do negro, ofende o negro se dizer que não gosta de branco ofende o branco. peço aos fans de Angela Maria desculpar-me. Mas eu sou preta, tenho que defender os pretos. Eu ja disse que tôdas pessoas de cultura não despreza os pretos. (MS 565-5, 16/06/1958)

Ainda que Dantas tenha trazido parte desta passagem tão difundida na atualidade pelos apreciadores da obra de Carolina Maria de Jesus, a reflexão que segue complementando tal pensamento é retirada da edição e a profundidade da questão não chegou à recepção até agora. Num pensamento que até expõe, o que tudo indica, comportamentos racistas de celebridades e ou posicionamento em favor dos negros, evidencia-se um posicionamento contundente do seu autorreconhecimento racial. E ela segue trazendo outros nomes, inclusive negros, para reforçar seu posicionamento, como é o caso de Luiz Gama:

- (53) *Ele vendo que eu sou sosinha começou maltratar o meu filho José Carlos. Procurou briga com o meu filho para eu não ir pedir-lhe nada emprestado. segundo a Norvelina que disse-me que quando êle via as crianças comer dizia: ta comendo desgraçados? e não dêixava as crianças comer carne. Agora eu penso que os casaes so madidizem uns aos outros quando separam-se. porisso fico em duvida. A Dona Rosa diz ter abandonado os filhos para vingar se aos amigos. isto e estupides porque os filhos não tem a culpa das divergências dos paes.*
- Os paes precisam conservar o lar para dar apôio Moral aos filhos.*
- As filhas abandonadas as vêzes transvia-se, tornam-se meretrizes as mulheres sem classe. porque as classes são três — Virgem. casada e viuva A meretriz é condenada pela sociedade. A mãe que aban dona o filho fica mal colocada. no conçêito publico. — Ouvindo isto. — se você prestasse, não abandonava o teu filho.*
- A mulher que abandona o filho leva desvantagem. porque a tradição enalteçe o amôr de mãe será que uma mulher que abandona o filho não sente saudades do filho? As mulheres que gostam de baile, é que revoltam com os filhos. A crianças abandonadas as vêzes ouve: se você a tua mãe prestasse, não te abandonava. O saudôso Luiz Gama foi criticado varias vezes, por ter sido vendido pelo pae. Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito bôa. Queria que eu estudasse para professôra Foi as contingencias da vida que lhe impossibilitou-a concretisar o seu sonho. Mas, ela formou o meu carater ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. E é porisso que eu tenho do dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezos pessoas de Espirito perverso. (MS 565-5, 01/06/1958)*

A vasta biblioteca de Carolina Maria de Jesus traz ainda muitos outros nomes, como pode se ver na tabela acima. Para além dos citados, Victor Hugo, Fagundes Varela, Castro Alves, Lutero, Arthur Bernardes, Castelo Branco. Autores nacionais e estrangeiros, assim como obras diversas, mostrando a quem a lê o fluxo literário e cultural que ela carregava. Ainda que ela não

quisesse provar às pessoas com quem se relacionava toda a sua bagagem cultural, ela o fazia na escrita, possivelmente demarcando o território muito mais restrito, todavia mais prestigiado:

(54) *Quando eu selécionava os papeis perguntei um soldado em quem ia votar. Disse-me que os soldados não votam. E que os soldados não são considerados cidadãos Brasileiros porque no Brasil so quem vota que e considerado cidadãos brasileiros. Que a lêi do Brasil coloca-os na categoria dos analfabetos. Eu li o Manual da policia Onde o autor aborda o complexo do soldado com relação a sociedade. Mas o soldado repressenta a fortalêza de um paiz. Eu revolto quando matam um soldado no cumprimento do dever. Adimiro a imparcialidade do soldado que defende o solicitado. A patria vedando-lhe o direito de votar contribue para convencer ao soldado que a sua opinião em relação a politica, é nula. — perguntei ao soldado se êle gostaria de votar. — Respondeu-me que sim. (MS 565-5, 04/07/1958)*

(55) — *Quem deu a quêixa?*

— *Foi êle!*

porque é que êle não vem contar as trapaças que êle pratica.

— *A senhora não pode chama-lo de ladrão, nas ruas publicas.*

— *Eu sei. Eu já li o manual de policia — O senhor já leu?*

— *se não tivesse lido, não seria policia. Respondeu-me o sargento impaciente com a minha presensa (MS 565-6, 14/12/1959)*

Assim como o Manual da Polícia, Carolina cita outras obras e gêneros que teria lido ao longo dos manuscritos e os quais não são revelados na edição impressa:

Quadro 6 – Gêneros textuais mencionados por Carolina Maria de Jesus nos manuscritos

GÊNERO TEXTUAL	LOCALIZAÇÃO
Jornal	MS 565-5, 2v.
Dicionários	MS 565-5, 9v.
Publicação de artigo em jornal	MS 565-5, 12r.
Livros de penalidades	MS 565-5, 19r.
Folha da Noite	MS 565-5, 58v.

Histórias de fadas que a avó contava	MS 565-5, 74r.
Manual da Policia (Autor???)	MS 565-5, 327r.
Artigos de jornais	MS 565-5, 591v.
Contos	MS 565-6, 107
Artigo de Hitler	BN, 95
Couvadis (Quo vadis)	MS 565-6, 23v.
Biblia	MS 565-6, 129
Jeca Tatu (Monteiro Lobato)	MS 565-6, 167
Tunel das Danaides	MS 565-6, 195r.
Fábula da cigarra	MS 565-6, 199r.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Não diferente dos autores, os gêneros listados também são apresentados pela escritora como sustento para seus posicionamentos. Trago um exemplo em (12) e (13):

(56) — *Voçê já viu um politico reagir contra os aumentos das conduções?*

Ele reage na camara para o povo tomar conhecimento, mas da permissão aos proprietarios das emprêsas atravez da politicalha. É que eles precisam de dinheiro são os toneis das Donaides que poe dinheiros nos bolsos e nunca pode encher porque são ganaciosos.

Voçê ja viu politico ressidindo nas favelas? No meio dos mosqui tos, na lama. comendo as coisas do lixo; Voçê já viu um politico ir prêso?ser seviciado nas masmorras? (MS 565-5, 26/05/1958)

(57) *se eu tiver tempo. porque com a vida agitada que eu levo. Trabalhando como a formiga para não*

morrer de fome. Antigamente o homem ria da formiga. por trabalhar inlimitadamente. — Atualmente êle trabalha mais do que a formiga e o que ganha não dá para comêr.

Na fabula a cigarra dança porque não trabalha. Atualmente o homem trabalha, e dança pior do que a cigarra. (MS 565-6, 30/05/1959)

E ela até indica obras como pode ser ver em (58), a qual possivelmente se refira à obra de Camilo Castelo Branco, publicada no século XIX:

- (58) *Quem quizer saber a desvantagem de ser ebrio, e ler aquêlê romançe, Felicidade. Eu ja percibi que quando damos um consêlho as pessôas erradas elas aborrecem e diz saber o que esta fazendo se ela não bebêsse aguardente não bebia a soda. porque o alcool embruteçe a razão.* (MS 565-5, 24/05/1958)

Outros elementos literários são apagados no projeto de Dantas, como os textos outros que a escritora está produzindo, conforme vemos nas passagens em ():

- (59) *Ele pensou um pouco e disse. Os ideaes tambem precisa dar lucro. e a senhora não lucro com isto. se ele soubesse quantas coisas eu tenho ideali sado para escrever... Mulher diabolica, A fatalidade helena, e quando a velhiçe chegar.* (02/07/1958)

- (60) *Os meninos estavam almoçando. passei a tarde lendo Mandei a Vera comprar querosene porque a nôite vou escrever. — Vou iniciar, o romançe — Mulher Diabolica — Aguardem.* (MS 565-6, 04/08/1958)

- (61) *Os mocos surgiram convidei-os para entrar e mostrei os vistidos e uns dramas. Eu disse-lhe que pretendo escrever um conto — o japonês.* (MS 565-6, 26/07/1959)

- (62) *pensei: hoje... é hoje mêsmo! sentei para esperar o dono do deposito e começi conversar com os homens que estavam trabalhando. contando o enrrêdo do meu Romançe — O escravo. Eu estou escrevendo-o
Eles ouviam. e elogiava-o. Fiquei contente* (MS 565-6, 24/10/1959)

- (63) *O barbeiro, o senhor Luiz voltou do hospicio. estava falando: que não é louco. Que a sua esposa internou-lhe no hospicio para ficar livre d êle. e arranjar outro homem — sorri porque a vida do senhor Luiz é igual o conto que eu escrevi.
— Onde estaes felicidades?* (MS 565-6, 31/10/1959)

Em igual maneira, há os versos, quadrinhas e poemas que também são elididos na edição proposta por Dantas:

- (64) *Que vida sacrificada!
Do pobre, trabalhadôr
O salário sobe de escada*

E os preços de elevadôr. (MS 565-3, 03/11/1958)

(65) *Ouço varias pessôas dizer:*

O Adhemar tem muito dinheiro!

— Não tem dirêito de enriqueçer

Quem é Nacional. Quem é brasileiro! (MS 565-3, 25/11/1958)

(66) *Estes dias eu fiz umas poesias*

pessôas que eu vêjo percorrer

As ruas da grande cidade.

— Não demostram ter:

Nem alegria, nem felicidade!

Vaguêia por necessidade.

Indiferente a tudos que lhes rodeia

pareçe que a infelicidade.

Envolve-as na sua têia.

Estou cançada de ouvir lamentos

É pungente ouvir o que o povo diz

Uma onda de descontentamento

Começa envolver o nosso país.

Quem me dera vos tornar felizes.

Regridir agrura do brasileiro

E o custo de vida que cria raizes

Ele vigora e nos condus ao cativoiro

Vendo o meu povo clamar.

Comove-me o coração.

Oh! se eu pudesse governar!

Fôra eu chefe, da Nação!

Não havia de faltar

apôio a população

Os preços tinham que abaixar

para sanar a preocupação.

Não vêjo ninguem sorrir

Tenho dó desta geração.

Que não pode, evoluir

Nem ter, aspiração. (MS 565-6, 29/12/1958)

E sobre essa realidade dos escritores no Brasil Carolina também cria suas reflexões:

(67) *Dicidi pela literatura. Embora o escritor do Brasil precisa ser rico E eu... Lixeira, de favela, e preta com pretensões a literatura..*

Eu estou precisando de dois cadernos e não tenho dinheiro para compra-los. Um ideal tambem da despêsa.— (MS 565-5, 10/06/1958)

No trecho acima, é observado que Carolina não tinha dinheiro para sustentar seus diários comprando cadernos e caneta. Em uma entrevista, o jornalista sequer lembra desta necessidade sabendo que a autora tinha dificuldades até para se alimentar:

RF: O senhor chegou a entregar cadernos novos, canetas ou lápis para ela escrever?

AD: Não, ela nunca me pediu, e, curiosamente, nem me ocorreu isso. Não cheguei a fazer isso. (Fernandez, 2014, 308)

Faltou sensibilidade ao editor? Ou, a seu ver, havia alguma poética na opção, única possível para a escritora, de escrever em cadernos recolhidos do lixo? Independentemente do que seja, a solidão de Carolina Maria de Jesus é evidente.

Diante de alguns trechos que apresentei nesta seção, fica claro que, com a edição, o projeto de Audálio Dantas era o de apresentar um assunto como a situação dos favelados e a miséria enfrentada por aquelas pessoas de uma maneira mais contundente e verdadeira possível. Para isso, nada melhor que uma voz de dentro da favela e que pudesse àquela época falar sobre aquele lugar com propriedade. Esta voz deveria se reservar apenas a este objetivo: a denúncia da desigualdade, da fome e da pobreza.

Entretanto, a voz que surge com tamanha força e que escreve um texto consubstanciado é marcada por uma sobreposição a quaisquer estereótipos possíveis. Carolina de Jesus não somente denuncia o descaso governamental e a desigualdade. Ela sabe por que, para que e para quem escreve, forjando uma escrita identitária alicerçada numa bagagem leitora potente e mostrando uma habilidade primordial em transitar sobre os diferentes gêneros, diferentes pessoas discursivas, sem perder a eloquência que lhe é peculiar.

As supressões, por melhor justificadas que possam parecer aos agentes editoriais são visivelmente o embargo à recepção de outra(s) leituras para a proposta que poderia ser

empreendida aos cadernos-diários. Carolina Maria de Jesus objetivava, além da denúncia, que a recepção enxergava o que havia naquele lugar, nas condições dela e das pessoas, clamando por uma atenção que só poderia partir justamente daqueles que alcançaria essa tão desejada publicação. Optar pelas incisões, tal como elas foram postas, é promover uma leitura paralela, retornando a recepção a pontos de romantização de uma realidade e desviando a importância necessária para o que deve ser exposto.

Se o projeto de Dantas dá à recepção qualquer benefício da dúvida em o texto de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* não ser de Carolina, isso se deve exclusivamente à costura editorial permeada por lacunas que conferem ao editor a manipulação da recepção para enxergar mais uma parcela da biografia de Carolina de Jesus do que seu texto e mais ainda seu pensamento e conduta politizada; e aí se centra novamente a tentativa da elite dominante que se pretende ocupar o lugar de manter o controle sobre o espaço editorial no território brasileiro.

7 “A VIDA É IGUAL UM LIVRO. SO DEPÔIS DE TER LIDO É QUE SABEMOS O QUE ENÇERRA. E NÓS QUANDO ESTAMOS NO FIM DA VIDA, É QUE SABEMOS COMO A NOSSA VIDA DECCORREU”⁹⁵: POR ORA, UMA CONCLUSÃO

Chego ao final deste trabalho com uma sensação de incompletude. Pode parecer até que o leitor me questione por dizer isso, mas, ao absorver o conteúdo dos manuscritos que acessei referentes de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a cada folha inúmeras possibilidades de pesquisa brotavam e eu queria como uma compulsiva leitora de Carolina Maria de Jesus ter dado conta de tudo. Porém, além de não ser esta super pesquisadora, capaz de dar conta de tudo em um estudo que já passou da hora de ser apresentado à comunidade interessada, sei que compartilhada a colação aqui realizada e apresentar já as intervenções editoriais é um grande feito mediante inovação.

Assumo a responsabilidade em seguir estudando este texto no futuro que, por mais que seja um texto já muito trabalhado na comunidade acadêmica, ganhará novos olhares e contornos a partir do conteúdo dos manuscritos, com conclusões que acrescem a todas até então já realizadas.

Não há como negar o projeto de Audálio Dantas em sua importância e virtude trazendo à luz a potência de Carolina Maria de Jesus, mas é urgente acessar o conteúdo dos manuscritos e toda supressão e intervenções feitas mostrando que:

- a) A pontuação sofreu intervenções e não aconteceu meramente para atender a um padrão normativo formal. Em alguns momentos, essa intervenção interferiu na compreensão de sentidos no texto e no contexto, como apresentei.

A estratégia de pontuação de Carolina de Jesus, ainda que não atenda à norma padrão em toda a completude, não foi realizada exclusivamente para este fim. Isto porque há no processo editorial intervenções que podem alterar o sentido do texto, possibilitando outras interpretações. Este mesmo exercício no colo da pontuação apresentado no impresso também não ocasiona um atendimento à norma padrão, pois mudanças sem aviso prévio ocorrem constantemente, mas de novo é uma tentativa de gerar na recepção uma construção imagética da escritora.

Pensar a pontuação no texto de Carolina Maria de Jesus demanda levar em consideração o entrecruzamento direto com as modalidades oral e escrita. Perpétua (2014) chama a pontuação da escritora de *Quarto de Despejo* de caótica, listando ocorrências que até contradizem a

⁹⁵ Jesus, 1959.

proposta de seu trabalho, uma vez que a enumeração aponta críticas por a intelectual não atender a uma norma padrão. É importante observar que, há no texto dos manuscritos, uma escrita permeada pelas marcas orais de Carolina M. de Jesus, por vezes apontando aspectos fonéticos-fonológicos, de entonação, que mais demonstram a sua tentativa de apresentar as características na performance oralizada sua e das pessoas ali envolvidas.

A assepsia feita por Dantas, na edição de 1960, ocasiona a negação ao leitor de acessar essas marcas. Fica evidenciada no projeto de Audálio Dantas uma confusão entre língua e variante de prestígio social, visto que esta não é atendida em sua completude se postas em práticas todas as regras prescritas em tal conjunto e apresentando ainda alterações que vão dar ao texto uma outra possibilidade de sentido que diverge daquela apresentada no texto manuscrito.

No projeto editorial apresentado por um conselho editorial majoritariamente negro em *Casa de Alvenaria* (2021), já citado aqui, a proposta de pontuação que se apresenta marca uma aproximação mais concreta daquela apresentada pela autora, apostando ainda em prescrições da variante de estilo social prestigiada, sem desagregar o projeto da autora.

Por conta das inúmeras cisões realizadas no texto publicado de 1960, a revisão de pontuação nem sempre vai respeitar a autoria condicionando a silenciar momentos suturados, a pausar ou abreviar contextos que não se tem essa exigência, a transpor diálogos e ou pensamentos da autora, rompendo, através das construções apresentadas, com a expressão artística que a autora desejava e, no contexto da comparação, não tendo seu projeto de escrita cumprido.

b) As substituições contribuíram para o desenho de uma personagem desde o início pensada por Audálio Dantas que excluía a intelectual, a pensadora contemporânea incomodada com um cenário marcadamente injusto.

Essas substituições ocorreram no plano gramatical e as escolhas apresentadas na edição sinalizam características atribuídas a grupos com baixo ou nenhum acesso escolar, possibilitando interpretar Carolina Maria de Jesus sempre como a sujeita neste lugar. Outras marcas linguísticas que expusessem a sua erudição foram também negadas. No momento em que são acessadas estas substituições no seu plano linguístico, identifico uma tendência a reduzir a competência linguística dessa escritora a um lugar estereotipado, em razão de seus outros atravessamentos sociais e condicionando a recepção a confiar nessa formatação.

O conteúdo exposto em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* por si só já se localizou como um marco singular potente na história do país, mas foi negada à recepção uma reflexão mais aprofundada e que a fizesse repensar a abnegação que um conhecimento desde dentro pudesse proporcionar.

Ao apontar sua proposta editorial, Dantas evidencia a intenção de construir uma imagem de Carolina M. de Jesus diferente daquela que está nos manuscritos. Ele não se furta de elimina todas as marcas de erudição, as mais apuradas e escorreitas presentes na linguagem da intelectual ao substituir por variantes mais populares. Por todo o texto, o objetivo é associar estes usos à sua condição social.

No entanto, como acontece, a exemplo no contexto de concordância nominal, Audálio não aponta uniformidade nessas escolhas e ali vejo um uso específico de Carolina em pluralizar o núcleo do sujeito, retirando a marca -s de plural do determinante, uma variante que é praticamente abolida pelo jornalista no processo editorial, apontando todas as outras variantes, inclusive aquela marcada pela prescrição da tradição gramatical. Para além de insinuar uma falta de uniformidade por parte da escritora, uma vez que ele se antecipa em sinalizar ter executado poucas intervenções (o que não é verdade!), ele impossibilita ao leitor e interessado por esse tipo de análise linguística de conhecer uma escolha linguística dessa mulher que pode contribuir para compreensões da sintaxe linguística do português.

Outras intervenções realizadas por Dantas, desta vez no vocabulário, vão eliminar uma fatura lexical apostada por Carolina em seu texto, expressando como a sua avidez leitora se revela na sua performance escrita. Novamente, reduzir essas ações é, nada menos que, para associar a pobreza de recursos financeiros da intelectual a uma pobreza linguística da qual ela não dispõe. Audálio Dantas segue construído essa imagem empobrecida marcando substituições que ocasionam erros nos nomes de personagens, alterando vocábulos que vão conseqüentemente alterar contextos e promovendo uma colcha de retalhos que promove uma significativa alteração semântica no texto impresso, com passagens descontextualizadas e negando sentidos profundos, muitas vezes carregados de uma riqueza permeada pelas diferentes figuradas de linguagem em troca de uma construção puramente denotativa.

Por fim, não posso deixar de citar que algumas outras passagens mais pareceu uma interpretação equivocada da grafia de Carolina de Jesus, distorcendo o sentido do texto. Por isso, é inegável que o projeto apresentado por Audálio Dantas nos convida a uma outra proposta que se distancia daquela expressa no projeto de Carolina Maria de Jesus e que insinua um outro lado do projeto editorial no país: o olhar em terceira pessoa (e, portanto, enviesado!) da escrita de sujeitos construídos historicamente como não pertencentes ao ofício da escrita.

- c) Os deslocamentos também alteraram a linearidade do texto, marcando esta personagem do editor e revelando uma gramática estereotipada, uma alteração da ordem das ideias propostas por Carolina de Jesus. Já os acréscimos serviram para compor basicamente um texto que funcionasse ao projeto editorial do jornalista, reforçando uma gramática ideal para a autora e confluindo para a dinâmica do texto de Dantas.

Os deslocamentos levantados na edição proposta neste estudo dão conta de deslocamentos de diferentes naturezas. No caso daqueles referentes às datas, em que apresentei intervenções do editor Audálio Dantas, observo como o não atendimento às datas dos diários, conforme marcado pela sua autora, primeiro vai interferir na narrativa em diferentes ocasiões, levando inclusive o editor a costurar um novo caminho para que o seu projeto, e não o de Carolina de Jesus, faça sentido.

No que se refere ao conteúdo textual, outros deslocamentos são realizados. Tratam-se palavras que são movimentadas para novamente marcar um estilo linguístico que associa a linguagem proposta a uma condição social que, sob seu olhar, mais tem a ver com a escritora. Nesse caso em específico me refiro a classes de palavras diversas, como substantivos, adjetivos e verbos.

Todavia, é no deslocamento observado no sistema pronominal de Carolina Maria de Jesus que há uma significativa marcação do editor. Como é sabido, Carolina de Jesus era uma ávida leitora, consumidora de toda informação que pudesse alcançar. Isso a influenciou em sua escrita, fazendo-a praticar com veemência o uso da ênclise, que se apresenta em contextos mais formais e a sua aquisição, de acordo com os estudos linguísticos, são provenientes de espaços que exigem essa formalização. Na oralidade ou a partir de pessoas com pouca escolarização formal, a ênclise comumente não é tão produtiva. Estas informações levam à construção linguístico-social de que a ênclise é uma prática das classes mais altas e, por sua conta, Audálio converte os usos enclíticos de Carolina de Jesus em próclise, sem observar em nenhuma circunstância o atendimento normativo. Aliás, as prescrições gramaticais não são levadas em conta nesse quesito, pois se observa muito mais o interesse em desenhar um estereótipo novamente popular a Carolina de Jesus, cerceando concomitantemente seu conhecimento linguístico-cultural.

No que diz respeito aos acréscimos, são encontradas adições semânticas que vão servir ao processo de editoração, de maneira que resolva a costura editorial de Dantas, seja para esclarecer o enunciado que interessa, seja para desfazer alguma possível contradição. Já outros

acréscimos, neste caso de ordem sintática, acontecem claramente para interferir no grau de complexidade das frases criadas por Carolina Maria de Jesus, o que ocasiona aí perda informacional ou literária dessa parte do texto. O que observei é que, de qual forma for, o sentido do discurso é sempre para atendimento a esse projeto editorial proposto por Dantas que contorna uma leitura que circunda a imagem que ele construiu para Carolina de Jesus e para que a edição impressa de 1960 ganhe o sentido que a ele convém.

d) E, por fim, as supressões, lugares de crítica mais expressivos, a meu ver, da imagem pulsante da escritora do texto, em que se revela uma identidade-mulher multiatrefada, condigna à realidade que escrevia, pensante, intelectual, complexa e também contraditória.

As supressões não aconteceram, em nenhuma circunstância, para eliminar repetições, todavia ocorreram para eliminar denúncias. É justamente nas supressões que a personagem criada para causar o efeito de *Quarto de Despejo* se desfaz. Nas supressões, encontro uma Carolina de Jesus que sofreu com o silenciamento até mesmo quando gritava. Novamente, falar seus lugares políticos lhe foi proibido.

Na verdade, o que vejo nas supressões diz respeito mais à importância da escuta do que da fala. Carolina de Jesus falou, gritou, denunciou, porém uma mão editorial cerceou o direito a ser escutada, decidiu por ela o que deveria ser escutado ou não, lido ou não. Para além disso, foi também decidido pela recepção o direito de querer escutar.

Nessas supressões, são negadas ao leitor uma escritora da década de 50 do século XX que fala de escravidão, direitos dos povos pobre e negro, desigualdade social, maternidade, solidão, mulheres, mulheres negras, infância, políticas públicas, intelectualidade, educação, segurança, saúde e, principalmente, elementos que são base da invisibilização das pessoas de cor neste país, o direito ao território e dinheiro. Todas essas questões tratadas pela intelectual, sob uma ótica inédita porque vocifera um ângulo ainda pouco atendido em todos os estudos a respeito. Ao editar esses cadernos, Dantas pressente o peso das palavras da escritora e sabe que o desconforto social que ela causaria fugiria ao controle de quem não se interessa que as maiorias minorizadas entendam como suas dores e possivelmente suas curas se processam. Não se trata de respostas prontas, mas de um direito a expressar e da compreensão imagética de um cenário que a sociedade ainda se exime em tratar. Por isso, levar à edição impressão apenas uma mulher mãe solo, marcada por dores, desigualdade e abandonos. Mas por que não uma mulher que pensa essas dores e o tempo inteiro e marca na intelectualidade, na educação, no saber de si e dos seus os caminhos para que novos contornos sejam produzidos?

O que aconteceu nesse processo é uma metonímia do que vive ainda determinados grupos sociais no que respeita seus incômodos e suas necessidades: quem fala fala o que quer? E quando fala é/pode ser escutado? A escuta é livre? Quem permite esta escuta? Não. A escuta é política e, enquanto tal, ainda que seja um direito de todos, como direito neste país chamado Brasil ainda é desigual. Desigual na concessão, desigual no querer.

Se, em algum momento, foi negado à recepção o direito a acessar esta imagem, de ler esses manuscritos, Carolina Maria de Jesus, intelectual orgânica, eis este trabalho contendo o texto dos manuscritos que, como eu encerro, convidou a mim e convida a quem os lê a apreciar um texto cujo conteúdo se sobrepõe a sua biografia. Estes manuscritos são um dispositivo analítico que provam como o texto produzido por mãos de mulheres negras são ferramentas de reconstituição afirmativa e que se pautam atemporal, exequível e incontestável.

Seu objetivo, em todo ele, não era o de convencer ninguém, mas o de provar como os atravessamentos sociais inculcaram a necessidade de fazer da escrita uma alternativa para não apenas sucumbir, mas salvar a quem ele alcance.

REFERÊNCIAS

- AGENCIA NACIONAL. **Duas em cada três favelas no país estão a menos de 2 km de hospitais.** Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/duas-em-cada-tres-favelas-estao-a-menos-de-dois-quilometros#:~:text=N%C3%BAmeros%20evidenciam%20realidade,pa%C3%ADs%2C%20incluindo%20o%20Distrito%20Federal>. Acesso em: 20 fev. 2021
- ALBERTO, José. Quem cala não consente. In: **Cadernos Negros** no 5. São Paulo: Quilombhoje, 1982, p. 34
- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> Acesso em: 05 mai. 2021
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2008. p. 93-110.
- BÁ, Amadou Hampaté. **A tradição viva.** In: ISKANDER, Z. (org.). História Geral da África. Vol. 1. São Paulo, Ática, UNESCO, 2013. pp. 167-212
- BARCELLOS, Sergio da Silva (org.). **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus,** Sacramento, MG: Bertolucci Editora, 2015.
- BRAGANÇA, Aníbal (org.). **Rei do livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: lihed/UFF, 2016.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. (orgs.) **Edição de texto e crítica filológica.** Salvador: Quarteto Editora, 2012.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecendo o feminismo.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais,** 2019.
- CARTA CAPITAL. **Mino Carta lamenta morte de Audálio Dantas: “Sentirei a falta dele”.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JkuUDXER_7A Acesso em: 30 mai 2018.
- CASTRO, Eliana de Moura. **Muito bem, Carolina!:** biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CENPAH. **Negra e grávida**: ainda mais invisível! Disponível em: <https://cenpah.wordpress.com/2013/08/21/negra-e-gravida-ainda-mais-invisivel/> Acesso em 02 jun 2021

CETRONE, Camila. **Fungos, rasgos e acervo guardado por terceiros**: a batalha para recuperar manuscritos de Carolina Maria de Jesus <https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2023/05/manuscritos-carolina-maria-de-jesus.ghtml> Acesso em 24 mai 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Boitempo, 2019.

CHRISTIAN, Mark. Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008. p. 93-110.

CUTI, Luiz. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Brasília: Editora da UnB, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, M. E. L. **Sobre o ensino da gramática nos níveis fundamental e médio**: Por que, quando e como?. Matruga, Rio de Janeiro, v.19, n. 30, jan/jun., p. 41-60, 2012

DUARTE, M. E. L. **ReVEL na Escola**: sobre pronomes pessoais na fala e na escrita. ReVEL, vol. 16, n. 30, 2018. Disponível em: . Acesso em 22 de junho de 2019.

EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Aula inaugural com Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygdWl0o8lps&t=6s> Acesso em: 14 de jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo** — “Escrever é uma maneira de sangrar”. Disponível em:

<https://nordestinadosaler.com.br/2022/11/conceicao-evaristo-escrever-e-uma-maneira-de-sangrar/#:~:text=%E2%80%9C%E2%80%94%20A%20gente%20combinamos%20de%20n%C3%A3o,viver%20uma%20vida%20menos%20cruel.> Acesso: 05 dez. 2023

FANON, FRANZ. **Pele negra, máscaras brancas.**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella. **Entrevista com Audálio Dantas**. Belo Horizonte: Revista Scripta, v. 18, n. 35, p. 305-314, 2014.

GUIMARÃES, Rosely Santos. **Corpo negro: entre a história e a ficção. O caso de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz**. UFMG, Belo Horizonte: Revista *Em Tese*, v. 6, p. 1–253, ago. 2003

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019c.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019e.

hooks, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HUDSON- WEEMS, Cleonora. **Mulherismo Africana: recuperando a nós mesmas**. São Paulo, Editora Ananse, 2020.

JESUS, Carolina M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JESUS, Carolina M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

JESUS, Carolina M. de. **Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos**. Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, Carolina M. de. **Clíris: poemas recolhidos**. Organização: Raffaella Fernandez. Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartonera, 2019.

JESUS, Carolina M. de. **Casa de alvenaria, vol. 1: Osasco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina M. de. **Casa de alvenaria, vol. 2: Santana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACKENZIE, D. F. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. Tradução Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MARTINS, M. A. R.; CAVALCANTE, S. R. de O.; COELHO, I. L. Ordem do sujeito e colocação de clíticos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX: reflexos da gramática do Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020005, 2020. DOI: 10.20396/cel.v62i0.8655919. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655919>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008. p. 111-128.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTT. Rosa Egípcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/artigos/rosa-egipciaca-uma-santa-africana-no-brasil/> Acesso em 12 mai. 2021

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274).

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

NASCIMENTO, TATIANA. **Do dever de denunciar a dor até direito ao devaneio**.

NOGUEIRA, Renato. **Afroperspectividade**: por uma filosofia que descoloniza. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> Acesso em 20 jun. 2020.

PEREIRA, Josemeire Alves. Favela. In: SILVA, Cidinha da (org.). **Africanidades e relações raciais**: Insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

PERPETUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. PEDRO, Joana Maria. GROSSI, Miriam Pillar. **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998.

RISO, Ricardo. **A escrita insubmissa de mulheres negras.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-escrita-insubmissa-das-mulheres-negras/> Acesso em 06 mai. 2021

RUGENDAS, Johann Moritz. **Voyage pittoresque dans le Bresil.** Paris: Engelmann & Cie, 1835. 2a div. pl. 7. (OR 2119, Bib). Disponível em: http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_phocagallery&view=detail&catid=1&id=40:negras-do-rio-de-janeiro

SANTIAGO, Ana Rita. Da literatura negra à literatura afro-feminina. Disponível em: <file:///C:/Users/veron.000/Downloads/50743-Texto%20do%20artigo-63044-1-10-20130130.pdf>
Acesso em 12 mai. 2021

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

SEBE BOM MEIHY, José Carlos. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

SILVA, L. H. O. **A escravidão dos povos africanos e afro-brasileiros: A luta das mulheres escravizadas.** *Revista Org & Demo*. v. 16, Edição Especial, p. 85-100, 2015. Acesso em 12 mai. 2021

SILVA, L. H. O. **Aprendizado da liberdade: Estratégias de mulheres escravizadas na luta pela emancipação.** *Mnemosine – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG*. v. 5, n.1, jan./jun., 2014. Acesso em 12 mai. 2021

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

SOUZA, Elio Ferreira de. **A carta da escrava ‘Esperança Garcia’ de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira.** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/ArtigoElioferreira1cartaesperancagarcia.pdf> Acesso em 12 mai. 2021

VENEMA, Vibeke. Anna Jarvis, a mulher que se arrependeu de ter criado o Dia da Mães. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52605771> Acesso em 15 set. 2021.

WITZEL, Denise G.; TEIXEIRA, Níncia Cecília R. B. (org.) **Quarto de despejo: olhares sobre a obra de Carolina de Jesus.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

WELSING, Frances Cress. **The Isis Papers: the keys to the colors.** Wahington DC: C.W. Publishing, 2004.